O DEFENSOR
DA
RELIGIÃO

EM PALESTRAS RELIGIOSAS.

PARTE SEGUNDA.

LISBOA. 1837.

Na Typografia de F. A. C. T. d'Abranches.

Rua da Inveja N.° 57 1.° andar.

O DEFENSOR DA RELIGIÃO

EM PALESTRAS RELIGIOSAS.

PARTE SEGUNDA.

PALESTRA PRIMEIRA.

Amor Fraternal.

PALESTRANTES

Parocho, *Deista*, *Materialista*, e *Freguez.*

Introducção.

Deista — Pedimos todos a sua benção, como filhos, e discipulos; e o felicitamos por sua boa saude, como mostra.

Parocho — Deos os abençoe, e encha de suas graças.

D. — O Sr. *Materialista* quer sustentar hoje a *Palestra*; e segundo tenho entendido pelas conferencias, que temos tido, o fará muito bem, e terei eu, e o Sr. *Freguez* de ficarmos simples expectadores da contenda, que deverá ser bem disputada.

Materialista — Eu mui facilmente me porei em acordo com o Sr. Ab., quando nos queira fallar tão sómente do *Amor fraternal*, que deve dominar entre amigos, ou ao menos entre homens que nunca se offenderão. Eu acho este *amor* muito justo, devido, conveniente, proprio, necessario, e em fim natural, pois... .

A *

P. — Queira accrescentar: animal, sensual, e brutal.
D. — Que tal he aquella, Sr. M.? Fica atalhado?
P. — Queira continuar com o seu argumento.
M. — Essa palavra me chocou; porem eu justificarei o meu dito. Se intenta fallar deste *amor*, eu concordarei em tudo. Se porem intenta persuadir-nos o *amor* dos inimigos, tenha paciencia, pois me opporei com força de razões, que não poderá destruir.
Freguez — Temos outro *Jansenista* fanfarrão!
P. — Eu as ouvirei; e creia que facilmente destruirei.
M. — Póde ser, que produza textos sagrados com que mostre que he bom amar aos inimigos. Eu não ignoro, que J. C. assim o disse: *Diligite inimicos vertros. Math.* 5. 44. Porém estou certo, que os *Judeos* zombarião de tal dito, que não se póde considerar como preceito; e eu temo, que todos estes Senhores, que nos escutão, se ausentem logo que entendão, que o Sr. Ab. intenta persuadir-lhes o *amor* dos inimigos. Eu concederei, que he bom, que he virtude heroica; porem não póde ser propria de hum homem de bem, de hum homem honrado...
F. — (Tal como hum *Material*, *verbi gratia.*)
M. — Que para o ser, necessita de desaggravo das injurias. Estas, e outras razões, que produzirei, me obrigão a crer, que não ha preceito algum de J. C. que nos obrigue ao *amor* dos inimigos, pois me persuado que Deos não quer que cedamos de nossos direitos, e da devida honra.
F. — (Dê-lhe com a honra! Procurem-na em tal gente.)
P. — Tenho entendido; mas para que melhor me faça entender, darei primeiro que tudo idéa do que Deos quer, e manda a este respeito, e nós devemos fazer para ultimarmos os fins, que Deos se propôz na formação da grande *Sociedade* e seu *Plano* de união em hum só corpo, e unidade; em cujo desenvolvimento ha muito em que nos occupemos, e ainda occuparemos, pois que nelle temos toda a *Religião.* Não podia deixar de entrar neste *Plano* o *amor fraternal* sem exceptuar o dos inimigos, porque elle he fundamental a huma prefeita *Sociedade.* Julgo, que assim o pensaráõ todos os Senhores. Por esta razão Deos o deveo mandar, fazendo delle preceito.

Quando algum dos Senhores se chocasse ao ouvir esta palavra, eu lhe diria, que não intento o bem dos offensores, mas sim me guia o dos offendidos. Para o entenderem desde ja direi contra o Sr. M., que o *amor* dos inimigos he

preceito do *Senhor*, que quer a seus filhos honrados, e bons *Catholicos*; o que conseguirão amando não só a seus amigos, mas ainda a seus inimigos. Nada vale o primeiro; mas o segundo faz tudo. Ponhamos pois esta proposição.

Amor dos inimigos he Lei Natural.

M. — Eu provo o contrario com razões as mais fortes, e evidentes.
P. — Provará sim, mas conforme com as maximas insensatas dos mundanos, que jamais atinarão com a verdade.
D. — O que nós desejamos he conhecer a verdade, e instruir-nos nas doutrinas. Queira o Sr. M. deixar discorrer o Sr. Ab., e proporá as suas duvidas, quando tenhão lugar.
M. — Seja assim; pois que não tenho outros desejos: porem não poderá negar o Sr. Ab., que na *Lei Escrita* não houve tal preceito. J. C. o disse bem claramente. Aqui trago citado o texto. *Math.* 5. 43.
P. — Aqui lho mostro na nossa *Biblia*, que quasi sempre me acompanha. J. C. pregando disse a seus ouvintes: *Audistis, quia dictum est: Diliges proximum tuum, & odio habebis inimicum tuum.* Vós tendes ouvido, que vossos antigos dizião: Amarás o teu proximo, e aborrecerás teu inimigo.
M. — Eu julgo que fica bem claro. O amor fraternal entre os *Judeos* não se estendia alem dos seus amigos. Logo não podia ser da Lei *Natural.*
P. — Queira porem mostrar-me nos santos *Livros* esse dito, porque eu lhe mostrarei em mil partes, principalmente nos *Sapienciaes*, o contrario. A Lei divina mandava que não se tomasse vingança das injurias, nem ainda se conservasse a lembrança: *Ne quaeras ultionem, nec memor eris injuriae civium tuorum. Lev.* 19. 18.
M. — Mas como podia esta ser a doutrina dos antigos se era contraria á Lei?
P. — Aqui o vê bem claro. Dizem alguns, que era esta a doutrina dos *Phariseos*; e outros o attribuem a tradições falsas, que tinhão os *Judeos*. He provavel que tivesse origem na conducta, que Deos mandava guardar a esta Nação para com os Infieis, principalmente com os *Chananeos*, *Moabitas*, e outros prohibindo-lhe a communicação com elles. Não devemos ignorar, que os *Hebreos* no deserto, e ainda sempre, andavão, e estavão cercados de *Idolatras*, a cujas maldades, e costumes erão inclinadissimos. Era pois

necessario conserva-los não só incommunicaveis, mas ainda em certa aversão. Esta a razão porque quiz Deos que morressem ás suas mãos, como ja vimos.

D. — He porem certo, que não se estendia fora da sua Nação este amor fraternal, e que podião aborrecer..?

P. — De nenhuma sorte, quando não havião outras razões. Se vemos nos santos *Livros* muito inculcado este *amor fraternal* entre elles, he porque elles devião formar huma Nação separada, huma só *Sociedade*. Porem não deixavão de admittir os extrangeiros, e recebe-los em suas casas, quando não havia escandalo a temer. Na Lei Natural, e infancia da *Religião* formou o genero humano huma só *Sociedade*; e por isso a todos se déveo estender o *amor fraternal*, como membros de hum só corpo. Bem o prova, alem de muito mais que podia dizer, o conhecimento, que tiverão geralmente os *Pagãos* não só do *amor fraternal* mas ainda do perdão, e esquecimento das injurias. Esta era a virtude mais recommendada entre os mesmos philosophos *Stoicos*, como *Plutarco*, *Aristoteles*, *Seneca*, e outros, e só propria de almas grandes, como logo veremos.

Amor fraternal no Christianismo.

Na ultima perfeição, e virilidade da *Religião*, isto he, na grande *Sociedade* formada por J. C., que devia abranger todas as Nações, e estender-se até os fins da terra, deveo esta virtude, como a mais propria para ligar entre si os differentes membros desta *Sociedade*, tocar os ultimos limites de sua perfeição, e de tal sorte, que formasse o seu proprio caracter. He isto o que nós ja vimos quando fallamos do *Genio* da *Religião Catholica*.

Se bem notarmos, não vemos no sagrado *Evangelho* virtude mais recommendada, e no grão mais alto, sublime, e heroico. Elle manda amar aos inimigos, tendo em desprezo o amor dos amigos, pois que este não he virtude. Passa ainda a mandar o amor effectivo, isto he, não hum amor esteril, e ocioso, mas os seus effeitos, quaes são os beneficios por obras, e palavras: *Diligite inimicos vestros, benefacite his, qui oderunt vos, & orate pro persequentibus & calumniantibus vos.* ℣. 44. Amai vossos inimigos, fazem bem a quem vos trata mal, e orai, e pedi bens para aquelles, que vos injurião, e perseguem. Não póde elevar a mais alto ponto este *amor* dos inimigos, que mandando offerecer a face esquerda a quem nos ferisse na direita: *Si*

quis te percusserit in dexteram maxillam tuam, praebe illi & alteram. ℣. 39.

D. — Eu confesso que faz estremecer o sangue!

P. — A graça do *Senhor* suavisa, o que parece mais arduo. Este *amor*, e este procedimento he abrangido por aquelle grande, e fundamental preceito da mesma *Lei Natural*, segundo confessão os Incredulos, e que J. C. fez reviver, e vigorar: *Prout vultis, ut faciant vobis homines, & vos facite illis similiter. Luc.* 6. 31. Fazei a todos sem excepção de inimigos o mesmo, que desejarieis vos fizessem. Tanto quiz intimar, e gravar nos corações dos que houvessem de entrar nesta sua *Sociedade* este *amor fraternal*, que não obstante ser mandamento tão antigo como o homem, lhe deo o nome de *novo*: *Mandatum novum do vobis; ut diligatis invicem.* Eu vos dou hum mandamento novo; e he que vos ameis huns aos outros. Elle se dá por exemplar, accrescentando: *Sicut dilexi vos. Joan.* 13. 34. Assim como Eu vos amo.

Não satisfeito com isto, na mesma occasião, que foi na ultima noite, o tornou a intimar com palavras mais energicas: *Hoc est praeceptum meum, ut diligatis invicem, sicut dilexi vos.* d.° 15. 12. Eis aqui o meu preceito; como se dissera: Sobre tudo o que mais vos mando, e que mais vos recommendo he o *amor fraternal*, e reciproco; he isto o que deveis olhar como preceito meu, e propriamente meu: *Hoc mando vobis*, repete ainda, *ut diligatis invicem.* ℣. 17. Eis aqui o que vos mando: Amai-vos huns a outros.

M. — Porem essa recommendação, como feita aos *Appostolos* era praticavel, porque não se offenderião.

P. — O que a elles era mandado, a toda a *Igreja* o foi. Porem estas recommendações, e mandamentos não se entendem quando nada ha a sofrer, porque desnecessario he o preceito do *amor* entre amigos, que se não offendem, como logo diremos. Por ora desejo que entendão a necessidade, que tinha deste *amor fraternal* sem excepção de pessoa a grande *Sociedade*, como que lhe he essencial.

D. — Tanto o entendemos, quanto a sua necessidade he huma justa, e forçosa consequencia de tudo o que nos tem dito da grande *Sociedade*. Que importarião todas as obras de Deos, a ella relativas, com os seus excessos de *amor* para nos unir com sigo em huma só unidade, se nos desunissemos huns com os outros qualquer que fosse o motivo? Que se poderia dizer de huma familia, a quem procurando o bom pai reunir em roda de si, ella se desunisse entre si?

P. — Vejo com prazer, que tem entrado no fundo da materia; e com isso satisfeito, passo a satisfazer ao Sr. M. de modo que nada mais tenha a desejar. Aqui lhe offereço primeiramente esta proposição.

O amor dos inimigos he honra.

Eu quero, que o Sr. M. seja em tudo homem honrado; mas nunca será tanto como quando perdoar a seus inimigos.

F. — Isso, P., vai-me dando pela roupa, e nada estou contente! Declare-me, P., se tambem devo amar aos excommungados *Jansenistas*? Eu não os posso, nem poderei sofrer; e não sei como poderei ama-los, se nada quero com elles.

P. — Vá ouvindo, e terá a resposta. Ficará sempre intacta, como verdadeira a doutrina, que temos expendida em outras occasiões. Aqui trata-se de offensas particulares.

F. — Eu o que desejo he esmurrar as ventas, e os focinhos a todos os *Jansenistas*, e Incredulos inimigos de Deos, e de sua *Religião*. Mas se elles mudassem, eu seria muito amigo delles.

P. — Pois bem; ouça, e lembre-se que estamos em acto publico. Eu não ignoro, Sr. M., quaes são as maximas mundanas, e qual sua errada, e depravada politica. A ellas deverá attender o Sr. M., quando reputa por deshonra o perdão das offensas proprias, e segundo ellas confessarei que tem razão. Porem serão ellas verdadeiras? Examinemo-las por este respeito, porque eu desejo a sua honra.

O grande S. *Gregorio* em poucas, mas expressivas palavras, expondo aquelle dito de *Job*, *Deridetur justi simplicitas*, he escarnecida a simplicidade do Justo, nos mostra, e descreve a prudencia, e sciencia mundana: *Hujus mundi sapientia est.* Entre outras maximas aponta estas: *Irrogata ab aliis mala multiplitius reddere; cúm vires suppetunt nullis resistentibus cedere.* Pagar injurias com injurias multiplicadas, retribuir com maiores males as offensas recebidas, servir-se do direito da força contra quem lhe resiste, e não ceder jamais a quem se lhe oppõe.

A prudencia, e a sciencia porem do justo he bem pelo avèsso: *At contra sapientia justorum est. . . mala libentius tolerare quam facere, nullam injuriae ultionem quaerere*; sofrer os males com melhor vontade do que fazelos a outro, e jamais procurar vingança de alguma offensa. Porem esta simplicidade dos justos he escarnecida, e pelos prudentes,

e sabios do mundo he chamada fatuidade: *Ab hujus mundi sapientibus... fatuitas creditur.* Que póde parecer ao mundo maior loucura, que responder ás injurias com beneficencias, e orar pelos que os amaldiçoão, e perseguem? *Quid stultius videtur mundo quam... nullas injuriis contumelias reddere, pro maledicentibus orare?* He isto fatuidade, he vileza, he deshonra, dirá com o mundo, e mundanos o Sr. M. Porém dirá a verdade?

M. — Assim me parece; ainda que presumo me dirá que as maximas mundanas são falsas, e se devem entender ao contrario do que são.

P. — Quando ellas fossem verdadeiras eu não o queria em deshonra, pois temos recommendação divina de olharmos pela nossa propria honra, e não deveria ceder do seu direito: *Curam habe de bono nomine*, tem cuidado, diz o *Senhor*, de teres bom nome, isto he, seres homem honrado, pois que mais te importará o bom nome do que a posse de mil grandes thesouros: *Hoc enim magis permanebit tibi quám mille thesauri praetiosi. Prov.* 41. 15.

Em que porem consiste a verdadeira honra do homem, e em que melhor se conhece? *Doctrina viri per patientiam noscitur*; a conducta, o caracter, e a honra do homem pela paciencia se conhece, e a sua mais elevada nobreza, e gloria consiste em fechar os olhos ás maiores injurias, e offensas: *Et gloria ejus est iniqua praetergredi.* d.º 19. 11. Que insipiente he o homem contumelioso, isto he, o que retribue injurias a injurias! Porem honrado homem he aquelle que foge de contenções, e contumelias: *Honor est homini, qui separat se a contentionibus.* d.º 20. 3.

Nem se queira persuadir, que he isto doutrina muito mystica, e só propria de *Religiosos*, e dos que chamão *Beatos*. Ella he ainda dos mesmos Philosophos *Pagãos*, que nenhum conhecimento tiverão das divinas *Escrituras*. Sabemos que era dito commum, e mui ordinario de *Aristoteles*: *Non est magnanimus injuriarum memor*; não he magnanimo aquelle, que se lembra de injurias recebidas. E *Plutarco*: *Parcere & tolerare placidi, & modesti animi est*; o perdoar e sofrer he só proprio de huma bella, e honrada alma. Aquelle chama vileza á vingança, e este honra ao perdão. O famoso *Seneca*, apezar da infidelidade, e trevas do *Paganismo*, em que vivia, não deixou de ver, que nada mais nobre, e honroso do que o perdão das injurias, comparando aos que o fazem com o Rei das abelhas, ou abelha mestra,

que como já dissemos, fallando do caracter dos *Reis*, não tem aguilhão, nem conhece vingança, nem ainda a ira. Ella não seria nobilissima entre os seus vassallos, as abelhas, se tivesse aguilhão,

M. — Eu me confundo; e admiro, que assim fallem *Pagãos*!

P. — Aqui o tem no *Liv.* 2. *de ira*, *c.* 32., louvando a *Marco Catão*, porque sendo injuriado, e ferido com insolencia negou depois havelo sido, julgando mais nobre não conhecer a injuria do que perdoa-la: *Melius putavit non agnoscere, quam ignoscere, seu vindicare.* Continuando a louvar esta acção, accrescenta: *Magni animi est injurias despicere*; he prova de alma grande desprezar as injurias. Aquelle he grande, he nobre aquelle, que ao modo das grandes feras, ouve sem commoção os ladridos da vil canalha: *Ille magnus & nobilis est, qui more magnae ferae latratus minutorum canum securus exaudit.* Não he grande, não he magnanimo aquelle a quem faz succumbir a injuria, diz no *Liv.* 3. *c.* 25. *Non est magnus animus, quem incurvat injuria.*

D. — Que confusão essa para nós, Sr. M. e para os *Christãos*!

M. — Pode ser que esses homens tivessem hum temperamento fleumatico, e coração pacifico; e por isso assim fallassem, não entendendo a verdadeira honra.

P. — Queira pois dizer, se lhe parece verdadeira honra assemelhar-se ás feras, e mais vis brutos, aos cães, e ás cobras, que então mordem quando, e em quem as morde?

D. — Essa he de deitar a terra! Os cães, e cobras serão os mais honrados!

P. — Eu não sei, meus Srs., em que o mundo, ou mundanos fundão as suas maximas, as suas nobrezas, e pondonores!

F. — Eu lho digo, meu P. Não sabe que elles campeão de serem semelhantes aos brutos animaes? A quem mais se querem assemelhar he aos Cães, pois dizia o outro, que entre elle e o seu cão não havia mais differença que o vestido. Logo quanto mais Cães elles forem, e mais danados, e malhados, maior he a sua nobreza. Isto he bem claro.

D. — O argumento está bem formado, e he concludente.

P. — Prova bem clara temos neste respeito da falsidade das maximas mundanas, e do que he o homem, quando não quer abrir os olhos á luz divina, que lhe mostra seus destinos. Valer-me-hei ainda do conceito, que dos homens formava o menciodado Philosopho Pagão *Seneca*: *Ferarum iste conventus. Liv.* 2. *de ira*, c. 8. He o genero humano huma sociedade de feras, diz....

F. — (Eis ahi como estão os portuguezes tornados em Cães!)
P. — Com a differença porem, que as feras da mesma especie não se mordem humas a outras. . .
F. — Menos os Cães, que não conhecem nem pai, nem mãi.
P. — *Nisi quód illae inter se placidae sunt, morsuque similium abstinent*; porem os homens se sacião com o sangue huns dos outros. . .
F. — Principalmente quando estão derramados.
P. — *Hi mutua laceratione satiantur.* Ainda tem huma outra differença, que os distingue de todos os animaes os mais raivasos, e he que estes se domesticão, e se amansão com beneficios, mas os homens feras nutrem sua raiva naquelles mesmos que os tem nutrido, e cuberto de beneficios. . .
F. — Não querem crêr! Ahi os tem pintados, e escarrados.
P. — *Illae masuescunt alentibus*; *horum rabies ipsos, a quibus est nutrita, depascitur.* O homem excede a todas as feras, e de todas he o animal mais feroz, diz S. *Bernardino*: *Homo ferocissimus bestiarum.* O adagio diz: *Homo homini lupus*; o homem he lobo para com outro homem ..
F. — Antes com trinta lobos do que com Cães danados.
P. — Porem eu estou porque he fera de todas a mais fera: *Homo ferocissimus ferarum.* Ai! se lamentava *Jacob*, chorando a morte de seu filho *José*: *Fera pessima comedit filium meum, bestia devoravit filium meum Joseph. Gen.* 37. 33. Fera pessima devorou meu filho *José*! Enganava-se no que pensava, mas fallava verdade no que dizia. A fera pessima era a inveja, a vingança destes filhos, que despindo a tunica a seu irmão *José* a quem venderão por escravo, e molhando-a no sangue de hum cabrito, a trouxerão ao magoado pai, dizendo haver sido morto por huma fera. Dizião a verdade, porque a fera pessima foi a sua raiva, inveja, e vingança, que devoraria seu irmão, se Deos o não tirasse de suas mãos. Queira pois dizer o Sr. M. se nisto acha grande honra?
M. — Eu nada mais digo a tal respeito: estou confundido.
P. — Pois eu direi qual he a verdadeira honra do homem confessada por quem menos a tinha, e de hum modo, que nada lhe deixará mais a desejar. He este o Rei *Saul*, que sendo bem pouco honrado na sua conducta com *David*, nos mostra por palavras qual he o caminho, (e se quizerem) o campo da honra.

Perseguia ao manso *David* o invejoso, e vingativo *Saul* com o seu exercito, batendo os montes e valles, quando obri-

gado de necessidades entrou em huma caverna, onde se occultava *David* com os poucos seus, que o acompanhavão, bem descuidado do perigo em que se hia a pôr, *David* se avisinha, e sem ser sentido lhe corta huma pequena parte do vestido: *Surrexit David, & praecidit oram chlamydis Saul silenter.* 1. *Reg.* 24. 5. Os seus bravos o incitarão á vingança. Eis aqui, lhe dizem, cumprida a promessa, que te fez o *Senhor*, de entregar em tuas mãos ao teu inimigo, para que faças delle, o que elle pertende fazer de ti: *Ut facias ei sicut placuerit in oculis tuis.* O *Senhor* me soccorra, responde, para que não faça ao Rei, meu senhor, *Christo* do *Senhor* Deos, o que dizeis, e levante minha mão contra elle, pois que he *Christo* do *Senhor*: *Propitius sit mihi Dominus ne faciam hanc rem domino meo Christo Domini, ut mittam manum meam in eum, quia Christus Domini est.* ℣. 7.

D. — Que prova tão clara do respeito, que se deve aos *Reis*! Accresce mais o ser tambem *David* ja *Rei* ungido.

F. — Oh, se assim apanhassem a todos os *Reis* os Cães danados incredulos! Comião-lhes a carne, e bebião o sangue.

P. — *David* susteve os seus; ainda teve pezar do pouco respeito, que lhe guardou, cortando-lhe a fimbria do vestido, e o deixou sahir livremente. Quando se retirava, sahe da cova *David*: *Domine mi Rex*; clama apoz delle: Senhor meu Rei. Olha este; e *David* inclinando-se até tocar a terra, respeitando a *Realeza* neste seu inimigo; porque assim me perseguis lhe diz, para me tirardes a vida, quando eu respeito a vossa tendo-a Deos posto em minhas mãos? Vede o vosso vestido, e notareis que lhe falta o que vedes em minha mão; e sabei, que assim como cortei os fios do vosso vestido tambem podia cortar os da vossa vida. Vede, que não ha maldade em meu coração &c. *cap.* 24: *per totum.*

Ouvindo taes cousas *Saul* conhece o perigo em que esteve, o duro coração se enternece, e chora em clamor: *Levavit vocem suam & flevit.* Tu és mais justo do que eu, lhe diz, pois por males que te tenho dado me tornas bens. Qual he o homem que tendo em suas mãos seu inimigo, lhe perdoa? *Quis enim cum invenerit inimicum suum, dimittet eum in via bona?* Elle conclue, pedindo-lhe o juramento de não fazer mal á sua familia, quando fosse *Rei.* Mas como? Porque razão? Quem lhe disse que *David* havia de ser *Rei*? Elle ignorava a sua unção por *Samuel*, por haver sido feita occultamente.

Foi pois nesta occasião, que o conheceo: *Nunc scio quod*

certissime regnaturus sis, & habiturus in manu tuá regnum Israel; agora sei com toda a certeza, *Certissime*, que has de reinar, e ter em tua mão o scetro de *Israel*: D'onde te veio esse conhecimento, ó *Rei*? lhe perguntaria. Tu és *Rei*, que gosas esse poder, e elle pertence a *Jonathas* teu filho por direito divino de herança. Como pois affirmas agora, com toda a certeza, e como sómente agora sabes, que será *David*? Por isto mesmo que o vejo fazer, me diria. Hum homem a quem eu persigo de morte que me tem em suas mãos, e não se vinga, he mais do que homem, para cousas mui grandes está destinado. Coração em quem não entra a vingança, he coração real, não he de homem ordinario. Mãos que não se levantão contra seu inimigo, e lhe perdoão, são mãos destinadas a empunhar o scetro, a manejar as redeas do governo de hum grande Reino, e juntamente a espada da autoridade divina. Eis aqui por onde conheço, e sei com certeza que *David* hade ser Rei: *Nunc scio quód certissimé regnaturis sis, & habiturus in manu tua regnum Israel.*

D. — Aquillo convence sem resistencia, Sr. M.!

F. — Deixe o fanfarrão com as suas honras caniculares.

M. — Eu confesso, que não tenho que responder.

P. — Ainda occorreo outro passo identico entre os mesmos. A inveja, e a injusta vingança em breve tempo fez retrogradar a *Saul* nos bons propositos, que então recebeo. Tornou á perseguição; e no entanto que dormia no campo, *David* entra nelle jazendo todo o exercito em profundo sono, e lhe tira a lança, e o cópo por onde bebia, sem algum mal lhe fazer, e impedindo a *Abisai*, seu companheiro, e vassalo que lho fizesse. Retirando-se, clama, accusando ao Genaral *Abner* de não guardar, como devia o seu *Rei*, proclamando-o digno de morte. Pergunta-lhe onde estava a lança, e o cópo real? *Saul* desperta, ouve a vóz de *David*, não acha a lança, e conhece o perigo, em que esteve.

Outra vez se enternece o invejoso, e vingativo coração; protesta não mais o perseguir, e accrescenta: *Benedictus tu fili mi David*; bendito, abençoado sejas tu filho meu *David*: na verdade conheço, que tudo o que emprehenderes, o farás, e ultimarás; serás poderoso e forte para fazeres tudo o que quizeres. Assim entendem os Expositores estas palavras que lhe derigio: *Et quidem faciens facies, & potens poteris.* d.° 26. 25. Como se lhe dissera: Tenho entendido, que és hum homem tão grande, tão magnanimo, que farás,

quanto te agradar, e for tua vontade; não porque te atreveste a entrar no meu campo, mas por isso mesmo, que podendo tirar-me a vida, não o quizeste fazer. Teu coração he mais que humano: serás *Rei*, e tudo te será sugeito: *Faciens facies, potens poteris.* Julgo ser este bom testemunho por ser de hum homem o mais invejoso, e vingativo.

D. — Não sería necessario esse testemunho, pois sem elle eu julgaria que *David* foi maior nessas occasiões, do que affogando, e despedaçando leões, destroçando exercitos, e gigantes.

P. — Assim mesmo o affirma S. *João Chrisostomo*, e todos dirão o mesmo. Cóm a funda prostrou a gigantes, com a espada, e seus bravos companheiros venceo exercitos; aqui com prudencia, e com grande valor se venceo a si mesmo; venceo seu resentimento, sua ira, todas suas paixões; e eis aqui a que não chega o valor dos grandes conquistadores do mundo. Melhor he o homem pacifico, e sofredor, diz o divino *Proverbio*, do que o forte; e o que domina seu coração, e suas paixões he mui maior, que o grande conquistador de cidades: *Melior est patiens viro forti, & qui dominatur animo suo, expugnatore urbium. Prov.* 16. 32.

Faz ao caso, o que de *Alexandre Magno* refere *S. Bernardo*. Diz que estando este famoso conquistador do mundo estimulado contra hum seu familiar por certo motivo particular, e irreconciliavel, apezar das diligencias feitas, seu mestre, o famoso *Aristoteles* o venceo, entrando com elle em perguntas. » Quem he, ó Imperador, que tem vencido os *Reis*, e exercitos numerosos? E's tu este grande homem. Quem he o que tem conquistado cidades, Reinos, Imperios, e todo o mundo? E's tu. Tu és este grande homem &c. Porem eu te digo, que ainda te falta que vencer, falta-te ainda conseguir hum mui maior triunfo, que eu te direi, se quizeres seguir o meu conselho. Vence a ti mesmo, vence teu animo, tuas paixões, e então vencerás o grande vencedor do mundo, que és tu mesmo. » Immediatamente perdoou. Assim fallava, e discorria hum *Gentio*!

D. — Emmudeceo o Sr. M.! Que diz áquillo Sr. *Freg.*?

F. — Nada digo, porque me dá pela roupa, e chega ao pello, por causa dos excommungados *Jansenistas*, e mais canalha, que não posso tragar.

D. — Eu confesso, que nada he mais agradavel, que hum homem pacifico, perdoador de injurias, e offensas. Confesso ainda, nada ha mais claro, que para formar a grande *Socieda-*

de intentada por J. C. he necessario, que os seus membros assim sejão. Se porem me désse licença, eu proporia contra essa historia de *David* com *Saul* huma duvida, que me tem atormentado. Ella versa somente sobre a veracidade do facto.

P. — Queira propo-la, e conhecerá, que nada poderão os Incredulos achar, com que combatão a *Historia Sagrada*.

D. — Desejo saber, como pôde escapar *David* á perseguição de *Saul*, que o procurava com grande exercito? Diz o *Texto*, que se escondia em *covas*, de que em outras muitas partes se falla, e tão grandes, que alojavão muita gente. Isto he incrivel? Nessa occasião andava *David* acompanhado de não menos que quatro centos homens.

P. — E talvez muitos mais se podião nella albergar. Em huma outra se esconderão cinco *Reis* fugindo de *Josué*, que não devião ter pequeno acompanhamento. Eu não ignoro, que os Incredulos se aproveitão até de taes *covas* para mofarem, e rediculisarem os *Livros* santos; mas eu mofarei tambem de seu pedantismo. Na nossa residencia lhe mostrarei differentes Expositores, que provão a realidade destas grandes covas, ou moradas mui commodas, apezar de subterraneas, e mui espaçosas, cavadas, e edificadas pelos *Orientaes* daquelles primeiros tempos, para se abrigarem das incursões de seus inimigos. O genero humano distribuido por aquelles paizes em pequenas familias, se temião humas das outras; e por isso lhes erão necessarias estas covas, que *David* teve necessidade de descubrir; pois que ja nesse tempo estavão ignoradas. Tinhão a entrada muita estreita, apertada, e occulta. Quando não queirão acreditar os sagrados Historiadores, tem *Plinio*, *Liv.* 6. c. 29. *Strabão*, *Liv.* 11. & 16. *Diodoro*, Liv. 5., que todos fallão destas covas, ou casas subterraneas na *Judea*, *Arabia*, e *Phenicia*. *Strabão* falla de huma na *Iturea*, que alojava quatro mil homens. *Flavio Josepho*. *Antiq. Liv.* 14. & 15. falla das covas inaccessiveis de *Galilea*., onde se escondião ladrões em grande numero, e força; cuja exterminação custou muito a *Herodes*. Somente a pôde conseguir tapando com enormes pedras as entradas.

D. — Muito bem, P. Estou satisfeito: tornemos a tomar o fio, que deixamos. Fallavamos da necessidade do *amor* dos inimigos para formar a grande *Sociedade* intentada por J. *Christo*.

P. — Eis ahi porque eu avanço a esta proposição.

O amor dos inimigos faz Catholicos.

Temos visto que bem longe de infamar o homem, antes pelo contrario faz a verdadeira sua nobreza esta virtude. Nós veremos ainda quanto ella o eleva acima da esphera humana. Vejamos porem agora, que foi necessario que J. C. a condecorasse, e sancionasse com grandes premios pela summa necessidade que della ha para a grande *Sociedade.* Eu pouco direi a este respeito, porque todos os senhores conhecem muito bem, que sem ella a *Sociedade* dos homens he sociedade de feras.

D. — Tal qual estamos vendo na desgraçada sociedade Portugueza. Sociedade de feras de todas as especies, leões com ursos, lobos com tygres, e outros não farião correr mais sangue do que temos visto correr, nem se devorarião com maior encarniçamento, do que se estão devorando os chamados homens portuguezes. Creio que estarião com menos temor entre feras bravas, do que entre tal gente.

P. — Assim devia succeder entre huma gente, que de proposito quer acabar com a santa *Religião* de J. C., pois só ella pode ligar os homens em sociedade. Nós temos visto o que se passa entre as Nações em que apenas existem alguns longes das luzes da *Religião Natural*, mas com ellas se formarão suas *Religiões*, quaesquer que sejão. Nossos Incredulos querem, e trabalhão por estabelecer o puro *Atheismo*, ou *Materialismo.* O pedantismo de taes estouvados he excessivamente desmarcado, pois nem ao menos se lembrão do que em seus dias succedeo na *França*, onde elles mesmos, ou seus pais o quizerão estabelecer. Elles passarão hum decreto de morte contra Deos!! mandando crer, que não ha Deos. Porem foi então que o sangue correo de tal sorte que se virão obrigados a passar outro, que annullasse este, mandando crer, que ha Deos! Pode imaginar-se maior insensatêz? Porem assim confunde Deos os impios!

Nossos *Atheos* até isto ignorão. Elles pertendem o mesmo, e o mesmo que na *França* vemos succeder em *Portugal*; e queira o *Senhor* abreviar tão desgraçados dias. A lição tem sido ja bem sufficiente para abrir os olhos a tantos nescios, que zombavão das verdades, que antes se lhes annunciavão. Pardalinhos de bico amarello!

F. — Mas olhe, P., que Deos o vai fazendo de tal sorte que me tem regalado. Elle os tem confundido, peado, apeaçado, embrulhado, e enrodilhado em tudo, que nem trapos de ce-

sinha, ou de esfregar chaminés. Servirão de mólhos de varas, com que Deos nos flagellou; e agóra antes de as arrojar ao fogo, as faz em pedaços, batendo humas com outras. He para que saibão, que se ha Deos!

P. — Eis aqui porque J. C. formando a grande *Sociedade* em unidade de hum corpo, de que elle mesmo he a cabeça, tanto intimou, tanto mandou, tanto exaltou este *amor fraternal*, que nelle pareceo constituir, fundar, e estabelecer toda a sua *Religião*; ao menos quiz que esta fosse a virtude caracteristica dos membros da sua *Sociedade*, dos verdadeiros *Catholicos*, excluindo della ao que o não tivesse, pondo nelle hum claro, verdadeiro, e seguro sinal de salvação; e de reprovação ao que o não tivesse. Nós o vamos a ver. Notemos as palavras com que o manda, e intima, argumentos, e razões, de que se serve.

No grande Sermão do monte assim falla ás turbas. Vós tendes ouvido dizer á vossos maiores: Amarás teu proximo, e aborrecerás teu inimigo, porem não vos tem dito a verdade, pois a Lei vos manda esquecer as injurias, e não procurar a vingança. Eu vos digo, e mando: *Ego autem dico vobis: Diligite inimicos vestros*; amai a vossos inimigos. Attendei ainda, que não vos enganeis com o amor, que vos mando: Eu não exijo hum amor esteril, mas sim mando, que seja effectivo. Vós deveis não só desejar bem, mas ainda fazelo aos vossos inimigos, e a todos os que vos odeão, nas occaiões, que se vos offerecerem: *Benefacite his, qui oderunt vos.* Bem longe de rogardes mal aos vossos inimigos, áquelles, que vos injurião, calumnião, e perseguem, e ainda de lho desejardes, vós deveis orar, e pedir bens para elles: *Orate pro persequentibus, & calumniantibus vos. Math.* 5. 44.

M. — He isso impraticavel, P.! Queira perdoar-me. Pois eu hei de amar, fazer bem, e ainda orar bens por quem me deseja beber o sangue!

F. — Não está ahi todo o ponto; isso muito bem se pode fazer, pois o maior mal he de quem o deseja beber, e eu tenho compaixão desses desgraçados. O peior he dever eu amar aos excommungados *Jansenistas*, e canalha impia, inimigos mortaes do meu Deos, e da *Religião*, pois confesso, que jamais os poderei ver sem que me pule o coração por lhes bater pela cara com... Olhe, P., que eu não me confesso de tal peccado. Eu lhe digo ja o meu peccado. Se eu estivesse no Templo de *Salomão* quando o *Senhor*

azorragou os seus profanadores, eu me poria ao seu lado com o meu bordão, e daria pancada de moio. Depois lhe diria: Vamos, *Senhor*, aos *Janscnistas*, e mais cambada incredula. Elle com os azorragues, e eu com o bordão heria tudo com a bréca.

P. — Cale-se com isso, e ouça, o que vou dizendo.

D. — Peço-lhe, P., que responda, porque eu entro nos mesmos sentimentos.

P. — Eu não tenho que responder, se não que isso não he odio, mas sim zelo da honra de Deos. Ahi não entrão injurias proprias. Bem se vê no fundo do bom coração, que tem, que não aborrecem mais que a maldade. Se elles se corregissem, e depusessem sua impiedade, então os amarião.

F. — Eu seria o seu maior amigo. Bom, bom, ja estou descançado. Pois em quanto ao mais, Sr. M., tem Vm. mui máo coração se não deseja, e faz bem aos seus inimigos. Porque razão lhe hade desejar mal? Não lhes basta o que elles a si mesmos se fazem?

M. — Pois que faria Vm. a quem o injuriasse, e offendesse?

F. — Eu lho digo. Se me tratassem de fanatico, não me poderia ter, porque logo diria comigo: He *Jansenista* excommungado, inimigo de meu Deos. Espera, lhe diria; e não lhe esmurraria os narizes por lhe não poder chegar. Se fosse qualquer outra injuria, se me tratasse de ladrão, velhaco, ou qualquer outro, eu diria comigo, ou a elle, homem, tu estás doudo; e teria compaixão delle. Se me desse algum bofetão, ou paulada, não me lembro agora do que faria. Póde ser, que lhe fizesse o mesmo, se pudesse; mas logo que cahisse em mim, eu o levaria a minha casa para o curar, e tratar bem....

M. — Para isso he necessario ter muito sangue frio.

F. — Pois se Vm. o quer ter quente, lembre-se que o fogo do inferno o he bastante para lho aquecer. Quer ser cão, e cobra!

D. — Não vê, Sr. M., que ali obrão os effeitos da *Religião*, e não o sangue frio? Nós estamos acostumados aos impulsos dos nossos corações, e paixões, e não aos da graça, e *Religião*, como está o Sr. *Freguez*.

F. — Assim seria eu tolo, que por hum odio, ou vingança offendesse o meu Deos, e perdesse a minha alma. Isso talvez fosse o que quereria meu inimigo. Porem elle se acharia enganado, porque eu lhe faria o maior bem que pudesse.

D. — Eis ahi bem claro, Sr. M., os effeitos da *Religião*.

M. — Leve o demo o juizo que eu tenho, pois nunca heide

chegar a comprehender esta sciencia da *Religião*! Queira continuar, Sr. Ab., e tenha paciencia com minhas indiscrições.

P. — Eu confesso, Sr. M., que á primeira vista apparece em pessoa o difficil, o arduo, e aspero deste mandamento. Direi ainda com S. *Agostinho*, que entre tudo o que temos nos mandamentos do *Senhor*, nada mais difficil do que o amor dos inimigos: *In justificationibus Domini nulla res est difficilior, quam ut quisque suos diligat inimicos.* Porem o espirito da *Religião* tudo facilita, e a graça do *Senhor* tudo suavisa. Queira deixar-se penetrar deste espirito, e ter a paciencia de me ouvir, e a minha palavra empenho, de que entrará em desejos de ser injuriado, e offendido para ter occasião de desempenhar este mandamento.

M. — Eu confessarei então, que a *Religião* faz milagres.

P. — Nem deve entrar em duvida. Deveis amar, bem fazer, e orar por aquelles que vos odeão, e perseguem, diz o *Senhor*, para que sejais verdadeiros filhos de vosso *Pai*, que habita nos *Ceos*, que faz raiar o sol de seus beneficios sobre bons, e máos, e chover suas bondades sobre justos, e injustos: *Ut sitis filii Patris vestri, qui in Caelis est; qui solem suum oriri facit super bonos, & malos, & pluit super justos, & injustos.* ℣. 45. Propõe-nos para exemplo seu *Pai* celestial, de quem só então poderemos ser filhos quando com elle nos parecermos. Dá as razões, que nos obrigão a este *amor* effectivo, e sanciona o mandamento com o premio.

Deveis, diz, amar os inimigos; porque se vós tão somente amardes os que vos amão, que merecimento, e que premio podereis ter? *Si enim diligitis eos, qui vos diligunt, quem mercedem habebitis?* Não he isso mesmo, o que fazem os máos, os que não tem *Religião*, nem temor de DEOS? *Nonne & publicani hoc faciunt?* Deveis ama-los com *amor* effectivo, que appareça nas obras, e não somente nas palavras: *Et si salutaveritis fratres vestros tantum quid amplius facitis?* Se vós tão somente os amardes de palavra, e saudação, que mais fazeis do que os máos? Não he isso o mesmo que fazem os Infieis? *Nonne & Ethnici hoc faciunt!* ℣. 47. Vós deveis ser perfeitos, imitando a vosso *Pai*, e assim como elle he perfeito fazendo bem a bons, e a máos, a amigos e inimigos: *Estote perfecti, sicut & Pater vester caelestis perfectus est* ℣. 48. Tal he a sua grande maxima, e a mais fundamental da sua *Religião*, que deve adoptar, o que quizer fazer parte da sua grande *Sociedade*, e não de outra sorte.

He este o sinal distinctivo, he a divisa, que deve destinguir, e dar a conhecer entre todos o membro desta *Sociedade* de J. C., e não outro. Elle o disse bem claramente: *Mandatum novum do vobis: ut diligatis invicem, sicut dilexi vos ut & vos diligatis invicem. Joan.* 13. 34. Notemos esta repetição de palavras, que na boca de J. C. alguma cousa significão; e he a força com que quiz intimar este mandamento. *Mandatum novum do vobis*; Eu vos dou hum mandamento novo; como se dissera: He antigo este mandamento; porem Eu, agora que vou a formar a minha grande *Sociedade*, o mando com tanta força, como se o mandasse de novo, ou com nova força, e com muito mais vigor. Elle me he necessario para formar em perfeita unidade comigo, em hum corpo, de que vou a ser cabeça, esta minha Sociedade. Amai-vos huns aos outros apezar de qualquer fragilidade, que possa haver entre vós: *Ut diligatis invicem.*

Entendei bem como vos deveis amar; notai, e lembrai-vos do modo como eu vos tenho amado, e amo: *Sicut dilexi vos.* Eu tenho fechado os olhos ás vossas fragilidades, tenho cuidado de tudo o que tendes necessitado. Lavei-vos os pés, assento-vos comigo á minha Mesa, dou-vos o meu mesmo Corpo em comida, e em bebida o meu Sangue, que vou a derramar por vós. Sirva-vos pois o meu *amor* de exemplo. *Sicut dilexi vos, ut & vos diligatis invicem.*

F. — Dê-me licença, P., para a minha colherada. J. C. nosso amantissimo Deos para formar a nossa grande *Sociedade* servio-se de huma longa corda, com que quiz prender os homens a si mesmo; e dando voltas com ella mesma prendeo a todos nós huns com os outros. Eis aqui o *amor*; *amor* a elle, e *amor* huns aos outros. Agora todos entendem.

D. — A comparação he bem expressiva.

P. — Ella he verdadeira em todo o sentido posto que grosseira. O *amor* he o verdadeiro laço de união com elle, e comnosco. Deos pelo seu *amor* infinito se une comnosco: nós pelo *amor* a elle nos unimos com elle; pelo *amor* fraternal nos unimos huns com os outros. Eis aqui a grande *Sociedade*, a *Igreja* de J. C.

F. — Mas eu quero saber, se nesta união podem entrar os excommungados *Jansenistas*, e mais cafila...

P. — Accommode-se, filho, tenha prudencia. Eis aqui pois diz J. C., como vos deveis amar huns aos outros. *In hoc*, accrescenta, *cognoscent omnes quia discipuli mei estis si di-*

lectionem habueritis ad invicem. ℣. 35. Nisto conhecerão todos que sois meus discipulos, se vos amardes huns á outros; como se dissera: Assim como todos os homens, de todas as Nações tem seus distinctivos por onde se conhece a qual pertencem, Eu tambem vos quero pôr hum sinal, por onde todos conheção, que pertenceis, e sois membros do corpo, que vou a formar, de que sou a cabeça; não he outro se não o amor reciproco, e fraternal, que não possão resfriar nem injurias, nem offensas: *In hoc cognoscent omnes quia discipuli mei estis.*

Notai que he, e será este o só sinal, *in hoc*, por onde conhecerão todos, que pertenceis á minha *Sociedade*, e eu tambem por este sinal vos conhecerei: *In hòc cognoscent omnes.* Não ponho este sinal na Fé, nem no Baptismo, e mais Sacramentos, nem na Cruz, nem no só nome de *Christãos*, porque muitos terão tudo isto, e com tudo não entrarão nesta minha união de *Sociedade*, e Eu os terei como estranhos a ella. Eis aqui o só unico distinctivo, *amor fraternal* sem excepção de pessoa: *Si dilectionem habueritis ad invicem.* Liguem-se todos com este laço, que não possão quebrar injurias, nem offensas.

M. — Porem quando algum offende, e entra em odio, não faz parte desta *Sociedade*, e não ha necessidade da união com elle.

P. — Da *Igreja* em geral faz parte em quanto della não for excluso. Se entra nesta união, em que Deos nos quer comsigo, não nos pertence julgar. Só sim somos obrigados a soldar as quebras, e não quebrar-mos os laços que nos devem ligar huns aos outros qualquer que seja o motivo. Os membros do corpo não se aborrecem, nem quando huns magoão aos outros, antes se amão ainda quando enfermos, molestos, pesados, e dolorosos.

D. — Bella, e mui bem expressiva he essa comparação! He isso mesmo, o que Deos quer. Ahi temos tudo.

M. — Porem se me offenderem, e eu castigar, ficarão corregidos.

D. — Que, Sr. M.? Quem lhe deo autoridade para isso? Essa seria a perfeita desunião. Ea tem o Autor da mesma *Sociedade*, e os que estão em seu Nome para o fazerem. Entre melhor no fundo da *Religião.*

P. — Temos pois o *amor fraternal*, sem excepção de inimigos, como verdadeiro, e seguro sinal de verdadeiro *Catholico*, e nenhum outro, como que he de absoluta necessidade para esta *Sociedade.* Por isto o *Senhor* ainda o elevou a grande pureza de coração. Como nelle lança raizes o *amor*,

elle o quer puro. Se tu, diz elle, vindo ao Altar offerecer tuas oblações, promessas, ou votos, ahi te lembrares de alguma offensa, injuria, ou queixa, que algum teu irmão tenha contra ti, larga ahi logo a tua oblação, não a offereças, porque eu não t'a aceitarei; corre a reconciliar-te com o teu irmão, e então voltarás a fazer-me a tua offerta: *Vade prius reconciliari fratri tuo, & tunc veniens offeres munus tuum. Math.* 5. 23. Este he o grande sacrificio, e mais agradavel a seus olhos.

He bem notavel a prohibição formal na Lei *Mosayca* do offerecimento de mel: *Nec quidquam mellis adolebitur in Sacrificio Domini. Lev.* 2. 1. Nada de mel se queimará no Sacrificio do *Senhor*. Nem vemos que se offerecesse nem ainda se queimasse cera; o que merece as nossas reflexões. Na *Syria*, e visinhanças de *Jerusalem* sempre houve muito mel, e cera. Deos mesmo disse desta terra, que manava leite e mel. He este composto do humor odorifero das flores, bem como a cera; e parece que por isso mesmo deveria ter sobre todos os mais dons a preeminencia. Porem he prohibido formalmente o mel; e a cera, posto que não vemos prohibição expressa, não nos consta, que ardesse nas luzes do Templo, Tabernaculo mais que o azeite.

D. — Não tinha notado essa singularidade: mas desejo saber, porque não servindo então, serve agora?

P. — Posto que não acho expressa a razão, contudo penso que sendo então tudo, o que havia naquelles Templos, figuras, não convinha nem o mel, nem a cera, porque são obra das abelhas, que são o symbolo da vingança, e verdadeira figura dos vingativos. Depois que acabarão as figuras foi admittida a cera, que logo entrou a arder nos nossos Altares. O azeite com o nome de oleo devia ter todo o lugar entre as figuras, porque elle o he da caridade, e *amor fraternal*, como ja vimos.

M. — Como são as abelhas symbolo dos vingativos?

F. — Porque tem sempre prompto o aguilhão para a vingança.

P. — Tanto o são, que nellas lhe farei ver a fatal desgraça dos vingativos, iracundos, offensores do seu proximo, e odientos.

Fatal desgraça dos Vingativos.

Se tão grande cousa he o amor dos inimigos, como vamos vendo, grande mal deve ser sem duvida o odio, a má vontade, e a vingança. Nós o vemos neste symbolo, quaes

são as abelhas. Porque o são, disse *David*, que seus inimigos o havião cercado como as abelhas: *Circumdederunt me sicut apes. Psal.* 117. 12. He na verdade este volatil o mais iracundo, e vingativo de todos os viventes, e a só compressão lhe faz sahir o aguilhão, de sorte que morta ella, e comprimida pode ainda morder. Praze-se aos *Ceos* que os homens não levassem ainda á outra vida os odios, e as vinganças, como estes pequenos viventes!

F. — Já eu ouvi dizer, que em certa *Igreja*, que bem sei em huma casa contigua onde estavão os ossos de defuntos, se ouvião estrondos de pancadas huns nos outros. Deverião ser as caveiras de alguns, que morrerão em odios, que ainda cá ficarão jogando as marradas.

P. — Nada mais prompto tem a abelha, que o aguilhão. Assim muitos sempre promptos para a vingança, e para fazer mal, principalmente a lingoa para as affrontas, injurias, e maldições. Ninguem lhes tocará, que não sinta logo o aguilhão com o veneno. Porem a fatal desgraça, que anda annexa á ira, e vingança da abelha, he que mordendo ella, morre infallivelmente. Póde sim facilmente cravar o aguilhão; mas como he farpado, não o póde arrancar, e com elle larga os intestinos; o que lhe produz a morte indispensavel. Tal he a desgraça do vingativo, do iracundo, e de todos aquelles, que offendem a seu proximo de qualquer sorte que seja. Elles mordendo morrem morte d' alma pelo peccado.

D. — Que tal he aquella, Sr. M. Não queire ser abelha.

P. — Lá pensa o vingativo, que satisfaz a sua vingança, prejudicando, e fazendo mal a seu irmão; porem se elle sofrer com paciencia esse mal se lhe tornará em bem, o vingativo lhe lavrará a coroa do seu merecimento, augmentará a sua gloria, e todo o mal recahirá sobre si mesmo. Pode ser, que o prejudique, e com effeito o faça padecer; sentirá sim, como se costuma sofrer na mordedura da abelha, algum ardor; porem he passageiro, e a morte do desgraçado que o mordêo he eterna.

F. — Eis ahi porque eu teria compaixão de meus inimigos se me fizessem mal; porque o peior mal he delles. Por isso eu temo muito ter inimigos, por fazer escrupulo de que me tenhão odio por minha má conducta; e logo que o desconfio, vou amiga-los.

D. — Admiremos, Sr. M., aquelles effeitos da *Religião*.

F. — Porem isto não se entende com *Jansenistas*, e mais camabada. Passem de largo, e por longe da porta.

P. — Ainda tem mais o vingativo, e odiento. Pode sua desgraça passar ainda adiante da que sofre a iracunda abelha, pois que esta somente então morre, quando mo de; mas aquelle ainda morre sem chegar a morder. Eu o direi melhor com palavras do Apostolo do *amor*, S. *João*. Seria necessario transcrever, e paraphrasear toda a primeira carta deste Discipulo amado para fazer a devida idéa dos effeitos do *amor fraternal*, e juntamente a desgraça do que o não tem: porem direi o bastante para conhecerem a conformidade da sua doutrina com a que vou expondo. Filhos charissimos, diz, amemo-nos huns aos outros, porque o *amor* vem de Deos: *Charissimi, diligamus nos invicem, quia charitas ex Deo est.* 1. *Epist. Joan.* 4. 7.

F. — He o mesmo. A corda, ou o laço que nos prende vem de Deos, e dá voltas para nos apertar a todos em hum corpo.

P. — O que ama, he filho de Deos, delle nasceo, e elle o conhece: *Omnis, qui diligit, ex Deo natus est, & cognoscit Deum.* Porem aquelle que não ama a seu inimigo não conhece a Deos, porque Deos he o *amor*. *Qui non diligit, non novit Deum; quoniam Deus charitas est.* Se nós amarmos huns aos outros, Deos está em nós, e seu *amor* será em nós perfeito: *Si diligamus invicem, Deus in nobis manet, & charitas ejus in nobis perfecta est.* ℣. 12. Para entenderem isto e o mais que disser, queirão lembrar-se...

D. — Sim, P., lembramo-nos do que tem dito; e me parece que somente assim he que se poderá entender a fundo o que diz nessa *Carta* o St.° *Apostolo*, porque eu a li esta manhãa, e julgo que a entendi pelo que aqui tenho aprendido. He necessario ter em vistas a *Sociedade* formada por J. C. dos homens em unidade comsigo, como corpo de que elle he a cabeça. Pela Communhão de seu Corpo, *Alma*, e *Divindade* nos une com sigo em alma, e corpo, com seu mesmo *Corpo*, *Alma*, e *Divindade*. Porem o que dá a vida a este corpo em unidade he o *amor*, que na expressão do nosso *Freg.* he hum longo laço que prendendo em Deos, e de Deos sahindo, e lançado a nós, nos prende a elle; dando voltas nós prende huns aos outros para formarmos o corpo de J. C. e a perfeita união com elle. Aquelle desgraçado que não tiver o devido *amor fraternal*, quebra este laço, e sahe fora desta união, he membro podre, he ramo sêco, não tem a verdadeira vida, e em fim sahio fora da grande *Sociedade* de J. C.

P. — Com grandissimo prazer vejo que entendem perfeitamente o que por tantas tardes, e desenvolvimentos de varias ma-

terias tenho procurado, pois he altissima sciencia, e de absoluta necessidade para se vir no conhecimento da santa *Religião* de J. C. Por desgraça eu não tenho visto *Theologos*, que de proposito a exponhão, e desenvolvão. Daqui tem vindo os nossos males. Fatal ignorancia! A cada passo vemos os livros mysticos fallarem da união com Deos, he verdade, porem quem os lê, e não tem lido, nem entendido o desenvolvimeto desta união, e a sua formação, qual temos visto, fica em jejum.

D. — A oração de J. C. na noite da *Cea* nos deo grandes ideas, e avances para entrarmos nesta sciencia.

P. — E onde tem visto essa doutrina desenvolvida?

D. — Em nenhuma parte; e ao Sr. Ab. o devemos.

P. — Visto que tão claramente o entendem, será sufficiente a simples menção dos textos de S. *João*. Nisto conheceremos, continua a dizer, que estamos em Deos, e Deos em nós, isto he, nesta união, encorporação, e unidade com elle, se tivermos este amor: *In hoc cognoscimus quoniam in eo manemus*, & *ipse in nobis*; porque de seu espirito nos deo, isto he, nos deo o seu amor, nos deo seu *Corpo*, sua *Alma*, sua *Divindade* em communhão com sigo: *Quoniam de Spiritu suo dedit nobis.* ℣. 13. Nós conhecemos, e cremos neste *amor* divino, que o *Senhor* tem em nós, e com que nos prende, e une a si: *Nos cognovimus*, & *credidimus charitati*, *quam habet Deus in nobis.* Deos he *amor*, e aquelle que ama devidamente, que permanece neste *amor*, em Deos está, e Deos nelle, isto he, está ligado nesta união, e encorporado com elle: *Deus charitas est*; *qui manet in charitate*, *in Deo manet*, & *Deus in eo.* ℣. 16

Passarão as trevas, e brilhou a luz: *Tenebrae transierunt*, & *verum lumen jam lucet*, diz no *cap.* 2. ℣. 8. Porem o que diz estar na luz, e tem odio a seu irmão, este desgraçado ainda jaz nas trevas: *Qui dicit se in luce esse*, & *fratrem suum odit*, *in tenebris est usque adhuc.* ℣. 9. O que ama seu irmão, está na luz, e não ha escandalo nelle: *Qui diligit fratrem suum*, *in lumine manet*, & *scandalum in eo non est.* ℣. 10. Porem o desgraçado, que tem odio a seu irmão, está em trevas, em trevas anda, e não sabe para onde caminha, porque as trevas lhe tem obcecado os olhos: *Qui autem odit fratrem suum*, *in tenebris est*, *in tenebris ambulat*, & *nescit quò eat*, *quia tenebrae obcoecaverunt oculos ejus.* ℣. 11.

Não vos admireis, irmãos, de que o mundo nos abor-

reça, e persiga: *Nolite mirari, fratres, si odit vos mundus.* d.º 3. 13. Nós sabemos que passamos da morte á vida, porque amamos nossos irmãos: *Nos scimus quoniam translati sumus de morte ad vitam, quoniam diligimus fratres.* O desgraçado, que não tem este amor está na morte, porque não está encorporado nesta união, e encorporação com Deos, em que ha a verdadeira vida, quebrou os laços: *Qui non diligit, manet in morte.* ℣. 14. Porem não só isso; o que tem odio a seu irmão, he ainda homicida: *Omnis, qui odit fratrem suum homicida est*; e vós sabeis, que o homicida não tem vida eterna em si mesmo, porque não está nesta união, encorporação, e divinisação, em que somente, e não fora della, ha vida eterna: *Et scitis quoniam omnis homicida non habet vitam aeternam in semetipso manentem.* ℣. 15.

F. — Não tem a graça de Deos: mas essa mesma união he a graça, segundo me parece.

P. — Parece-lhe bem. Paremos aqui, para entrarmos no fundo deste texto: *Omnis, qui odit fratrem suum homicida est. Qui non diligit, manet in morte.* O desgraçado odiento, e vingativo incorre na morte, e he desgraçada abelha que mordendo morre, pela morte do peccado, separando-se desta encorporação com Deos, que dá a vida: porem passa avante ainda a sua desgraça, porque morre ainda que não morda, pois que o só odio, a só má vontade lhe dá a morte: *Qui non diligit, manet in morte.* Passa adiante ainda, porque sem matar he matador: *Omnis, qui odit fratrem suum homicida est.* Eis aqui a maior desgraça, e sobre todas as desgraças.

Todos os peccados de desejos se revestem das cores e circunstancias do que se deseja. O que deseja, por exemplo, furtar huma bolsa, apparece aos olhos de Deos, criminoso do furto dessa mesma bolsa, como se na realidade a furtasse. O mesmo he neste respeito. O mal, que o vingativo deseja fazer, ou que succeda a seu irmão, carrega de tal sorte sobre elle mesmo, como se effectivamente lho fizesse. *Expavesce*, clâma S. *Agostinho* expondo este texto, *expavesce, quando dicitur: omnis, qui odit fratrem suum homicida est*; espanta-te, ó vingativo, ó iracundo, ó odiento, teme, e treme ao ouvires o divino oraculo: Todo o que tem o odio a seu irmão, he hum homicida. *Gladium non eduxisti*, tu não desembainhaste a espada: *Non vulnus in carne fecisti*; tu não chegaste a fazer ferida no corpo daquelle a quem tens o odio: *Non corpus plaga aliqua trucidasti*; tu não despeda-

çaste seu corpo com algum golpe; porem pela só cogitação do odio, do máo desejo de teu pessimo coração, és homicida; e como tal serás castigado: *Cogitatio sola odii in corde tuo est, & teneréris homicida*; és reo de morte perante os olhos de Deos; *Reus es ante oculos Dei*; elle vive, e tu o mataste: *Ille vivit, & tu occidisti*; quanto he de tua parte mataste aquelle a quem aborreces: *Quantúm ad te est occidisti, quem odisti.* Vejão se pode haver maior desgraça, e maior cegueira!

F. — E que será se com effeito o chegão a pôr por obra? Digo, P., alguma cousa dos homicidios, das mortes violentas, que desgraçadamente tem sido tão frequentes entre estas bestas salvagens, que bem como ellas, tem comido a carne, e bebido o sangue de seus irmãos?

P. — Que poderia eu dizer para expôr a enormidade dessa maldade? Não o poderia fazer, nem deveria, porque palavras não a podem fazer conhecer, nem inspirar o devido horror. A só palavra *Homicidio*, *morte violenta de hum homem*, diz mais do que podem dizer extensos discursos: e por isso pouco direi.

Nossos Incredulos vão coherentes com o seu *Atheismo*, e *Materialismo*. Como não ha mais differença entre o homem, e brutos irracionaes, que o vestido, nem tem mais a esperar do que elles depois desta vida, importa entre elles tanto a morte de hum homem, como a de hum cão! Nossos *Jornalistas* tem-se cançado em seus Jornaes, ou Periodicos em estimular os governos a que olhem por impedir os assacinatos. porem elles não se lembrão, de que seus trabalhos seráõ baldados, como o tem mostrado a experiencia, por isso mesmo que vão conformes com a sua crença. Elles zombarão de taes clamores; nem cesssaráõ em quanto não acabarem com todos aquelles, que tem a verdadeira crença, porque estão certos de que não poderão estabelecer o seu *Atheismo* sobre elles. Julgão necessario acabar com os verdadeiros *Portuguezes*, estrangeirando, e inglezando o Reino.

Ha perto de seis mil annos que o mundo existe. Em todo este longo espaço nunca jamais se vio huma Nação, huma sociedade de *Atheos*. Entrava em problema se ella seria factivel. Para os nossos tempos fataes, ja prophetisados pelos *Apostolos*, como vimos, estava reservado este fatal ensaio; e os Reinos *Fidelissimos*, *Catholicos*, e *Christianissimos*, isto he, *Portugal*, *Hespanha*, e *França* devião

ser o theatro; principalmente os dois primeiros. No ultimo he verdade o fizerão primeiro, como ja disse, decretando, que ninguem cresse em Deos; e o mesmo foi decretar a carnagem de todos os que crião o contrario. Foi tal, que temerão pôr a *França* hum deserto. Circunstancias impre-vistas, e mal pensadas obstarão a seus projectos, e cessa-rão. Nos dois primeiros se cançarão em tomar bem as me-didas, para o ultimarem; porem achando-as erradas, tor-narão á ultima medida por onde principiarão na *França*, isto he, á carnagem em tudo o que não for *Atheo*.

F. — Pois eu espero, que não tardará muito, que essas bestas ferozes se entrem a devorar humas a outras, e ja o vão fazendo.

P. — Depois de castigados os bons filhos, quebrará o bom *Pai* as varas, batendo humas com outras, como fez na *França*. Então conhecerão os impios, que restarem, que ha hum Deos, que domina sobre o mundo, e nos homens. O que poderei affirmar he que elles terão a mesma sorte, que dão a outros. No primeiro homicidio, que houve no mundo, temos o que tem a esperar todos os homicidas.

He bem de presumir, que *Cain* matou *Abel* sem o in-tentar, pois de crer he, que ignorava a morte, ou que daquella acção, que fez contra seu irmão, resultaria a mor-te. Contudo Deos lhe falla, e pronuncia a sentença: *Quid fecisti?* Que fizeste? lhe pergunta. O sangue de teu irmão, que derramaste, clama da terra, que o absorveo, e me dá vozes pedindo vingança: *Vox sanguinis fratris tui cla-mat ad me de terra.* Gen. 4. 10. Tu serás maldito sobre a mesma terra, que recebeo, e absorveo o sangue de teu ir-mão, que tu derramaste: *Nunc igitur maledictus eris su-per terram, quae aperuit os suum, & suscepit sanguinem fra-tris tui de manu tua.* ℣. 11. Quando tu a trabalhares ella te negará os seus frutos, e tu andarás prófugo e vagabun-do sobre ella: *Vagus, & prófugus eris super terram.* ℣. 12. Aqui temos o homicida, como hum monstro insofrivel á mesma terra, que parece não o podê sofrer sobre si. Ella recusa sustenta-lo, e della está clamando em altas vozes, e clamores aquelle sangue derramado, pedindo continua-mente, e bradando por vingança. Como andará, e vivirá este desgraçado, e vagabundo esperando a cada passo a mesma sorte!

F. — Como quem traz ás costas a morte de hum homem!

P. — Conheceo logo *Cain* a enormidade do seu delicto, e a pena, em que incorreo. Eu andarei profugo, e vagabundo,

diz, e estou certo, que qualquer que me encontre me dará a morte: *Ero vagus, & profugus in terra, omnis igitur, qui invenerit me, occidet me.* ℣. 14. Logo entrou no conhecimento desta pena, que Deos suavisou sem duvida attendendo á ignorancia do exito da sua vingança. De tal sorte a temeo, que lhe pareceo ver tudo armado contra si, sendo que não havião ainda mais, que elle, e os dois pais: *Omnis, qui invenerit me, occidet me.* Foi necessario que Deos lhe pusesse hum sinal, para que não lhe tirassem a vida, fazendo-lhe o mesmo, que havia feito, affirmando-lhe, que seria castigado em septulo, o que o matasse, pois que ja não teria desculpa.

Quando ao sahir da *Arca* do Diluvio *Noé*, e seus filhos, entrou Deos em novas instrucções, e procurou inspirar-lhes horror á effuzão de sangue humano. Permittindo-lhes comer carne de certos animaes, lhes prohibio ainda come-la com o seu sangue. Era notavel o cuidado que tinhão os *Judeos* em purificar do sangue a carne, que devião comer, e não menos em esconde-lo. Singular ainda he sugeitar Deos a castigo, e á sua ira as mesmas feras, que derramassem o sangue humano.

D. — Onde vem tal sugeição? Gostarei de a ver. = Não ha duvida: *Sanguinem enim animarum vestrarum requiram de manu cunctarum bestiarum; & de manu hominis, de manu viri & fratris ejus requiram animam hominis.* Gen. 9. 5. Eu inquirirei, e residenciarei sobre o sangue de vossas almas, isto he, o sangue que vos anima, das mãos, ou garras das feras, que o derramarem, e dos homens quaesquer que sejão. O que derramar o sangue humano terá o seu derramado; *Quicunque effuderit humanum sanguinem, fundetur sanguis illius.* ℣. 6. Aqui está bem clara a sentença de morte contra aquelle que matar, decretada por Deos, que parece elle faz executar, quando o não fação as justiças da terra.

F. — Eu o provaria com mil casos, de que tenho sido testemunha; e tantos são, que não me lembro de algum homicida, que não tenha tido quem lhe fizesse a mesma caridade; e não tarda para aquelles, que ainda a não receberão. Tremão!

P. — Oxalá elles se acolhão á misericordia de Deos, que pode perdoar-lhes tal pena; e me parece que a isto devemos attribuir a relaxação desta pena, isto he, á penitencia, e misericordia do Supremo *Juiz*, porque a sentença está pronunciada: Será derramado o sangue daquelle que derramar o de seu irmão: *Quicunque effuderit humanum sanguinem,*

effundetur sanguis illius. He isto o que J. C. lembrou a *Pedro* quando, arrebatado do zelo da honra de seu Divino Mestre, pensando dever defende-lo á força, ferio com a espada a hum *Judeo*, que o ultrajava. Mette na bainha a espada, lhe diz; ignoras que acabará com ella, aquelle que a tomar para ferir a outro? *Omnes enim, qui acceperint gladium, gladio peribunt. Math. 26. 52.*

Siquis habet aurem, audiat, ouvio S. *João* huma voz, que assim clamava: Se alguem quer ouvir, e entender isto, ouça, e entenda. Se algum puzer seu irmão no cativeiro, elle hirá tambem ao cativeiro: *Siquis in captivitatem duxerit, in captivitatem vadet.* O que a outro ferir com a espada, ou de qualquer outro modo que o faça, he necessario, que elle sofra a mesma pena: *Qui in gladio occiderit, oportet eum gladio occidi.* Aqui está posta, e esta he a paciencia, a Fè, e confiança dos justos, não ignorando, que sofrem as iras, e as vinganças dos máos por disposição do *Senhor*, que tomará a seu cuidado a justa recompensa: *Hic est patientia, & fides sanctorum. Apoc. 13. 9. 10.*

D. — Estou-me lembrando do famoso Vigario geral de *Inglaterra*, *Cromvvel*, que foi victima da barbara Lei, que elle mesmo havia ordenado. Não se admire, Sr. Fr. Elle era Vigario geral bem como o nosso papa *Marcos.*

F. — Conte-me dessas! Pois este hade morrer a pedir esmola ja que roubou os bens das Igrejas, e conventos.

P. — São innumeraveis os casos, que o confirmão, e tantos quantos são as mortes violentas, e as vinganças. Assim terão, como fazem, diz o Adagio, e nós ainda diremos mais alguma cousa; porem he necessario voltarmos a tomar o fio do discurso, que seguiamos.

D. — Julgo que não estamos muito apartados, ponderando os males, que se seguem dos odios, e vinganças.

Vinganças.

P. — Assim he; porem devemos ponderar melhor esta materia retrogradando alguma cousa, e satisfazendo melhor ao Sr. M., entrando na justiça deste mandamento do *Senhor.* Parece que não seria a melhor conducta para a boa direcção da grande *Sociedade* o perdão das injurias: porem sómente assim o parecerá a quem não entra no fundo da divina economia. Dirá algum, que não se vingando as injurias, não pode haver a devida união; e por isso o perdão prejudicará á *Sociedade.*

M. — Eis ahi o que tenho desejado lembrar aos Senhores.

P. — Eu o satisfaço. A vingança algumas vezes tem lugar, mas nunca pelas proprias mãos. Quando se toma pelas autoridades, e conforme as Leis, sem paixão, e com boas intenções, eu não a criminarei. Porem affirmarei, que nesta *Sociedade* de Deos, temos sempre vingador das injurias, que nos fizerem, e que a sabe tomar muito bem, posto que o não devemos desejar, embora não hajão autoridades na terra, que nos defendão.

Eis aqui como se explica S. *Paulo* a este respeito. Sêde pacificos, e sofredores, diz, a ninguem fazendo, e retribuindo mal pelo mal, que vos fizerem: *Nulli malum pro malo reddentes. Rom.* 12. 17. Procurai quanto possa ser, e esteja de vossa parte ter paz com todos os homens: *Si fieri potest, quod ex vobis est, cum omnibus hominibus pacem habentes.* Não cuideis de vos defenderdes a vós mesmos por meios improprios, mas dai lugar á ira, isto he, deixai a vingança, e a vossa defensa áquelle a quem pertence, que he Deos, porque está escrito: A mim pertence a vingança, e eu a tomarei, diz o *Senhor*: *Non vosmetipsos defendentes, charissimi, sed date locum irae: scriptum est enim mihi vindicta, e ego retribuam, dicit Dominus.* d.° 18. 19.

Devemos agora notar, que sendo Deos, como Autor desta Sociedade, o justo vingador daquelle que a destruir, ou prejudicar, e pertencendo a elle somente, e a quem faz nisto as suas vezes a justa vingança, involverá no mesmo castigo, e pena, ao vingativo com o offensor. Quando o offendido quizesse tomar satisfação das offensas, arrogaria a si huma autoridade, que lhe não pertence, e que somente he propria de Deos; e então a *Sociedade* oscilaria, e entraria na sua dissolução, por se deslocar de seu centro a autoridade.

D. — He huma verdade; e lembrados estamos do que nos disse a tal respeito.

P. — Eis aqui porque Deos, para obstar a este mal, terrivelmente se ira contra o vingativo, e tanto recommenda o perdão das injurias, e amor dos inimigos. Não esqueça ainda que somos frageis por natureza, membros enfermos deste corpo de que J. C. he cabeça; talvez nos offendamos sem vontade, e por miseria; só Deos conhece os corações, e o que deve castigar: mas de qualquer sorte que seja quer que nos amemos apezar de inimigos, e não ameaça menos o vingativo da offensa, que o mesmo offensor. Vejamos como neste respeito se explica o *Ecclesiastico*.

Qui vindicari desiderat, a Domino inveniet vindictam, & peccata illius servans servabit. 28. 1. Aquelle que desejar vingar-se das offensas que lhe fizerem receberá de Deos a vingança, que terá em viva lembrança seus peccados para os castigar no devido tempo: *Peccata illius servans servabit.* Se tu delles queres o perdão, deixa a vingança, não faças mal, nem o desejes ao teu proximo, que te offende; então pedindo a Deos elle t' os perdoará: *Relinque proximo tuo nocenti te; & tunc deprecanti tibi peccata solventur.* ℣. 2.

Passa logo a mostrar a illusão do homem vingativo, e se admira, de que não perdoando a seus inimigos, e offensores, pertenda alcançar de Deos o perdão das offensas, que lhe tem feito. Vejamos como se exprime, pois acharemos razões, que fazem muito ao nosso proposito. *Homo homini reservat iram, & a Deo quaerit medelam!* ℣. 3. O homem reserva, e reconcentra em seu coração a ira, o odio para com outro homem, e procura, ou pertende achar em Deos beniguidade, e mansidão com o remedio de seus males! Que illusão, que cegueira! *In hominem similem sibi non habet misericordiam, & de peccatis suis deprecatur!* ℣. 4. O cego homem não tem misericordia para com o seu semelhante, e atreve-se a pedi-la a Deos para o perdão de suas culpas! Que illusão! Quem tal pensaria? *Ipse cum caro sit, reservat iram, & propitiationem petit a Deo.* ℣. 5. Sendo o homem carne miseravel, fragil talvez mais do que o seu offensor, ou ao menos bem como elle, reserva o odio, e vingança, e ousa pedir, e esperar de Deos o perdão! Que cegueira!

D. — São bem patentes essas razões, assim como a illusão dos vingativos. Ellas são hum bem claro desengano.

P. — Notem ainda o que accrescenta. *Quis exorabit pro delictis illius?* ℣. 5. Quem haverá, que queira, e possa interceder pelo perdão dos peccados deste desgraçado?

D. — Ainda mais essa! Quer dizer, que não terá Santo algum, que por elle interceda. Com razão elle a nenhum porá em compaixão. Que lhe parece, Sr. M.?

M. — Parece-me que toda a minha vida tenho andado cego.

P. — Lembra-te dos teus novissimos, conclue, e depõe os teus odios, e inimizades: *Memento novissimorum, & desine inimicari.* ℣. 6. Lembra-te, e grava em teu coração o temor de Deos, e não te ires contra o teu irmão: *Memorare timorem Dei, & non irascaris proximo.* ℣. 8. Eis aqui claras provas da desgraça ultima do vingativo, e as razões porque não poderá conseguir misericordia, e perdão de Deos.

Contudo Deos permitte-nos huma vingança bem nobre, e mesmo manda, que a tomemos de nossos inimigos, e que eu de boa vontade aconselho ao Sr. M. Ella fará a sua maior honra, se com effeito a deseja. Ella não he menos, que arrojar á face de seus inimigos brasas de fogo ardente. Que mais poderia desejar?

M. — Eu me lembro, de que isso são os beneficios feitos, e prestados aos inimigos: porem he necessario ter valor.

P. — Nesse mesmo valor he onde consiste a verdadeira nobreza d'alma, e as razões que vou dando lho inspirarão, e reforçarão. Se o teu inimigo, diz o *Apostolo*, tem fome, dá-lhe de comer: *Si esurierit inimicus tuus ciba illum*; *si sitit, potum da illi*; se tiver sede, dá-lhe bebida; soccorre-o em suas necessidades. Deste modo lançarás sobre sua cabeça brasas de amor ardente, para que te ame, ou se pertendes vingança, serão teus beneficios brasas de confusão, vendo que de tal sorte, com tanta honra, e magnanimidade correspondes ás injurias, e offensas com que te aggravou; *Hoc enim faciens carbones ignis congeres super caput ejus. Rom.* 12. 20. Se queres ser forte, magnanimo, e nobre, não te deixes vencer por tão pouco, pela vil vingança, imitando aos vis animaes raivosos: *Noli vinci a malo.* Procura antes vencer o mal com o bem: *Sed vince in bono malum.* ℣. 21.

D. — Na verdade que essa he a verdadeira nobreza. Eu estou bem descontente comigo porque o meu genio he diabolico, e não sei como o hei de vencer.

F. — O seu genio he optimo, pois tanto se ira como se abranda. Tomara-o eu mais forte contra os *Jansenistas*, e mais velhacos.

O amor dos inimigos faz verdadeiros Christãos.

P. — He ja tempo de vermos os grandes bens, e premios, que Deos annexa ao *amor* dos inimigos, e fazermos entrar o Sr. M. em desejos de ter inimigos, e sofrer offensas para ter occasiões de exercer esta virtude.

M. — Vamos a ver esse prodigio, que o será bem grande, por que sinto ainda este coração duro, apezar de taes razões.

P. — Elle se abrandará. *Diligite inimicos vestros*, diz, e manda o *Senhor*; amai vossos inimigos, e fazei bem áquelles que vos aborrecem, e orai pelos que vos calumnião, vexão, e perseguem. Pois bem, lhe diria eu; vós, *Senhor*, nos mandais, e intimais hum preceito bastante arduo, e difficil;

e qual he o premio que nos haveis de dar por seu desempenho? *Quid igitur dabis nobis praemii?* Que grande, excessivamente grande he! *Ut sitis filii Patris vestri, qui in coelis est. Math.* 5. 45. Vós fazendo-o assim sereis filhos de vosso *Pai*, que está nos *Ceos*.

M. — Não acho nesse premio força, que me obrigue a tão grande sacrificio, pois huns, e outros somos filhos de Deos.

P. — Discorre mal. S. *João* lhe mostrará o seu erro. Assim como ha filhos de Deos, tambem ha filhos do diabo. Mas em que conheceremos huns e outros? *In hoc manifesti sunt filii Dei, & filii diaboli.* 1. *Joan.* 3. 10. Aqui se manifestão, e declarão os filhos de Deos, e os filhos do diabo. Mas em que? No amor dos inimigos: *Omnis, qui non est justus, non est ex Deo, & qui non diligit fratrem suum.* O que não he justo, e não ama seu irmão, não he de Deos, não he filho de Deos. *Quoniam haec est annuntiatio, quam audistis ab initio, ut diligatis alterutrum.* ℣. 11. Eis aqui o que vos temos sempre annunciado, e prégado, que vos ameis huns aos outros, para que sejais filhos de Deos, pois he no amor dos inimigos que se declara quaes são os filhos de Deos, e os filhos do diabo: *In hoc manifesti sunt filii Dei, & filii diaboli.*

F. — Bons filhos do diabo são os que como seu pai andão em odios, e vinganças. Raivosos como seu pai!

P. — *Sola dilectio*, commenta St.° *Agostinho*, *discernit inter filios Dei, & filios diaboli*; o só amor he o que discerne entre huns, e outros, entre os filhos de Deos, e os filhos do diabo; este o tópe, esta a devisa. Sem duvida assim devia ser, porque: *Deus charitas est*; Deos he amor, e o diabo he o mesmo odio em pessoa, diz S. *Basilio*: *Qui odium habet diabolum in semetipso nutrit, quia diabolum odium est.*

F. — Não poderá jamais entrar nesta *Sociedade* de Deos; só a fará com o diabo, se he que com elle pode haver sociedade.

P. — Esta filiação de Deos de que falla J. C., e que promette aos benevolos, e misericordiosos para com seus inimigos, he mui particular dom, e grande excellencia; e ella não se consegue se não por este *amor* dos inimigos, porque esta virtude he tão grande, que eleva o homem a tal altura, que o faz filho de Deos bem parecido com seu Pai. Lancemos hum golpe de vista ao que ja mostramos em outras occasiões.

Foi o homem creado á imagem, e semelhança de Deos em quanto á natureza de sua alma, como ja vimos; porem elle deve sêlo por sua conducta, e procederes, de tal sorte, que não possa dizlizar de sua natureza. Se isto não fizer, a

nobreza de sua natureza não servirá se não para sua maior condemnação. Eis aqui pois em que J. C. quer, que nos façamos filhos bem semelhantes ao *Pai* celestial. Com effeito em nenhuma outra virtude melhor o faremos. *Nihil est*, diz S. João Chrisostomo, *quod sic Deo similes; faciat*, *ut malignis*, *ac laedentibus esse placabilem*; nada ha que mais nos faça semelhantes a Deos, que o ser placavel para com os malignos, e offensores; o amor dos inimigos, e perdão das injurias. *Non ulcisci Deo facit aequalem*, disse ainda: o perdoar, e não tomar vingança, faz subir o homem tanto de ponto, que o eleva á igualdade com Deos.

Não se occultou este conhecimento aos mesmos *Pagãos*. Lá cantou *Menandro*: *Existimandus ille prestantissimus*, *injurias qui ferre novit plurimas*. Deve reputar-se por homem mui grande, e superior a todos os homens aquelle que sofre, e tem sabido sofrer muitas injurias. *Cicero* não achou a quem pudesse faze-lo igual senão ao Summo Deos: *Non summis viris aequandum censeo*, *sed summo Deo similimum judico*. De *David* disse Deos, que era hum homem formado pelo molde de seu proprio coração: *Inveni David filium Jesse*, *virum secundum cor meum*. *Act. Ap.* 13. 2. O *Senhor* procurou hum homem que fosse conforme ao seu coração, para o fazer *Rei* em *Israel*: *Quaesivit Dominus virum juxta cor suum*. 1. *Reg.* 13. 14. Em que pois foi semelhante *David* com o coração de Deos, isto he, em que foi a elle semelhante? Elle foi adultero, e escandaloso... Mas que! Nós ja vimos o que elle fez com *Saul*; ja vimos a grandeza deste coração, a excellencia desta alma, perdoando a seu maior inimigo. Oh, que este coração não podia deixar de ser formado pelo molde do mesmo coração de Deos, e esta alma bem semelhante á Divindade! Embora tivesse defeitos, embora cahisse em miserias; elle as chorou, e não perdeo na estimação da Deos.

F. — Eu desejo saber se o Sr. M. quer ter coração formado pelo molde deste nosso Deos, se pelo da grande alma, ou alimaria do mundo, que o deverá ter mui grande, ou..?

P. — Nada mais proprio de Deos, que o compadecer-se, e o perdoar. Em Deos se verifica aquelle sentimento do Imperador *Aureliano* posto que *Pagão*, que tomou por symbolo, e brazão este dito: *Quó maior*, *eó placabilior*, quanto maior sou, tanto mais placavel, e inclinado ao perdão. Assim o nosso Deos. A' semelhança, e proporção da sua grandeza he a sua misericordia, e placabilidade. A Igreja lhe canta em

suas supplicas: *Deus, cui proprium est misereri, & parcere* &c. Deos, de quem he proprio compadecer-vos, e perdoar &c. Logo o que isto fizer semelhante a Deos se faz naquillo mesmo, que elle tem em sua maior propriedade.

Eis aqui o que nos manda o Apostolo imitar em Deos, como seus filhos charissimos: *Estote imitatores Dei, Sicut filii charissimi. Ephs.* 5. 1. Em que poderemos ser imitadores do nosso *Pai*? No *amor* reciproco sem excepção de inimigos: *Ambulate in dilectione, sicut & Christus dilexit nos, & tradidit semetipsum pro nobis.* ℣. 2. Este o grande exemplar, que o Apostolo nos propõe para sermos seus filhos, com elle bem parecidos.

F. — Que diz, P.? Imitar a J. C.! Sofrer as injurias, as imprudencias dos seus discipulos, lavar-lhes os pés, e ainda a hum *Judas* traidor, sofrer as affrontas, os opprobrios, as bofetadas, as salivas no divino rosto, os açoutes, como o mais vil escravo, a morte finalmente na cruz, e ainda clamando a seu *Pai*, e pedindo o perdão para os que assim o tratavão? Tudo isto he deshonra para os soberbos do mundo. Jesus C. não tinha honra! Deshonrado he quem o imita; imita-lo he vileza, he desdouro, he desprezo, he...

M. — Cale-se por quem he, e não me confunda mais.

F. — Hei de arraza-lo. Imite a sua grande salvagem do mundo, que deverá de ser mais honrada.

D. — Com hum pouco de reflexão que se faça, se vê bem claro, que a Fé em J. C. está bem morta. Não pode ser, que o vingativo, e todos que tem por deshonra o perdão das injurias, e *amor* dos inimigos, que por desgraça he a maior parte, se não todos os homens da era presente, creião que J. C. he verdadeiro Deos; pois se assim o cressem, como poderião desprezar-se de o imitar?

F. — Nego, que sejão todos. Não mais que os *Jansenistas* com os *Atheos*, e mais Incredulos, que o negão, e se deprezão em o imitarem. Há ainda muitos bons *Christãos*, que tudo perdoão porque Deos lhes perdoe. Que custa a perdoar as injurias principalmente quando não chegão ao vivo? E se chegão, paciencia. Eu não tenho merecimento algum em perdoar, e fazer bem a quem me faz mal, porque nada me custa. He necessario ter huma alma bem vil para se desejar vingar do que nada vale. Só sim não posso sofrer a canalha incredula; por que são inimigos de meu Sr. J. C., e de sua Santa *Religião*. Se não fosse peccado desejaria eu que me offendessem, para ter occasião de per-

obar, e conseguir huma cousa que o meu P. sem duvida hade dizer, e eu não me quero adiantar, e he o sinal certo de minha salvação.

M. — Salvar-se-ha, se fizer obras dignas de salvação.

F. — Apezar das minhas miserias, que não são poucas, nem pequenas, salvarme-hei, se tendo inimigos, os amar, e lhes perdoar as injurias.

M. — Salvar-se-ha, se com isso fizer tambem tudo o mais.

F. — Não me contradiga, porque Vm. nada entende, se não das grandes *almas* do mundo. Salvar-me. . .

P. — Bem, bem. Salvar-se-ha pela misericordia de nosso *Senhor*. Porem eu affirmarei, que

O amor dos inimigos he Predestinação.

Eu perguntarei huma cousa ao Sr. M., e he se crê que o *amor* dos inimigos faz verdadeiros filhos de Deos? Veja o que responde, pois na sua resposta lhe tirarei a sua duvida.

M. — Segundo o que tem dito, creio que sim.

D. — Então deve crer que faz verdadeiros herdeiros do seu Reino dos *Ceos*, porque se são filhos, são herdeiros: *Si filii*, & *haeredes*, como diz S. *Paulo*. *Rom*. 8. 17.

F. — Ora apanhe essa, e veja a que lhe sabe.

M. — Eu creio que he bom, e muito bom para a salvação o perdão das injurias, e amor dos inimigos, porem com licença dos senhores affirmarei, que não basta. Se elle só fosse bastante para eu me salvar, desde ja correria abraçar todos meus inimigos.

P. — Assim o deve fazer se com effeito quer ter certa a sua salvação, bem como a sua condemnação se o não fizer.

M. — Não pode fazer isso certo. A *Predestinação* certa ninguem a tem, nem julgo, que possa ter; e em quanto á condemnação tambem digo, que ninguem deve desesperar, porque na mesma hora da morte pode o peccador converter-se.

P. — Póde sim, porem costuma-se dizer nas aulas, que do *posse ad esse non valet illatio*, isto he, porque póde ser não se segue que com effeito assim succeda. Não succederá de certo em quanto no coração existir reconcentrado o odio. Porem tal materia nos levaria muito longe. Póde ser que alguma vez a desenvolvamos. Queira agora que levemos as cousas com methodo, e dizer-me se quer melhor, e mais seguro sinal de salvação, e por isso *Predestinação*, do que ser filho verdadeiro de Deos, mui semelhante a elle, e en-

trado na grande *Sociedade* de que Deos he o centro, membro do corpo de que J. C. he cabeça, e finalmente formando com elle huma só, e mesma unidade, qual temos visto?

M. — Sim, Senhor; he isto muito bom; porem se tiver outros peccados, como com elles entrarei no *Ceo*?

P. — Queira ter paciencia. Confessa, que tudo isto he bom, seguro, e verdadeiro sinal de *Predestinação*?

M. — Confesso sim, porem o peccado, como se perdoa?

P. — Deixemos o peccado. Huma vez que isto haja, temos certa a salvação. Não o póde negar. Ora J. C. nada mais exige para isso do que o *amor* dos inimigos. Elle diz: Amai aos inimigos, e sereis filhos do *Pai* Celestial. Logo huma vez qne haja este *amor* segue-se o promettido.

M. — Valha-me Deos, que me não entende!

P. — Entendo muito bem; e eu o satisfaço; mas quero que faça aqui huma reflexão, que confirmará o que temos ja dito, e he que tão interessante achou Deos este *amor* fraternal, tão necessario para a formação, e conservação desta grande *Sociedade*, e corporação divina achou este *amor* dos inimigos, e perdão das injurias, que pôz nelle a salvação de cada hum, bem como a condemnação daquelle, que o não tiver. Somente deste modo he que nós podemos entrar na divina economia, e entendermos o que J. C. disse a este respeito, cuja razão ignorará o *Theologo* superficial, que não chega a entrar neste fundo.

D. — Grande, alta, e sublime he esta sciencia da *Religião*!

P. — Supponha embora o Sr. M., que tem graves peccados, o que tem o devido *amor* fraternal, que o leva a perdoar a seus inimigos as injurias, e offensas. Que diremos neste caso? Eu affirmo, que elle tem sinal, e penhor de huma verdadeira, e certa *Predestinação*, que o assegura de sua salvação; e ainda direi, que nenhuma outra póde ter mais segura. Que grande prazer, e consolação para o homem neste mundo he vêr-se com sinaes de predestinado para o Ceo! Porem nenhum outro melhor. He o mesmo J. C. nosso Salvador, que o dá em breves palavras; mas taes que farão pasmar, e talvez vacillar ao que não entrar no conhecimento do que temos dito da união da grande *Sociedade*. *Ne quaeras aliam praedestinationem*, clama St.° *Eusebio Emisseno*, não procures outro algum sinal de *Predestinação*, ou penhor de tua salvação fóra deste; em breves palavras de J. C. consiste toda a *Predestinação* da vida, e da morte da salvação, ou condemnação: *In his enim ver-*

tis omnis vitae & mortis praedistinatio consistit. Mas que palavras?..

Ellas se deverão ouvir com pasmo, e admiração: *Dimittite, & dimittemeni. Luc. 6. 37.* Perdoai, e sereis perdoados. Quem tal presumiria ouvir da boca de J. C.? Quem não pensaria ouvi-lo dizer aos peccadores: Fazei rigorosas penitencias, mortificai a carne com jejuns, com disciplinas, com cilicios, orai, vigiai, &c. se quereis alcançar o perdão de vossos peccados? Porem nada disto. Elle só diz: Perdoai, e sereis perdoados: *Dimittite, & dimittemini.*

M. — Pois he possivel que com isso só entre no *Ceo* o que está carregado de peccados?

P. — Não entrará no *Ceo* algum carregado de peccados, nem J. C. diz isso; mas sim diz, que elles lhe serão perdoados se elle perdoar, para que então entre no *Ceo.*

M. — Porem supponha, que eu morro carregado de peccados de sensualidades, tendo perdoado as injurias, que meus inimigos me fizerão; que me dirá Deos? Hade fazer-me entrar no Ceo?

P. — Respondo que quando assim o não fizesse, Vm. o poderia executar pela palavra. Poderia dizer-lhe: *Senhor*, vós dissestes, que se eu perdoasse, seria perdoado: eu perdoei, logo devo ser perdoado: Se assim o não fazeis, se não desempenhais a palavra, eu hirei aos tormentos eternos, mas nelles vos accusarei eternamente de me enganardes, ou de não cumprirdes vossa palavra.

M. — Sendo assim vou-me perdoar, com seis centos.

F. — O' excommungado! Quer-se perdoar com seis centos?

P. — Que o he, não tenha duvida: porem entenda melhor estas cousas. Quando Vm. perdoe a seus inimigos as injurias feitas não apparecerá em juizo carregado de peccados, pois que antes da morte lhe dará Deos os auxilios das suas graças para que faça a devida penitencia, e mereça o perdão; e eis aqui como o hade entender.

D. — Eu assim o entendia; porem de qualquer sorte que seja, sempre he a mesma cousa. Quam grande he pois! A' vista disso acabo eu de entrar no fundo do Plano de J. C. na formação da grande *Sociedade*, attendendo sobre tudo, e pondo a salvação de cada hum na sua união, isto he, na unidade perfeita neste corpo, de que elle he cabeça, e que ligou com os laços de *amor*; amor delle, para a união com a cabeça, e *amor* do proximo para a união entre os membros do mesmo corpo. Eis aqui porque elle dis-

se que no *amor* seu sobre tudo, porque sobre tudo se deve amar a cabeça, e no *amor* do proximo, como a si mesmo, porque assim se devem amar os membros do corpo, existe toda a Lei, toda a *Religião*. Quam admiravel he isto!

P. — Nem mais nem menos. Entrou no fundo do *Plano.*

D. — Sr. M., nada sabe quem não sabe a *Religião*!

P. — Com esse conhecimento entenderáõ o muito que ainda nos resta a desenvolver em outras materias; mas vamos a concluir esta, vendo o modo com que J. C. assegurou o perdão de peccados, ao que perdoar as injurias, amando seus inimigos. De tal sorte garantio o perdão de peccados, e injurias suas no perdão das nossas injurias, que não quiz que de outra sorte lho pedissemos; do que se segue, que debalde se lhe pediria de outra sorte. Elle nos ensinou a orar, e nos disse o que devemos pedir nas breves palavras, que compoem a que chamamos *Oração Dominical*, porque foi este *Senhor* o seu Autor. Consta de sete petições; e a quinta em que pedimos o perdão dos peccados, he expressa, neste modo.

Dimitte nobis debita nostra, sicut & nos dimittimus debitoribus nostris. Math. 6. 12. Perdoai-nos as nossas dividas, assim como, ou do mesmo modo, que nós perdoamos aos nossos devedores. Em S. *Lucas* diz: *Dimitte nobis peccata nostra, siquidem & ipsi dimittimus omni debenti nobis.* 11. 4. Perdoai-nos nossos peccados, por quanto nós perdoamos a todos os que nos devem. He tudo o mesmo. Os peccados são dividas, que contrahimos com Deos, roubando-lhe a honra, e respeito, que lhe devemos; e dividas são as injurias, e offensas que nos fazem, roubando-nos a honra amor, e beneficencia, que nós devem nossos proximos. O sentido pois desta petição he este: Perdoai-nos, *Senhor*, as injurias, e offensas, que vos temos feito: bem como, ou do mesmo modo, *Sicut*, que nós perdoamos a nossos injuriadores, e offensores; ou por quanto, *Siquidem*, nós perdoamos a todos os que nos tem offendido.

Para que melhor o entendão supponhão, que hum rogava a Deos deste modo: Perdoai, *Senhor*, meus peccados, porque eu faço muitas penitencias, porque jejuo, eu me mortifico. Vède, *Senhor*, este corpo retalhado pelas disciplinas, vède o sangue, que corre &c., perdoai pois *Senhor*. Que faria? *Non parcam*, não perdoarei, nem te quero ouvir. Roga-me, que te perdòe, assim como tu perdòas. Se perdoas, perdòo Eu; se não perdòas, não perdoarei. Assim o pede, e não de outra sorte. »

D. — O desgraçado, que não perdôa, não pode recitar esta oração, porque se pragueja, e roga mal a si mesmo.

P. — Logo ponderaremos essa desgraça. Vós assim deveis orar, diz o *Salvador*, e não de outra sorte, porque: *Si enim dimiseritis hominibus peccata eorum*, se perdoardes aos homens, aos vossos proximos, os peccados, ou offensas, que vos fazem, *Dimittet & vobis Pater vester coelestis delicta vestra. Math.* 6. 14.; então vos perdoará vossos delictos, vossos peccados o vosso *Pai* celestial. Porem se vós não perdoardes a vossos offensores, estai certos, que tambem vos não perdoará vosso *Pai* celestial: *Si autem non dimiseritis hominibus peccata eorum, nec Pater vester dimittet vobis peccata vestra.* ℣. 15.

D. — He bem claro, e bem intimado o desengano!

P. — Quando fordes a orar, vêde se tendes alguma cousa contra alguin, e perdoai logo, diz em S. *Marcos*, para que vosso *Pai*, que está nos Ceos, vos perdôe vossos peccados: *Cum statis ad orandum, dimittite si quid habetis adversus aliquem, ut & Pater vester, qui in Coelis est, dimittat vobis peccata vestra. Marc.* 11. 25. Porem se o não fizerdes, nem vosso *Pai* vos perdoará: *Quód si non dimiseritis, nec Pater vester, qui in Coelis est, dimittet vobis peccata vestra.* ℣. 26. Sêde misericordiosos, diz em S. *Lucas*, assim como vosso *Pai* he misericordioso: *Estote misericordes, sicut Pater vester misericors est... Dimittite, & dimittemini. Luc.* 6. 36. Perdoai, e sereis perdoados. Por aquella medida, com que vós medirdes aos vossos proximos, por essa mesma sereis medidos, isto he, assim como tratardes a vossos inimigos, ou desejardes tratar, assim mesmo sereis tratados: *Eádem quippe mensura, qua mensi fueritis, remetietur vobis.* ℣. 38,

F. — Então tem entendido? Julgará assim a sua grande *alma* do mundo? Mas veja o desengano...

M. — Visto isso não tem a esperar o que não perdoa?

P. — Eu não sei dizer outra cousa mais. Nosso *Salvador* falla bem claro. Elle affirma bem positivamente, que não perdoará, a quem não perdoar. Na parabola do máo servo parece dizer ainda mais alguma cousa do que poderiamos julgar. Eu não aventurarei meus juizos, mas direi simplesmente o conteudo da parabola, e formaráõ o juizo que lhes parecer mais natural. Representa-se J. C. como hum *Senhor* de grande casa, que chama seus servos a contas. Chega hum que lhe devia dez mil talentos; que nada tendo, com que lhe po-

desse satisfazer, he mandado ser executado em sua propria pessoa; porem este arrojando-se a seus pes, pede espera, promettendo satisfazer-lhe toda a sua divida. Compadecido o bom Senhor lhe faz mais do que podia esperar, pois que não só o deixa livre, mais ainda lhe perdoa toda a divida: *Misertus autem dominus servi illius, dimisit eum, & debitum dimisit ei. Math.* 18. 27.

Não fez assim este desapiedado servo para com aquelles, que lhe devião; pois sahindo dalli, e encontrando hum que lhe devia cem dinheiros, que lhe pedia espera, o fez metter no carcere, obrigando-o sem piedade a pagar-lhe. Sabe disto o Senhor, e lhe diz: *Serve nequam*, máo servo, eu perdoei-te toda a divida, porque me compadeci de ti; e tu não te compadeces dos teus conservos, assim como eu me compadeci de ti? Irado contra elle o entrega a verdugos para o atormentarem até que pagasse toda a divida. *Tradidit eum tortoribus; quoadusque redderet universum debitum.* ℣. 34. Oução agora o que accrescenta na explicação da parabola: *Sic & Pater meus coelestis faciet vobis, si non remiseritis unusquisque fratri suo de cordibus vestris.* ℣. 35. Assim vos fará meu Pai, senão perdoardes do coração a vossos inimigos.

D. — O que ha que notar he que tendo ja perdoado a divida, revogou o perdão. Fará sem duvida o mesmo nos que não perdóão a seus inimigos?

P. — Nada mais accrescento á parabola, nem intento entrar nos Juizos de Deos; porem elle affirma, que assim mesmo o fará como nella se contem; e não sei se em toda a sua extensão. Sei sim, que nenhum mais desgraçado estado do que o do miseravel vingativo, e odiento.

M. — Visto isso he necessario perdoar mesmo de coração?

D. — Pois que pensa! *De cordibus vestris.*

F. — O que eu creio he, que a grande salvagem do mundo he bem raivosa, pois todos os que nella creem, que são todos os Incredulos, que são *Atheos*, são raivosos como cães danados. Eu os arrenego! Deos me livre delles, e os ponha na ilha das cobras, pois são peiores do que ellas.

P. — Por força do que temos dito concluiremos, que nada peior do que os odios, e vinganças. O desgraçado que os reconcentra no coração tem nelles a sua reprovação eterna. Nelle se verifica aquillo do *Psalmista*, que de outra sorte seria inintelligivel: *Oratio ejus fiat in peccatum. Psal* 108. 7.; a sua oração he hum peccado. Elle na oração dirá: Perdoai,

Senhor minhas dividas, meus peccados, assim como eu perdôo aos meus offensores. Logo que elle não perdoa, pede a Deos, que lhe não perdoe; está pedindo a sua condemnação! Pode dar-se maior desgraça, mais fatal estado?

M. — Basta, P.; nada mais me he necessario, verifica-se. . .

P. — Deverá ouvir ainda mais alguma cousa para acabar de se verificar o que chama prodigio. Ainda tem o amor dos inimigos, o perdão das offensas como a oração por elles, que podemos chamar caridade perfeita, alguma cousa mui singular, pois que

Abre o Ceo, e faz nelle entrar.

Eu não fallarei mais que do Porto-Matyr St.° *Estevão*; e na sua historia veremos tudo, pois que ella nos mostra, e põe em pleno dia, o que he, e faz o *amor* dos inimigos. Entrarão certos *Judeos* em disputas com este St.° *Diacono*, que os Apostolos havião ordenado; porem o *Espirito Santo*, que nelle fallava, os confundia. A raiva, o odio, e a vingança se apossão delles, e o denuncião, e accuzão de blasphemo contra Deos. Junta-se o conselho *Judaico*, e preso he posto no meio *Estevão*; porem elle não parece homem, mas sim *Anjo*, pois como de *Anjo* brilhava seu rosto: *Viderunt faciem ejus tanquam faciem Angeli. Act. Ap.* 6. 15.

D'onde porem lhe viria hum tal favor, e excellencia tão particular? Eu affirmarei, que a mereceo por sua Angelica, e excelsa caridade, e amor para com seus inimigos, que rangião os dentes, como feras, de furor, e raivoso frenesi: *Stridebant dentibus in eum.* d.° 7. 5. Onde a conhecemos? Apparece bem clara no principio do discurso, que lhes fez: *Viri fratres, & patres*, ỳ. 2.; meus irmãos, e meus pais! taes os nomes, porque os appellida! Seus inimigos, estavão sequiosos de seu sangue, bramindo, e rugindo de furia; e elle tão pacifico, tão caridoso, tratando-os de irmãos, e pais! Isto não he homem. *Estevão* não he homem, mas sim Anjo: *Viderunt faciem ejus tanquam faciem Angeli.* Porem não he tudo.

Arrojão-se a este mansissimo cordeiro aquellas feras, ou bestas ferozes, e arrebatado ao campo, despedem sobre elle hum chuveiro de pedras. Eu vejo os *Ceos* abertos, exclama o St. Martyr, e a Jesus assentado á dextra de Deos *Padre*: *Ecce video Coelos apertos, & Filium hominis stantem a dextris Dei.* ỳ. 55. E que? Não entra? Os *Ceos* estão

F*

abertos, e promptos a recebe-lo; o *Salvador* o espera; as pedras chovem sobre elle despedidas como raios pela furia, e raiva. Ainda não entra? Alguma cousa falta. Talvez a oração para ser recebido. Elle a faz: *Domine Jesu suscipe spiritum meum.* ℣. 58. *Senhor* JESUS recebei o meu espirito, dizia repetidas vezes; porem ainda não; outra cousa lhe falta, que demora esta entrada, e recebimento desejado, e pedido no entanto que as pedras chovião sobre elle.

D. — Que podia faltar? Elle ja tinha o *Ceo* aberto, e ja gosava a vista da gloria de DEOS, e não entrava! Caso admiravel! Qualquer das pedradas lhe devia tirar a vida, e faze-lo voar a elle.

P. — Porem alguma cousa faltava, e o *Ceo* posto que aberto, e prompto a recebe-lo, a esperava. Ella lhe occorre; elle se prostra de joelhos, e levanta grande voz, e grande clamor: *Positis autem genibus, clamavit voce magna, dicens.* Que diz? Será por ventura: SENHOR desprendei ja meu espirito, para que vôe a vós? Livrai-me ja de tantas dores, e penas? Não: *Domine*, diz em grande clamor, *ne statuas illis hoc peccatum*; *Senhor*, perdoai a meus inimigos encarniçados este peccado. Agora sim; isto faltava. *Et cum hoc dixisset, obdormivit in Domino.* ℣. 59. Logo que isto disse immediatamente subio ao *Ceo*.

D. — Não o poderia dizer melhor! Têmos conhecido a fundo o que he o amor dos inimigos. Que lhe parece, Sr. M.? Será para desejar ter occasiões de conseguir tal premio?

M. — Responderei com minhas obras. Não me tomará o sono sem que esteja reconciliado com todos meus inimigos. Somente tenho a sentir, que apezar dos meus desejos o coração repugne algum tanto. Por desgraça, P., obstará isto?

P. — De nenhuma sorte; antes augmentará o merecimento do sacrificio, que intenta fazer.

F. — Elle deve perdoar de todo o coração, e não sentir. . .

P. — Cále-se; que não entende. As repugnancias do coração são as que chamamos tentações, que apezar de o serem, não são peccados, quando não vencem, e arrastão a vontade. Estas tentações nem sempre se podem arrancar do coração; são appetites carnaes, sensualidades carnaes, de que o homem nem sempre se podé despojar, nem tem o coração na mão para arrancar as más raizes. Porem tem sim a seu arbirrio o ceder, ou vencer a essas sensualidades, ou appetites carnaes, obrando conforme elles, ou resistindo.

M. — Porem J. C. disse, que era necessario perdoar de cora-

ção; e eu sinto nelle má vontade, que não sei como possa arrancar, e fazer nelle radicar o *amor*.

P. — Se Vm. não póde, não está obrigado, nem por isso será culpado, e responsavel. Porem diga-me: Quer, e deseja perdoar a seus inimigos, e offensores?

M. — De todo o coração o quero, e desejo.

P. — Que mais claro o quer? Se de todo o coração o quer e deseja, ahi tem o perdão de todo o coração.

M. — Porem sinto nelle certos resaibos...

P. — Nada importão esses resaibos, e não servem mais que para lhe augmentar o merecimento. Somente Deos os poderá arrancar, quando for servido, pondo de sua parte o que está em sua mão. Não são culpas, e peccados os sentimentos, mas sim os consentimentos da parte da vontade livre. Sente o homem ordinariamente duas vontades; huma que chamamos de concupiscencia, e outra livre, e intellectual. A primeira he filha da natureza sensual, e carnal; porem não he nesta que se consumma o peccado. Na segunda, que he filha da alma, verdadeiramente voluntaria, he onde se dá a culpa, ou o merecimento, e a virtude. Terá Vm. hum encontro com hum seu inimigo; e seu coração se inquieta, ferve em colera, clama, insta pela vingança, a mão puxa para a espada; porem sua alma se reveste de bons sentimentos, e diz: Não quero. Chega a seu inimigo, dá-lhe o osculo de paz, abraça-o... Que sacrificio! Se o faz por *amor* de Deos; que premio terá! No *Ceo* se lhe prepara a coroa, e seu nome he escrito no livro da vida.

M. — Basta, P., tenho entendido; ja me ferve o coração por me ver com meus inimigos.

D. — Obrou-se o prodigio! Não menos em mim, que á força hei de abrandar este coração.

F. — Deixe-o estar como está, ou faça-o mais forte para os Jans..

P. — Visto que temos a tarde concluida, concluamos tambem nossa *Palestra*. Porem nós não temos dado na raiz desta má arvore, e temos andado pela sua rama. He necessario descer á raiz, descubri-la, e arranca-la. Quando nós esta ultima conseguissemos, não teriamos a temer odios, iras, e vinganças: unida, bem ligada, e apertada na mais estreita unidade, ficaria a grande *Sociedade*, que forma o *Corpo* de J. C. com esta sua Cabeça, gosando de hum perfeito descanço, e perfeita paz tão desejada.

D. — Que diabolica raiz he essa, P.?

P. — *Soberba*, *soberba*, a maldita *soberba*; de que Deos nos livre. Para o que peçamos-lhe a benção, e áquella *Senhora*, que sendo a Rainha dos *Ceos* teve por virtude carecteristica a santa *Humildade*; e amanhã cavaremos para descubri-la, e arranca-la.

PALESTRA SEGUNDA.

Soberba.

PALESTRANTES.

Parocho, *Atheo*, *Deista*, e *Freguez*.

Introducção.

Deista — Queira lançar-nos a sua benção, nosso pai, como a humildes filhos, que muito estimão, que passasse de saude sem má novidade.

Parocho — Eu os felicito com os mesmos sentimentos. DEOS os faça verdadeiros humildes; o que he a melhor benção, que lhes posso dar, ou desejar.

D. — Nós a recebemos agradecidos.

Freguez — Menos o Sr. *Atheo*, que nada quer de humildade; pelo que julgo ser muito soberba a sua grande alma do mundo.

D. — O Sr. A. tem hoje a sua vez; e parece que está com a soberba, como ontem esteve com o amor dos inimigos o Sr. *Materialista*. Se succeder o mesmo prodigio.. !

P. — Eu com isso conto, confiando muito na graça do *Senhor*, que nos hade ajudar, e abrandar a dureza dos corações.

Atheo — Eu não amo a *soberba*, antes sim aborreço a *soberba*, e soberbos; e por isso posso advogar esta causa, pois que não sou soberbo... Eu julgo que meu dito não deve provocar a riso.

D. — Queira perdoar, Sr. At; eu ri-me, porque vi hum sorriso no Sr. Ab.; e porque no seu modo, e estilo me parece mostrar o contrario do que diz.

A. — E que? Acha por ventura, que sou soberbo?

D. — Acho que nada menos. Mas queira continuar.

A. — Eu não me tenho nessa conta; e ninguem me conhece melhor do que eu mesmo; que vejo o que vai no meu coração. Aborreço a *soberba*, torno a dizer, porem com licença do Sr. Ab., não amo aquillo a que se dá o nome de humildade, que mais merece o nome de hypochrisia, e fanatismo. He isto o que farei evidente, visto que tenho de sustentar a *Palestra*; e presumo, que facilmente concordaremos.

P. — Eu assim o espero, mas não do modo que diz, e pensa. Vejo que está mui longe do conhecimento da *soberba*, e de si mesmo. Eu tambem peço perdão do meu imprudente sorriso, que me he natural em tal respeito, vendo confirmado aquelle rifão, que he geral em todas as Nações: *Ninguem se conhece a si mesmo.* Não se queira offender, porque eu tambem não me exceptuo desta regra. *Nosce teipsum*, dizião ainda os Philosophos *Pagãos*: conhece-te a ti mesmo, e conseguirás huma grande sciencia. Porem quem a conseguirá? Nenhuma outra mais difficil. Eu contudo porei hum espelho têrso, em que o Sr. At. se veja por esta face, e então conhecerá, que todos somos soberbos, mais ou menos, desta ou daquella sorte; mas por ora devemos saber o que he *soberba*, e progredirmos alguns passos neste conhecimento, para vermos que a *Soberba* perde o homem, perde o mundo, e he a causa não só dos males, que de presente sofremos, mas ainda de todos os que se tem sofrido em todo o mundo, e em todos os tempos.

Definição da Soberba.

D. — Visto isso he a Soberba o maior vicio, e maior peccado.

P. — Ella he o vicio dos vicios, porque he a raiz de todos elles; he o mal de todos os males, porque he a causa de todos. He o grande monstro, horrivel, e espantosa fera, que a todos dá a morte. Ella derribou das cadeiras celestes aos espiritos, ou anjos rebeldes, arrojou fóra do Paraiso terrestre a nossos primeiros pais, e por consequencia a todo o genero humano, que he sua descendencia, fez-se hereditaria em toda ella, e originou todos os males que alagão todo o mundo. Ella tem perdido, e perde os Imperios, os Reinos, e as Nações. Ella faz as revoluções, as heresias, e os Scismas; e finalmente ella he o maior inimigo, que tem a nossa grande *Sociedade*, que continua a fazer a materia das nossas *Palestras*.

D. — Tambem deve de ser a causa dos odios, e vinganças.

P. — Nenhuma outra ha: porem devo mostrar as razões, em que fundamento estas verdades, definindo a *Soberba*.

A. — Veja como o faz, porque eu tenho de me oppôr com razões fortes á primeira, que mencionou, em que me abre a porta para grandes questões.

P. — Eu a sustentarei, e responderei. Na mesma palavra *Soberba* temos a sua definição: e della verão, que esta serpente infernal não só se esconde, e acommette entre bosques, e çarças, mas ainda serpenteia, e morde entre flores; quero dizer, não só levanta o colo nos palacios, nas grandezas, riquezas, e nas vãas glorias, e vaidades mundanas, mas ainda nas choupanas, na pobreza, na miseria, e ainda na cinza, no cilicio, e debaixo do mesmo burel, isto he, na mesma virtude, capeando-se talvez com as suas formosas cores para encubrir, e disfarçar sua enorme fealdade. Conhecerão em fim, que não ha quem se possa ao menos julgar livre do pestifero, e venenoso halito deste monstro infernal.

Tem a palavra *Soberba* a sua origem em duas latinas, que a compõe, que são a preposição *super*, e o verbo *volo*, ou *eo*. *Superbus*, diz St.° *Izidoro* no seu livro das *Etymologias*, *superbus dictus est*, *quia super vult videri*, *quàm est*; *& superbire dicitur quasi super-ire*. Diz-se soberbo porque quer parecer mais do que he, hir acima do que he, e sobremontar a seu estado, e condição, sotopondo a seus irmãos.

D. — Sendo assim todos são soberbos.

P. — Não façamos injuria a todos sem excepção dos Santos; porem a todos acommettem estes halitos pestiferos, que pela maior parte esvaecem a cabeça. Daqui procede o amor proprio, filho querido desta mãi infernal, que infallivelmente o gera, e põe á luz; e ambos mancommunados causão os males que choramos. Entenderemos porem huma e outro pela só palavra *Soberba*.

D. — Julgo, que a inveja, o odio, a vingança, a ira, e outras tambem pertencem á mesma classe.

P. — Não ha duvida; e ainda todos os mais vicios, que causão todos os males, que eu não posso mencionar, se não pelo desenvolvimento deste maldito vicio. A tudo daremos o verdadeiro nome de *soberba*, ou porque na realidade o he, ou porque nella lança suas raizes,

A. — Muitos vicios ha, que nem são *soberba*, nem nella lanção raizes, como são os sensuaes, e alguns outros.

P. — Está em opposição com o sagrado *Texto*, que diz: *Ini-*

tium omnis peccati est superbia. Eccl. 10. 15. O principio de todo o peccado he a *soberba*. Não consintas jamais, que domine em teu coração, nem em tua boca a *Soberba*, recommendava *Tobias* a seu filho: *Superbiam nunquam in tuo sensu, aut in tuo verbo dominari permittas*. E porque? *In ipsa enim initium sumpsit omnis perditio. Tob.* 4. 14. Porque na *Soberba* teve principio toda a perdição. He isto o que devemos ver bem claro, e pôr evidente sem contradicção.

A. — Eu não ignoro, que allude ao peccado, e prevaricação dos *Anjos* apostatas. Porem, P., eu tenho notado que em nossas longas *Disputas*, e ainda nestas *Palestras* nada tem dito dos máos *Anjos*; do que tenho entendido, que esta crença de *Demonios*, qual a tem a *Religião Catholica*, he insustentavel, ou não se estriba em documentos incontestaveis.

P. — Eu nada tenho dito a esse respeito, porque nem o exigirão, nem as materias disputadas o permittião. Farei agora o que não tenho feito. Diga o que quer controverter a esse respeito, porque eu sustentarei a santa crença em todos os respeitos.

A. — Quer o Sr. Ab. dizer com o *Texto*, que os Anjos máos peccarão por *Soberba*. Eu tanto o nego quanto nego a sua existencia, pois não são outros que os fabulosos genias do *Paganismo*.

P. — Eu provo a verdade da crença *Catholica* relativa á

Existencia dos máos Anjos.

D. — Eu julgo desnecessaria esta questão, Sr. At. Consta a sua existencia dos sagrados Livros a cada passo.

A. — Vm. não ignora, o que dizem a este respeito os nossos Incredulos. Eu quero tirar-me de todas as duvidas. Elles affirmão, que os *Judeos* tirarão esta crença dos *Caldeos*. Eu quero saber d'onde estes a tirarão, sendo assim.

P. — O Sr. At. ainda se não inteirou de que nos Incredulos não ha mais que hum vil, e abjecto pedantismo, e eu estimo a questão para lho fazer bem palpavel. Que os *Judeos* tiverão a crença que formava a *Religião Natural* da *Caldea*, ou *Caldeos*, concedo, porque dahi sahio *Abrahão*, e ahi viveo *Noé*, e seus filhos. Eu entendo muito bem, que elles alludem ao cativeiro de *Babylonia* na *Caldea*; porem ahi temos claro o seu pedantismo, porque muito antes deste cativeiro, que não teve lugar se não muitos seculos depois de *Moyses*, ja os *Judeos* tinhão a mesma cren-

ça, que depois tiverão. Os nossos vis charlatães fazem bulha com seus mesmos pedantismos, e sandices vergonhosas. Elles tem triunfado, mas somente pela ignorancia da Nação, que sempre lamentarei, como causa de tantos males.

No livro de *Job*, que muitos julgão contemporaneo de *Abrahão*, temos esta crença dos *Demonios* bem como agora tem a Igreja Catholica. Não menos *Moyses* no *Levitico*, e *Deutoronomio*, *David*, nos *Psalmos* &c. onde vemos que tão radicada estava esta crença dos *Demonios* entre todas as Nações descendentes de *Noé* na mesma Lei, ou *Religião Natural*, que lhes offerecião sacrificios, chegarão ainda a sacrificar-lhes seus filhos. Eu desafiarei a todos a que me mostrem huma só Nação por mais barbara que seja, que não tenha a crença dos *Demonios* com o nome de máos espiritos, ou máos genios, não fabulosos, mas verdadeiros.

D. — Esse he o argumento incontestavel de ser crença da *Religião Natural* primitiva, e anteluviana.

P. — Confesso, que tem havido diversas opiniões em quanto á sua natureza, e condição, a que talvez deo origem o apocrypho livro de *Enoch*; porem ellas nada nos interessão, ainda confirmão a geral crença, que vemos bem clara nos *Evangelhos*, confirmada por J. C. com doutrinas, palavras, e obras como tambem nas *Cartas* dos *Apostolos* que a cada passo encontramos, e cujos textos julgo desnecessario referir.

A. — Porem não consta claramente qual fosse o seu peccado. Eu creio, que se servirá das palavras de *Isaias. cap.* 14. que falla de *Lucifer*, pertendendo semelhanças, e igualdades com Deos: *Similis ero Altissimo.* ℣. 14; porem não ignora, que os Expositores o applicão a *Nabuchodonosor* soberbo Rei de *Babylonia*.

P. — Não ignoro, que apezar de assim o quererem entender no sentido natural, todos convem, em que o *Propheta* alludio ao principal dos máos Anjos; nem os Santos *Padres* o entendem de outra sorte. Porem nada nos importa essa applicação, quando temos bem claro o Dogma, que nos propõe a *Igreja*. Sabemos que são espiritos, que forão creados em graça, e alta dignidade: *Angelos, qui non servaverunt suum principatum, sed dereliquerunt suum domicilium in judicium magni diei, vinculis aeternis. . . reservari. Jud.* 6. Aqui temos *Anjos*, que não conservarão o seu principado, a sua dignidade, e forão obrigados a deixar a sua morada, em prisões eternas reservados ainda para o

juizo do grande dia. Não perdoou Deos aos *Anjos*, que peccarão, affirma S. *Pedro*, mas os entregou ás prisões do inferno para serem atormentados: *Angelis peccantibus non pepercit Deus, sed rudentibus inferni detractos tradidit cruciandos. 2. Petr. 2. 4.*

A. — Porem a crença Catholica os faz ambulantes no mundo, e tentadores dos homens.

P. — E como não, se assim o vemos bem expresso nas sagradas Letras principalmente nos *Evangelhos*, e *Cartas* dos *Apostolos*? A mesma he a crença de todas as Nações do mundo.

A. — Porem S. *Pedro* affirma que forão condemnados ás prisões do inferno, como acaba de dizer; como pois andão por este mundo!

P. — E tambem affirma, que andão como leões raivosos no mundo, procurando a quem devorem: *Adversarius vester diabolus tanquam leo rugiens circuit, quaerens quem devoret.* 1. *Petr.* 5. 8. O mesmo nos diz J. C. em varias partes; dá-lhes o nome de principe, e forte armado; e S. *Paulo* de principes, e potestades das trevas deste mundo, isto he, dos mundanos, que andão em trevas, e sobre quem elles tomão dominio, como que se sugeitão ao seu imperio.

D. — Não poderemos saber a razão porque assim o permittio Deos? Eu me lembro, que ja mostrou ser necessaria a tentação nos nossos primeiros pais.

P. — As mesmas razões militão em quanto á sua descendencia. Suas tentações servem para exercitar o homem na virtude. A sua ascendencia sobre o genero humano lhes veio da conquista, que fizerão sobre nossos primeiros pais. Pelo texto de S *Pedro* podemos entender, que elles ou no inferno, ou fóra delle padecem continuamente a pena de seu peccado. Porem somente nos pertence saber qual foi o seu peccado. A crença geral, ainda que não faz Dogma, diz que foi a *soberba.* Qualquer que elle fosse, ou as pertenções de igualdades com Deos, ou o amor proprio, e vaidade de suas excellencias, esquecendo-se de que de Deos as tinhão, recusando-lhe os devidos respeitos, ou a inveja das excellencias do homem, como alguns outros dizem, em todo o caso foi *soberba.* Nós teremos ainda occasião de fallarmos sobre o bem, que Deos tirou deste mal, por meio das tentações.

D. — He contudo arduo para crer, que elles peccassem estando na gloria gosando da vista de Deos!

P. — Porem nada o obriga a crer, que elles quando peccarão, gosavão da vista de Deos, ou da perfeita gloria, de que de-

pois gosarão os bons *Anjos*, que pela perseverança, e ainda merecimento se fizerão dignos, e se sanctificarão na graça. He isto o que devemos pensar a tal respeito. Forão todos os espiritos celestes creados em tal estado, que podião merecer, ou desmerecer, assim como o homem, posto que em differente, e mais alto estado, como espiritos sem corpo. Qual elle fosse, nem DEOS o revelou, nem nós temos necessidade de o saber. Neste estado he que devemos suppor o seu peccado, qualquer que elle fosse; conservando-se outros, e merecendo a sanctificação.

D. — Parece-lhe por ventura certo, que todos os entes intelligentes forão creados em estado de merecimento? Por ventura os *Serafins*, *Archanjos*, ou *Querubins*, que me parecem ser os mais elevados, não serião creados logo no goso perfeito da gloria?

P. — Eu creio, que não, pois *Lucifer* sem duvida foi dessas mais elevadas jerarchias, e contudo vemos, que desmereceo. Como assim, teve o estado de merecimento, de que decahio; o que não seria assim se fosse creado de tal sorte glorioso, que não pudesse desmerecer, e por consequencia merecer. Como nada vemos a tal respeito nas divinas *Escrituras*, pode cada hum pensar como quizer; porem eu estou persuadido, que o Plano divino foi não conceder sua gloria sem preceder merecimento qualquer que elle fosse, e eu ignoro. He certo que hum *Bemaventurado*, que gosa da perfeita gloria no *Ceo*, jamais poderá peccar. Quando della fallarmos melhor o verão. Ignoro tambem o tempo a que se estendeo este estado de merecimento, até que entrarão, os, que perseverarão, na perfeita fruição da gloria.

Que foi a *soberba*, alem da crença commum parece o mostrão os textos citados: *Initium omnis peccati superbia.* Ella não só he o principio de qualquer peccado, mas ainda o he em geral como primeiro de todos. Mais claramente o diz *Tobias*: *In ipsa enim initium sumpsit omnis perditio.* Se toda a perdição teve seu principio, e origem na *soberba*, segue-se que a dos Demonios a teve nella.

Não nos deixa duvida alguma a inveja, que teve da felicidade do homem posto no *Paraiso*, pois não ignoramos, que não se pode dar inveja sem *soberba*. Eis aqui nos diz a *Sabedoria* divina: *Deus creavit hominem inexterminabilem.* Deos creou o homem immortal na alma, e ainda no corpo. Pela inveja do Diabo a morte entrou em todo o genero humano: *Invidia autem diaboli mors intravit in orbem terra-*

rum. Sap. 2. 24. He por isto que J. C. diz que elle he homicida desde o principio: *Ille homicida erat ab initio. Joan.* 8. 44.

D. — Ahi temos bem claramente, que a serpente não foi outra cousa que o mesmo Diabo.

P. — Apenas os Incredulos o poderáõ negar. Não só foi a soberba que perdeo os máos Anjos, mas ainda perdeo nossos primeiros pais, tem perdido, e vai perdendo na maior parte o genero humano. A serpente infernal achou, que nenhuma outra melhor tentação para sahir bem da empresa, que tomara, do que esta mesma, que a elle havia perdido. Talvez que observando as nobres condições do homem, não pudesse entrar por outra parte, servindo-se dellas para o tentar.

A. — Porem parece, que elle não tentou o homem; e ignoro porque tentou a mulher.

F. — Porque a mulher era, e he mais falladeira, mais amiga de dar á tramella da lingoa, e curiosa; o que era necessario para lhe dar trela.

D. — Essa razão parece satisfazer; e tem lugar.

P. — Pelo menos mostrou bem sua astucia a serpente infernal. Eu creio, que não tentou o homem, porque o temeo, e presumio não sahir bem da empresa. Avançou á mulher, que achou mais facil quaesquer que fossem as razões por onde o conheceo.

A. — Debalde seria a queda da mulher, se não envolvesse nella o homem como parte principal.

P. — Eu assim o creio, e não me admiro, que elle o não tentasse, por isso mesmo, qne entendeo, que para fazer cahir o homem na tentação, nenhum mais proprio do que a mulher; e se julgou muito inferior a ella, se assim mo permittem dizer.

F. — Ora tome-se com aquella! Esse Demonão, que o devia ser dos maiores, julgou que a mulher ainda o era maior; e não se enganou.

D. — Devem ellas mandar-lhe hum bom presente.

P. — Podem contudo lisongear-se em outra grande *Mulher*, que tão grande na humildade, e muito mais do que esta o foi na *Soberba*, nos trouxe o remedio dos males, que aquella nos causou.

Soberba de Adão, e Eva.

F. — Eu pensava, P., que *Eva* peccou pela gula.

P. — Não foi outro seu peccado se não a *soberba.* He verdade, que o *Texto* diz, que ella vendo o fructo da arvore lhe pareceo appetitoso, formoso, e deleitavel, proprio para bom gosto, porem da tentação he que devemos conhecer o peccado. Não lhe disse o Demonio: Comei deste fruto, porque he bello, e de exquisito gosto; mas sim: comei porque sereis como Deoses, conhecendo o bem, e o mal: *Eritis sicut dii, scientes bonum, & malum. Gen.* 3. 5. Bem o mostra ainda o *Texto*, quando faz dizer a Deos: *Ecce Adam quasi unus ex nobis, sciens bonum & malum.* ℣. 22. Aqui temos Adão cuberto de pelles, que pertendeo ser como hum de Nós, conhecendo o bem, e o mal.

Eis aqui este *Eritis sicut dii*, sereis como Deos, a perdição dos máos *Anjos*, e a perdição do genero humano, e eis aqui o peccado daquelles feito neste hereditario. Eis aqui ainda a verdadeira *Soberba.* Virão-se os *Anjos* no cume da maior gloria, das maiores felicidades, e se esvaecerão: não se derão por satisfeitos; querem mais, e mais; e não desejão menos, que a igualdade com Deos *Altissimo.* Virão-se nossos primeiros pais no Paraiso terrestre, em que nada lhes faltava para sua completa felicidade, não se derão por satisfeitos; quizerão hir mais acima, *superire*, e nada menos pertenderão que igualdades com Deos: *Eritis sicut dii.* Elles imitão aos máos *Anjos*, que os instigão ás mesmas pertenções, delles são vencidos, e nelles adquirem grande dominio. Daqui entendemos, o que nos dizem os Sagrados *Livros* relativamente ao poder, que os Demonios exercem no mundo sobre o genero humano, que de outra sorte não se poderia entender.

Contudo o mal não seria tão grande se a maldita *Soberba* ahi parasse; mas a desgraça he que passa a ser como hereditaria em toda a descendencia destes primeiros soberbos pais. Debalde Deos lhes diz: *Pulvis es, & in pulverem reverteris*; és pó, e em pó serás tornado. Debalde os enche, e carrega de miserias; ja mais deixarão de querer hir acima, *superire*, e quanto mais subirem, mais querem subir, até ás igualdades com Deos: *Eritis sicut dii*, até serem huns deoses na terra.

F. — Ainda que sejão huns miseraveis farroupilhas, hão de pertender pelo menos ser Reis na terra.

D. — He huma verdade bem clara, e observada em todos; e julgo, que não ha quem não queira subir sempre acima; o que vejo ser verdadeira *Soberba.*

F. — Não só hir acima, mas subir sobre os outros seus semelhantes, calcando-os, e espesinhando-os.

P. — Paremos aqui hum pouco para darmos hum golpe de vista ás belezas, não só da *Religião* de J. C., mas ainda de suas infinitas dignações, e bondades para com o homem, bem dignas de nossas admirações, que nos deverião confundir pelas nossas ingratidões. Juntamente apresentarei ao Sr. At. hum espelho, em que se veja, e observe se com effeito não he soberbo.

Satisfaz Deos a Soberba do homem.

Peccão os Anjos pelas pertenções de serem como Deos; peccão os homens por intentarem, e sempre desejarem ser como Deos, ou mais desta, ou daquella sorte. Tentação, e paixão infernal! Por mais miseravel que seja a ninguem quer assim parecer; o coração se intumece, e quer assim não parecer homem; quer ser como Deos! Lá subirá; e então mais se entumece, e mais se envergonha de parecer homem; aperta-se-lhe o coração, e não socega em quanto se não vir superior a tudo, e nem ao mesmo Deos se quer sugeitar, pois que elle mesmo o quer ser. Que faria Deos para rebabater esta intumecencia!

Elle vê, que os Anjos se perderão por quererem ser semelhantes a elle: vê, que o mesmo succede aos homens. Elle resolve satisfazer esta paixão sem peccado. Faz-se Homem, e exemplar tal, que os homens possão aspirar, e com effeito fazer-se semelhantes a elle sem peccado, antes com muito merecimento. Elle como que diz: » Homens, os desejos, que tendes de serdes semelhantes a mim, vos perdem, pois que o intentais, e desejais pela *Soberba*, que o soberbo espirito máo vomita nos vossos corações. Eu satisfarei essa tentação, e paixão; vede o meio. »

Elle encobre os raios de sua gloria, e o esplendor de sua Magestade; ahi se vem encerrar o Immenso no estreito espaço do ventre de huma Virgem; delle passa ao pobre albergue de hum presepe entre brutos animaes. Nada nelle apparece, que não seja humano, e que o homem possa invejar, que não possa com prazer imitar. Sua vida pelo espaço de trinta annos he occulta. Elle apparece, mas de hum mo-

do sempre humano. Se elle obra alguns prodigios o faz com repugnancia; porem esse mesmo dom não nega ao homem; antes, como ja vimos, os seus imitadores os fizerão, e ainda fazem a milhares.

Vejamos no que sobre tudo elle se deo por exemplar no que he tudo a inverso da *Soberba*, isto he, da *humildade*, em que devemos ser semelhantes a elle. Porem como para o expor seria necessario fazer a extensa historia de sua vida, rogo-lhes, queirão lembrar-se de toda ella.

F. — Eu o faço, P., pelo que sei dos meus livrinhos. *O Senhor*, sendo verdadeiro Deos, quiz em sua vida mortal, não appparecer mais que verdadeiro *Homem*, e mesmo se chamava o *Filho* do homem, sendo verdadeiro *Filho* de Deos. Quiz ser circumcidado; e logo que quiz sahir a prégar, correo a hum homem para o baptizar no *jordão*, como se fosse peccador. Elle se associou Discipulos d'entre gente humilde, ignorante, e desprezivel, e vivia bem como hum delles; como elles descalço, como elles vestido, como elles soffrendo os rigores dos tempos, e mais do que elles sofrendo trabalhos, e sobre tudo as injurias, os desprezos, as offensas, as contumelias, e tudo quanto lhe quizerão dizer, e fazer os *Judeos*, ainda os mais *Rabbinos*.

Notem bem, e aprendão, se o não sabem, como creio. Não houve injuria, que lhe não dissessem. Elles o tratavão de embusteiro, seductor do povo, revolucionario, sedicioso, comedor, e bebedor, pois que comia, e bebia com os peccadores; tratarão-no de blasphemo, de endemoninhado, no divino rosto lhe disserão, que fazia prodigios em nome, e pacto com *Beelzebú* principe dos Demonios, e até que tinha em si o Demonio. A tudo calou o mansissimo *Cordeiro*, não abrindo sua boca se não para lhes dar boas palavras.

Que direi agora do que sofreo em sua paixão? Elle a principiou pelo osculo do traidor *Judas*, a quem ainda chamou amigo. Elle foi preso como hum ladrão, e insigne malfeitor; as bofetadas entrarão logo a ferver sobre aquelle divino Rosto, que faz no *Ceo* a gloria dos *Bemaventurados*; não se podem dizer as injurias que sofreo naquella noite. Elle foi ludibriado com a rota purpura, e escarnecido pelo exercito de *Herodes*. Elle foi açoutado como o mais vil escravo, e preso a huma... ! Ai meu amante Jesus, que se me tolhem as palavras! Elle foi....

P. — Basta; pois que ninguem ignora o mais.

D. — Vejamo-nos, Sr. At., áquelle espêlho, e digamos que não

somos *soberbos*! Bem diz, Sr. Ab., que J. C. he hum claro, e tèrso espêlho, para conhecermos á vista delle a nossa *Soberba*. E quem haverá que imite a este *Senhor* na sua humildade, procure, e deseje ser semelhante a elle?

P. — Alguns tem havido, e ainda ha, como temos visto nos *Martyres*, e em outros muitos que procurão estas semelhanças com Deos, tomando-o por seu exemplar. Não forão em vão estes prodigios de humanidade. J. C. sahio com a sua; e os verdadeiros Catholicos invertendo a tentação da *Soberba* ambicionão as semelhanças com Deos por este modo, e nada desejão tanto como assemelhar-se em tudo com elle, copiando em si sua verdadeira imagem.

D. — O certo he, P., que quanto mais progredirmos nesta divina philosophia da *Religião*, mais bellezas descubriremos, como nos tem affirmado! Eu pasmo!

P. — Nem jamais cessariamos de as descubrir, e sempre novas. Porem retiremos as vistas para as lancarmos outra vez sobre este abominavel monstro da *Soberba*. Julgo, que o Sr. At. tem entendido, o que he *Soberba*. Se com effeito he humilde, e nada tem de soberbo, como ja affirmou, sua intima consciencia lho dirá, e nella o deve ver.

A. — Eu confesso, que nunca entendi o que he Soberba; e apezar de minha repugnancia confesso que não sou humilde.

F. — Está cheio de soberba até os olhos.

A Soberba he abominavel.

P. — Tem a *Soberba* seus caracteres particulares, só della proprios. Sendo que he de todos amada, he juntamente de todos aborrecida; e sendo que de todos he conhecida, os que mais della são dominados, são os que menos a conhecem. Que singularidades tão fataes! A *Soberba* he de todos amada, porque todos amão ser soberbos, ou ao menos aquillo em que consiste a *Soberba*; porem jamais algum se glòriou de ser reputado por soberbo: por isso mesmo que o he, jamais quer ser tido, como tal; elle o he; e a mesma *soberba* se envergonha de o parecer. Tão abominavel, deforme, torpe, e fêa he!

Sendo monstro execravel tem a singularidade de querer figurar, e revestir-se da apparencia de cordeiro, e trajar a sua fina e branca lãa, quero dizer, sendo *Soberba* quer parecer humildada. Eis aqui porque vemos os maior soberbos tomarem a linguagem da humildade, da benignidade, da be-

neficencia, e do que chamão philantropía. Eu não sei se tem isto origem na cegueira que ella produz, se na mesma malignidade deste vicio. O certo he que o soberbo jamais conhece que o he; e nenhuma outra reputaria maior injuria, que o nome de soberbo, e ser por tal reputado.

F. — Chamem soberbos aos nossos soberbos do tempo, e verão o que vai? Por força querem ser philantropicos, mas he para filarem, como cães de fila, tudo quanto podem.

P. — Niguem conhece o que he *Soberba*, se não o que conhece o que he a humildade, virtude opposta. Desmascaremos porem este abominavel monstro, e façamos apparecer sua enorme fealdade. Não nos esqueçamos de que procura sempre occultar, e de continuo esconde o feio rosto em hum veo, que he o fingimento, ainda que por desgraça sua he transparente.

F. — Diz a pura verdade; e eu cá pelo meu bestunto tenho assentado em huma regra geral, e certa. Eis-la aqui. Não ha *soberba* sem fingimento, e não ha fingimento sem *Soberba*; onde ha *Soberba* ha fingimento, e onde ha fingimento ha *Soberba*: do que concluo, que o Soberbo he o maior enganador, que póde haver; e he necessario entende-lo sempre ás avessas. Se ha quem o negue eu me ponho em campo para o mostrar com o exemplo desses soberbões, que enganarão a Nação, a perderão, e puzerão no estado em que a vemos.

D. — Não he necessario, pois nenhum o nega por ser verdade bem conhecida de todos; ainda que elles presumem não serem conhecidas.

P. — Odiosa, e execravel he aos olhos de Deos, e dos homens a *Soberba*: *Odibilis coram Deo est & hominibus superbia. Eccl.* 10. 17. Ella he bem digna de o ser por seus effeitos, alem da propria malignidade. Ella de *Anjos* fez *Demonios*; e não he outro o effeito que causa nos homens.

F. — Entendão bem o que diz o meu Abbade. Se a *Soberba* fez de Anjos Demonios, muito mais os fará dos homens *Soberbos*. Ha por ventura peior Demonio no mundo do que hum homem Soberbo principalmente se he Incredulo? Nem trinta mil dos primeiros lhe chegão. Vejão se poderião fazer tanto mal como estes tem feito? Não arribite os olhos porque digo a verdade, e sou capaz de lho provar.

A. — Por onde sabe que elles são *soberbos*?

F. — Soberbissimos em todo o sentido. Eu lho mostro...

P. — Deixemos essas questões por ora. A' vista do que eu disser, melhor o conhecerão. Nós para ahi vamos. A *Soberba*

he execravel a Deos; e nenhum outro vicio o he tanto como este, nem de algum outro se diz, que lhe resiste: *Deus resistit superbis*, ao mesmo tempo que aos humildes dá graça: *Humilibus autem dat gratiam*. 1. *Petr*. 5. 5. Não se pode melhor expressar o odio, e aversão, que Deos tem á *soberba*, que pela resistencia, que faz aos Soberbos: *Superbis resistit*. Nada lhe he mais desagradavel, nada mais odioso, e nada mais repugnante á sua mesma Natureza, que por essencia he a bondade, a benignidade, e amor; ao que tudo se oppõe a *Soberba*, que he inimiga de toda a virtude.

Ella deve ser-lhe abominavel, porque lhe tem estragado suas obras mais perfeitas. Ella perdeo innumeraveis espiritos Angelicos, e obrigou a crear o inferno. Se não fosse a *Soberba* não haveria inferno, nem para os *Anjos*, nem para os homens. Ella fez perder o *Paraiso*, arrojando delle o homem, perdeo esta sua mais perfeita obra: e para sua reparação foi a *Soberba*, que o obrigou a fazer-se homem para ensinar a verdadeira humildade peleijando com armas desta virtude contra este monstro da *Soberba*. Como não será execravel a seus olhos?

He ainda execravel a seus olhos perque ella he o verdadeiro peccado em toda a sua propriedade, e naturalidade, e em todo o rigor do sentido. Para que melhor me intendão perguntarei, que outra cousa he o peccado, se não huma desobediencia a Deos, hum verdadeiro desprezo, e ainda huma elevação contra Deos, e mesmo resistencia? Queirão pondera-lo bem, e acharão, que o peccador faz o mesmo que os máos *Anjos* fizerão, revoltando-se contra Deos, segundo a commum opinião. Muito bem, e com expressiva energia representa *Job* os peccadores dizendo a Deos, se não com palavra, de certo com as obras: *Dicunt Deo: Recede a nobis*, dizem a Deos: Aparta-te de nós; não queremos a tua sciencia: *Scientiam viarum tuarum nolumus*. *Job*. 21. 14. Não queremos a sciencia da tua direcção, da tua Lei, do teu governo.

F. — Deixe-me fallar, P. Eis-los ahi mesmo em carne e osso; esses são os que nem o governo, nem a Lei de ....

P. — Tenha paciencia. Não, queremos, dizem, governarmo-nos pela sciencia, pelos mandamentos, e Leis de Deos, mas sim pela nossa vontade, e appetites: estes são nossa sciencia, e fazem nossa Lei: não queremos outra. Quem he o Omnipotente para que o sirvamos? *Quis est Omnipotens, ut serviamus ei?*.

F. — Se nós não cremos nelle, como o poderemos servir?

P. — Quem he esse Deos, em que crêem, e de cuja existencia duvidamos, para merecer os sacrificios da nossa vontade e paixões? *Ut serviamus ei?*

F. — (São os mesmissimos ou não? Em carne, e osso.)

P. — Assim o vou expondo, e este he o sentido natural, e verdadeiro, porque o peccado sempre he revestido de mais ou menos de incredulidade. Bem o mostrão as seguintes palavras do mesmo *Verso*: *Quid nobis prodest, si oraverimus illum?* ℣. 15. Que nos aproveitará, ou que tiraremos de seu serviço!..

P. — (Nada, porque temos alma de cão, que he a peior de todas.)

F. — Será isto o que ao menos com as obras dizem os peccadores, quaesquer que sejão? Esta a sua lingoagem.

F. — E os Incredulos que sabemos, o dizem mesmo com palavras á vista de todo o mundo, sem vergonha.

A. — Bem ponderado, assim he; e bem me persuado, que essa he a verdadeira *Soberba*, que ignorava.

F. — Pois eu bem me persuado, que o Santo *Job* de nenhuns outro fallou com mais propriedade do que dos nossos impios Incredulos *Atheos*, que nada querem de Deos, nem de sua *Religião. Job* sem duvida alguma os vio em espirito de prophecia.

P. — Hum de seus amigos, *Eliphaz*, em breves palavras, mas não menos energicas no estilo *oriental*, faz huma semelhante descrição não menos verdadeira que forte: *Tetendit adversum Deum manum suam, & contra Omnipotentem roboratus est.* d.º 15. 25. Levanta o peccador contra Deos a mão, e toma forças para lhe resistir, e fazer guerra: marcha contra elle de collo levantado, e armada a tumida, e grossa cervix: *Cucurrit adversus eum erecto collo, & pingui cervice armatus est.* ℣. 26.

F. — Eu me ponho em campo, Sr. At., e o desafio para mostrar, que são os *Atheos* Incredulos que aquillo mesmo tem feito, e fazem. Não me mande calar, P., porque desta vez lhe desobedeço. Que outra cousa he, senão levantar a mão contra Deos Omnipotente, o levanta-la contra a sua *Religião*, contra os seus Ministros, persegui-los a ferro, e fogo? Que outra cousa he perseguir os mesmos Apostolos, em seus Successores os *Bispos*, que representavão em nossas grandes Igrejas, e fazião o mesmo que se faz no *Ceo*, tendo-os prezos, perseguidos, e desterrados? Que outra cousa he senão levantar a mão soberba, atrevida, e sacrilega contra

J. C., o levanta-la contra o seu *Vigario*, seu *Lugar-tenente*, *Cabeça*, e *Chefe* de sua *Religião*! Levantar-se contra a *Igreja*, onde reside o mesmo *Senhor* em Pessoa? Que outra cousa he roubarem os seus Templos, arruinar, e profanar suas Casas? Não são estes os soberbos, que muito mais, que seu pai *Lucifer*, levantão a mão sacrilega contra Deos, fazem-lhe guerra, e marchão de collo levantado, e armado contra o *Omnipotente*.

Diga-me mais. Que outra cousa he levantar-se contra os Thronos de Deos, onde se assentão os seus Ministros, que são os *Reis*, que gosão da mesma autoridade de Deos, tirar-lhes a vida, que tirarião ao mesmo Deos, se lhe pudessem chegar? Que outra cousa he..?

D. — Fuja, Sr. At., quando não, olhe, que o come.

F. — Deixe-me com elle, que o arraso. Diga-me mais...

P. — Ja basta: ja fez o seu gosto, e agora ouça em silencio.

F. — Ai, P., que ainda tinha muito que vomitar! . . .

D. — Fique socegado; nós entendemos tudo muito bem; e tenha compaixão do Sr. At., que ignorava o que he *Soberba*. Temos entendido, que a *Soberba* he o verdadeiro, e proprio peccado em pessoa.

P. — Assim como devem entender que não ha peccado sem que tenha origem na *soberba*, e della acompanhado: *Initium omnis peccati est superbia.* A *Soberba* com o amor proprio, seu querido filho, formão a origem de todo o peccado. Porem não tão somente lhe dão a origem, mas são a mesma *Soberba*, a verdadeira *Soberba Lucifcrina*, como temos visto. Quando não houvesse este levantar a mão contra Deos, sempre haveria o verdadeiro e formal desprezo de Deos; o o que he verdadeira *soberba*: *Filios enutrivi*, & *exaltavi*, se queixa Deos; Eu criei filhos, e os exaltei á mais alta nobreza, e dignidade; porem elles me desprezão: *Ipsi autem spreverunt me. Isaias.* 1. 2. *Nullum peccatum fieri potest*, diz S. Prospero, *potuit*, *aut poterit sine superbia*; nenhum peccado se póde, ou poderá commetter sem *Soberba*, porque nenhuma outra cousa he o peccado senão o desprezo de Deos, que he a verdadeira *Soberba*: *Siquidem nihil aliud est omne peccatum*, *nisi contemptus Dei.*

Eis aqui porque a *Soberba* he abominavel, he execravel aos olhos de Deos: *Odibilis coram Deo est . . . superbia.* Ella ainda o he aos olhos dos homens: *Et coram hominibus*; pelos males que lhe traz este maldito vicio: para o que devemos dar mais hum passo nos terriveis effeitos que

produz. Porem para o entenderem, peço-lhes se recordem do que deixamos dito da grande *Sociedade*, em cujo desenvolvimento estamos, e continuaremos. Recordem-se desta união, e unidade com Deos, que he o seu centro, pois que não se pode discorrer, ou fallar da *Religião* em qualquer respeito que seja, sem levar sempre diante dos olhos, que ella consiste nesta *Sociedade*, nesta união, nesta corporação unida com Deos, que he seu centro, e cabeça, formando huma só, e a mesma unidade. Isto esquecido, ou perdido de vista, jamais se poderá entender a fundo qualquer cousa relativa á *Religião*, nem formar idea da *Igreja* de J. C., que he esta mesma corporação.

Esta corporação procurou J. C. formar na ultima perfeição, como temos visto, á custa dos maiores sacrificios: por consequencia lhe deverá ser bem execravel tudo aquillo que se oppuzer, e destruir esta união, e corporação. Tal he a maldita, e infernal *Soberba*, porque ella primeiramente separa de si, e corta pela união com seu centro, isto he, com elle Deos.

A Soberba he apostasia.

Aqui o temos bem claro no *Ecclesiastico*: *Initium superbiae hominis, apostatare a Deo:* 10. 14. O principio, e toda a *Soberba* do homem, he apostatar, desunir-se, separar-se de Deos, e desmembrar-se de sua corporação. Eis porque he abominação sobre toda abominação para os olhos de Deos. Assim como separou da Sociedade Celeste aos máos *Anjos*, assim tambem a *Soberba* separa desta *Sociedade* e corporação divina o Soberbo, em cujo coração entrou a dominar.

Não ignoramos nós, que todo o peccado separa de Deos, e corta estes laços da união; porem a *Soberba* o faz por sua propria condição, e natureza, que he rebelar-se contra Deos. Ella passa ainda a formar a rebelião nesta grande *Sociedade*; pelo que se torna execravel não só aos olhos de Deos, mas tambem dos homens: *Odibilis coram Deo, & hominibus superbia.* Não haverão jamais desuniões, revoluções, e sedicições tão prejudiciaes á *Sociedade*, que não tenhão origem na *Soberba*. Primeiramente não houve jamais algum herege, algum scismatico, que se tenha separado da santa *Sociedade* de J. C., que não fosse soberbo, e em quem a *Soberba* não tivesse toda a parte.

D. — Lembro-me, que ja em outra occasião nos disse o mesmo, attribuindo á sua contumacia, que na verdade não he menos que *Soberba*, e não aos erros de entendimento.

P. — He huma verdade que a historia põe bem patente. Supponho, e não concedo, que a principio houvessem erros de entendimento; a *Soberba* logo tomou lugar, e fez tudo. Eu não concedo que mesmo a' principio houvessem taes erros, porque os Heresiarchas não os acharão. Suas heresias forão cousas novas, e nunca ouvidas, nem escritas; elles as inventarão; e bem certos estavão de que erão novidades. Ponhamos exemplo em *Ario*, que foi o mais famoso nos principios do quarto seculo. Elle nunca jamais tinha lido, nem ouvido, que J. C. era creatura; o ensino commum, homens e mulheres, pequenos e grandes, sabios e idiotas, toda a Igreja confessava, cria, e proclamava, que J. C. he verdadeiro Deos consubstancial a seu *Pai.* Que poderia mover a este heresiarcha a dizer que não era verdade? Poderia por ventura haver aqui boa fé, e erro de entendimento?

Bem o mostrarão suas occultas manobras no *Egypto*; e fugido dahi na *Grecia*, fingindo, e cubrindo com pelle de ovelha a voracidade de lobo. Não o mostrou menos quando em *Nicea* foi convencido de seus erros blasphemos por trezentos e dezoito Bispos, de tal sorte, que nada pôde responder. O mesmo sem differença poderia dizer de *Nestorio*, de *Euthiques*, de *Macedonio*, de *Pelagio*, e outros mil, que valendo-se da astucia, do engano, da hypocrisia, e da mentira procurarão com a maior ardileza propagar seus erros.

D. — Em quanto ao grande Heresiarcha dos nossos tempos, *Luthero*, nada tem que accrescentar, porque a historia mostra que foi hum monstro de *Soberba*, de raiva, e furor. *Lucifer* não o poderia ser maior. *Calvino*, alem de *soberbo*, foi impio em tudo; e nenhum delles podia ter erro de entendimento.

F. — E o pai dos *Jansenistas* que foi o mais refinado velhaco, e soberbo não lembra?

P. — Não de outra sorte pensava St.° *Agostinho.* Em diversos lugares, e paizes do mundo tem havido, e ha diversas seitas, erros, e heresias; porem todas ellas não tem tido, nem tem mais do que huma só mãi; esta he a *Soberba*: *Diversis sunt locis sectae diversae; sed una mater superbia omnes genuit.* Sejão embora diversas, não contão mais do que huma só mãi: a todas a gerou a *soberba.* A teima, a contuma-

cia, a obstinação, que todos elles tem mostrado em seus erros, he o cume da *soberba*; mas ainda o he verdadeira a paixão de figurar, de se singularisar, de se fazerem celebres, e chefes de partidos, e Seitas. A *Soberba* se alimenta, e e cresce monstruosamente com *Soberbas*, e humas se encadeão com outras; e oxalá que não encadeassem, e envolvessem outros.

F. — Olhe, P., que eu tenho cá huma cousa no pensamento; e Deos queira, que se não esqueça della.

P. — Tenha paciencia. Oxalá, digo, que os males da *Soberba* não passassem fora do proprio soberbo; mas por fatal desgraça seus effeitos são espantosos, nem jamais se poderão descrever os males que a *Soberba*, e soberbos tem causado, causão, e causarão na *Igreja*, ou *Sociedade* de Deos.

A Soberba perde a Sociedade.

Este monstro exala hum pestifero, e mortal veneno, que infecta, e perde a *Sociedade*, nem algum outro póde fazer maiores, e mais espantosos estragos. Elles apenas se podem conceber, mas não exprimir com palavras. Nos que ella causou entre os *Anjos* temos os que causa entre os homens. Eu penso principiar o mal entre aquelles por hum só. Nós vemos no *Evangelho* fazer-se menção de *Beelzebú* principe dos Demonios. J. C. falla de *Satanas*, a quem vio cahir do *Ceo* como hum raio: *Videbam Satanam sicut fulgur de Coelo cadentem. Luc.* 10. 18. Sem duvida pois houve hum principal, e primario, que entre os outros levantou o collo soberbo, que a todos perdeo. Se este não fosse, os mais perseverarião na graça, e serião *Anjos* bons.

Bem posso eu affirmar que a não ser este monstro, a não andar entre os homens este demonio da *Soberba*, todos elles serião *Anjos* bons. Não se verião jamais entre elles nem Seitas, nem scismas, nem heresias, nem ainda invejas, vinganças, odios, murmurações ambições, cubiças, perjurios, vaidades, sensualidades, nem qualquer outro vicio. O demonio da *Soberba* acarreta sobre o mundo todos os males, e todos os vicios. He isto o que nos affirma S.t° *Agostinho*: *De superbia nascuntur haereses, schismata, detractiones, invidiae, irae, rixae dissentiones, contentiones, animositates, ambitiones, elationes, praesumptiones, janctantia, vanitas, & coetera hujumodi, quae dinumerari per ingula longum esset.*

Sendo a *soberba* a fonte, a origem de todos os males, de

todos os vicios, ella he ainda hum monstro, que a todos morde, infecta, e mata. Quem poderá dizer de si com verdade que não he soberbo?

D. — O que for semelhante a J. C. E quem o será? Apenas os *Santos* o tem procurado imitar.

P. — E para isso conseguirem, não se devem descuidar. Esta he a guerra dos *Santos*, que continuamente trazem comsigo, ou com este demonio da *Soberba*, e sempre com grandes temores de serem vencidos. Porque o grande *Paulo*, o grande *Apostolo* o não fosse, quiz Deos que sofresse huma fortissima tentação, que o humilhasse, e não se pudesse entumecer com os grandes favores divinos, como fizerão os máos Anjos: *Ne magnitudo revelationum extollat me, datus est mihi stimulus carnis meae angelus Satanae, qui me colaphizet. 2. Cor. 12. 7.* Quem tal poderia pensar?

D. — Na verdade que aos maiores Santos deverá fazer tremer; e talvez tanto mais quanto maïs subirem na santidade, pois terão mais perto o que perdeo os *Anjos*.

P. — Assim he. Na maior subida pode haver a maior queda; porem a humildade he o que os faz subir. Nella radicou J. C. aos seus Apostolos e Discipulos não só com o seu exemplo, que lhes mandava seguir, mas ainda com palavras fortissimas. He singular a resposta que elle lhes deo por huma novidade, que lhe trouxerão ao voltarem de huma missão, a que enviou os setenta e dois Discipulos. *Senhor* disserão elles com prazer, até os Demonios nos obedecerão em vosso Nome. E que lhes responde? *Videbam Satanam sicut fulgur de Coelo cadentem. Luc. 10. 18.* Eu vi cahir do *Ceo* a *Satanas* como hum raio. Que proporção, ou coherencia com o que dizião podia ter tal resposta? Muita, e toda. Elle vio a satisfação, com que o dizião; e para os prevenir contra a *Soberba*, lhes lembra a *Satanas* cahindo do *Ceo*, e derribado por este vicio maldito.

Taes são os effeitos da *Soberba*, e males, que causa na *Sociedade*. E quaes serão os que causão os Soberbos? Com mais razão direi, que elles são monstros os mais execraveis, e perniciosos na *Sociedade*.

Os soberbos são Dragões.

Voltemos ao chefe dos máos *Anjos* para vermos, o que são no mundo os grandes soberbos, e os estragos que tem feito, e por desgraça farão na santa *Sociedade*, que sempre vamos tendo em vista.

F. — Agora sim, agora vai a lavrar fundo. Não lhes perdoe.

F. — O que quer o Sr. Fr. he que lhe toquem nos *Jansenistas*, e mais Incredulos, que tomou a seu cuidado.

F. — Pois se elles são mais soberbos que trinta *Satanazes*! Agora o vamos a ver; e me consolarei. Não esteja com ceremonias.

P. — Julgo, que poderei expôr o caracter dos grandes Soberbos na visão, que teve S. *João* no *Apocalypse*, *cap.* 12. Nelle temos o primeiro grande Soberbo, com o nome de grande Dragão, serpente antiga, que se chama *Diabo*, e Satanaz, que seduzio o mundo: *Draco ille magnus, serpens antiquus, qui vocatur diabolus, & satanas, qui sedûcit universum orbem.* ℣. 9. Elle ainda he descripto arrastando com sua cauda, e envolvendo em sua mesma ruina a terceira parte das estrellas, isto he, dos *Anjos*, que brilhavão como estrellas no *Ceo*: *Cauda ejus trahebat tertiam partem stellarum Coeli.* ℣. 4.

Isto que fez no *Ceo* este Dragão, esta serpente antiga, este primeiro soberbo, e pai de todos os soberbos, he o mesmo que fazem na terra os grandes soberbos. Com o seu exemplo, com as suas persuasões, com enganos talvez, sagacidades, illusões, e mentiras elle se associou, e envolveo em sua ruina grande partido, que por estas palavras podemos suppor ser a terceira parte dos espiritos *Angelicos.* Como Dragão em sua longa cauda os associou, os envolveo, derribou, e com sigo precipitou no inferno. E que outra cousa são os grandes soberbos do mundo, e que outra cousa fazem?

F. — Peiores do que esse Dragão arrastão ao inferno a milhões de almas, que podião ser Anjos. Mordem...

P. — Ponhamos o exemplo em hum *Ario*, em hum...

D. — Não, P., ponha-se o exemplo em *Luthero*, *Calvino*, ou qualquer outro, que nos toque mais de perto.

A. — Então direi eu, que se ponha em *Voltaire*, que foi o pai dos Incredulos, e *Atheos.*

F. — Ponha-se no pai dos *Jansenistas* excommungados, que são a causa de tudo; e o grande Dragão, e de todos o maior.

P. — Eu satisfarei a todos representando a *Luthero*, como verdadeiro Dragão, que foi, gerando Dragões, a qual peior, e não hirei fora da verdade. Este soberbo Dragão estende a longa cauda pela maior parte da extensissima *Alemanha*, e nella envolve a sua perdição; tudo, e em todo o sentido infecta com seu alito pestifero, e infernal, morde,

e mata. Elle gera, ou vomita no seio da Igreja, outros semelhantes Dragões, os *Calvinos*, os *Zuinglios*, os *Socinos*, os *Jansenios*, os *Voltaires*, e outros mil, quasi semelhantes, lhe devem a existencia. Todos elles são monstros da *Soberba*. Ahi vem envolvido na longa cauda do *Lutheranismo*, o *Calvinismo*, o *Socianismo*, ou *Deismo*, o *Hugonotismo*, o *Jansenismo*, em fim o *Atheismo*, e *Materialismo*. Com tudo isto o odio a Deos, e á santa *Religião*. Todos estes monstros gerão infinitos Dragões de todas as especies, de todas as qualidades, de todas as cathagorias, que alagando o mundo em sangue, perdem em todo o sentido a santa *Sociedade* e corporação de J. Christo.

F. — Agora sim, meu P., salto a campo; deixe-me com elles. Que outra cousa são esses *Atheos*, esses *Calvinistas*, esses Incredulos, essa canalha, que se levantão contra os Thronos, contra os que estão em lugar de Deos, contra a Santa *Igreja*, contra a *Religião*, contra J. C., contra seu *Vigario*, senão grandes Dragões, que com promessas, com enganos, com mentiras enganão as Nações, e as perdem? Que são esses soberbos blasphemos, que se levantão contra Deos, e seus Ministros, perseguindo-os de morte, deitão por terra..?

P. — Basta; ja temos entendido; eo vou a provar.

F. — Valha-me Deos! Não me hade deixar consolar!

Guerra da Soberba contra a Igreja.

P. — Na mesma Visão do St.° *Apostolo* temos a guerra, que os grandes soberbos fazem á *Igreja*, ou grande *Sociedade*, e corporação de J. C., de que exporei parte; e não me apartarei do sentido, que lhe dão os Expositores. *Signum magnum apparuit in Coelo*, diz; appareceo hum grande sinal no *Ceo*, e vi huma *Mulher*, cuberta de sol, tendo a lua debaixo de seus pés, e coroada de doze estrellas: *Mulier amicta sole*, & *luna sub pedibus ejus*, & *in capite ejus corona stellarum duodecim*. ℣. 1. Eis aqui a *Igreja*, a grande *Sociedade* de J. C., divino sol, que a illumina, como sua Cabeça, que se quiz coroar de doze estrellas, quaes forão os doze Apostolos. Os santos Padres applicão esta Visão a Nossa Senhora, diz *Calmet*, porem no sentido mystico, e espiritual, sendo que no natural representa a *Igreja*.

Tendo concebido esta Mulher clamava dando á luz; e fazendo-o sofria grandes dores: *In utero habens*, *clamabat parturiens*, & *cruciabatur*, *ut pariat*: ℣. 2. A *Igreja* de J.

C., mãi fecunda, que dores não tem sofrido para dar á Luz seus filhos? Que dores, que tormentos em seu Divino Fundador J. C., dando a vida na Cruz! Que dores, que tormentos nos *Apostolos* para a formarem, e estenderem por todo o mundo! Que dores, que tormentos nos primeiros *Fieis* naquellas famosas perseguições! Ah, com que dores, tormentos, e sangue esta Mãi deo á luz seus filhos? Com que dores, e tormentos se formou, estabeleceo, cresceo, e se propagou a santa *Religião* de Jesus *Christo*!

Porem lá appareceo o grande Dragão da *Soberba*, arrastando sua longa cauda para nella envolver, e perder o filho, o fruto desta *Mulher*, da *Igreja* de J. C., os Fieis, seus filhos: *Draco stetit ante mulierem, quae erat paritura.* Não com outros fins elle se apresenta diante da *Mulher*, senão para devorar seu filho, isto he, os *Ficis*, os filhos da *Igreja*, os verdadeiros Christãos: *Ut cúm peperisset, filium ejus devoraret.* ℣. 4.

F. — Meu Amigo, e Sr. Vizinho, o meu Ab. não me deixa fallar. Troque aquillo em miudos para esta gente entender.

D. — Não se afflija, Sr. Vizinho; socegue-se. Todos entendemos, que alli estão mui bem figurados os nossos grandes soberbos, que para satisfazerem suas soberbas ambições, cubiças, e mais paixões, tem declarado a guerra á santa *Igreja* de J. C., e como Dragões infernaes tem perdido, e vão perdendo a santa *Sociedade*, devorando seus membros, procurando dar a morte, não só aos filhos, mas ainda á santa *Mãi*, acabando com a *Igreja*, e santa *Religião*.

F. — Pudera dizer mais. Porem diga-me, meu P.: Não appareceo ahí hum S. *Miguel*? Parece-me que o li ja nos meus livrinhos. Ahí veio de certo S. *Miguel* contra esse Dragão, S. *Miguel*, Santo de minha particular devoção, e veneração.

P. — Não ha duvida. O St.° Apostolo vió huma grande guerra. *Factum est praelium magnum in Caelo. Miguel* veio em socorro da *Igreja*, e pôz guerra ao *Dragão*, guiando nella os esquadrões cada hum de seu partido: *Michael, & angili ejus praeliabantur cum Dracone; & Draco pugnabat, & angeli ejus.* ℣. 7.

F. — Diga-me quem venceo? Eu bem sei; porem quero...

P. — Quem havia de vecer? S. *Miguel* os arrojou do *Céo*, que se pode tomar, e entender pela *Igreja*, e não mais nella appareceo o Dragão, que com seus sequazes não pôde resestir: *Non valuerunt, neque locus inventus est amplius in Caelo.* ℣. 8.

F. — Ah meu bom S. *Miguel*, que arrojaste esses, e has de

arrojar estes lá para os quintos, para nunca mais inquietarem a santa *Igreja* de J. C! Quando apparecerás?

D. — He na verdade bem expressiva a visão em todo o sentido! Bem attendido tudo, podemos affirmar, que todos os grandes perturbadores da paz, sediciosos, e revolucionarios são grandes *Soberbos*, e não menos que Dragões na *Sociedade*, quaesquer que elles sejão. Porem os maiores, mais espantosos, e mais prejudiciaes são os que tocão na *Religião*, como os nossos revolucionarios Incredulos. He imponderavel o estrago, que causão nos corpos, e bem estar da Sociedade; mas muito maior, o que causão nas almas.

F. — São Dragões de longa cauda, com que arrastão com sigo ao inferno a infinitas almas, que se salvarião!

P. — Fica bem claro, que nada ha mais nocivo, e prejudicial á *Sociedade* do que a *Soberba*, e soberbos, mais ou menos quanto ella he maior ou menor. Com razão mostra Deos huma ira particular contra os soberbos; que não devemos deixar em silencio.

Ira de Deos contra os Soberbos.

Bem mostra esta ira o sagrado *Texto* representando-nos a Deos resistindo aos Soberbos: *Deus superbis resistit*, nos diz S. *Pedro*, e S. *Thiago* com formaes palavras. Nossa Senhora ainda o faz com maior energia, quando no seu *Cantico* o representa fazendo força no seu braço Omnipotente para os abater, perder, e destruir com suas soberbas intenções: *Fecit potentiam in brachio suo, dispersit superbos mente cordis sui. Luc.* 1. 51.

D. — Não tenho entrado no sentido dessas palavras; e bem as desejo entender, pois he esse *Cantico* de minha particular devoção.

P. — Aqui tem *Menochio*, que em breves palavras o faz muito bem; e o nosso Fr. achará de certo gosto na interpretação.

D. — *Dispersit superbos mente cordis sui*: id est, *dispersit cogitationes cordis superborum, ipsorum consilia, & machinationes, efficiens, ut longe diversum exitum sortirentur, ac cogitarant. Menoch.* ibi. Agora entendo perfeitamente, e a experiencia o verefica.

F. — Troque-me isso em miudos.

D. — Diz que o *Senhor* dissipa, como o fumo as más cogitações, ou intenções, que os soberbos tem em seus corações, e destroe seus conselhos, suas maquinações, preopinações, e pro-

jectos, fazendo qus as cousas tomem differente marcha, produzão differentes effeitos, e seja o exito mui diverso do que pensavão. Aqui tem, o que diz, bem claro, e que esperamos ver verificado á risca.

F. — E não querem crer! Nossa Senhora ja então os vio, e tudo o que havia de succeder a os soberbos Incredulos revolucionarios. Procurão lãa, mas desgraçados! Hão de ser mais que tosqueados. Estejão certos, que suas *soberbas*, e suas revoluções lhes hão de esmagar as cabeças. Não são poucas as ja esmagadas, e o vão sendo, e hão de ser todas. Elles vião tudo cor de rosas; mas ja as veem goivos amarellos. Nós padecemos por nossos peccados, mas as varas hão de hir ao fogo. Hão de amargar o pato, que lhes hade custar caro, e hão de pagar com lingoa de palmo o que tem comido. O carro ja não anda; está emperrado e as rodas. . .

P. — Demós por acabada a perlenga. O *Cantico* ainda diz, que o *Senhor* depõe de suas alturas, e abate aos soberbos, ao mesmo tempo, que exalta aos humildes: *Deposuit potentes de sede, & exaltavit humiles.* ℣. 52. A experiencia, e a historia de todos os tempos bem claramente o mostra. Difficil será encontrar nella hum grande Soberbo que tenha sido flagello da *Sociedade*, que d'entro de pouco tempo não tenha achado seu fim desgraçado. Elles não vivem mais do que quanto a Providencia necessita para flagellar o mundo: Passem pela memoria, o que tem succedido nos nossos dias, e o verão bem claro sem que seja necessario singularisar factos, de que a historia está cheia.

Passemos a dizer ainda duas palavras sobre a cegueira dos soberbos, que procurando sua felicidade por tal caminho em tudo se fazem os entes mais desgraçados, incorrendo naquelles mesmos males, que procurão evitar.

Soberbos em tudo desgraçados.

D. — Nada diz, Sr. At.? Resfriarão-se suas furias!

A. — Eu julgo, que nada me he melhor do que ouvir em silencio, sendo ainda que não tem sido necessario sustentar a *Palestra.* Direi agora que os grandes soberbos poderão ser desgraçados em seus fins, mas não em quanto vivem. Porei exemplo em qualquer desses soberbos flagellos do mundo em quanto gosão do fruto de suas soberbas ambições. Elles conseguem seus fins. . .

P. — Engana-se; a sua mesma *Soberba* os torna desgraçados ?

quando mais não fosse. Para lho mostrar somente me servirei de hum grande e famoso Soberbo, que o *Espirito Santo* nos propõe, como exemplar em toda a extensão deste objecto, e nos mostra o que são em sua vida, e no seu fim. Se nelle puzessem os olhos os nossos soberbos, e fossem menos incredulos, talvez que recuassem nas suas *soberbas*. He este o soberbo *Aman*, e sua simples historia não necessita de exposição; de que só direi o sufficiente para o nosso objecto.

Não sei porque meios elle captou a benevolencia do Rei *Assuero*, que o exaltou de tal sorte, que alem de seu privado, sendo extrangeiro, o fez principe sobre todos os principes do Imperio, mandando que todos dobrassem o joelho na sua presença, e passagem. Apenas hum só pobre homem, *Mardocheo*, *Judeo* de Nação, o não fazia, pois que sendo temente a Deos, achava naquella acção superstição, e talvez idolatria. Elle passava, e *Mardocheo* não se movia. Foi isto o que exacerbou a sua *soberba*. Mas que cousa tão insignificante! Julgo que nada o era tanto. Que poderia importar o dobramento do joelho em hum pobre homem entre milhares, que com genuflexões, e prostrações o adoravão? Tão pouco lhe poderia importar, que nem elle o sabia, nem saberia se lho não dissessem. Porem nada mais foi necessario para se inquietar, se perturbar, e se julgar desgraçado.

Elle se ira excessivamente: *Iratus est valde. Esth.* 3. 5., e resolve perder *Mardochco*; sua soberba porem he tão grande, que em nada reputa a morte de hum só homem, e quer envolver nella a perdição de todos os *Judeos*, que estavão estabelecidos naquelle Reino. Para obter do Rei a confirmação da sua soberba resolução, lhe promette dez mil talentos em dinheiro. Vejamos o que se passava pelo coração deste soberbo no entanto, que chegava o tempo aprasado para a mortandade.

Chama seus amigos para com elles alliviar sua magoa. Mas que desgraça! Elle expõe primeiro a grande abundancia de suas riquezas, que erão immensas, a multidão de filhos, a gloria, a que o Rei o havia exaltado sobre todos os principes do Reino, e a privação, que com elle tinha. E que mais podia desejar este soberbo para sua felicidade mundana! Porem tudo isto era nullo para elle, em nada reputava tudo isso, porque tinha a sofrer hum tal desgosto, que sobre tudo o desgraçava. E qual podia ser? Não era

outro, que a de lhe não dobrar o joelho o pobre *Mardocheo*: *Cum habe omnia habeam, nihil me habere puto, quandiu videro Mardochaeum Judaeum sedentem ante fores regias.* d.º 5. 13. Tendo eu tantas riquezas diz, tantos bens, tantas glorias, nada tenho, sou desgraçado, e como tal me julgo, porque *Mardocheo* não me dobra o joelho.

D. — Mostra na verdade com energia, que qualquer cousa atormenta hum soberbo, e que elle jamais se poderá julgar feliz. Porem essa historia ainda mostra a verdade do texto do *cantico*, de que fallámos, que pronostica o transtorno dos planos dos soberbos. Eu o direi em breves palavras, pois não ignoro a historia. Elle por conselho de sua mulher, que deveo ser outra semelhante soberba, fez levantar huma trave de cincoenta covados de altura para nella enforcar *Mardocheo*. Tanto lhe transtornou Deos os seus planos, e tanto ao inverso lhe correrão as cousas, que elle para si mesmo a levantou, pois foi elle o que nella foi enforcado, e o primeiro a estrea-la.

O mais bonito porem, e em que eu acho toda a graça, foi a vergonhaça porque elle passou antes de ser enforcado, diante de todo o povo.

F. — Diga-me por quem he, como foi isso?

D. — Quando ja estava levantada a forca para *Mardocheo*, succedeo, que não dormindo huma noite o Rei, mandou, que lhe lessem a historia do seu reinado; e a Providencia quiz, que cahisse a leitura sobre o facto de huma conspiração, que se dirigia contra a sua propria vida; e *Mardocheo*, que a tinha pesquisado, a denunciou, e fez abortar. Perguntou o Rei, que premio se havia dado a *Mardocheo* pelo haver assim livrado da morte? Respondeo-se-lhe, que nenhum. Neste tempo chega o soberbo *Aman*, muito cêdo, porque a vingança, e soberba não o deixou dormir, e vinha a pedir ao Rei a confirmação da sentença de morte de forca contra *Mardocheo*. O Rei o manda entrar, e logo lhe pergunta, que se deveria fazer a hum homem, que o Rei queria honrar?

F. — Pois eu affirmo que o entendeo de si mesmo.

D. — Assim foi; a sua *soberba* lhe fez pensar, que era elle mesmo, a quem o Rei queria honrar, e responde: O homem, que o Rei deseja honrar deve ser adornado com vestidos reaes, ser montado em hum ginete da mesma casa do Rei, ajaezado com os arreios reaes, com coroa real na cabeça; e o primeiro dos principes do Reino, tomando o

cavallo pela redea, o deve passear pelas praças, e lugares publicos da cidade, clamando sempre, e dizendo: Eis aqui como deve ser honrado aquelle, a quem o Rei quizer honrar: *Sic honorabitur, quicunque voluerit Rex honorare.* d.° 6. 9.

Logo que o Rei ouvio, vai ja, diz, toma hum vestido real, e hum dos melhores cavallos, faze tudo, o que disseste, a *Mardocheo Judeo*; e olha bem que nada falte do que tens dito: *Cave ne quidquam de his, quae locutus es, praetermittas.* ℣. 10.

F. — Muito teria eu que rir, se os visse! Que bem feito foi!

D. — Mas que passaria por aquelle soberbo coração ao levar pela redea o cavallo, em que montava aquelle que nesse mesmo dia destinava enforcar, porque lhe não ajoelhava? Apenas se poderá imaginar a confuzão deste soberbo. Nesse mesmo dia foi elle enforcado por mandado do Rei na mesma trave destinada para *Mardocheo*.

F. — Trocou-lhe Deos bem as voltas! Assim mesmo vai succendo, e espero que succeda a todos os nossos soberbos Incredulos, cahindo na mesma cova, que para outros tem aberto; e hão de ser confundidos abaixo do pó, d'onde sahirão. Então confessarão elles, que ha hum Deos, contra quem se levantarão, pois que só Deos os poderia abater até os abysmos da confusão.

P. — He na verdade isso mesmo, ou mais desta, ou daquella sorte, que tem succedido aos grandes soberbos, de que he testemunha a historia, verificando-se a sentença de J. C., que condemna ao abatimento os soberbos: *Omnis, qui se exaltat, humiliabitur. Luc.* 18. 14. Notão-se grandes quedas, e abatimentos de *Grandes*; e se bem se indagassem as causas, achariamos verificado sempre o divino *Proverbio*: *Contritionem praecedit superbia, & ante ruinam exaltatur spiritus. Prov.* 16. 18. Procede a *Soberba* ao abatimento, e ella he a sua causa. Antes da ruina, da queda, e do fracasso vem a elevação do espirito, isto he, a *Soberba*. Pelo que melhor he humilhar-se o homem com os mansos, e pacificos, do que entrar em partilhas com os Soberbos: *Melius est humiliari cum mitibus, quam dividere spolia cum superbis.* ℣. 19. A humilhação segue o *soberbo*: *Superbum sequitur humilitas.* d.° 29. 23.

F. — Assim fizerão muitos, entrando em partilhas nos bens da *Igreja* com os grandes soberbões, que he o mesmo que ladrões; mas hão de vomitar o que comerão.

P. — Não pensem os soberbos oppressores dos membros da cor-

poração de J. C., destruidores da santa *Sociedade*, que o *Senhor* á custa de seu *Sangue* formou, e estabeleceo na terra, isto he, a Santa *Igreja*, que escaparáõ á justa vingança. Não pensem, que não ha mais que soltar as redeas a suas *soberbas*, ambições, e vinganças. Desgraçados! Elles não as levaráõ hum ponto adiante dos termos prefixos por Deos. Então como affirma o St.° *Job*, fallando delles, serão como palha sêca diante do vento, e como a cinza, e pó em redemoinho: *Erunt sicut paleae ante faciem venti, & sicut favilla, quam turbo dispergit. Job.* 21. 18. Pela mesma medida com que medem a seus semelhantes, serão medidos. Conheceráõ, que seus irmãos, a quem devem amar, e a quem opprimem, perseguem, roubão, e matão, são mais alguma cousa, do que elles de si pensão, e que tem hum Deos, que os hade desafrontar depois de satisfeita sua justiça.

A *Soberba* finalmente he a rede do Demonio, e o laço, em que cativa o genero humano, e põe em sua escravidão. Os soberbos se separão da santa, e grande *Sociedade*, e corporação de J. C., e com o pai dos soberbos, dragão, e serpente antiga tomão parte, e nenhuma podem ter com Deos. Porem he ja tempo de dizer alguma cousa da virtude opposta, que ainda forma o mais forte laço de união na grande *Sociedade*, e corporação com Deos. Esta he a

Humildade.

Já mais se poderáõ expressar com palavras os prodigiosos effeitos desta virtude fundamental na *Religião*, que se vê tão desprezada, e affrontada pelos soberbos. No pouco que della disser serei conforme neste sentimento, que verão desenvolvido; e he, que sendo a *Soberba* tal, que de *Anjos* faz Demonios, pelo contrario a *humildade* he poderosa para de Demonios fazer *Anjos*.

D. — Aquella jamais nós ouvimos, Sr. At.! Que lhe parece?

A. — Que a minha ignorancia he superior a tudo. Em silencio hirei ouvindo para melhor entender.

P. — He de S. *João Climaco* esta proposição: *Si superbia ex Angelis daemones effecit, haud dubio daemones ex daemonibus etiam Angelos humilitas facere poterit.* Muito mais o fará de homens ainda quando sejão como Demonios.

F. — Então visto isso tornarião a ser bons *Anjos* os Demonios, quando pudessem ser humildes! Porem não creio que o pos-

o julgão ser, nem ainda querer. Não só o peso delles, mas tambem dos *Incredulos*, que são mais soberbos que trezentos delles.

P. — Necessitamos porem de entrarmos bem no fundo do conhecimento da verdadeira humildade. Ha muitos, que se julgão humildes, e não o são; ha ainda quem no exterior se humilha, e tem o coração entumecido com soberba. Assim se exprime o *Espirito Santo*: *Est qui nequiter humiliat se, & interiora ejus plena sunt dolo.* Eccl. 19. 23. Ha quem malvadamente se humilha, e seu interior está cheio de dolos, e hypocresia. *Est qui se nimium submittit a multa humilitate; & est qui inclinat faciem suam, & fingit se non videre quod ignoratum est.* ℣. 24. Ha quem se submette, e sugeita com muita *humildade*, fingindo, que não vê, ou não entende, o que parece ignorado. Porem logo que chega a occasião de largar a pelle de ovelha, apparece o lobo, que he na realidade: *Si invenerit tempus malefaciendi, malefacit.* ℣. 25. Destes fingidos humildes está o mundo cheio: estes são soberbos os mais prejudiciaes á *Sociedade*.

Parece-me, que assim como a palavra *Soberba* tem a sua ethymologia das duas palavras latinas *super-ire*, hir a cima, como disse, assim tambem a *humildade* a tem de *humumire*, que significão, hir a terra, hir a baixo, isto he, abater-se até ao chão. Porem isto deve ser não tanto nas exterioridades, como no coração. A *humildade*, que não lança suas raizes no coração, he refinada hypocresia, mais malvada, que a soberba descuberta, e que sempre Deos abominou. A' vista disto entenderáõ, quam raros são os verdadeiros humildes.

D. — Assim o creio, principalmente se nos virmos ao grande espelho, que he J. *Christo* nosso exemplar.

P. — Consiste a *humildade* no proprio conhecimento, sciencia a mais difficil. A desgraça he, que tendo o homem dois olhos, ambos olhem para fóra, e nenhum delles para dentro de si mesmo. Deos formou o homem bem conforme á *humildade*, de sorte que podemos dizer, que por natureza he humilde, ou o deve ser, porque esta virtude da *humildade* he de absoluta necessidade na grande *sociedade*. Jámais poderia J. C. formar hum Rebanho, que não fosse de mansas, e humildes ovelhas.

D. — Essa lembrança dá grandes idéas.

P. — Por isso foi o homem creado humilde por natureza. He isto o que quer dizer o *Ecclesiastico*: *Non est creata hominibus superbia.* 10. 22. Não foi a soberba creada para o homem, is-

to he, não he propria do homem, mas sim a *humildade*. Que poderá ó homem descubrir em si, que não sejão miserias, que respirem humildade! Ceguєira do Demonio, que a todos fecha os olhos!

Entrando pois no *Plano* de Deos sobre a creação do homem em *Sociedade*, vamos descubrir novas, e encantadoras bellezas da *Religião*. Porque a *Soberba* lhe destruia os seus Planos, porque nada peior na *Sociedade*, do que o *soberbo*, que juntamente he oppressor dos socios, e irmãos, foi necessario castigar, impondo penas as mais terriveis, este maldito peccado: aos *Anjos* arrojou do *Ceo* no inferno, ao homem do paraiso, e ainda antes do inferno castiga os soberbos neste mundo. Ainda parece, que somente para os soberbos foi creado o inferno, e que não vão a elle se não os soberbos, e nenhuns outros.

A. — Avança tanto, P.! Não sei com que o possa provar.

D. — Muito bem o prova, porque ja mostrou que não ha peccado, em que não vá envolta a *soberba*, e mesmo porque a *soberba* dá origem a todos os peccados.

P. — Dêem testemunho os mesmos condemnados, que o *Espirito Santo* representa fallando desde o inferno. Elles não dão por causa de sua condemnação mais do que a *soberba*: *Quid nobis profuit superbia?* De que nós servio a *soberba*? Tambem fallão das riquezas, e ambições, *Aut divitiarum jactantia quid contulit nobis? Sap. 5. 8.*, mas nós sabemos, que he nellas, que a *soberba* tem o seu assento, quando se não faz o devido uso. Esteja certo, que nenhum outro vicio cavou o inferno, nem a elle vão mais que os soberbos.

Como porem a *humildade* he de absoluta necessidade na *Sociedade*, a fez natural ao homem, e a sanccionou com os maiores premios, e tanto, ou ainda mais quanto ao inverso o fez á *soberba*. Poz estes dois na mais perfeita opposição em todo o rigor, e extensão do sentido; em cujo conhecimento deve entrar o que pertender conhecer a *Religião*, e *Plano* divino.

D. — Vamos abrindo os olhos a estas bellezas, Sr. At.; pois que temos andado ás escuras nesta divina sciencia.

P. — He esta a razão porque Deos resiste aos soberbos, e liberalisa suas graças aos humildes: *Deus resistit superbis, humilibus autem dat gratiam. Supr.* Jesus C. nos diz tudo em duas palavras: *Omnis, qui se exaltat, humiliabitur; & qui se humiliat, exaltabitur. Luc. 18. 14.* Todo aquelle que se exaltar, isto he, o que se ensoberbecer, será aba-

tido, e humilhado; e todo o que se humilhar, será exaltado. Eis a economia do *Plano* divino descripta nestas sós palavras.

Eu pudera discorrer sobre esta grande virtude da rara, e excelsa *humildade*, e mostrar sua intrinseca excellencia; porem julgo dizer tudo quando digo, que he em todo o sentido o inverso da *Soberba*. Quando esta he o principio, a origem, fonte, e raiz de todo o peccado, a *humildade* he o mesmo de toda a virtude, ella he o seu fundamento, e não ha virtude sem *humildade*, assim como não ha peccado sem *soberba*.

Por todas estas razões entrarão ambas tanto dentro do *Plano* divino, que J. C. nas sobreditas palavras as fez regra de sua conducta, e fiel balança de sua justiça. He a a balança o jeroglyfico da justiça, e com razão, porque nella se deve pesar tudo muito bem. Porem a balança tem huma cousa muito singular, e della só propria, e he, que ao mesmo tempo, que huma das duas partes, que a compõe, se abate, a outra indispensavelmente se eleva, e tanto quanto aquella mais se abate, até tocar o cume. Do mesmo modo se abate esta quando aquella se eleva. Nem mais nem menos faz a economia, providencia, e justiça divina. Quando o homem se abate, e humilha; então sóbe na estimação de Deos, e tanto sóbe, quanto mais se abate; e por este abatimento sóbe ao *Ceo*; e não de outra sorte. Desgraçado soberbo, que elevando-se, he abatido na balança de Deos, e tanto mais quanto mais se elevar! Os máos *Anjos*, que se quizerão elevar sobre as alturas do *Ceo*, forão abatidos ás profundezas do inferno: *Ascendam super altitudinem nubium, similis ero Altissimo. Veruntamen ad infernum detraheris in profundum laci. Isaias.* 14. 14.

D. — Mais o deverão ser quando opprimirem a *Sociedade*, como fazem os Incredulos, pelo prejuizo, que causão.

F. — Isso he entender bem as cousas.

P. — Eis aqui o unico meio, Sr. At., de subir ao *Ceo*, e descer ao inferno. A *humildade* faz hum, e a *Soberba* a outro. Quando melhor o queira ver, o tem bem claro no que a este respeito se passou entre J. C. e seus Discipulos. Vierão-lhe estes com huma questão impertinente, que tinha seus fumos de *soberba*; *Quis putas major est in Regno Coelorum*? *Math.* 18. 1. Quem nos dirás, que he maior no Reino dos Ceos? Como satisfaria J. C. a huma tal pergunta? Eis aqui

como: Elle chama hum menino de mui pouca idade, e o põe no meio delles: *Advocans Jesus parvulum statuit eum in medio eorum.* Feito isto solta aquella voz, com que creou os *Ceos*, e a terra, e assim lhes responde: *Amen dico vobis*; na verdade Eu vos affirmo, que se vós não rebaterdes essa *soberba*, que vos faz ambicionar as maiores grandezas do *Ceo*, e vos fizerdes como este menino, não só não sereis grandes, mas nem entrareis no Reino dos Ceos: *Nisi conversi fueritis, & efficiamini sicut parvuli, non intrabitis in Regnum Caelorum.* d.º 2 3. Aquelle que se humilhar, como este menino, accrescenta, este será grande no Reino dos *Ceos*: *Quicunque humiliaverit se sicut parvulus iste, hic est magnus in Regno Coelorum.* ℣. 4. Queira pois ponderar esta sentença divina, e achará certo o que affirmo.

A. — Vejo, que nega a entrada no *Ceo* a quem não se faz como menino. Porem que tem o menino por este respeito?

F. — Nada entende esta gente! Em hum menino he, que se dá a *humildade* em pessoa, a simplicidade, a sinceridade, o desprezo das injurias, a innocencia, e tudo mais.

P. — Veja, que não se pode dar mais expressivo symbolo da *humildade*, do que o menino. Não notará nelle vestigio algum, nem sombras de *soberba*. Embora lhe faça as maiores injurias, opprobrios, e contumelias, se o não ferir, elle ficará como antes, nem se dará por offendido. A mãi lhe dará açoutes, porem no mesmo tempo, que os sofre para ella estende os braços, e com a dor passa a lembrança. Verá arder a caza, que lhe pertence, e se aquecerá ao fogo. As honras, as ambições nada são para elle, e as riquezas, e toda sua fortuna não pesará mais na sua estimação, que a posse de huma piôrra.

He isto o que deve imitar o homem, fazendo-se deste modo menino para poder entrar pela porta do *Ceo*, que he apertada: não cabem por ella os gigantes, os inchados da *soberba*, os soberbões, que não cabem no mundo, os hydropicos de ambições, e ávidos até dos bens de J. C., ou de sua *Igreja*. Desgraçados! O mundo lhes parece estreito, mas caberão em seis ou sete palmos de terra d'entro de pouco tempo; não poderão entrar pela pequena porta do *Ceo*; porem a do inferno he grandemente espaçosa, e mui de proposito se abrio para os grandes soberbões, que não cabem no mundo sem opprimirem, e destruirem a Santa *Sociedade* de J. C., que a ninguem jamais fez algum mal.

F. — Que hade ser, se elles são lobos vorazes no Reba-

nho de J. C., monstros na *Sociedade*, dragões infernaes?

P. — Julgo que terão entrado no conhecimento do *Plano*, e divina economia por este respeito.

A. — Muito bem conheço as razões, porque a *soberba* he tão execravel aos olhos de Deos, quanto a *humildade* lhe he agradavel. Entendo ainda, que a *humildade* he mui fundamental á *Religião* de J. C. que não he outra cousa mais do que esta grande *Sociedade* em corpo, de que J. C. he a cabeça, e com quem ella, e os homens nella entrados, se fazem huma, e a mesma cousa: *Unum sunt.* Não podia forma-la de soberbos; somente de humildes, brandos de coração, e mansos como ovelhas. He esta a razão, porque J. C. nos veio dar o singular exemplo da verdadeira humildade, mandando aprender delle esta brandura e *humildade* de coração: *Discite a me, quia mitis sum, & humilis corde. Math.* 11. 29.

D. — Torno a persuadir-me, P., que se a principio, ou ao menos á mais tempo nos désse algumas ideas do que ultimamente nos tem dito, teriamos entendido com menos trabalho seu.

P. — Pode ser que errasse o methodo: porem eu no *Plano* de J. C., fundando a sua *Igreja*, lhes dei ideas sufficientes para poderem melhor entender, o que ultimamente tinha a dizer, e ainda direi. Se mais dissesse, sem que primeiro pusesse o homem em harmonia com a *Religião*, mostrasse em toda a extensão a organisação das sociedades civis, e sua intrinseca união, centro de autoridades, e finalmente tudo o mais, julgo, que não poderião entender.

D. — Pois eu lhe protesto que se tivesse ideas da grande *sociedade*, quaes agora tenho, jamais seria Incredulo.

A. — Eu digo o mesmo; porem crêa, que tudo tem sido necessario para concebermos taes ideas.

F. — E tudo tem sido pouco, pois a cada passo tem Vms. caranguejado por falta de bestunto, e criançólas.

D. — Diz muito bem. Vamos adiante; e queira perdoar.

P. — Entrou no fundo o Sr. At., dizendo que J. C. mui de proposito nos veio ensinar a *humildade* necessaria para fazermos parte da sua *Sociedade*, e membros de seu *Corpo.* He pois necessario imita-lo. Porem eu direi huma cousa, que não lhes soará bem; e por isso peço licença para a dizer, até que entrem no sentido, e verdadeira intelligencia do que tenho a dizer.

Fundamento da Humildade.

Grandes, grandissimos, e excessivos forão os exemplos de *humildade*, que J. C. nos deo. Poderião elles ser maiores? Eu creio que não. Toda sua vida mortal foi huma continuada cadèa de exemplos de *humildade*. Poderemos nós imita-lo perfeitamente? Devemos exforçar-nos por isso. Porem nós devemos em certo modo exceder, e passar a diante. Devemos lançar adiante a barra.

D. — Dê-me tambem licença para dizer que he impossivel.

A. — Eu creio o mesmo. Como pode ser que se exceda?

F. — Deixem fallar o Mestre, que até pedio licença.

P. — Direi, para que melhor o oução, que ao menos deve passar adiante fundamentando em seus devidos alicerces os exemplos de J. C., porque a não faze-lo, elles talvez lhes fossem inuteis. Queirão socegar-se. Eu sei, que lhes parecerá, que blasphemo; porem não posso dizer a verdade, se não deste modo. Mui bem poderia ser, que copiando o homem em si os exemplos da *humildade* de J. C. no exterior, esteja no interior cheio de *soberba*. Tem havido, quem por ella se offereça a sofrer injurias, tormentos, e a mesma morte. De tudo he capaz o homem, e a *soberba* tudo pode fazer. Devemos sim imitar a J. C. na sua *humildade*, mas devemos fundamenta-la; o que J. C não fez, nem podia fazer. Para que deponhão suas admirações, eu lhes perguntarei, qual he, e deve ser o fundamento da nossa *humildade*? Queirão responder.

F. — Então respondem? Ahi ficão mais embasbacados! Eu respondo. O fundamento da nossa *humildade* deve ser o proprio conhecimento de nós mesmos, de nossas miserias, e peccados; o que J. C. não teve nem podia ter. Logo que não haja isto ha *soberba*. Entendem?

D. — Vm. nos humilha a nosso pezar com o seu bestunto.

F. — Por isso mesmo que são soberbos, e estão cheios de amor proprio, que he a peior *soberba*.

P. — He na verdade este o fundamento da verdadeira *humildade*, que Deos exige de nós, e que tem todo o merecimento para com Deos. Tanto he do seu agrado, que mui de proposito, e parece que nada tanto procurou no mundo, como esta humildade, mas não pode fundamentar em si verdadeiramente, e apenas o fez na apparencia. Discorramos hum pouco a este respeito, e verão cousas admiraveis, e bem pouco advertidas, e ponderadas.

Deos, o Verbo Divino he por essencia santissimo, fonte de toda a santidade, e virtude: porem não he, nem pode ser *humilde*, pois que a verdadeira *humildade* não se pode fundamentar se não nas proprias miserias, e peccados, que jamais poderia ter. Porem elle deseja coroar-se com esta virtude; e para o fazer, qual outro *Jacob*, veste as pelles, e vestidos de *Esau*, isto he, toma a forma de peccador, põe em seus hombros nossos peccados, e como peccador na apparencia se carrega dos tropheos da *humildade*. Se me permittem esta expressão, direi, que em certo modo invejou no homem esta possibilidade de conseguir esta virtude, e por isso campeava em se chamar de contínuo *Filho* do homem, como que dizia: Sou *Filho* do homem, sou *Homem* como os mais homens, posso abraçar-me com a *humildade*, que antes não tinha, posso ser humilde, apezar de ser Deos; posto que não tenho peccado, nem miserias, com tudo sou verdadeiro *Homem*; posto que *Jacob*, trajo os vestidos de *Esau*, e me cubro das pelles de peccador: *Semetipsum exinanivit formam servi accipiens, in similitudinem hominum factus, & habitu inventus ut homo. Phip.* 2. 7. Então se póde abraçar com esta virtude, humilhando-se ate sofrer a morte, e morte de cruz, representado ahi mesmo de peccador, como morto entre dois facinorosos: *Humiliavit semetipsum factus obediens usque ad mortem, mortem autem crucis.* ℣. 8.

Força da verdadeira Humildade.

D. — Conheceremos dahi sem duvida o muito, que agradará a Deos quem a tiver fundamentada no conhecimento de suas proprias miserias, e peccados.

P. — Tanto que não poderei expressa-lo com palavras, e tanto mais quanto mais se abater na balança deste conhecimento. Infallivelmente sóbe, e subirá ao *Ceo*, o que muito se abater.

A. — Porem se tiver muitos outros peccados, com que tenha desafiado a ira, e justiça divina? Como poderá..?

P. — Muito bem poderá; esta *humildade* desarmará seu braço omnipotente, abrandará sua ira, e cativará seu coração; em fim o vencerá, porque esta *humildade* he tão forte, que vence, e resiste á ira do Omnipotente. Muito obrigados devemos ser por tudo a Deos! Suas bondades, e excessos de amor chegarão a ensinar-nos o meio de vencer-

mos a sua ira, desarmar seu braço, prendê-lo, e ligá-lo, para que não possa descarregar sobre nós os golpes da espada de sua justiça por mais inexoravel que seja. Tal he a condição do nosso Deos!

A. — Eu gostarei de ver as provas se as ha.

P. — Quantas quizer, e a qual melhor. J. C. nos apresentou neste respeito o *Publicano* entrado no *Templo* a orar.. .

D — Que qualidade de gente erão os *Publicanos*?

P. — A origem deste nome he tirada do bem publico, isto he, gente incumbida das exacções dos tributos; por isso de todos aborrecidos, como equivalentes a ladrões. Erão ainda tidos por taes a féz da Nação, desprezadores da Lei, e da *Religião*, e em fim peccadores publicos. Entra hum destes no Templo, e lança mão da verdadeira *humildade*. No exterior mostra, o que tinha no interior. Pára retirado, e mui longe do Santuario, e não se atreve a levantar os olhos: *A longe stans nolebat nec oculos ad Coelum levare.* Luc. 18. 13. Feria o peito: *Percutiebat pectus suum.* Porem estas exterioridades não erão em vão; ellas procedião do conhecimento de seus peccados. *Deus propitius esto mihi peccatori*, dizia, Deos, compadecei-vos de mim peccador. Nada mais faz; nada mais he necessario para ficar logo perdoado, e justificado: *Descendit hic justificatus in domum suam*; e dá a razão, que faz a regra de sua conducta: *Quia omnis, qui se exaltat, humiliabitur*; porque todo o que se exaltar, como fez o *Pharisco*, será humilhado; mas exaltado todo aquelle, que se humilhar: *Qui se humiliat, exaltabitur.*

He Deos hum Juiz Supremo, mas bem differente dos que fazem justiça na terra, que não tem autoridade de perdoar culpas. Em seus Tribunaes valem as desculpas, ás escuras, e as pertendidas justificações. O contrario porem he neste supremo Tribunal dos Juizos de Deos, que não ignora nossas maldades. Elle jamais admittirá desculpas, mesmo porque os peccados nenhuma desculpa tem. As desculpas perante elle são culpas, que mais aggravão o peccado, e ellas são procedidas da *soberba*, que repugna, e não consente que aos mesmos olhos de Deos appareçamos culpados. Não seria perdoado o *Publicano*, se com todos os sinaes exteriores de *humildade* dissesse: Deos, perdoai-me, porque não sabia, o que fazia peccando; ou allegasse em sua justificação qualquer desculpa. He isto o que commumente se faz aos pes dos Confessores; não se accusa al-

gum peccado sem que logo se escuse, e desculpe com mil desculpas. Miseraveis, e desgraçados penitentes! A *soberba* he a que lhes move as lingoas! Mais condemnados ficão. Nós o veremos melhor a seu tempo.

Bem claro temos isto no *Filho prodigo*, que J. C. nos propoz por modelo da verdadeira *humildade*, que obra os prodigiosos effeitos, que disse; nada mais expressivo, nada mais documentavel para o peccador, que quizer obter o perdão, desarmar a ira de Deos, vence-lo, cativa-lo, e como obriga-lo a perdoar. Jamais o homem deve perder de vista este modelo, que J. C. nos apresenta, contudo não mencionarei mais do que o sufficiente para o nosso respeito, porque teremos occasião de tornar a elle.

Depois que elle consumio, e dissipou os bens, com que havia sahido da casa de seu pai, em voluptuosidades, e luxurias, vendo-se no abysmo das miserias, entra no conhecimento do mal que havia feito, e diz: *Quanti mercenarii in domo patris mei abundant panibus, ego autem hic fame pereo!* *Luc.* 15. 17. Na casa de meu pai são fartos os criados, e mercenarios, e eu aqui morro de fome! *Surgam, & ibo ad patrem meum.* Eu sahio daqui, e vou ter com meu pai.

Bem parece esta resolução; mas que diremos dos meios, e modos de que se quer servir, e praticar? *Surgam, & ibo ad patrem meum, & dicam ei: Pater, peccavi in Coelum, & coram te; jam non sum dignus vocari filius tuus; fac me sicut unum de mercenariis tuis.* d.° 18. 19. Vou procurar meu pai, e lhe direi: Pai, pequei contra o *Céo*, e na vossa presença; ja não sou digno de ser chamado vosso filho; fazei-me porem, eu vos rogo, e olhai-me como hum de vossos mercenarios. Queirão dizer-me o que pensão desta resolução?

A. — Eu direi, que segundo a boa politica do mundo, não andou bem. Faria melhor se procurasse algum outro meio de sondar as disposições do pai a seu respeito, antes que a elle se apresentasse, e muito bom seria, se pudesse conseguir a intervenção de algum medianeiro. Parece-me ainda que não resolveo bem, quando se dispoz a fallar desse modo ao pai, pois que tinha razões fortes, que allegar em seu favor, como era sua pouca idade, e inexperiencia do mundo. Estas razões erão fortes.

P. — Assim parece aos olhos da politica mundana, que he muito differente da divina. Aqui nos retratou J. C. a verdadeira *humildade*, com que este filho, em que he reprentado o

peccador, venceo o pai, em que o mesmo *Senhor* se figura. De nada mais se servio, que da *humildade* fundada no conhecimento de suas proprias miserias, peccados, e maldades, com que obrigou o pai, não a recebe-lo por creado, e mercenario, mas como filho predilecto, e objecto de suas complacencias. Vejamos, e ponderemos o que se passou no seu recebimento.

Com os sujos, e rotos trapos, que cobrião a sua desnudez muito mal, e que deixavão ver bem patente sua miseria, e desgraça, se encaminha á casa do pai, que parece, não cessava de alongar as suas vistas por aquelle cominho, porque o esperava, pois o vio de longe; e apezar do miseravel esestado, em que vinha, logo o conheceo: *Cúm adhuc longe esset.* Como vio nelle pintada, e retratada a *humildade*, não se pôde conter que não corresse a elle, impellido da misericordia. Como que disse comsigo: Meu filho vem humilde; eu vejo nelle retratada a *humildade*; ella me vence; eu não posso resistir, nem me posso conter; corro a elle; nem espera-lo posso: *Misericordia motus est*, & *accurrens*, *cecidit super collum ejus*, & *osculatus est eum.* ℣. 20. Tal foi o impulso, e a violencia, que lhe fez, que correo, e não parou, se não quando o teve em seus braços, e lhe dava os osculos paternaes banhando-o de suas lagrimas de amor, e de ternura.

Até então, isto fazendo, calava o bom pai, posto que assegurava o filho de sua boa disposição: parece esperar alguma cousa mais. Com effeito o filho falla; elle escuta: *Pai*, diz elle, *Pai*; eu não digo, meu Pai, a tanto me não atrevo; *Pai*, *Pater peccavi in Coelum*, & *coram te*; Pai, eu pequei contra o *Céo*, e na vossa presença; ja não sou digno de ser reputado por vosso filho: *Jam non sum dignus vocari filius tuus.* ℣. 21. Elle hia a dizer mais; elle hia a rogar, que o recebesse, e tratasse como hum de seus mercenarios; porem o pai o interrompe, nem quer ouvir, nem saber de nada mais; elle grita logo a seus creados, e manda, que com toda a pressa tragão os melhores vestidos, e preparem grande banquete para regalar seu filho, e desafogar sua alegria, e prazer.

Eu julgo nada mais dever accrescentar para mostrar o valor, e a força, que tem para com Deos, representado neste pai, a verdadeira *humildade*, ainda do maior peccador, figurado neste filho prodigo. Torno a dizer que nesta parabola nos quiz J. C. mostrar o modo, e o meio de que

se deve servir o peccador para desarmar sua ira, vencer sua justiça, e obter forçosamente o perdão. Já mais, affirma o exemplar dos penitentes, jámais Deos desprezará o coração contrito, e humilhado: *Cor contritum, & humiliatum Deus non despicies. Psal.* 50. 19.

A. — He esse *David* no seu famoso *Psalmo*, *Miserere*, que segundo o que tem dito, não lhe deverá agradar, porque este famoso penitente não respira nelle a verdadeira *humildade*. Por isto não me agrada tal *Psalmo*, não obstante que não tenho sido humilde.

P. — Gostarei de ouvir as causas porque lhe não agrada.

A. — Eu as digo; e me dará razão. *David* foi grande peccador sem duvida, adultero, homicida, e grandemente escandaloso. Como tal elle não devia fazer as petições, que contem este *Psalmo*, nem me parece, que as deve fazer qualquer outro peccador. Pelo menos as confianças em Deos, que nelle se inculcão, nada tem de *humildade*. Elle confia, ou se faz confiar, que Deos o fará mais puro, que a neve: *Asperges me hyssopo, & mundabor; lavabis me, & super nivem dealbabor:* ℣. 9. Espera, que lhe dê prazer, e alegria, com que até seus ossos exultarião: *Auditui meo dabis gaudium, & laetitiam, & exultabunt ossa humiliata.* ℣. 10. Por ventura poderia com *humildade* esperar isto hum tal peccador? Não inculcão maior *humildade* os versos, que se seguem, e que omitto.

Logo no principio mostra este espirito em que nada acho de humilde. *Miserere mei Deus secundum magnam misericordiam tuam*; acho muito bem dito. Já me não parece assim o 2. ℣., pois que nelle pede a inteira abolição do seu peccado: *Dele iniquitatem meam.* Passa a pedir, que o lave, e purifique mais, e mais de suas maldades, e iniquidades: *Amplius lava me ab iniquitate mea, & à peccato meo munda me.* ℣. 4. Pois que! lhe diria eu; não te basta pedires o perdão! Como te atreves a pedir tanto? Eu não acho isto proprio de hum humilde.

D. — Grande reflexão fez o Sr. At.! Eu confesso, que tendo lido esse *Psalmo* muitas vezes, nunca reflecti nessas razões. O Sr. Ab. deve confessar que elle não he proprio para verdadeiros humildes.

P. — Bem pelo contrario devo confessar, que para nenhuns outros he proprio. Já mais o poderá recitar o soberbo com algum fruto. *David* era mui bem instruido na sciencia da *humildade*, e nesse *Psalmo*, mais que em nenhum outro,

ao contrario do que lhes parece, vemos bem patentes os effeitos da verdadeira *humildade.* O Sr. At. apenas mencionou os effeitos da *humildade* de *David*, e omittio sua causa. Queira dizer os dois ℣. ℣. 5. e 6., e nelles achará a verdadeira *humildade*, como causa de tudo o mais. Diz no ℣. 4. *Amplius lava me ab iniquitate mea*, & *a peccato meo munda me.* He com effeito muito pedir; porem veja a razão, que logo dá: *Quoniam*....

A. — *Quoniam iniquitatem meam ego cognosco*, & *peccatum meum contra me est semper. Tibi soli peccavi*, & *malum coram te feci*, *ut justificeris in sermonibus tuis*, & *vincas cùm judicaris.*

P. — » Ahi tem pintada com as mais vivas cores a verdadeira *humildade* deste verdadeiro penitente; e qualquer outro peccador, que a tenha neste gráo, affoitamente pode pedir tudo o que elle pedia, e esperava. Para que melhor o entendão, entrarei eu em questões com este Santo penitente.

Dize-me, *David*: » D' onde te veio tanto atrevimento para pedires a Deos, que te lave mais, e mais, apagando as manchas de tuas grandes culpas, e pondo tua alma pura, e mais branca que a neve? Esqueces-te por ventura de teus tão enormes peccados? » Não me esqueço, antes por isso mesmo tenho estas confianças. » Dize-me em que as fundas?

» No conhecimento do meu peccado: *Quoniam iniquitatem meam ego cognosco.* Eu conheço o mal, que fiz; e tanto o conheço, que o trago sempre diante dos meus olhos, e me anda sempre accusando: *Peccatum meum contra me est semper.* Eis aqui os gemidos, que eu dou, fallando com o meu Deos: Eu pequei contra vós, e fui tão malvado, que mesmo na vossa presença, meu Deos, commetti minhas enormes maldades: *Tibi soli peccavi*, & *malum coram te feci.* »

» Ah, como tendes, ó Deos, justificada a vossa causa! Vossa palavra, vossa Lei, e justiça estão bem claras; eu as transgredi, e quando me condemneis, ficareis bem justificado, pois com toda a razão o fareis: *Ut justificeris in sermonibus tuis.* Sei muito bem, que entrando vós em juizo comigo justamente me condemnareis a tormentos eternos, pois os tenho merecido: *Et vincas cum judicaris.* »

» Como eu isto conheço, como eu isto confesso, e sei muito bem a força, que isto tem para diante de Deos, e que elle não despreza corações humilhados, como o meu, apezar da enormidade de minhas culpas, espero, e confio, que elle faça tudo isto que lhe peço. ».

D. — Temos conhecido cabalmente o que he a verdadeira *humildade*, e seus effeitos; á vista do que concluiremos, que facilitou Deos a salvação dos maiores peccadores, quanto se póde imaginar, pois qualquer terá essa *humildade*; e tanto mais quanto mais, e maiores peccados tiver.

P. — Assim parece, e assim devia ser; por desgraça porem nada mais raro, do que esta *humildade* bem radicada no coração. Dêem-me com ella o maior peccador, que eu o darei hum santo dentro em pouco tempo. Porem torno a dizer nada mais raro. Parece isto inteiramente incrivel. Que hum peccador, crendo, que ha Deos, Ceo, e inferno, não se humilhe diante de Deos, confessando-se culpado, e digno de condemnação eterna, he bem admiravel! Contudo he o mais ordinario; e nada mais raro do que esta *humildade*. Não se póde explicar este incrivel phenomeno se não pela *soberba*, que não deixa ver a propria maldade, nem humilhar o coração. La o dirá sim o malvado, mas somente com palavras, que não dicta o coração. Maldita *soberba*, que entumece, endurece, e obstina o coração, e jamais deixará entrar nelle o pezar, o arrependimento com a devida *humildade*!

F. — Não acabe ainda, P.; parece-me que lhe esquece huma cousa, que eu lhe lembrarei.

P. — Lembrará quando eu der a materia por acabada. Tendo os Srs. em vista tudo, o que temos dito da *Igreja* de J. C., que forma a grande *Sociedade* em corporação com este *Senhor*, compondo huma só unidade, concluirão, que a *humildade* he o verdadeiro principio, fonte, e origem da salvação porque ella habilita o homem para entrar a compor, e fazer parte desta corporação. Jamais o soberbo, o duro de coração poderá entrar nesta união, e corporação por isso mesmo que he duro e soberbo. Poderá sim fazer parte, e ser membro da *Igreja* em quanto tem a sua Fé, e Sacramentos com a obediencia á Cabeça, porem elle não passará de membro sêco, podre, e inapto para poder fazer parte desta corporação, e unidade com Deos. Temos tudo, o que mais poderia dizer, na verdadeira figura, e comparação de hum Rebanho de ovelhas, de que J. C. tão de proposito se servio.

F. — Isso he P., o que eu esperava: agora sim quero ver se os Incredulos são ovelhas, ou excommungados cabritos; se hão de estar á direita, se á esquerda no grande dia, em que todos nos veremos.

A humildade faz ovelhas.

P. — Nada he tão expressivo no respeito de que fallamos, como esta comparação dos verdadeiros *Fieis* com as ovelhas, pois nella temos bem patente o conhecimento da classe, a que pertencemos, e por consequencia da nossa futura sorte como sinal certo de salvação, ou de condemnação eterna.

F. — Ah, quem me dera aqui agora essa canalha incredula, esses soberbos, esses malvados, esses matadores, e perseguidores dos servos de J. C., e de sua *Igreja*, esses ladroes dos bens da *Religião*, seus inimigos, e de Deos, esses cabritos bravos, e cães danados! Quero ver onde ficaráõ no grande dia de juizo.

P. — Chore a sua desgraça, e peça a Deos, que lhes abra os olhos. Não seja tão bravo contra elles se quer ser *ovelha* de J. Christo.

F. — Máo! Essa não esperava eu! Pois ja me calo.

P. — São as *ovelhas* o symbolo da *humildade*, que traz comsigo tudo o mais, que se requer para formar a união, e *Sociedade* em corporação. J. C. mesmo quiz ser intitulado *Cordeiro*, vindo a nós nesta qualidade, e condição. Seria longo mencionar as vezes, e occasiões, em que elle se servio desta comparação. Elle não dava outro nome á sua *Igreja* se não o de Rebanho, e aos seus membros *ovelhas*. *Apascenta as minhas ovelhas*, disse ultimamente a S. *Pedro* pouco antes da sua Ascenção ao *Ceo*, *Apascenta minhas ovelhas, meus cordeiros, e cordeiras*, *Joan.* 21., o que ja vimos. Vejamos pois as qualidades, e condições deste animal, pois são as mesmas, que devem adornar hum verdadeiro *Fiel*, que quizer formar parte deste Rebanho de J. C., e ser membro da sua *Sociedade* em união com elle.

Nenhum outro animal he mais proprio para a sociedade por todas as razões. Elle nada ama tanto como á sociedade: nella anda contente, e satisfeito; e em qualquer caso adverso, que lhe occorra, nada procura, a nenhuma outra parte corre, se não á sociedade. Se o lobo assalta o rebanho, este se apinhôa, e aquelle pode matar, e devorar á sua vontade. Separem porem huma ovelha, ou hum cordeiro do rebanho, e veráõ, que jamais tomará descanço; sua afflicção não cessará em quanto durar a separação, e será o primeiro momento da sua satisfação aquelle, em que se unir á sociedade.

Ainda temos mais alguma cousa à este respeito, e he

que não obstante o seu natural afferro á sociedade, facilmente se dispersa por si mesmo ao sentir-se sem pastor. Bastará sim ver o seu cajado, o seu surrão; e os seus assobios são sufficientes para o trazer unido, ou reunir; porem logo que conhecem a sua falta, a dispersão he certa. Não conhecem o caminho se o pastor lho não mostra; logo que se põe diante todo o rebanho o segue.

F. — Essa he a verdade; como tambem o he, que seus inimigos tirarão o *Pastor* ao Rebanho *portuguez* para o dispersarem, e acabarem com elle. Puzerão-lhe pastores ladrões, peiores do que lobos, que não entrarão pela porta, que só servem para degolar, e matar.

P. — Nellas vemos a *humildade* com todos os seus effeitos, de que sempre se acompanha. Jamais notarão neste animal sinal algum de ira, odio, ou vingança. Apezar da má companhia, que lhe fazem outros animaes, ellas com todos facilmente associão...

F. — (Até com os bodes ainda que não cessão de as escornar.)

P. — Sofrendo com toda a paciencia, e mansidão os máos tratos, que lhes fazem.

F. — Nenhuns as maltratão tanto como os bodes...

D. — Não se lembra, Sr. Fr., de que deve ser ovelha?

F. — Lembro sim; mas não posso sofrer a cabreirada.

P. — Em que mais se avantajão, e mesmo são singulares, he na mansidão. Vemos no sagrado *Evangelho* as repetidas recommendações do Divino *Mestre* desta virtude; ella o carecterisou de tal sorte, que nos mandou aprende-la de si mesmo: *Discite a me, quia mitis sum, et humilis corde. Supr.* Aprendei de mim a mansidão. Elle chama aos mansos bemaventurados: *Beati mites... Beati pacifici. Math.* 5. 4. 9. Mais o serão quando sofrerem a perseguição dos máos: *Beati, qui persecutionem patiuntur.* ℣. 10. Elle diz tudo em fim quando nos propõe por exemplar a mansidão da ovelha.

Nenhum animal inarme conhecemos, que não seja este; não tem dentes para morder, nem pontas para se defender, nem alguma especie de arma de que se possa servir, nem ainda tem sufficiencia para fugir. A ninguem mal faz, nem quer, nem meios tem para isso. Assim o creou Deos, porque tinha de o fazer symbolo dos seus bons servos, e exemplar que indispensavelmente devem seguir, os que quizerem entrar, e fazer parte do seu Rebanho...

F. — E estar á sua Direita no grande dia.

P. — A ovelha tem o maior desapego de tudo, o que poderia

julgar de sua propriedade. Promptamente dá o leite, e liberalisa o vello, que entrega sem repugnancia, e sem queixa; e com a mesma mansidão dá a propria vida, sem mesmo se queixar, nem ainda sinal algum de ira mostra.

A. — Ai, P.! Quem tanto poderá fazer?

P. — Com a graça do *Senhor* tudo se facilita, e os bons *Christãos* não tem sido, nem serão em pequeno numero.

F. — Que outra cousa tem sido os nossos *Religiosos*, e mais bons Ministros da Santa *Religião*? Não tem elles sido verdadeiras ovelhas? Não derão tudo o que tinhão, como as ovelhas dão o vello? Não morrerão como cordeiros? Não imitarão a J. C.? Não o tem feito outros mil a quem a cabreirada perseguidora tem escornado, calcado, roubado, e matado a ferro, fogo, e fome? Ovelhas de J. C. consolai-vos; Vós tereis no grande dia a *Direita* deste *Senhor*, e vereis á esquerda de volta com os espiritos infernaes soberbos, e malfazejos, a quem imitarão esses cabritos, ou bodes, que são a mesma figura do diabo, a esses vossos perseguidores. Vós os vereis ranger os dentes, como cães danados. . .

P. — Com effeito J. C. Supremo Juiz nos diz tudo, quando affirma que no grande dia do seu juizo porá á sua *Direita* as ovelhas, com cujo nome quiz designar seus bons servos, e verdadeiros membros do seu Corpo, e Rebanho, a quem unicamente levará comsigo ao *Ceo*. Eu não sei que de outro modo pudesse melhor fazer entender, quam necessaria he a *humildade* para conseguir seu ultimo fim, e quam errados vão os que não se parecem com as ovelhas. Segundo esta expressão somos obrigados a entender com perfeito desengano, que será impossivel achar lugar á *Direita* do *Senhor*, e por consequencia entrada no Reino dos *Ceos*, o que teve mais semelhança de lobo raivoso, de leão, ou qualquer outro do que de ovelha.

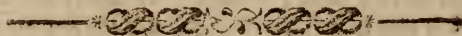
F. — Olhe para si cada hum de quantos aqui estão, e veja a que classe pertence: veja se tem coração manso, e em tudo bem semelhante á ovelha; e se assim for, alegre-se, porque terá a *Direita* de J. C., e com elle subirá ao *Ceo*. Mas se for bravo como o touro, voraz como o lobo, raivoso como a serpente, vingativo, e luxurioso como o bode, e em fim cão danado. . .

P. — Basta, basta; encommende-os a Deos. . .

F. — (He o que me importa!)

P. — Para que lhes dê graça, e conheça seu mal em quanto ha tempo.

D. — Tem-me feito tremer, P! Meu coração he muito bravo!

P. — Não tem motivos para o dizer. Entretanto bom he trabalhar porque seja melhor. Temos concluida esta Palestra juntamente com o dia, que se acabou. Tendo visto quam graves são nesta *Sociedade* de J. C. as offensas, que se fazem aos proximos, e socios em seus corpos, bem he que vejamos quanto sobem de ponto as que se fazem na alma, a quem chamamos *Escandalo.* Este fará querendo Deos, a materia da seguinte *Palestra.* Peçamos a nosso bom Pai, e nossa *Mãi* a sua benção.

PALESTRA TERCEIRA.

Escandalo.

PALESTRANTES.

Parocho, *Deista*, *Atheo*, *Materialista*, e *Freguez*.

Introducção.

Deista — Dê-nos a sua benção, meu Padre. Queira saber; que hoje pertencia ao senhor *Liberal* sustentar a *Palestra*; porem diz, que mais quer ser ouvinte, visto que a materia não versa sobre Politica, que he a sciencia de sua paixão. Temos porem os dois Srs., que ambos querem tomar parte, e propor suas duvidas, presumindo poder fallar com desafogo, por não se reputarem escandalosos. Esta passada noite tivemos nossa reunião; e o Sr. *Freguez* como taes os tratou; do que elles não gostarão.

Freguez — Estou prompto para sahir com elles a campo.

Parocho — Não queremos outro campo mais, que o seu comedimento, e prudencia em taes occasiões.

F. — Confessem elles a verdade, e eu me calarei. Eu bem sei, o que elles tem sido; e tambem sei o que he *Escandalo*. Não se finjão santos, tendo sido da pelle do...

P. — Cale-se; não entre ja a perturbar-nos.

Atheo — Não nos confundimos em commetter nossas culpas, e não nos confundiremos em confessa-las.

Materialista — Não de certo; para tudo temos valór; só nos falta conhece-las neste respeito.

P. — Muito estimaria eu, que sustentassem a palávra; porque na verdade venho com receios de não poder desenvolver de-

vidamente esta materia. Mais quizera eu faze-lo no pulpito, fallando em geral, do que em huma conversação, em que devo guardar os devidos respeitos, e attenções, que pede, e exige a decencia.

D. — Se quer o pulpito allí o tem; e quando não, retirem-se os Srs., porque eu só sustentarei a *Palestra*, figurando o maior escandaloso, talvez sem faltar á verdade; e conte com o meu valor para ouvir quanto possa dizer contra escandalosos.

A. — Não lhe queremos ceder em valor. Provas temos dado em tal respeito. Queira dizer, P., tudo o que quizer, e com todo o desafogo.

M. — Seja eu a quem dirija a palavra.

D. — Pois sejamos todos; e veremos qual he o mais forte. Falle, P., com desafogo.

P. — Eu assim o farei, e muito satisfeito pela nobreza de seus honrosos sentimentos, que me asseguráo dos desejos, que os animão, de conhecerem a verdade, e de abraça-la. Não julgou bem o senhor *Liberal*, quando se persuadio, que não versaria esta materia sobre Politica, porque ella interessa muito, e mesmo he fundamental na grande *Sociedade*, de que ainda continuamos, e continuaremos a fallar; nem alguma outra lhe pode ser tão interessante, e fundamental como esta. Nada mais prejudicial á *Sociedade*, e sua boa policia, sua paz, felicidade, e prosperidade, do que o *escandalo.* Melhor o conheceráõ em seu desenvolvimento.

Nós temos visto formada a grande *Sociedade* de J. C., a que chamamos *Igreja*: e em que assenta, e mesmo forma a *Religião*, em hum corpo, de que o mesmo *Senhor* he cabeça; corpo verdadeiro derivado, e formado de seu mesmo Corpo, que nos dá em comida no *Augustissimo Sacramento* com sua mesma *Alma*, e *Divindade*, divinisando nossos corpos, e mais que tudo nossas almas, e unindo aquelles, e estas com sigo mesmo em huma só unidade.

D. — Lembrados estamos; assim como dos varios, e multiplicados laços, que o mesmo *Senhor* lançou, e continuamente lança a esta *Sociedade* para a ter bem unida entre si, e comsigo. Fallou-nos ultimamente do amor fraternal, sem exceptuar os inimigos, e da *soberba* inimiga capital da confraternidade. O *Escandalo* deverá ser filho da *Soberba*.

P. — Eu ignoro a sua genealogia. Do inferno deveria de vir: porem somente o nenhum temor de Deos, ou a só incredulidade absoluta he, a que o pode produzir, e nutrir; pois acho que he incompativel com a crença de hum Deos, jus-

to Juiz, premiador do bem, e severo vingador do mal. Entrados neste conhecimento verão primeiro, que nada mais prejudicial a esta *Sociedade* em união com Deos, que o *Escandalo.* O desenvolvimento porá patente esta verdade. Vejamos pois o que he *Escandalo.*

Definição do Escandalo.

A. — Veja, P., como o define, porque eu mostrarei pelas divinas *Escrituras*, que J. C. tambem deo *Escandalo.*

F. — Vejão, que blasphemo este! Isso he blasphemia.

P. — Não diz bem. Elle não o deo, mas sim o tomarão delle os mal intencionados, e perversos, como logo veremos. *Escandalo* palavra *Grega*, e *Latina* significa em sua origem hum impedimento, ou obstaculo, que se põe á nossa passagem, e por cima do qual lhe necessario passar; e tudo o que nos pode fazer cahir tem este nome. Por analogia se dá o mesmo nome a huma cova, a hum laço armado a hum animal, ou a hum homem, e n'um sentido figurado he o *Escandalo* huma occasião de nos fazer cahir em erro, e peccado: *Occasionem praebens ruinae*, como bem o define S. *Thomas.*

Em todos estes sentidos differentes o vemos tomado nas *Escrituras*; porem convem na mesma cousa, que vem a ser a occasião que se dá, de cahir em peccado, ou sufficiente para isso no effeito, ou na intenção. Consequentemente os *Theologos* o definem: Acção, palavra, ou omissão capaz de motivar, ou produzir peccado em outro; *Dictum, vel factum, aut omissio occasionem praebens alteri ruinae.* Ha *escandalo* activo, e *passivo*, ou escandalosos, e escandilsados. He o primeiro aquella acção ou dito que escandalisa, e escandoloso, o que a presta; he o segundo o effeito, que produz no que he excitado ao peccado: são estes por outro nome *Escandalos* dados, e recebidos.

Quando de huma boa acção ou palavra se tirão máos effeitos pela malicia, e preversidade, se chama *Escandalo pharisaico*; e tal foi o que os *Phariseos*, e mais *Judeos* tomárão das boas palavras, e obras de J. C. por sua propria perversidade. Não he deste que fallamos. Contudo apezar da indifferença das nossas acções devemos acautelar-nos, porque não sirvão de tal occasião. S. *Paulo* affirma, que se o comer carne escandalizasse a seu irmão, elle a não comeria jamais em sua vida.

M. — Porem isso he, o que eu não posso saber. Por ventura sei eu, o que se passa por outro em seu interior? Nesse caso deverei enterrar-me, pois de tudo o que eu fizer, ou disser podem escandalizar-se.

P. — Não será necessario, que se enterre para não ser escandaloso. A intenção o absolverá, ou condemnará. Sem a má intenção, e previdencia não ha *Escandalo.* Quando não presuma, que suas acções ou palavras motivarão provavelmente má occasião, nem nellas intente máo fim, não tem que temer o *Escandalo.* Se porem ellas se assemelharem com as de J. C., isto he, se forem innocentes, e virtuosas, embora se escandalizem os máos; a si mesmos, e á sua perversidade o devem imputar.

F. — Quando eu pegava do meu Rozario, hia ao Templo &c. Vms. me tratavão de fanatico, raivavão, e o mais que querião. Erão verdadeiros *Phariseos.* Quem peccava aqui? O mais he que todos os Incredulos são *Phariseos!*

P. — Quando J. C. hia a padecer, prevendo, o que succederia, avisou a seus *Apostolos* do *Escandalo*, que se hia a tomar por sua paixão: *Omnes scandalizabimini in me in nocte ista*, todos vos escandalizareis esta noite, pois está escrito, que o *Pastor* será ferido, e as ovelhas se dispersarão: *Quia scriptum est*: *Percutiam Pastorem*, *& dispergentur oves. Marc.* 14. 27. Como se dissera: Vós vendo-me sofrer as maiores injurias, opprobrios, e a morte sereis tentados a crer, que eu não sou o *Filho* de Deos. Para lhes tirar esta occasião de *Escandalo* lhes tornou a lembrar a sua Ressurreição: *Sed postquam resurrexero*, *praecedam vos in Galilæam.* ℣. 28. Eu ressuscitarei, e me tornareis a ver. Nisto, e em tudo o mais fez o possivel por lhes tirar o *Escandalo*; e se a si mesmos se cegarão os *Judeos*, na sua obstinação o fizerão.

D. — Não forão os sós *Judeos*: os Apostolos com tantos avisos não ficarão mais credulos.

P. — Assim o permittio Deos para maior monumento da sua Fé. Ainda ha *escandalos* de omissão, e se dão estes, quando se não cumprem, e desempenhão devidamente as obrigações do estado, em que o homem se põe. Hum *Bispo*, por exemplo, se não cumpre com as pesadissimas obrigações, que lhe impõe a Mitra, hum *Parocho*, hum *Sacerdote*, ou qualquer outro, que tem sobre si o encargo de almas, não procurando com todas suas forças desempenhar as annexas obrigações, he escandaloso, em quanto dá occasião,

a que as almas, que devia pastorear, pereção eternamente.

Os pais de familias, e todos aquelles, que por qualquer razão estão neste lugar, são escandalosos, se não cumprirem com os seus deveres, instruindo, creando no temor de Deos sua familia, e vigiando sobre ella com todo o possivel cuidado. Da mesma sorte os Magistrados civis, que tambem são grandes pais de familia, e tanto maiores, quanto mais extensa he a sua jurisdição, serão grandes escandalosos, se não cuidarem com a possivel vigilancia em desempenhar com promptidão, e rectidão seus deveres; pois que de sua omissão pende a perdição de muitas almas, em quanto della tomão occasião para obrarem o mal pela impunidade.

M. — Visto isso estavamos enganados, ignorando o que he escandalo. Mui bem dizia o Sr. *Freguez*..

F. — E contudo não o querião crer! Ainda não deo nos maiores escandalosos. Lá hirá dar; não tardará muito.

A. — Pensavamos serem escandalosos somente os grandes malvados, que commettem publicamente os maiores crimes.

P. — Quando o crime he publico, sempre he escandaloso pelo máo exemplo, alem de outras razões: porem os maiores crimes podem não ser os mais escandalosos pelo horror, que trazem com sigo. Mas qualquer que seja o meio, ou modo, ou mais desta ou daquella sorte, huma vez, que se procura, ou intenda directa ou indirectamente incitar, ou induzir, ou dar occasião a que outro peque, temos o *escandalo* de que tratamos.

D. — A'vista disso entendo eu, que o ser escandaloso he o mesmo, que ser Diabo, porque faz o mesmo officio, que tentar ao peccado.

F. — Agora he que lhe deo; he assim que se falla em portugez. Porem deve saber que ha Diabos, e Diabões, que devem ser maiores do que *Satanaz*, ou o *Lucifer*. Sabe quem são estes? São os Incredulos, são esses escrivinhadores blasphemos, são dogmatizantes, que ensinão as más doutrinas, são esses fanatiqueiros, que zombão de quem serve a Deos, são esses inimigos de J. C., e sua santa *Religião*, que perseguem seus Ministros, que arruinão seus Templos, que lhe fazem a guerra por todos os meios, e modos, que querem acabar com ella, que procurão dispersar, e perder o Rebanho de J. C., separando-o de sua cabeça. Estes, todos os que os seguem, esses *Calvinos*, e *Jansenistas* excommungados, toda a corja incredula são os grandes Diabões; aqui os tem, e não os procure em outra parte. Nem trinta mil

M

Lucifers, *Belzabús*, nem *Satanazes* são capazes de deitar agoa ás mãos destes. Elles são taes que me vejo tentado a crer, que nem *Lucifer* lá os quererá no seu reino, por temer, que fação lá alguma constituição, com que o fação constitucional, para lhe tirarem o mando, e o governo.

D. — Bravo! Que lembrança! Vm. faz gelar o sangue, e juntamente rir. Porem conhecemos, que diz a verdade.

F. — Pois eu nenhuma vontade tenho de rir. Mas se algum me quer contradizer, eu estou em campo.

P. — Tenha prudencia, filho, lembre-se onde está. . . .

F. — Lembro, meu P.; deixe desafogar esta alma, e diga-se a verdade a toda esta gente, de modo que entendão, e não por modo de Latinorios. Vm. não póde negar ser isto verdade, porque o meu bestunto assim m'o diz, e eu ja lho ouvi dizer na cadeira da verdade, que por desgraça fizerão da mentira.

P. — Pois bem; ja Vm. desafogou; resfrie esse calor. . . .

F. — Nem com quanta agoa ha no mar. Elles são muito peiores, que o grande dragão, a quem S. *Miguel*. . . .

P. — Basta; ouça em socego as divinas doutrinas, que temos a este respeito, e marchemos com mais vagar.

F. — Mas puxe par'qui as doutrinas em bom portuguez, que todos entendão, que elles são peiores, que quantos. . . .

P. — Basta. Tendo visto, o que he *escandalo*, vejamos quam grande he este mal na *Sociedade* pela sua enorme extensão, que a tudo abrange.

Extensão do Escandalo.

He este o grande mal, que ha, e perde o mundo em todo o sentido. Assim o quiz dizer J. C. naquellas duas palavras: *Vae mundo*, Ai do mundo. Esta interjeição *Ai*, *vae*, nas divinas *Escrituras*, principalmente na boca de J. C., significa, e he pronostico de grandes males, e mesmo de condemnação eterna. Quando pois disse: *Vae mundo*, Ai do mundo, foi o mesmo que dissesse: Ai de ti, ó mundo, que vais perdido; tua condemnação eterna vai certa. Mas porque causa? Porque tal *Vae*, Ai! Por ventura por causa das guerras? Sim, mas não as guerras a ferro, e fogo; porque estas farão *Martyres*, povoarão o *Ceo*, e fecundarão a minha *Igreja*, quando com ellas a persigão, mas sim outras guerras mui mais terriveis e fataes, guerras, que perdem as almas; e são os *escandalos*: *Vae mundo a scandalis. Math.* 18. 7. Mas que, *Senhor*! Não

ides vós a remir o mundo? Felicitai-o antes, e não o lamenteis de tal sorte, e menos em tal occasião. Que respondereis?

„Oh sim, diria; Eu vou a remir o mundo, derramando por elle todo o meu *Sangue*; Eu vou abrir-lhe as portas do *Ceo*, para que nelle entre todo o mundo; Eu vou facilitar-lhe esta entrada; Eu vou formar huma grande *Sociedade*, em que Eu mesmo entrarei, como centro, vinculo, e cabeça de união, divinisando o mundo, o genero humano de tal sorte, que não sejamos mais, que huma só *Sociedade*, hum só corpo, huma só, e a mesma cousa: *Ipsi in nobis unum sint*. Contudo isto, apezar de meus trabalhos para isto conseguir, apezar da effusão de todo o meu *Sangue*, Eu vejo o mundo perdido: *Vae mundo*. No mundo anda, e ficará huma fera, hum dragão, hum monstro, que não posso matar, e que perderá o mundo em geral: *Vae mundo*: He este o *escandalo*: *Vae mundo a escandalis*."

Tal he o sentido em que J. C. exalou este sentidissimo *Vae*, Ai. Não foi elle lançado sobre parte do genero humano, sobre esta ou aquella Nação, mas sim sobre todo o mundo, porque em todo elle, e por toda a sua extensão grassa este mal; a todo elle chega a cauda deste dragão infernal, e tudo infecta com o pestilente halito, que exala. Feliz aquelle que se souber preservar de sua mordedura, e infecção!

A. — Faz tremer essa pintura! Que desgraçado he o mundo!

F. — Mais tremerá quando ouvir fallar, dos que são a causa.

A. — Mas que farão os *escandalos*, em quem não quizer cahir nelles? Julgo, que na vontade propria está o mal.

P. — O que fazem os *escandalos* são todos os males, que vê, e ha no mundo; nem nelle ha mal, que pelo *escandalo* não tenha vindo; e feliz aquelle, que delle não he mordido, porque o não quer ser. Eu julgo que poderei ser dispensado de provar pela segunda vez, que todo o bem, e todo o mal não vem ao homem se não pela instrucção; que recebe pelo ouvido, e exemplos, que lhe entrão pelos olhos. Duas portas estas por onde entrão...

D. — Sem duvida; lembrados estamos.. O homem não praticaria o mal, se delle não adquirisse ideas por algum dos dois sentidos. Todos estamos certos, se não me engano.

M. — Não engana; porque eu o estou, sendo o menos intelligente. Bem presente estou na demonstração com que o Sr. Abb. provou, que o homem viveria sempre sem conhe-

M *

cimento do vicio qualquer que fosse, a o não ter por instrucção; o que me custou a crer. Estou agora bem certo, que o homem não tem o vicio por natureza, mas sim por instrucção. Esta se adquire pelo ouvido, ou pelos olhos; e eis aqui o *escandalo*.

D. — Por legitima consequencia se segue, que quando houvesse huma familia, que desde sua infancia jamais visse, e ouvisse cousa alguma, que lhe desse conhecimento do mal, nunca o conseguiria, e viviria em perfeita innocencia.

P. — Isso se observa a cada passo nos bons, e bem acautelados Recolhimentos religiosos, e ainda em familias particulares, onde não entra o monstro do *escandalo*. Façamos aqui huma reflexão, servindo-nos de huma comparação, ou simile visivel para melhor entendermos o invisivel. Nós vimos a J. C. formando a sua *Sociedade*, e unindo-a com sigo com varios, diversos, e multiplicados laços. Porem eis aqui o monstro do *escandalo* rompendo esta união, rasgando a têa, que J. C. teceo de varios fios, quebrando estes laços, e os vinculos de união, e com grossas, e duras cordas prendendo, ligando, e puxando para arrastar fóra, desunir, e deslocar seus membros.

D. — Muito bem entendemos, o que nisso quer dizer.

P. — Não entendem tal: Ainda não disse tudo, o meu Ab. Jesus *Christo* sim formou esta união com sigo; mas lá anda *Lucifer*, o grande *Satanaz* a formar tambem a sua sociedade em união com sigo, destruindo a de J. C. Elle se serve dos *escandalos* para quebrar os seus laços: elle deita tambem seus laços aos membros de J. C.; deita-lhes cordas para os puxar, e arrastar á sua sociedade. As cordas são os escandalos. Porem quem arma estes laços, e estende estas cordas? São os diabretes escandalosos, principalmente os Incredulos, que são os grandes Diabões, que a ferro, e a fogo querem, e procurão destruir a santa *Sociedade* de J. C. Estes são os maiores *Satanazes*, que por cá tem o do inferno.

D. — Agora acabamos de entender perfeitamente, Sr. Fr.; e disse bem, que o não haviamos entendido. Mas Vm. vai logo ás do cabo.

F. — Dou-lhe pela raiz; pois não gosto de andar pela rama.

P. — Accrescentarei sómente, que estas cordas se formão de dois vinculos, a qual mais forte, que são as palavras, e os exemplos. Quam grandes, fortes, e extensos são huns, e outros, facilmente o conhecerão, lançando hum golpe

de vista sobre o que presentemente se passsa no mundo, e sobre o estado, em que elle se acha. Esta he o desgraçado Seculo, das más e pessimas palavras, e os máos, e perversos exemplos fervem por toda a parte.

D. — He huma verdade. As conversações entre pessoas de qualquer condição são taes, que enojarão ainda ao mesmo Incredulo, que conserva alguns sentimentos de honra. Accusão-me de soberbo por não frequentar algumas sociedades; porem julgo que não he isso, mas sim porque apezar de Incredulo sempre fui amigo da honra, e da decencia, que não acho em taes sociedades. Eu me admiro, de que presumão tê-la, quem as frequenta. Eu não acho nellas mais que a licença, a devassidão, e a perversão, que se procurão huns a outros. Em quanto aos máos exemplos seria necessario ser cego. Felizes os cegos surdos! Apenas estes escaparão.

P. — Todo o mundo está cheio de taes laços; nem o *Ceo* a principio esteve izento delles, nem o *Paraizo* o foi. No primeiro houverão *escandalos* entre os Anjos, que arrastarão ao inferno tão grande multidão, e no segundo houve alem do tentador, ou escandaloso infernal, a mulher, que escandalisou o homem.

Força dos escandalos.

A. — Porem póde o mundo ter a consolação de apezar de máos exemplos por obras, e palavras, tambem os ha bons.

P. — Mas quam poucos elles são, e quam ineffieazes! De sua raridade não temos, que duvidar. Da sua inefficacia apenas duvidará, quem não attender á experiencia. Muitos bons exemplos, e instrucções não converterão a hum só máo; quando hum só destes, talvez a só palavra perverterá a muitos bons. Em muitas terras principalmente aldêas retiradas de communicação com outras, se notará talvez huma rara innocencia, e boa morigeração, não lhe tendo chegado o monstro do escandalo. Isto he mui raro. Em outras se verá grassar mais este, ou aquelle vicio. Quando se indague a causa, achar-se-ha, que teve a origem em hum máo homem, ou em huma dissoluta mulher, que de outra terra ahi foi estabelecer-se; e esta só, ou aquelle, tudo perververteo. Para o mal tudo puxa, e com tanta força, que ninguem se poderá dar por seguro de ficar superior aos escadalos. Quem não diria, que hum homem tal como *Adão*, se

ria superior aos *escandalos* dados por huma mulher, que o tentou a comer do fruto prohibido? Porem não foi assim, e elle promptamente cedeo. Poderia arguir-se engano; mas a experiencia mostra, que sem enganos os *escandalos* vencem de sorte, que nem os proprios conhecimentos, nem ainda os grandes, e extraordinarios favores de Deos são seguros meios para garantir dos *escandalos*. Que Nação mais beneficiada pelo Ceo, que a *Judaica*? Porem os máos exemplos que vio, e que lhe derão os *Egypcios* nos seus Cultos idolatricos, por differentes vezes os arrastarão á Idolatria de hum modo, e com hum aferro invencivel, e pasmoso. Ainda fumava, e trovejava o monte *Sinai* com a presença de Deos; quando á vista deste prodigio adoravão o bezerro d'ouro! Nada melhor expressa a força do *escandalo*.

Foi esta a razão, porque Deos lhes mandou, que ao entrarem a possuir a terra promettida, destruissem com os idolos a todas aquellas Nações idolatras, sem perdoar a pessoa qualquer que fosse. Porem não o fizerão assim: *Non disperdiderunt gentes, quas dixit Dominus illis. Psal.* 105. 34. Perdoarão-lhes, e se misturarão com ellas: *Commisti sunt inter gentes*; e o mesmo foi fazer isto, que tomar seus máos exemplos: *Didicerunt opera eorum.* ℣. 35. Mas que exemplos? Como ellas servirão a seus idolos, como ellas se fizerão gentios, cahindo nos laços do *escandalo*: *Servierunt sculptilibus eorum*; & *factum est illis in scandalum.* ℣. 36. Não foi ainda qualquer idolatria, mas o que parecerá a todos o mais horroroso. Esta Nação tão mimoseada de Deos de tal sorte se deixou arrastar dos máos exemplos, e pessimos costumes dos *Chananeos*, que, como elles, sacrificárão seus proprios filhos aos Demonios: *Immolaverunt filios suos*, & *filias suas daemoniis.* ℣. 38. Elles os queimavão vivos, e elles os fazião em pedaços em honra dos demonios, ou idolos: *Effuderunt sanguinem innocentem*; *sanguinem filiorum suorum*, & *filiarum suarum*, *quas sacrificaverunt sculptilibus Chanaan.* ℣. 38.

F. — E que não farão os *Christãos* com os exemplos, e doutrinas dos Incredulos? Eis ahi porque a *Religião* está perdida entre portuguezes *fidelissimos* em outro tempo. Porem os autores de tanto mál não escaparáõ á divina justiça.

P. — Que pasmoso exemplo temos em *Salomão*, o homem mais sabio, e favorecido de Deos! Hum tal homem dementado pelas luxurias infernaes, que tudo perdem, com a má communicação! O famoso *Salomão*, que levantou o grande Tem-

plo ao Deos verdadeiro, edificou outros muitos no monte das oliveiras aos idolos, ou Demonios, e elle mesmo os adorou! *Colebat Salomon Asthardren*... & *Moloch*. 3. *Reg*. 11. *Ædificavit Salomon fanum Chamos, idolo Moab, in monte quod est contra Jerusalem, & Moloch*. ℣. 7.

F. — Por causa de taes *escandalos* o Senhor ahi foi preso, e por todos os mais peccados procedidos dos *escandalos*.

P. — A não serem os *escandalos* o mundo seria hum outro *Ceo*, e a sociedade dos homens seria *sociedade* de Anjos.

D. — Não ha meios, que possão evitar estes males?

P. — Temos o unico, que J. C. nos deo no santo *Evangelho*, e que a final mencionaremos, depois de ponderarmos o segundo *Vae*, que J. C. pronunciou sobre aquelle, ou aquelles, que são a causa de tão grandes males, e da perdição do mundo.

F. — Ahi he, que eu o quero; e falle claro, P., que todos entendão.

Escandalosos.

P. — *Vae mundo a scandalis*, diz J. C. ai do mundo por causa dos *escandalos*. Com mais razão ainda, ai daquelle, que dá os *escandalos*, que os causa, e por quem elles vem ao mundo: *Veruntamen vae homini illi, per quem scandalum venit*. ℣. 7. Falla primeiro em particular do *escandalo*, que se dá aos seus servos, áquelles que nelle creem, apartando-os do seu serviço de qualquer sorte que seja, e muito mais fazendo-os apostatar da sua Fé...

F. — Ahi está pintado o que fazem os Incredulos.

P. — *Qui scandalizaverit unum de pusillis istis, qui in me credunt*. Aquelle, que escandalisar hum dos que em mim creem, tão desgraçado será, de tal sorte será castigado, que melhor lhe seria preso a huma pedra de moinho ser arrojado no fundo do mar: *Expedit ei ut suspendatur mola asinaria in collo ejus, & demergatur in profundum maris*. ℣. 6. Era este o estilo de fallar, e modo de expressar hum gravissimo crime, ou maldade.

F. — E não são esses aquelles, que perseguem os servos de Deos com zombarias, com fanatismos, com mofas, e emfim não fazem isso mesmo, e muito mais todos os Incredulos do tempo, que como não hirão ao *Ceo*, não querem, que nenhum outro lá vá? Não são esses, os que tanto odio tem a Deos, que não querem, que algum o sirva? Não são os mesmos..?

D. — São sim, Sr. Fr.; são grandes escandalosos, e mais que

todos quantos ha os Incredulos, que perseguem os *Christãos*, ou melhor, a Deos, e sua *Religião*, e vamos convindo com Vm., que são os grandes Diabões, a quem os do inferno não chegão a deitar agoa ás mãos, como Vm. diz. Esteja socegado, porque agora entendemos muito bem.

F. — Pois eu me calarei ainda que o coração me ferve, quando vejo, que o meu Ab. não explica bem a materia aos meninos por causa de politicas.

P. — Devem entendê-lo de todo, e qualquer que incite, tente, provoque ao peccado, ou aparte do serviço de Deos, ou ponha impedimento de salvação a qualquer que seja. Ai deste: *Vae illi, per quem scandalum venit.*

F. — Por consequencia, ai daquelles desgraçados, daquelles demonões, que tem quasi acabado com a *Religião* de J. C. em *Portugal*, persiguido seus Ministros a ferro, e fogo, e roubado....

P. — Encommende-os a Deos, rogue por elles...

F. — (Que os leve para a ilha das cobras d'onde mais não voltem.)

P. — E ouça em socego. He necessario, que descrevamos agora o caracter de hum escandaloso, que mais lhe convirá quanto mais o for, e maiores estragos fizer na *Sociedade* de J. C.

D. — Parece-me, que bem caracterisado ficará, pondo-o na condição de hum Lobo faminto no meio de hum rebanho.

F. — Só se for Lobo cerval, que mata todo o rebanho antes de se fartar, pois tem mais raiva do que fome.

D. — Não ha duvida, que assim he. Seja pois lobo cerval.

P. — He verdade, que J. C., e S. *Paulo* com lobos os compararão, em quanto abrangião a analogia do rebanho. Do mesmo modo levando nós em vista a santa *Sociedade*, ou Rebanho de J. C. os chamaremos lobos, e Lobos cervaes, que não cessão de matar. Porem pondo de parte esses respeitos, eu não acho a que possa comparar os escandalosos, e sua perversidade. O Lobo fere, mata, e devora; mas somente os corpos; e não as almas, que são todo o homem. Isto fez hum *Herodes*, que degolando os corpos dos meninos, fez entrar no *Ceo* as almas. Os perseguidores Infieis regando a terra com o sangue *Christão* fizerão *Martyres*. Porem não he assim o escandaloso, pois faz a guerra ás almas, que são o tudo no homem, e em lugar de *Martyres* faz condemnados; do que devemos concluir, que nada ha mais fatal na *Sociedade* de J. C., do que o escandaloso. Embora procurem semelhanças, e comparações, nada poderão achar de mais fatal.

Lá roubará, estragará, perderá o ladrão os bens da fortuna, os bens terrenos; mas o escandaloso rouba, e perde os bens da graça tanto mais preciosos, quanto elles tem premio eterno, e infinito. Lá matará o assacino o corpo, mas não tem poder sobre a alma, a quem, se estiver em graça, o matador cortará os laços, que a ligão, e retem presa no corpo para voar ao Ceo. Porem o escandaloso, deixando o corpo illeso mata a alma, e de hum Anjo talvez, se está em graça, fará hum demonio; pois este he o effeito que em huma alma produz o peccado.

F — Elles tem matado as almas, e os corpos juntamente.

P. — Do peccado dos filhos do Sacerdote *Judaico Heli* diz o sagrado *Historiador*, qua era demasiadamente grande: *Erat peccatum puerorum grande nimis.* Se porem o ponderarem não lhes parecerá assim. Eis aqui o que fazião. Quando os *Judeos* vinhão ao Templo offerecer seus sacrificios, cujas carnes devião ser cosidas, as requisitavão cruas para as guisarem a seu gosto Ora isto não era furto porque aquellas carnes lhes pertencião. Onde estava aqui o peccado demasiadamente grande? Estava em que vendo os *Judeos*, que não lhes deixavão offerecer os sacrificios, como devião, não vinhão ao Templo offerece-las: *Quia retrahebant homines a sacrificio Domini.* 1. *Reg.* 2. 17. Eis aqui o *escandalo* impedindo o serviço do *Senhor.*

F. — E que tal será o peccado daquelles que deitão por terra, e arrazão os seus Templos, e ainda lá d'entro dos quē por ora estão em pé, vão inquietar, e perturbar, pela raiva, que lhe tem?

P. — Se he demasiadamente grande o peccado daquelles, que retrahem do serviço de Deos, que diremos daquelles, que trabalhão, porque outros o offendão? Para que diga alguma cousa mais de positivo, para mostrar o caracter dos escandalosos, sustentarei que nada faz o homem mais semelhante ao Demonio do que o *escandalo.*

O Escandalo faz Demonios.

F. — Agora sim entra na materia. Lavre fundo, Padre.

P. — A sagrada *Escritura* fallando de *Elias*, e outros santos homens, que gosavão do mesmo, ou semelhante espirito, lhes dá o nome de homens de Deos: *Homo Dei.* Assim mesmo appellida S. *Paulo* a seu discipulo *Timotheo*: *Tu autem, ó homo Dei.* 1. *Tim.* 6. 11. E porque razão? Do mesmo modo que se chama homem do Rei, o que o ser-

ve, como dizemos creado do Rei, Ministro do Rei, e assim dos mais que o servem, e ajudão na sua Realeza, ou negocios, assim tambem se chama homem de Deos aquelle que se emprega no seu serviço, principalmente no bem, no estabelecimento, augmento, e prosperidade da sua *Sociedade*. Eis aqui verdadeiramente *homem de Deos*. Nada mais digno deste nome do que o emprego de salvar as almas: este he o negocio verdadeiramente de Deos. Aquelle que com suas obras, exemplo, palavras, com todas suas forças, e com tudo quanto está ao seu alcance trabalha na salvação das almas, este verdadeiramente he *homem* de Deos, pois que este he todo o negocio de Deos; a nenhuma outra cousa veio ao mundo, e para nenhuma outra cousa creou o homem.

Se porem he homem de Deos o que trabalha, e se occupa na salvação das almas, como chamaremos aquelle, que talvez com não menos força, diligencias, e cuidados, trabalha pela perdição das almas, oppondo-se ás diligencias dos homens de Deos?

F. — Homens do Diabo se devem chamar; e me ponho em campo para o defender, contra quem quer que seja.

D. — Não he necessario, pois que he huma justa consequencia, que ninguem deixa de conhecer clara.

F. — Protesto que não conhecem; não attendem bem ás palavras do meu Ab. Elle falla nos que se oppõem aos homens de Deos na salvação das almas. Notem agora que os Incredulos, que o inferno aqui abortou pela boca do negro pôço do abysmo, em que cuidarão, logo que puderão, foi em acabar com os homens de Deos, os Religiosos, e mais Ministros da salvação, mas os primeiros forão os Misssionarios Apostolicos de *Varatojo*, que em nenhuma outra cousa se occupavão senão na salvação das almas. Tem entendido?

D. — Lembra-se muito bem; e agora entendemos. O seu bestunto a tudo chega, e nada como elle.

P. — Mas a tudo deve chegar o que vou dizendo, pois fallo em geral de todos, os que dão occasião, ou procurão a perdição das almas.

F. — Estes são sobre todos os que isso fazem; e assim como são homens de Deos, aquelles com quem elles tem acabado, assim são elles homens do Diabo, porque elles são os verdadeiros ministros, procuradores, e emissarios do Diabo, que elle cá vomitou. Não negue isto, e falle claro, e portuguez: e deixemo-nos de latins.

D. — Queira fazer a vontade ao Fr., que está impertinente hoje, mais do que nunca; mas sem duvida com razão.

P. — Socegue-se, filho, porque a tudo havemos de chegar, e ainda passar alem do que pensa, e tocar no fundo.

F. — Pois então ja me calo, e nada mais digo.

P. — Tanto o escandaloso merece este nome de homem do Diabo, quanto elle executa, e cumpre seus designios trabalhando pela perdição das almas. Do pessimo Rei *Achab* diz o *Texto* sagrado, que se vendera para fazer o mal: *Venundatus est, ut faceret malum. Reg.* 21. 25. Destes se pode dizer o mesmo, pois parecem vender-se, e serem comprados pelo Diabo, por elle adquiridos, como cousa sua, para seus agentes, seus procuradores, e executores de seus designios. Desenvolvamos hum pouco melhor esta materia, ou este pensamento. Não são outros os designios do Demonio, que estabelecer, e fundamentar no mundo o seu reinado, o que somente conseguirá pela generalidade do peccado.

F. — Pois o mesmo são estes de cá, que só reinarão estabelecendo o reinado da incredulidade, e impiedade.

P. — Mas os escandalosos o fundamentão, estabelecem, e estendem, generalisando o peccado. Isto fazem com os máos exemplos, com as más palavras, com as incitações, e com tudo aquillo, que o mesmo Demonio não pode fazer. Se lançarmos as vistas mais de perto, ao que os Incredulos tem feito neste desgraçado Reino, em outro tempo *Fidelissimo*, seremos obrigados a dizer, que tem perfeitamente desempenhado os designios do Demonio, estabelecendo nelle o seu Reino. Tal tem sido o poder de seus agentes! Lá disse J. C., quando se aproximava a hora da Redempção pela sua morte, que o principe deste mundo, isto he, o Diabo, hia ser delle arrojado: *Nunc princeps hujus mundi ejicictur foras. Joan.* 12. 31. Porem nossos Incredulos sobre este Reino o chamarão, e nelle estabelecerão de novo o seu principado. Jesus C. com sua Religião parece ter sido o arrojado fóra, e sua *Sociedade* destruida.

F. — Agora lhe vai dando! Haja silencio, e oução attentos.

P. — O que todos estamos vendo, e apparece bem patente, me dispensará de o mostrar. Os estragos que tem feito a incredulidade mancommunada com a impiedade, mui bem merecem as *Lamentações* de *Jeremias*. As moradas do Deos vivo tem sido convertidas em usos profanos, ou arruinadas, e as pedras do Sanctuario tem passado aos paizes da impiedade, ou a profanar-se em outros usos, ou se

veem espalhados pelas ruas, e praças: *Dispersi sunt lapides Sanctuarii in capite omnium platearum.* *Thr.* 4. 1. As casas religiosas tornadas em *gymnasios*; os Altares vão cahindo; os Sacerdotes, e os seus Chefes sido consumidos pelas miserias: *Sacerdotes, & Senes consumpti sunt*; porque procurarão o pão, e não o acharão: *Quia quaesierunt cibum sibi ut refocillarent animam suam.* ℣. 1. 19. Os que ainda existem, gemem cubertos de miserias: *Sacerdotes ejus gementes.* Não menos as *Virgens Religiosas*, o melhor adorno, e decoro da *Igreja* de J. C. defecadas pela fome: *Virgines ejus squalidae.* A Igreja, a santa *Sociedade*, se alguma ainda ha, opprimida pela amargura: *Ipsa oppressa amaritudine.* ℣. 1. 4.

Isto, e muito mais tem feito; porem o que mais fere os olhos, e choca o coração he a dignidade, a que tem elevado o crime. Os Pagãos Infieis inventarão o inimaginavel meio de cohonestarem seus vicios, pondo-os em seus Deoses, e propondo-se imita-los. Deste modo os religionarão, e ainda divinisarão: *Ut fierent miseris religiosa delicta*; diz S. *Cypriano.* Com isto conseguirão, que seus crimes os mais vergonhosos não só o não fossem, mas ainda passassem a ser licitos, e meritorios como divinos, e agradaveis a seus Deoses: *Ut peccatum non solum crimine careat, sed & divinum censeatur*, diz S. *Gregorio* de *Nazianzo.* Porque me não será licito fazer, dizia hum moço lascivo, vendo pintados os adulterios de *Jupiter*, o que fez este, que olho como deos? Como não poderei fazer, diria a moça, o que vejo na deosa da torpeza? Assim em outros respeitos.

Não de outra sorte succede em *Portugal*, se me não engano. Os mesmos sós exemplos escandalosos mui bem tem podido obrar, e produzir esta horrivel transformação. Algum outro tempo erão os grandes da Nação, que em certo modo se podem chamar os deoses da terra, os primeiros a darem o bom exemplo aos pequenos, que se comprazião em os imitar, porem huma boa parte se envergonhou de imitar a honra de seus avós, que condecorárão esta Nação; tanto deslizarão, que se confundirão de parecer *Christãos.* Mas Deos os tem confundido, e talvez ainda confunda. Em nada se aventajarão ao vulgo ignorante; o pedantismo foi igual, porque pelas assembleas se aprenderá a jogar, dançar, e fazer cortezias, sciencias indignas da nobreza portugueza, mas não a que lhes devia ser propria. Conhecerão a balda destes papelões enfunados, acenarão-lhes com a negaça das pel-

lès, e cahirão na esparrella. Eis-los confundidos com o baixo vulgo, com a ralé da Nação, se não della dominados.

Eu não intento offender a todos, porque em fim alguns houverão, que sustentarão a nobreza de seus Maiores; mas quam poucos! Sua conducta tem sido publica; e o que digo, bem longe de os offender mais os ennobrece, porque souberão manter seu caracter, e grandeza.

Como dizia, os máos exemplos dos grandes, qualquer que fosse a sua cathagoria, e condição, generalisarão os vicios. Os theatros, origem da perversão, como ja vimos, as modas francezas, que são boas modas de perder a honra portugueza, e as almas, banindo a *Religião*, jamais serião admittidas, nem acharião entrada em *Portugal*, a não ser pelos grandes, a não se fazerem continuos camarotistas, e pandilhas da modernice. Que poderia fazer o vulgo com taes exemplos? Que viria a ser a Nação que fixava os olhos nos seus grandes?

Porem o mal tem passado ávante. Não tanto se tem descatholisado a Nação, quanto se tem gentilisado, e não sei se mais alguma cousa. Nossos Incredulos pertenderão alguma cousa mais qne os *Gentios*. Entre estes, passado o furor de suas paixões, não deixavão de se envergonhar de seus crimes, mas agora delles se faz galá. As torpezas mais infames não envergonhão, antes se julgão fazer parte da honra; os vicios mais brutaes, a embriaguêz, que nem nos brutos se acha, entra em moda, e as sós apparencias de virtude causão vergonha; e desgraçado, corrido, e apupado he o que parece *Christão*.

Não tem os nossos Incredulos posto nos altares mulheres nuas, adorando-as como deosas da razão, como fizerão em *Paris* de *França*, para divinisarem as malditas luxurias, sensualidades da carne; porem seguindo a mesma marcha, tem conseguido o mesmo effeito, que esta acção indicava. Ella representava não reconhecer outro Deos, mais do que sua sensualidade carnal. Eis aqui o déos que se adora! Elles não passarão o decreto de *Mirabeau*, que tirava a vida a Deos, mandando, que não houvesse Deos na *França*; mas que he feito delle em *Portugal*?

F. — Ah, impios sahidos do inferno, que me ferve o coração! Elles hão de ser confundidos até o pó antes de muito tempo.

D. — O quadro he verdadeiro, e as tintas são bem fêas!

P. — Apartemos delle os olhos: mas direi, que isto tem feito os nossos escandalosos, e a tal ponto tem chegado a Nação

A'vista deste quadro entenderáõ melhor, o que passo agora a dizer em geral do escandalo, e escandalosos, quaesquer que elles sejão, para lhes dar a devida idea desta execravel maldade, que assim perde a santa *Sociedade* de J. C., e todos estes meus filhos, que ouvem, tremão de escandalisar algum de seus irmãos, sendo a causa de sua perdição.

Os escandalosos são anti-Christos.

Sem os perdermos de vista, com o caracter de agentes do Demonio, seus ministros fieis, e zelosos procuradores, vejamos que a nenhuns outros convem com mais propriedade o nome de *anti-Christos*, de que S. *João* falla na sua 1. *Carta.* Vós ouvisteis, diz elle, que virá o *Anti-Christo*; porem muitos se tem ja feito *Anti-Christos*: *Audistis, quia Anti-Christus venit; & nunc Anti-Christi multi facti sunt.* 2. 18. Esta palavra significa o homem contrario a *Christo*, contra elle, que lhe faz guerra, e procura destruir as suas obras. He isto mesmo, o que faz o escandaloso, sobre tudo os Incredulos.

F. — Bem me dizia o coração, que elles são *Anti-Christo*; e todos elles fazem o grande *Anti-Christo*, muito peior que o grande *Satanaz*.

P. — Debaixo deste ponto de vista devemos considerar hum escandaloso. Verdadeiro *Anti-Christo* he o Demonio, que o *Senhor* nos representa como principe do mundo, isto he, dos mundanos, que se sugeitão á sua vontade, como *forte armado*, que lhe faz guerra, e procura destruir as obras, e effeitos da Redempção. J. C. o venceo destruindo o peccado pelo qual elle reina; porem este *Senhor* não póde, segundo as regras de sua Providencia, de que temos fallado, impedir, que elle domine sobre aquelles, que a elle se querem sugeitar. Nestes, e com estes o Demonio ainda estabelece, e firma seu principado, e imperio.

Eis aqui pois podemos, e mesmo devemos considerar dois poderes, dois reinados, ou imperios no mundo, duas bandeiras, como se explicão os Mysticos, debaixo das quaes se alistão huns, e outros, entrando em guerra incessavel, que jamais admittirá tregoas, nem artigos alguns de paz. O momento, em que cessasse esta guerra, seria o momento da victoria do inferno.

F. — Bom vai isso! Essa regala-me! Eis ahi porque eu nunca terei paz com elles. Guerra, e mais guerra.

A. — Não seja tão guerreiro, e tão máo para com seus irmãos. Não tem ouvido o que se tem dito da mansidão da velha?

F. — Sim, senhor, tenho ouvido, assim como acabo de ouvir, que ha no mundo dois reinados, duas bandeiras, e dois exercitos, que são o do Diabo com seus *Anti-Christos*, que faz a guerra a meu S. J. C., em cujas bandeiras eu estou alistado, e como bom soldado heide fazer a guerra com todas as fôrças contra o exercito dos *Anti-Christos*, que estão alistados no livro de *Satanaz*, cujas bandeiras elles arvorão. Vamos a elles, meu P.; saltemos nelles, como S. *Thiago* nos *Mouros*; são mil vezes peiores; sejão malhados, como centeio na eira. Lembremo-nos que são homens do Dia....

P. — Como soldados de J. C. devemos defender suas bandeiras; e isto he o que fazem os homens de Deos, prosperando as obras de J. C., e ajudando-o a defender a sua grande *Sociedade*, e tanto mais quanto tem crescido, e engrossado o partido, e exerito do inferno. Não nos devemos admirar de que assim tenha crescido, pois que de outra sorte faltaria o *Evangelho*, que nos affirma ser o Rebanho de J. C. pequeno: *Pusillus grex*, e por isso poucos os que se salvão; *Pauci electi.*

M. — Porem Deos devia coartar mais o poder do Demonio, para que não tomasse tanta ascendencia no mundo..

P. — E que? Seria justo, e conforme á Providencia, que o Demonio não tomasse ascendencia sobre aquelles, que vence, e mesmo se lhe querem sugeitar?

M. — Mas coartar-lho, para não vencer.

P. — E' que mais coartado o queria? O Demonio foi de tal sorte vencido, coartado seu poder, e quebradas suas forças, que nem em hum cabello de sua cabeça elle pode tocar sem huma permissão divina particular.

M. — Como então lhe chama forte armado, e principe?

P. — Do mesmo modo, que o he hum grande Rei, talvez fraco de forças physicas, e que nunca desembainhou a espada. Quantos destes nos conta a historia? Talvez que os grandes conquistadores nunca entrassem pessoalmente em hum ataque empunhando a espada, e contudo fundarão grandes imperios.

M. — Porem tinhão quem o fizesse em seu nome.

F. — Ai, que pateta, que não entende! Isso mesmo...

P. — Ahi tem nem mais nem menos como o Demonio tem conquistado o mundo, fazendo a guerra a J. C., e firmando

o seu imperio. Acabará de entender com este verdadeiro simile. Supponha hum Rei contra outro com seus exercitos em campo formados em batalha, de que elles mesmos são os commandantes Generaes. Eis aqui os dois exercitos, dos quaes hum he pequenino, inarme, e fraco; outro grande, forte, e poderoso. Não pode duvidar que os vicios dão grande força a este. A' frente daquelle se arvora o estandarte da cruz, sinal da Redempção por J. C.; neste porem tremulão as bandeiras do inferno com todos os vicios, e sensualidades. Ponhamos de parte o que faz o Rei do primeiro, isto he, J. C. que unido com o seu pequenino exercito, que he a sua *Sociedade*, e seu mesmo Corpo, por meio de suas graças com os seus Generaes, ou Pastores, e mais Ministros á sua frente, dirige o combate.

F. — A quem avançarão logo para a segurança da victoria; que a não ser assim, talvez, que nada fizessem.

P. — Vejamos o segundo. Que faz elle? O mesmo que faz em huma batalha qualquer outro General. Com a espada embainhada cercado de seus ajudantes, assentado em hum monte, com o oculo na mão expede as ordens mandando áquel-General subalterno, que faça marchar a sua divisão á direita, a outro que accommetta á esquerda, a este Brigadeiro, que marche em frente com sua brigada, aquelloutro, que retire &c. Assim vence, assim triunfa sem desembainhar a espada.

D. — Assim he; e vejo que não ignora a guerra. Tudo obedece á voz do commandante, e não fazem mais que aquillo que lhes he mandado.

P. — Não de outra sorte faz o Demonio; elle manda a seus agentes, insinua-lhes no coração em que domina, se isso he necessario, que combatão o Rebanho de J. C. desta, ou daquella sorte, fação a guerra por este, ou por aquelle modo, e meio, que acha ser o mais conveniente, e deste modo triunfa.

F. — Mas quaes são os seus generaes, que dirigem os ataques, se não os grandes Incredulos? Eis-los aqui. Porem olhe, P., que eu estou porque o Demonio não commanda, porque elles sabem mais nesta guerra do que elle; nem o grande *Brazabúm* lhes chega. São capazes de lhe dar lições. Eu os arrenego, e sempre arrenegarei.

P. — Combina esse pensar com o que disse J. C. aos *Judeos*, que entravão nesta cathagoria, e que prova a sua superioridade em tudo.

Contrariando as obras de J. C., campeavão elles de serem filhos de *Abrahão*. Não sois filhos de *Abrahão*, lhes diz o *Senhor*, pois que não tendes as obras de *Abrahão*, mas sim do que na verdade he vosso pai: *Vos facitis opera patris vestri. Joan.* 8 41. Nós temos por pai a *Deos*, dizem elles: *Unum patrem habemus Deum.* Menos isso, lhes torna J. C. Se vós fosseis filhos de Deos, vós me amarieis, porque minha geração he de Deos, e delle venho: *Ego ex Deo processi, & veni.* Vós tendes por pai ao Diabo, e deste vosso pai quereis cumprir, e pôr em obra os desejos: *Vos ex patre diabolo estis, & desideria patris vestri vultis facere.* ℣. 44. Não disse: Quereis ser obedientes a este vosso pai, mas sim: Quereis cumprir seus desejos: *Desideria patris vestri vultis facere.* Ponderemos estas palavras.

F. — Eu cá vou ponderando, que são filhos do Diabo.

P. — Filhos de *Belial* forão chamados os filhos de *Heli* por isso mesmo que retrahião do serviço de Deos, aos que hião ao Templo offerecer seus sacrificios: *Filii Heli, filii Belial.* 1. *Reg.* 2. 12. Porem *Belial* não he outro, que o Demonio. Jesus C. bem claramente lhes dá aqui o nome de filhos do Diabo; e ainda muito bons filhos, que não deslisão de tal paternidade. Qual me dirão ser o melhor filho?

A. — O que em tudo obedece ao pai, e se sugeita a seu imperio.

F. — Não he tal. O bom, o melhor, e optimo filho he aquelle, que sonha com as vontades do pai para logo as fazer, sem esperar ser mandado. Eis aqui como são os Incredulos optimos filhos do Diabo; não esperão ser mandados por tal pai; durma elle descançado, pois seus filhos fazem-lhe optimamente sua vontade: nem esperão ser mandados, elles lha advinhão, e melhor do que elle a fazem ás mil maravilhas. Ah! má canalha, que agora m'o pagas! Tomara-os eu aqui nesta occasião!

P. — Que poderia no mundo fazer o Demonio sem taes filhos? *Homo malus peior quam ipse diabolus*; o homem máo he peior do que o mesmo Diabo, diz S. *Chrisostomo.* S. *Pedro* o representa como Leão rugindo, que procura a presa: *Tanquam leo rugiens circuit quaerens, quem devoret.* 1. *Ptr.* 5. 8. Apezar disso com a resistencia do consentimento ás suas tentações se porá em fuga: *Resistite diabolo, & fugiet a vobis. Jacob.* 4. 7. Elle não pode obrigar a vontade, nem fazer violencia alguma, e apenas he forte, com quem delle se deixa dominar.

O

Não deixa contudo de ser sagaz, nem de ser mui bem figurado na serpente. Que astuto he este animal! Ora se estende, ora se enrola, ora se levanta, ora se coze com a terra; elle se volteja, elle se introduz, muda de figura, varía as cores, e vomita o veneno nos melhores prados. Contudo ella apenas pôde avançar á primeira mulher; e para tentar o homem achou, ou ao menos temeo não valerem suas astucias, como ja vimos. Não se enganou, pois na verdade as serpentes mais astutas, e sagazes para levarem ao peccado são os homens, (em que se incluem as mulheres) em cuja comparação nada he o Demonio.

F. — Principalmente os Incredulos inimigos de Deos, e de sua *Religião*. Não ha serpentes mais sagazes, e astutas... Deixe-me fallar, por quem he, *Padre*.

D. — Nós gostamos de o ouvir. Queira deixa-lo discorrer a seu modo, e não tema que nos offendamos.

F. — Eu não digo mais que a verdade. Se a serpente mentio a *Eva*, estas serpentes incredulas não vivem mais que da mentira. Ellas tanto mentem, que quem quizer conhecer a verdade ha de entender, e ter por branco, o que dizem ser preto, e preto o que dizem que he branco. Elles jamais fallão a verdade, e tanto a negão, que até negão que ha Deos. Podem haver Demonios, ou serpentes mais mentirosas? Quando negou o Diabo a Deos? Nunca. Estes deitão a barra, onde aquelle nunca chegou. Eu desafio a todos elles a que me citem huma só occasião, em que fallassem verdade. E os papalvos a crê-los! Mas tem-no pago caro, para que saibão o que são estas serpentes.

Quaes outras serpentes são capazes de dar mais voltas, mais se estender, encolher, levantar, abater, e introduzir-se nas cazas, nas familias, nos palacios, na corte, no mesmo gabinete Real para ahi vomitar o infernal veneno? Haverá serpente que mais saiba, e possa variar de cores? Mas não he só isso. A serpente quando se quer remoçar, prende a tromba velha em qualquer cousa, e andando vai largando a pelle velha, que fica desvirada, e nunca mais a torna a vestir, nem fazem mais caso della; porem estas serpentes de que fallo, mudão, virão, desvirão, voltão, e revoltão a pelle, porem nunca a largão; sempre ficão com a mesma pelle, que he pelle do Diabo, se não peior. Eu os arrenegarei por...

D. — Bravo, Sr. Fr.! Que caricatura essa! He mesmo propria.

F. — Isto he que se chama fallar portuguez, e dar o nome aos bois. Se alguem me quizer contradizer...

D. — Não querem, não; todos approvão, e concordão.

P. — Accrescentarei somente, que este he o caracter de todos os escandalosos, que procurão perverter. Nada tem tanto a temer os pais de familia, como estas serpentes, de qualquer condição que sejão. . .

F. — Nem pelo buraco da chave lá me entrarão.

P. — Eu julgo desnecessario debuxar hum quadro do que se passa no mundo por este respeito. A sincera amisade, a ingenuidade, a honra, a boa fé são nomes vãos, e palavras sem objecto, e passaráõ a ser vileza, engano, dólo, perfidia, e verdadeira inimisade. Não ha mais que hypocrizia, fingimento, e illusão em todo o sentido, e em toda a extensão, porque vai-se trocando tudo; mas a virtude desappareceo.

F. — Nos Incredules, se entende, e em toda a canalha, que se conhece pela pinta; pois cá entre os polainas ainda se acha gente honrada.

P. — Não ha duvida, em que com taes filhos muito bem póde seu pai, o Diabo, descançar. Quieto, e socegado talvez em seu palacio conseguirá hum Rei grandes victorias, e verá estender-se o seu imperio, porque seus Generaes andão em campo fazendo conquistas. Não de outra sorte o Diabo estabelece, e estende o seu imperio, como vemos vai fazendo neste desgraçado Reino, em que as bandeiras de J. C. estão abatidas. A não serem estes seus bons filhos, e generaes de suas phalanges, que poderia elle fazer?

F. — A não serem estas serpentes em figura de homens, eu protesto, que o Diabo não adiantaria hum passo. Os diabões de cá tem feito tudo.

P. — Nas tentações, que o *Evangelho* nos refere, com que atacarão a J. C. o Diabo, e os homens, as destes forão superiores excessivamente, e taes que alguma vez o obrigarão ou reduzirão a silencio. As do Diabo nada valerão, nem tinhão força alguma. Tres destas nos referem os *Evangelistas*, e mencionarei outras tres com que os homens o atacarão; e concluiráõ, que estes excedem muito áquelle em tal respeito.

Verdadeiro Deos, e vardadeiro Homem, encuberto ao Diabo, quiz J. C. ser tentado, para em tudo nos documentar. Retirado no deserto, sentindo, como Homem as necessidades da natureza, teve fome. *Satanaz* aproveitou a occasião, e o tentou com a gula, não só pelo vicio, mas para observar, se com effeito seria o Redemptor pro-

mettido, que sabia devia ser o mesmo Filho de Deos. Se tu és o Filho de Deos dize a estas pedras que se fação pão, e assim se farão: *Si Filius Dei es, dic, ut lapides isti panes fiant. Math.* 4. 3. Tal foi a primeira tentação. Que força tinha? Bastaria huma só palavra para a rebater: *Nolo*, não quero; e nada mais era necessario. Porem dignou-se o *Senhor* responder-lhe com as divinas *Escrituras*, documentando-nos de que nellas temos remedio prompto para resistir as tentações. Está escrito, responde, que nem só do pão vive o homem, mas tambem da palavra de Deos: *Scriptum est: Non in solo pane vivit homo, sed in omni verbo, quod procedit ex ore Dei.* ℣. 4. Este dito se acha no *cap.* 8. ℣. 3. do *Deutoronomio* pelas formaes palavras, que alludem ao sustento prodigioso do *maná* no deserto.

Não desiste o tentador da empresa; e como vio, que para rebater suas tentações se servia do sagrado *Texto* com elle o quiz tentar de vangloria. Leva-o á maior altura do *Templo*, e lhe diz: *Si Filius Dei es, mitte te deorsum*; Se és *Filho* de Deos arroja-te daqui abaixo, pois que conforme está escrito, teu Pai mandará a seus *Anjos*, que te sustenhão no ar para que te não offendas cahindo: *Scriptum est enim; quia Angelis suis mandavit de te, & in manibus tollent te &c.* ℣. 6. Vem este texto no *Psal.* 9. 1. A tentação era da vangloria, que pensava ter nelle força, vendo-se na presença da muita gente, que ahi deveria estar, descendo pelo ar sem cahir; porem tudo estava na sua vontade, pois que se permittio ao Demonio o poder de ahi o levar, não teve força para o impellir. Respondeo-lhe tambem com palavras divinas: *Rursum scriptum est: Non tentabis Dominum Deum tuum.* ℣. 7. Tambem está escrito, que não tentarás ao *Senhor* teu Deos, confiando em taes prodigios. Vem no *Deuteromonio*. 6. 16.

Não desistio ainda *Satanaz*; e pela sua soberba o tenta com ambição, levando-o a hum alto monte, d'onde lhe mostrou, e representou os reinos do mundo, e a sua gloria, promettendo-lhe a posse, e senhorio do mundo, se lançando-se por terra o adorasse: *Haec omnia tibi dabo, si cadens adoraveris me.* ℣. 9.

D. — Nós sabemos, que J. C. lhe respondeo, talvez com indignação divina: *Vade Satana; scriptum est enim: Dominum Deum tuum adorabis, & illi soli servies.* ℣. 10. Aparta-te *Satanaz*, pois está escrito, que só a Deos se deve adorar, e a elle só servir. Mas dê-me licença para dizer,

que de todas as tres tentações essa foi a que teve menos geito; e admira, que sendo tão astuto o Demonio cahisse em vir com huma tal tentação.

A. — Eu confesso que tenho rido alguma vez, que ouvi os Pregadores fallar no pulpito de huma tal tentação. He por ventura crivel, que o Demonio se atrevesse a pertender adorações de JESUS C.?

F. — Deixe-o, P.', por minha conta, porque eu responderei aos seus risos. Já se lhe disse, que *Satanaz* ignorava se J. C., em quem nada mais via, do que hum *Homem*, era ou não o Redemptor do mundo. Agora lhe direi, que essa foi a tentação mais forte, e que teve mais geito de todas tres, pois não ignorava *Satanaz* a força, que tem a ambição para fazer cahir na tentação, ainda que seja para adorar o mesmo *Satanaz*. Pela ambição de se fazerem senhores dos Reinos os Incredulos negão a DEOS, negão a *Religião*, e vendem as almas ao Diabo. Para que diga tudo em huma só palavra, se o grande *Satanaz* viesse ter com elles, e lhes dissesse: Eu vos farei senhores de tudo o que ha em *Portugal*, acabarei com *Miguelistas*, e *Remechidos*, se vós me adorardes no meio do Rocio diante de toda a gente, elles não só o farião, mas ainda de mui boa vontade correrião a largos Passos por seu turno, principiando pelos maiores, a beija-lo no rabo, ainda que tivesse tão máo cheiro como o mesmo *Stercus diaboli*.

D. — Bravo, Sr. Fr.! He ainda provavel, que fossem de barba feita para o não molestarem.

F. — Tem razão; assim hirião. Negão isto? Appareção elles.

A. — Vm. descreve as cousas de tal sorte, que não tenho, que responder. Não deixo de conhecer, que a ambição he forte.

P. — Eu estou porque he fortissima; e se bem ponderarmos as cousas, nós acharemos que esta maldita paixão fez a perversão geral de todo o Reino. Os grandes, que tanto figuravão na *Monarquia*, de que erão os esteios, ambicionarão ser maiores, e com as negaças das pelles correrão após de maior grandeza, e se abraçarão com sombras, se não com o esterco da vileza: *Qui nutriebantur in croceis, amplexati sunt stercora*, chorou *Jeremias* dos grandes de *Jerusalem*. *Thr.* 4. 5. Os pequenos, que se revolvião no pó, aspirarão ás gandezas. Até os da minha jerarchia figuravão ver nas suas ôcas cabeças brilhantes Mitras, e não temerão ao sugeita-las ao raio da excommunhão, reconhecendo o verdadeiro scisma, e entrando nelle e fazendo parte com

os impios! Que não pode, e que não faz a ambição!

Voltando á materia que seguiamos, nada forão estas tentações; porem as dos homens forão taes, que me parece nem o mesmo Demonio poderia inventar. Quizerão prende-lo os principes dos Sacerdotes, e os Escribas, ou principaes dos *Judeos*, porem temerão o povo. E que fazem? Industriarão certos enredadores hypocritas, que abundão por toda a parte, a fim de que fingindo-se justos, o enredassem nas palavras para o entregarem aos poderes seculares: *Ut caperent eum in sermone, ut traderent illum principatui, & potestati praesidis. Luc.* 20. 20. Com elles envião alguns *Herodianos*, que erão os apaixonados do *Cezar Romano*, e recebedores dos tributos: *Mittunt ei discipulos cum Herodianis. Math.* 22. 16.

Vejamos o preambulo da tentação. Mestre, lhe dizem, nós sabemos, que es verdadeiro, e sem discrepar da verdade ensinas a Lei de Deos, sem mais nada te importar, pois não respeitas, nem attendes ás qualidades, ou condições dos homens. Dize-nos pois o que te parece, e qual seja a tua opinião: *Licet censum dare Caesari, an non?* ℣. 17. Devemos dar, ou não, o tributo a *Cezar*? Fingirão, que como homens justos, querião tirar seus escrupulos; e para enredarem, e aplanarem o caminho para cahir no laço, o louvão de verdadeiro, justo, e sem accepção de pessoa! Mas que lhes parece da pergunta?

D. — Eu confesso, que não conheço o veneno, que ahi vai.

P. — Eu lho mostro; e tal era, que J. C. não poderia responder decesivamente á pergunta affirmativa, ou negativamente sem ficar nos laços que lhe armarão. Se respondesse negativamente ahi estavão promptos, e prevenidos os *Herodianos* para o accusarem de revoltoso ao Presidente do *Cezar*, como que pregava, que se não devia pagar o tributo a elle; e mal estava.

D. — Mas ficaria bem se respondesse affirmativamente.

P. — Talvez peior, porque cahia nas mãos do povo. Todos crião, que como povo, e Nação livre, não era sugeita a tributos; por isso seria accusado de pregador contra as Liberdades da Nação, pertendendo obriga-la ao que presumia não ser obrigada.

D. — Eu os arranego! Por isso não respondeo a proposito o Senhor.

P. — Porque me tentaes hypocritas? pergunta elle. Mostrai-me essa moeda que costumais dar de tributo, ou censo. Era hum

dinheiro de decapitação, que tinha gravada a effigie do *Cezar*. De quem he esta imagem, que aqui vejo? pergunta: *Cujus est imago haec, & superscriptio?* Que letras, ou nome he este que vejo aqui gravado? He do *Cezar*, lhe respondem. Pois dai a Cezar, o que he do Cezar, e a Deos o que he de Deos: *Reddite ergo Caesari, quod est Caesaris, & quae sunt Dei, Deo.* ℣. 21. Emmudecerão com tal resolução, e voltarão costas. Mas foi necessaria a sabedoria divina para assim os confundir.

Não largão ainda as armas os *Phariseos*; juntão-se em conciliabulo, e resolvem tenta-lo, perguntando-lhe qual era o maior preceito da Lei? *Quod est mandatum magnum in lege?* ℣. 35.

A. — Pois tambem nessa pergunta houve tentação?

P. — E porque não? Por ventura ignoravão elles, qual era o maior preceito da Lei? Porem o texto o diz bem claro. Depois que se juntarão, e resolverão, veio hum tenta-lo: *Interrogavit eum unus ex eis legis doctor, tentans eum.* ℣. 35. Vejão a sua sagacidade. Como J. C. por suas obras, e palavras mostrava que era *Filho* de Deos, e verdadeiro Deos, não ignorando, que o grande preceito da Lei he amar a Deos sobre tudo, pensarão que elle accrescentaria alguma cousa a este preceito, visto que se fazia Deos, para logo o apedrejarem. Elle os fez emmudecer respondendo-lhes, que o maior mandamento era amar a Deos sobre tudo, e ao proximo como a si mesmo. Ainda então os atacou de tal sorte, que nunca mais o tornarão a tentar. Porem vejamos outra tentação tão astuta, e sagaz, que o reduzirão a silencio, não obstante ser hum Deos.

Estava o Divino *Mestre* assentado no Templo ensinando o povo, quando de repente entrão os *Phariseos*, e os Escribas com huma mulher casada, mui ufanos, pensando achar bella occasião de o fazerem cahir nos seus laços: *Mestre*, dizem elles, esta mulher foi apanhada em adulterio. Segundo a Lei de *Moyses* ella deve ser apedrejada. Tu que dizes? *Tu ergo quid dicis? Joan.* 8. 5. Qual poderia ser a resposta?

D. — Com que tambem havia ahi tentação?

P. — O *Texto* o diz: *Hoc autem dicebant tentantes eum, ut possent accusare eum.* Tal foi, que J. C. nada respondeo; e o que fez, foi abaixar-se, e inclinar-se á terra de tal sorte que, tocando-a se pôz a escrever nella com o dedo: *Jesus autem inclinans se deorsum, digito scribebat in terra.* ℣. 6. Caso singular! Não nos dizem os *Evangelistas* o que

escreveo. Elle o fez sem dizer palavra, guardando hum profundo silencio. Não sabemos o tempo que assim esteve; deveo ser largo espaço, porque os tentadores, segundo diz o texto, perseverárão instando com elle, para que respondesse: *Cùm ergo perseverarent interrogantes eum.*

F. — Pois se elle lhe quizesse perdoar, dizendo que não apedrejassem a mulher, que tirarião esses demongos dahi?

P. — Estava cahido no laço, porque logo clamarião, que era destruidor da Lei de *Moyses*; e talves ja estivessem prevenidos de pedras para ahi mesmo lhas arrojarem.

M. — E se respondesse que se cumprisse a Lei, e fosse apedrejada que poderião fazer?

P. — Clamar, que era embusteiro, seductor do povo, fazendo-se *Messias*; porque deste estava escrito, que a ninguem condemnaria, nem faria algum mal, e seria o Principe da paz., e ahi mesmo o apedrejarião como blasphemo, e seductor do povo, arrogando-se falsamente o nome de Messias.

F. — Eu protesto que nem o grande *Lucifer* em cem annos poderia inventar tal tentação. Como se safou della o *Senhor*, e confundio essa canalha?

P. — Depois de muito instado levantou a cabeça, e disse: O que está sem peccado seja o primeiro, que lhe lance a pedra: *Qui sine peccato est vestrum, primus in illam lapidem mittat.* ℣. 7. Isto dito tornou a inclinar-se e a escrever na terra: *Iterum se inclinans, scribebat in terra.* ℣. 8. Quando isto ouvirão, redarguidos por suas consciencias, ou porque temerão talvez, que o *Senhor* lhes manifestasse seus peccados, lançando-lhes em rosto seus semelhantes, ou maiores crimes, forão sahindo; e fugindo huns apôz dos outros, principiando pelos maiores, de sorte que ficou a mulher só: *Audientes autem unus post unum exibant, incipientes a senioribus.* ℣. 9.

F. — Olhem que taes elles erão! Erão *Phariseos* na gemma.

D. — Que dizem sobre essa escrita? Ignora-se totalmente?

P. — Nada ha com certeza a tal respeito; e eu não casualizo juizos, nem temos delles necessidade. Temos sim, que a tudo excedem as tentações dos homens; em cuja comparação nada são as do Demonio. Vista a força que tem os escandalosos para induzirem ao peccado, destruirem, e perderem a santa *Sociedade* de J. C., e rasgarem esta sua tunica inconsutil, e seu mesmo corpo, como temos dito, he bem que vejamos agora a enormidade da gravidade deste peccado.

Gravidade do Escandalo.

Eu me persuado, que se os homens tivessem alguma pouca Fé, e abrissem os olhos a essas quasi extinctas luzes, nada mais necessitarião para tremerem de dar algum *escandalo*, e ser a causa, ou dar occasião culpavel á perdição de algum outro. Parece-me sem duvida, que não se póde dar hum escandaloso com huma verdadeira crença de hum Deós, que residirá de nossas acções, premia, e castiga com tormentos eternos; porque nenhum outro peccado mais lhe assegura a sua condemnação, nem tambem nenhum outro virá a ser mais terrivelmente castigado no inferno. Julgo pois que os escandalosos, todos os que concorrem para a perdição de outros por qualquer meio que seja, tem renunciado a Fé, e não crêem em Deos, nem vida futura.

F. — Dos Incredulos bem certo he, que nada crêem.

P. — Não somente, os que tem esse nome, o são. Fallo de todos; mas principalmente desses que taes estragos tem causado na *Igreja* de Deos, e feito a perdição de tantas almas; e á proporção do mal, que causão, se entenderá a enormidade do seu delicto, que, como digo, apenas o poderão commetter por huma brutal incredulidade. Eu não tenho palavras, com que possa explicar a gravidade deste peccado. O Divino *Mestre* diz, que seria melhor com huma grande pedra ser arrojado no fundo do mar, do que escandalisar, ser causa do peccado de hum só de seus servos, que nelle crêssem. Elle os trata de filhos do Diabo, a quem servem, como bons filhos, verdadeiros anti-*Christos*, que com tal pai, o Diabo, lhe fazem a guerra. Estas considerações darão idea de tal maldade.

Com effeito se, como em outras occasiões temos dito, por natureza o homem he huma imagem, e semelhança de Deos, e a virtude com elle o une, e divinisa em tão estreita união, que elle e Deos são huma, e a mesma unidade, o *escandalo* o faz tão semelhante ao Diabo, que hum e o outro parecem ser huma e a mesma cousa.

F. — Essa he a pura verdade, e já fica bem provado.

P. — Com razão *Eleazaro*, de quem se falla com louvor no 2. *Liv.* dos *Mach.*, quando o incitavão a fingir, que comia as carnes prohibidas pela Lei, para evitar a morte, com que era ameaçado pelos Infieis, respondeo, que mais queria descer ao inferno, do que com tal simulação armar hum laço a outros, que tomarião seu exemplo: *Respondit*

cito, *dicens*, *permitti se velle in infernum*... *Ne multi adolescentium*... *decipiantur* d.° 6. 23. Assim deverá dizer, o que tem a Fé, e a crença de hum Deos justo: antes a morte, antes descer ao mesmo inferno, do que concorrer para o peccado de algum, e ser a causa de que se perca huma só alma. Porque assim se não faz, eu sou obrigado a dizer, que a Fé, a crença de hum Deos se extinguio, se apagou, e acabou.

A. — Eu o creio dos grandes impios autores dos males, que sofremos, que romperão o corpo, ou corporação de J. C., e sua Igreja, separando tão grande porção do Rebanho, tantas almas, que mesmo querem por força levar com sigo ao inferno, em que não crêem. Convenho em sua ignorancia bestial, tal qual antes era a minha. Seu pedantismo he desmarcado, e em fim elles nada inteiramente entendem da *Religião*. Porem não pode negar que muitos homens sabios, e entendidos em materias de *Religião*, mesmo muitos que devião por seu officio, ministerio, e obrigação oppor-se a este grande, e fatal scisma, o tem abraçado. Como se pode explicar este enigma?

P. — Dizendo-se que tinhão a *Religião* pegada com cuspo, como ja me expliquei. Desses he que mais nos devemos queixar, porque elles são, os que mais concorrerão para elle, por ser maior, e mais pernicioso o *escandalo*.

D. — Ja se discorreo sobre esse respeito; e o Sr. Ab. deo por causa a ignorancia fatal com os abominaveis vicios.

F. — Olhem para o que erão antes; olhem para as suas...

P. — Não pareça ao Sr. At, que por isso mesmo que figuravão na Jerarchia Ecclesiastica merecião o nome de sabios, e entendidos, á excepção das doutrinas *Calvinistas*. Ou ellas, ou os vicios, e mais certo huns, e outros fizerão a defecção; e com isso de pastores, e bem máos pastores se tornarão lobos, e dragões arrastando com sigo ao inferno, como outros *Lucifers*, grandes porções dos rebanhos, que tão indignamente pastoreavão.

F. — Pelo vil interesse do pouco que ficarão tirando das *Igrejas*, dos Canonicatos adorarão o idolo *dragão*.

P. — Abominavel raça! Peste da santa *Sociedade*! Indignos de figurarem jamais na santa *Igreja*! Pedantes, e papelões das sciencias, e monstros abominaveis, que no Rebanho de J. C. tem feito taes estragos! Monstros digo, que de hum Reino *Fidelissimo*, fizerão reino scismatico, heretico, impio, e em fim reino de *Satanaz*, banindo delle a

santa *Religião* de Jesus *Christo*! Não sei como possa explicar a enormidade de sua impia, e abominavel conducta.

Tremão elles, tremão todos os que tem sido causa da perdição de tantas almas! Tremão todos os escandalosos, que imitando ao Diabo fazem a guerra a J. C. Desenganem-se; nós temos hum Deos: ha *Ceo*; ha inferno; desenganem-se essas bestas brutaes, cujo deos he seu ventre, cujo ceo he sua ambição, sua carnalidade, e brutal sensualidade. Se Deos tem parecido dormir, assim o tem merecido nossas culpas: porem elle acordará.

F. — Ja vai acordando, e vai indo tudo com toda a camba...

P. — Os *escandalos* tem sido necessarios, diz J. C.; porem *Ai* daquelles por quem elles vem ao mundo. He a sua *Igreja* por elle mesmo comparada com a seara em que foi semeado o bom trigo. O Diabo com sua geração perversa semeia o joio, que suffoca o bom grão. Filiz este, que se não deixar soffocar. Na eira se fará a divisão. Este hirá ao celleiro, mas aquelle ao fogo: *Miltet Filius hominis Angelos suos, & colligent de Regno ejus omnia scandala, & eos qui faciunt iniquilatem, & miltenl eos in caminum ignis. Math.* 13. 40. Mandará o *Senhor* seus *Anjos* que tirarão do seu Reino todos os *escandalos*, escandalosos, e os impios, arrojando-os no fogo. Não he isto unicamente reservado para o ultimo dia: antes delle, e não tardará que tenha lugar, e seu effeito. Espero ainda vê-lo; não pelo seu mal, mas pelo florescimento da *Religião*.

Nós temos hum Deos! Desgraçados os seus inimigos, pois não escaparão a suas mãos. Nem vivo, nem morto, dizia o grande *Eleazaro*, eu escaparei ás mãos do Omnipotente: *Manum Omnipotentis nec vivus, nec defunctus effugiam.* 2. *Mach.*. 6. 23. Ouçamos como este *Senhor* se explica pelo Propheta *Ezequiel*.

Ira de Deos contra escandalosos.

O homem da casa de *Israel*, isto he, da minha *Igreja*, qualquer que elle seja, que della se alienar, se separar de mim, da minha *Sociedade*, e corporação, e puzer contra mim o escandalo da sua iniquidade, Eu porei contra esse malvado a minha irada face: *Homo de domo Israel... si alienatus fuerit a me... & scandalum iniquitatis suae statuerit contra faciem suam... Ego ponam faciem meam super hominem illum.* Eu de tal sorte o punirei, que sirva

P *

de escarmento, exemplo, e proverbio a todos: *Ego... faciam eum in exemplum, & in proverbium. Ezeq.* 14. 7. 8. Eu o tirarei e arrojarei d'entre o meu povo, e conhecerão todos, que Eu sou Deos contra quem elle se levanta: *Et disperdam eum de medio populi mei; & scietis, quia ego Dominus.*

A tua boca abundou na malicia, diz ainda pelo *Psalmista: Os tuum abundavit malitia;* e a tua lingoa tramava dolos, e traições: *Lingua tua concinnabat dolos. Psal.* 49. 19. Tu assentado com teu irmão dizias a mentira para o illudires, e punhas o escandalo contra o filho da mesma tua Mãi, isto he, a *Igreja*: *Sedens adversus fratrem tuum loquebaris, & adversus filium matris tuae ponebas scandalum.* ℣. 20. Tu isto fizeste, e Eu calei: *Haec fecisti, & tacui.* Por isso tu, malvado, iniquamente pensaste, que eu era semelhante a ti, que approvava tua perversidade. *Existimasti iniquè quod ero similis tui.* Porem tu te enganas: Eu entrarei comtigo em juizo, e conhecerás até onde chega a minha ira: *Arguam te, & statuam contra faciem tuam.* ℣. 21.

D. — Parece que falla bem a proposito, e bem terrivelmente.

P. — Para melhor conhecermos qual será a ira de Deos contra taes malvados, que destroem a sua *Sociedade*, perdem a sua *Igreja*, assacinão, e degolão o seu Rebanho, lembremo-nos do quanto custou a J. C. a sua fundação; lembremo-nos do que temos dito a esse respeito. Vejamos ainda somente o que he huma só alma, de que o impio, e o malvado fazem tanto caso, como, e ainda menos que de huma besta. Ella não he menos que huma semelhança, e imagem de Deos, huma joia preciosissima, e tanto que o mesmo Deos por ella se fez *Homem*, padeceo, e morreo. Ponhamos huma só alma na balança da Cruz, para vermos o seu pêso. Ella se equilibra com todos aquelles tormentos, dores, agonias, sangue, e morte de hum Deos humanado. Este he o seu preço, este o seu valor. E como, com que resarcirás tu, ó malvado, a perda de huma joia de tanto valor? Como te haverás com aquelle *Senhor* a quem ella tanto custou?

Quantas destas preciosissimas joias tu tens perdido, ó malvado? Perguntaria eu; Quantas roubado a J. C., ó escandaloso? Qeantas, ó malvado luxurioso, libertino, filho do Diabo, inimigo de Deos, que não cessas de perseguir até perderes a Donzella, a solteira, a innocente, a casada, e a viuva? Tu tens sido hum lobo voraz no Rebanho

de J. C., hum monstro! Quantas tens perdido, ó mulher vaidosa, leviana, sem juizo, que, sem sombras de temor de Deos, es o escandalo da mocidade? Tu, filha do Diabo, es huma lòba, es hum dragão no Rebanho de J. C. Como te haverás com aquelle *Senhor*, que brevemente residenciará de tua perversidade?

F. — Isto vai forte! Não se esqueça, P., dos grandes dragões.

P. — *Ero eis quasi leoena*; diz este *Senhor*, se elles tem sido no meu Rebanho, como Lobos, como Leopardos, eu lhes serei huma brava Leôa, como tygre assyriano, que accommette nos caminhos: *Sicut pardus in via Assyriorum.* Como ursa que assalta aos que lhes arrebatão seus filhos, assim eu farei na minha ira aos que me roubarem os meus: *Occurram eis quasi ursa raptis catulis. Oseas.* 12. 7.

D. — He bem expressiva essa comparação! Nada mais iracundo do que a Leôa, e a ursa quando lhes roubão seus filhos! Assim Deos sem duvida contra os escandalosos, que fazem de Demonios, roubando-lhes os filhos que tanto lhe custarão. He bem expressivo, e energico!

F. — E que será contra os grandes diabões, que lhe vão roubando, e fazem toda a força por lhe roubarem milhões de filhos, que tem todo o *Portugal*? Ah, desgraçados! Que fim vos espera! Esperai, que não tarda.

P. — Manda Deos na sua Legislação, que quando algum abra huma cova, e não a tapando, cahia nella hum boi, ou qualquer outro animal domestico, pagará o justo preço do animal. *Exod.* 21. 3. Elle manda que se restitua alma por alma, olho por olho, mão por mão, dente por dente, e pé por pé: *Reddet animam pro anima, oculum pro oculo, dentem pro dente, manum pro manu, pedem pro pede.* d.° 23. 24. Todas as almas são de Deos, pois que elle he o seu Creador, e elle as remio com o seu sangue. Elle as tem unidas a si, encorporadas com sigo mesmo, como ja vimos: ellas lhe pertencem por todos os direitos. O roubo, o furto, que dellas faz o malvado escandaloso, he feito ao mesmo Deos, pois que as tira do seu poder, para as pôr na posse do Demonio; elle lhes fecha a entrada no *Ceo*, para que Deos as destinava. A elle pois deverá dar a razão, e satisfação. Qual será ella? *Animam pro anima*, terá de satisfazer. Mas como? Com que outra alma, que não seja a propria?

A. — Porem isso he pôr em desesperação aos escandalosos!

P. — Porem isto he dizer a verdade, e eu não sei dizer outra cousa. Não intento fazer desesperar, porem sim fazer abrir

os olhos. Que faria V. m. a quem lhe roubasse hum, ou dois filhos, se os tivesse, tirando-os de seu poder, de sua familia, e seus braços, para os levar ás *Costas d'Africa*, e os vender ahi por escravos dos Negros?

A. — Eu confesso que nada tenho a responder; e muito bem entendo a paridade, que he mui propria. Porem...

P. — Ella não he verdadeira, porque seus filhos nada lhe custarião em comparação, do que a Deos tem custado as nossas almas, nem póde haver semelhança nas relações, que ha entre pai e filhos, com as que ha entre Deos, e as almas. Lembre-se do que deixamos dito do *amor* de Deos. Menos póde haver paridade nos mais respeitos; porque o escandaloso faz perder, a quem perverte, hum summo bem, qual a posse de hum Deos, e gloria eterna, e incorrer em hum summo, e ultimo mal, qual he o inferno para sempre.

D. — He horrorosa essa consideração; e contudo he verdadeira. Se o homem pecca sem envolver a outro no seu peccado, a si mesmo se condemnará, e não terá mais contas a dar. Porem envolver a outros, e condemna-los comsigo, he na verdade fazer o officio do Diabo. E que podem esperar?

F. — A ira de Deos, como de huma Leôa, contra quem rouba seus filhos; mas ainda muito mais, porque sua justiça he infinita, e eterna. Desgraçada sorte será a sua.

P. — Queirão ver por outra face este mesmo obejecto. Falla Deos a *Ezequiel*, constituindo-o seu Ministro, e o manda anunciar a sua palavra; *Fili hominis*, lhe diz, *speculatorem dedi te domui Israel.* Filho do homem; como se dissera, não obstante que es homem, eu te dou huma grande dignidade, pois te constituo speculador, vigilante na casa de *Israel*, e Ministro de minha palavra, que ouvirás de minha boca para, como tal, a anunciares: *Audies de ore meo verbum, & annuntiabis eis ex me. Ezeq.* 3. 17.

F. — Foi feito como Bispo; ou Parocho, não he isto?

P. — Assim he; pois que o seu nome, como tambem o de Presbitero, vem da palavra *especulador*, e *vigilante.* Como *Ezequiel* são todos obrigados ao mesmo, a vigiar, e pastorear o Rebanho com o pasto da palavra de Deos, e guiar pelo bom caminho com a palavra, e com o exemplo. Se tu, lhe diz Deos, (e o mesmo diz a todos os que constitue em tal lugar) se tu não annunciares ao impio a minha palavra, desenganando-o, e dizendo-lhe a verdade, para o tirares de seus

erros, e máos caminhos, elle perecerá no seu peccado, porem Eu te pedirei razão de sua perdição, como que es a causa: *Impius in iniquitate sua morietur, sanguinem autem ejus de manu tua requiram.* ℣. 18. Sobre tua cabeça cahirá esta perdição, e sobre ella tomarei vingança.

Se tu porem annunciares ao impio a minha palavra, ameaçares com meus juizos, e mostrares o caminho da justiça, e elle não se apartar de seus máos caminhos, ensurdendo-se a tuas vozes, elle morrerá na sua iniquidade, porem tu livrarás a tua alma, não serás envolvido na sua perdição, pois cumpriste com os deveres do ministerio, que te imponho: *Ipse in iniquitate sua morietur, tu autem animam tuam liberasti.* ℣. 19.

Ainda diz mais alguma cousa para bem imprimir nos corações dos que entrão neste Ministerio os seus deveres, e intimar estas terriveis ameaças. Se o justo declinar seus bons caminhos, e tu não o arguires, annunciando-lhe a minha palavra, e reprehenderes da sua maldade, elle se perderá, nella morrerá, mas sobre tua cabeça recahirá o sangue desta morte, sobre ti tomarei vingança: *Sanguinem vero ejus de manu tua requiram.* ℣. 20. Porem fazendo tu, o que te mando, morra elle embora, tu livraste a tua alma; *Tu animam tuam liberasti.* ℣. 21. Porque assim? Porque fallando cumprio suas obrigações, e deveres; porem calando, entregou á morte, e elle mesmo matou: *Ipse hunc occidit, quia eum tacendo morti tradit,* diz S. *Gregorio Magno.* Perguntarei agora, que se segue daqui? Que se collige ao inverso?

F. — Segue-se que os pastores, que devião fallar forão cães mudos; não affugentarão os lobos; o Rebanho se perdeo, e elles o pagarão. Não fallo da grande parte dos grandes Pastores, porque esses fizerão, segundo me parece, o que devião fazer. Se fugirão, assim lho mandou o *Senhor.*

P. — E parece-lhe muito bem, pois elles imitarão, e tomarão por seu exemplar, alem de outros, ao grande *Athanazio*, que não podendo livrar o seu Rebanho das garras, e prezas dos lobos *Arianos*, correo a pôr nas mãos do Supremo *Pastor* a sua causa. Assim fez algum, que mesmo assim não deixa de lá mesmo dar gritos, vozes, e assobios. Outros ainda se propuserão por exemplar o mesmo *Athanazio*, quando vagueando occulto pelos desertos, ou enterrado em sepulturas, fazia o que podia.

M. — Porem elles obrarião com mais heroico valor, pondo-se á frente dos seus Rebanhos, arrostando os lobos.

P. — Nego, que assim o devessem fazer. Algum o intentou e com grande valor; porem melhor ponderando achou que o não devia fazer, pois a prudencia, e a necessidade outra cousa exigião. Quando assim o fizessem, ou a morte, ou a prizão os esperava, como na realidade succedeo, e assim com pasmo o vio *Lisboa*, não se confundindo estes nossos impios de imitar os *Neros*, os *Domicianos*, os *Diocleciianos*, e outros perseguidores Infieis do nome *Christão*. Para lançarem os ferros a huma inarme, e innocente ovelha, ou cordeiro se alarmou em huma noite hum exercito de cavallaria!!! *Lisboa* o vio com assombro; todo o Reino em outros tempos verteria lagrimas de sangue!

A' vista disto que partido a seguir? O do grande *Athanazio* enterrado em sepulturas. Nos carceres ficavão maneatados, e mudos; mas das sepulturas, posto que enterrados, podem dar, e com effeito dão gemidos, e suspiros, e assobios, que seus verdadeiros filhos ainda ouvem. Desgraçadamente porem seu Clero..! Indigno Clero! succumbio! Não correspondeo! Vil, infiel, perjuro a seu Deos, a sua *Religião*, de que indignamente tinha o Ministerio, ou por sua livre vontade odiando sua *Religião*, e por sua corrupção de costumes, ou pelo interesse torpe, ou vil cobardia, dobrou o joelho, e adorou *Baal*!

Graças porem, parabens, louvores, honra, e gloria seja dada abaixo de Deos, áquella pequena parte do *Clero Portuguez*, que se conserva firme, temendo a Deos, sustentando a sua honra, e a sua *Religião*, olhando por sua salvação, e não pondo tão grande *escandalo* na *Igreja* de Jesus *Christo*.

D. — Por desgraça tem sido poucos. A maior parte forão cães mudos, como diz o *Freguez*, e não temerão reconhecer o Scisma, e nelle entrar, nem as Excommunhões, e mais Censuras annexas.

P. — Forão muito mais que cães mudos. Oxalá elles o fossem, retirando-se, e calando-se, porque seu exemplo fallaria, e clamaria bem altamente. Elles fizerão o contrario. Delles fallou Deos pelo *Psalmista*, dizendo: *Tu odisti disciplinam*; tu, ou vós aborrecestes a minha Lei, lançastes apôz de vós com desprezo as minhas palavras, e meus mandamentos: *Projecisti sermones meos retrorsum. Psal.* 49. 17. Vós vendo os ladrões, correstes com elles: *Si videbas furem currebas cum eo.* Com os adulteros infieis á minha Lei, com os perjuros, com os impios vos asso-

ciastes, e com elles tomaste partido: *Cum adulteris portionem tuam ponebas.* ℣. 18.

F. — Elles por consequencia terão o mesmo premio.

P. — Muito maior, pois sobre elles recahirá a justa vingança. Voltemos ao *Texto* mencionado de *Ezequiel*, e vejamos as consequencias. Se por isso mesmo, que *Ezequiel*, ou qualquer outro Ministro da Religião não falla ao impio, não obsta á iniquidade, não chama ao bom caminho, ao que delle se desvaira, se torna culpado na sua perdição, que diremos daquelles, que bem longe de o fazerem, se põe á testa da iniquidade, chamão, e mesmo arrastão á força as desgraçadas ovelhas de J. C.? Que diremos dos que de pastores se tornarão em lobos para devorarem o Rebanho? Que diremos destes não ja pastores, nem ministros da *Religião*, mas sim monstros, dragões, que com a longa cauda de seus exemplos execraveis, abraçando o scisma impio, ainda pregando a seu favor, arrastão á perdição as innocentes almas que formavão a *Sociedade*, e corporação de J. C. Supremo Juiz, que os hade julgar?

Perder-se-ha, ou está perdida a *Igreja Lusitana*, esta tão bella porção do divino Rebanho, em outro tempo *Fidelissima*; perecerá desgraçada eternamente; porem de cuja mão requisitará Deos esta perdição? Sobre cuja cabeça cahirá este sangue? *Sanguinem ejus de manu tua requiram?*

F. — Primeiramente dos grandes Dragões Incredulos, que forão os primeiros a pôr a persegnição ao Rebanho.

P. — Assim o creio; porem ignoto quaes apparecerão mais culpados aos olhos de Deos, e mais terrivelmente castigados, se os monstros, que acommetterão o Rebanho, se os pastores, que bem longe de o defenderem, não só o entregarão, mas ainda o guiarão, o chamarão, e mesmo arrastarão á perdição. Forão os primeiros monstros vomitados pelo inferno para fazerem a guerra a J. C., e destruirem sua *Igreja*, e devorarem seu Rebanho; porem elles ja mais o conseguirião se os seus pastores não se puzessem da sua parte, e não se fizessem maiores Dragões. O Rebanho ficaria sim sem pastores, porem não se uniria aos primeiros Dragões, e capaz era o só Rebanho de os affugentar para o inferno, d'onde havião sahido. Nas cazas de Deos no *Sancta Sanctorum*, onde os Successores dos *Apostolos* residião, e arvorarão o estandarte da Cruz, que tremolava no *Ceo*, entrou a abominação, e se formarão alcatêas de lobos, levantando, e pondo no Altar do Cordeiro immacu-

lado a estatua de Baal, o idolo de Dragão, curvarão o joelho, e o adorarão, arrastando a todos a fazer o mesmo. Infames, sacrilegos! Seja vossa memoria eternamente execravel, e tida em horror! Vós fareis o espanto da mesma natureza!

D. — Não se póde duvidar, que elles forão os chefes do scisma, por isso mesmo que o reconhecerão; elles forão os guias, em quem a Nação tinha fixos os olhos, para se regular.

P. — Pois se elles forão os chefes, e guias: *Super ducem onus istud. Ezeq.* 12. 10., sobre elles todo este mal; sobre elles carrega este pêso: *Super ducem onus istud.* Esta he a condição do malvado *escandalo*, estes são os grandes escandalosos, sobre quem carregão todos os males, de que tem sido causa: *Super ducem onus istud.* He isto mesmo o que á risca succede em todos os *escandalosos*. Hum pai de familias, por exemplo, educou mal a seus filhos; elles sahirão máos, são a peste da sociedade, commettem graves crimes; seus descendentes os seguem. Sobre quem recahe a culpa, e recahirá mais terrivel castigo? Sobre aquelle máo pai, que foi a causa: *Super ducem onus istud.*

Hum libertino enganou, e perdeo a innocente moça; e ella, perdida a honra, perde a vergonha, e se faz laço do Diabo. Sobre quem recahirão todos os males, que se seguirão? Sobre o malvado, que sendo o primeiro a dar a occasião do mal, deo todo o *escandalo*; sobre sua cabeça carrega em pêso toda a culpa: *Super ducem onus istud.*

Ahi tem pois carregando sobre as cabeças desses grandes escandalosos todo o mal, de que somos testemunhas. Elles lhe derão a causa; elles são os culpados na perdição de tantas almas, que vão morrendo, e morrerão no scisma, communicando com taes monstros: *Super ducem onus istud.*

D. — Nada diz, Sr. Fr., para allivio do Sr. Ab?

F. — Eu estou pasmado, vendo como se sahio!

M. — Estou tremendo, P.! Não me queira tirar as esperanças de minha salvação; porque eu me sinto culpado.

P. — Longe de mim que tal faça; mas permitta-me, que ainda diga, para maior horror desta maldade, que não ha peccado mais severamente no inferno castigado, que o malvado *escandalo*, não só por sua malicia intrinseca, mas ainda pelo halito infernal, que apezar de enterrado no inferno, ainda exhala no mundo. He o escandaloso hum monstro mui mais venenoso, e pestifero, que o mesmo *Lu-*

cifer. Este encerrado nos carceres infernaes nenhum mal poderia causar no mundo. Não he assim o escandaloso, pois encarcerado, e enterrado no abysmo ainda impesta, e mata no mundo. Eu me explico, e conhecerão perfeitamente quam differente he este peccado de todos os outros.

Falla S. *Paulo* de dois diversos generos de peccados, dos quaes huns, diz elle, precedem ao juizo, porem outros lhe são posteriores, e ainda se seguem depois do juizo: *Quorundam hominum peccata manifesta sunt praecedentia ad judicium; quosdam autem & subsequuntur* 1. *Tim.* 5. 24. Mas que peccadores são estes, que peccados? Segundo o pensar de S. *Basilio* são estes os peccados de escandalo, que ainda se seguem depois da morte, e do juizo dos escandalosos. Elles mortos, ainda cá peccão; como Dragões desde o inferno sua cauda ainda cá chega, e se estende pela face da terra a enrolar, e arrastar a elle outros. Entendão-no primeiramente pelo inverso.

Muitos Santos homens sahirão deste mundo, e cá ficarão a fama de suas virtudes, seus bons exemplos, seus Livros talvez, e suas doutrinas. Elles lá estão no *Ceo*, e cá estão ainda na terra prégando, convertendo, ensinando, e mostrando o caminho do *Ceo*. A'medida que outros os vão seguindo, sua gloria se lhes vai augmentando. Aqui pois estão estes, cujas boas obras em parte precedem á sua morte, e em parte ainda se seguem depois della, e do seu juizo.

Não de outra sorte, mas ao inverso, succede aos escandalosos. Seus escandalos serão sim manifestos, e precedentes á sua morte, e a seus juizos, mas não seus effeitos, que ainda continuão, e continuarão depois; e Deos sabe até onde se estenderão. Tres seculos se vão contando, que os grandes Dragões *Luthero*, *Calvino*, *Socino*, e outros sahirão deste mundo a apresentar-se no Tribunal do supremo Juiz, a quem fizerão a guerra; porem suas impias Seitas, suas impiedades, o veneno, que cá vomitárão, vai infeando por toda a parte, vai matando: suas longas caudas ainda enrolão, e arrastão ao inferno A'medida destes effeitos seus tormentos se augmentarão, hirão sempre crescendo, e não sei até onde chegarão.

M. — Não me queira atormentar mais, P.; eu entendo o mais, que poderá dizer nesse respeito. Hum máo pai de familias morrerá, e cá ficará ainda peccando nos máos filhos, que deixou, cujas maldades ao pai se attribuem. Hum luxurioso morrerá, mas os effeitos dos escandalos, que cá deo,

os máos exemplos, e a perversão, de que foi causa, cá vai lavrando, e grassando. Desde o inferno cá vai peccando, e condemnando a outros.

F. — Faça de conta que desde o inferno está puxando para lá os vivos por cordas dos máos exemplos, e doutrinas, ou pela longa cauda dos escandalos, que cá deo, e cá deixou, como se ainda por cá andasse.

M. — Eu o entendo; e confesso que assim he. Desgraçados escandalosos! Mélhor fora haverem hido ao fundo do mar! Melhor fora a mim nunca nascer, porque eu me acho culpado; e que poderei pensar..?

A. — Eu faço a mesma confissão. He necessario perder..?

F. — Não; consolem-se; remedio tem, meus Senhores, e amigos; não ha peccado, que não tenha remedio. Mudar de vida, meus Amigos; e se tem sido demonios até agora, daqui por diante cuidar em ser Anjos. (Estes não são dos peiores. Ja sou amigo delles.)

P. — He esse o remedio que se applica a tão grave mal. O escandaloso, que se quizer salvar por este caminho deve entrar, e elle o tem aberto, por maiores, que tenhão sido seus escandalos. St.° *Euzebio Emisseno* o diz em breves palavras: *Qui cum plurimorum destructione se perdidit, cum plurimorum aedificatione se redimat.* Aquelle que se acha encarregado na perda de muitas almas por causa dos seus escandalos, cuide em recupera-las, se não essas, a outras, com a edificação de suas boas obras, exemplos, doutrinas, e palavras. Esta a melhor satisfação que poderão dar a Deos os escandalosos, e apartar de si a espada da divina justiça, que pende sobre suas cabeças. *Recupera proximum tuum secundum virtutem tuam. Eccl.* 29. 29. Recupera, faze por resarcir os prejuizos, e damnos, que tens causado, diz o *Espirito Santo*, conforme as tuas forças, edificando com o bom exemplo, obras, e palavras. Esta he a consolação, que poderão ter os Santos penitentes. Esta teve S. *Paulo*, que sendo perseguidor da *Igreja* de J. C., e hum lobo no seu Rebanho, se tornou incançavel depois de sua conversão em tirar os *escandalos*, que tinha dado.

A. — Porem nem todos poderáõ fazer outro tanto.

P. — Nem Deos exige no peccador, o que elle não pode. He verdade, que os máos exemplos são mais poderosos nos seus effeitos, e mais facil he a destruição, do que a edificação. Porem não deixa de ser bem edificante, e forte em seus ef-

feitos a mudança, a conversão de hum grande escandaloso, que ordinariamente não deixa de ser imitada, ou ao menos tem força para confundir a seus semelhantes, e radicar a outros na virtude, e na boa vida.

D. — Não se esqueça de indicar o meio de obstar aos escandalos, como ja prometteo.

P. — Não nos deo J. C. mais do que hum só, e unico, que não obstante parecerá arduo. Se o teu pé, diz elle, ou a tua mão te escandalisa, corta, e lança fóra: *Abscide eum, & projice abs te. Math.* 18. 8. Dá a razão: He-te melhor entrar no *Ceo* sem huma das mãos, ou dos pés, do que hir com ambos ao fogo eterno. O mesmo, e pelas formaes palavras diz do olho, quando elle sirva de escandalo, mandando-o arrancar, e lançar fóra. O sentido he, que se tire a occasião por mais necessaria que ella seja. Seja embora tão necessaria, como o olho para ver, o pé para andar, e a mão para obrar, deve cortar por ella aquelle, que se quizer salvar. Esta he a moral de J. C., seu preceito, e mandamento, e não a que fazem alguns chamados Theologos.

Em quanto ao mais apenas pode valer a fuga, e o valor. Imitar o que teve o cego, que mendigava no caminho por onde passava J. C., indo para *Jerichó*. Logo que soube ser o Divino *Mestre*, em altos gritos o invocava. Mandavão-no callar, os que hião diante; porem muito mais elle clamava: *Multo magis clamabat: Fili David, miserere mei. Luc.* 18. 39. Elle conseguio, o que desejava.

F. — Assim he, que são os primeiros a mandar calar, os que devião hir diante com o bom exemplo, e tudo o mais.

P. — Para este fim nos propõem as divinas *Escrituras* por exemplar o grande *Tobias*. Delle nos diz, que fugia o consorcio dos homens; e quando elles hião adorar os bezerros d'ouro, e celebrar suas festas idolatricas elle só se dirigia ao Templo a adorar o Deos verdadeiro. *Tob.* 1. 5. 6.

F. — Alli tem o que devem fazer. Deixem hir esses gentios infieis adorar o Diabo nos theatros, nas assembleas, nas danças, e nos jogos; e dirijão-se ao Templo do Deos verdadeiro. Quando se envergonhem de servir ao Supremo *Senhor*, elle tambem se envergonhará de os pôr á sua Direita no grande dia. Advirtão isto bem. Ora pois.

P. — A fuga sobre tudo das más gentes he muito necessaria. Como empestados de enfermidade epidemica se devem reputar todas as antigas más companhias.

F. — Principalmente os Incredulos. Nem a colera morbo!!

P. — Tempos semelhantes, e ainda menos perigosos do que estes, povoarão os desertos de *Monges*, que fugião do mundo, onde não encontravão mais que os laços dos *escandalos*. Demos por concluida esta materia, e passaremos a ponderar os gravissimos males, que se commettem na *Sociedade* de J. C., quando se prejudica o proximo na sua fazenda.

F. — Oh! Temos ladrões! Materia vasta teremos.

P. — Peçamos a Deos a sua benção, e a *Nossa* Senhora.

PALESTRA QUARTA.

Bens temporaes.

PALESTRANTES.

Parocho, *Deista*, *Liberal*, *Theologo*, e *Freguez*.

Introducção.

Deista — Passasse muito bem, Sr. Ab. Dê-nos a sua benção. Este *Senhor* he meu amigo antigo, a quem eu convidei a vir tomar parte nas nossas *Palestras*, que muito bem sustentará, porque he *Theologo* de profissão, e mui versado na lição das divinas *Escrituras*. Elle he *Presbytero*.

Freguez — Elle me parece *Jansenista*! Mas eu não o pouparei.

Parocho — Cale-se. Muito folgo, e me regozijo, de que o Sr. *Theologo* queira honrar nossas *Palestras*. Eu o agradeço.

Theologo — Eu sou, o que venho receber a honra, e o interesse

D. — Eu abono o seu bom caracter. Com licença sua porem direi, que he afferrado alguma cousa a suas opiniões.

Th. — Contudo cedo facilmente a razões mais fortes. Não ignoro que sempre julga tê-las em seu favor, o que quer impor, e ostentar de sabio: porem eu campeio de ser hum sincero amante da verdade, como pede o meu Estado. Posto que educado nas aulas, e nutrido com bastantes dóses de *Jansenismo*, algum tempo ha que o alijei com a lição de *Bellarmino*, e outros dignos *Theologos*. Então julguei purificar minhas doutrinas, e opiniões, quando entrei no claro, e evidente conhecimento, de que o *Jansenismo* he hum puro *Calvinismo*, systema o mais impio, e execravel, que tem apparecido. Amargamente me tenho queixado do meu ami-

go, e Sr. *Brigadeiro* por me não partecipar, o que tem aqui disputado á mais tempo; e sinto não me poder apresentar logo, que fui convidado.

D. — Ha tempo bastante, que o convidei. Queixe-se de si.

P. — Não tem razão de se queixar, visto que tem doutrinas tão puras; pois são os erros que temos aqui combatido.

Th. — Pelo que tenho ouvido, eu tiraria grandes conhecimentos. Porem não demoro mais com estas cousas as suas instrucções, e queirão entrar na *Palestra*.

P. — Depois que disputamos sobre a *Religião*...

Th. — Não queira o Sr. Ab. occupar-se com me dar conhecimento das materias, que disputárão, nem tambem das que tem servido de objecto ás suas *Palestras*. O Sr. D. me fez favor dos apontamentos, que mui judiciosamente tem feito; e por elles me tenho posto ao facto de todas ellas, e do plano, que vai seguindo.

P. — A'vista disso direi o bastante para tomarmos o fio, que seguiremos na presente materia, e a sua ordem. Como Deos creou o homem espirito, e corpo, segundo os altos planos de sua Sabedoria infinita, e como tal obrigado a sustentar-se da terra, e della mesma remediar suas muitas precisões, foi necessaria a propriedade em posse, e dominio. Muito mais o foi por isso mesmo, que tem por natureza a *Sociedade*. Ella he indispensavel, ou seja em particular, ou em commum. Ou no só individuo, ou em familia, ou em congregação, ou em Nação, quando fosse factivel, deveria haver indispensavelmente propriedade. Quando o homem não possua palmo de terra, nem qualquer outra cousa além de seu corpo, elle tem em propriedade, de que ninguem o póde despojar, o seu braço, a sua agencia de qualquer modo que seja. E quando nem ainda isto tenha, terá a benificencia, e caridade, como propriedade sua, pois lhe he devida, como membro da Sociedade.

Isto supposto, formando Deos a *Sociedade* deveo dar huma extensa legislação relativa a este objecto. Com effeito ella a deo, e nós a temos nos livros de *Moyses* tão extensa, tão exacta, e tão especifica, que nem ainda lhe escapárão os ninhos das aves, seus ovos, e filhos, que podem entrar em propriedade.

Liberal — Não ha duvida; ha poucos dias o li no *Deutoronomio*, 22. 6., onde manda, que apenas se tirem os ovos, ou filhos, e não se cative a mãi, que estiver no ninho. Então me desenganei que o *Codigo* das Leis divinas he perfeitissimo. Por

isso mesmo que o ignorão ou desprezão por ser obra de Deos, nossos Lesgisladores Atheos, por mais constituições que forgem, nunca atinaráõ com o devido governo.

Th. — O governo dos homens he divino; e divina devia ser a legislação. Apenas *Atheos*, e *Materialistas* o poderáõ negar.

P. — A grande *Sociedade* de J. C., a sua Igreja, ou Corporação para a sua perfeita união com elle a necessitou mui exacta; o que nós temos a desenvolver nas tres seguintes Palestras, como que he materia mui essencial a esta grande, e santa *Sociedade* de J. C., que forma a sua *Religião*. Nós temos visto os laços, que a ligão, combatidos os obstaculos, ou impedimentos, e adversidades, que se lhe oppõe, e a podem destruir, como são os odios, e vinganças, que atacão os corpos, ou membros desta Sociedade, a soberba, que lhe dá origem, e por natureza destroe a *Sociedade*. Vimos ultimamente outro inimigo fatal, que ataca as almas, que he o escandalo. Resta-nos vermos, e combatermos dois outros fataes inimigos da Sociedade, que atacão a propriedade, quaes são o furto, que se oppõe, impede, e obsta. Para que nada mais deixemos a desejar relativamente a esta grande *Sociedade*, fallaremos ultimamente da mais bella virtude, da maior formosura, que adorna esta *Sociedade*, e della só he propria, qual he a *Caridade*, a *esmola*, e enfim a beneficencia, virtude em tudo admiravel, que põe no summo gráo de perfeição, e mesmo divinisa perfeitamente a Sociedade, ou *Igreja Catholica*.

D. — Muito bem, P.; porem não nos falle em ultimidades; porque o não deixaremos em quanto nos não der huma cabal idea da *Religião* de Jesus *Christo*.

P. — Nem eu fugirei a isso; e com gosto o farei.

Divisão de bens.

Tenho ouvido fallar de divisão de bens, e ignoro o que nisto querem dizer. Lembro-me de que he provavel fazer-se nesta palavra allusão aos pactos sociaes, porque o monstro do *Atheismo* em tudo pertende vomitar veneno. Talvez seja a pouca attenção. Eu perguntaria, em que época se fez tal divisão? Eu a concedo nas novas colonias, e não de outra sorte. Entre os primeiros homens houve propriedade. *Abel*, e *Caim* filhos de *Adão*, possuirão, hum rebanhos, e outro terras. Os filhos de *Caim*, e netos de *Adão* edificarão Cidades; o que não poderia ser sem que houvesse a proprie-

dade de casas e mais cousas necessarias. Pouco depois do Diluvio vemos guerras por causa de possessões de propriedade; e *Abrahão* comprou terreno para a sepultura de *Sara*, e outras cousas. He pois a propriedade tão antiga como o mesmo homem; e a divisão, qual a pintão os *Atheos*, he tão quimerica, como o são seus *pactos sociaes*.

D. — Eu creio, que os homens, ao mesmo tempo que se forão propagando, se hião apossando das terras, que achavão desertas, em que não encontravão opposição.

P. — Porem quando o fazia huma numerosa familia, deveria fazer divisão, como vemos no povo *Hebreo* ao entrar na terra promettida; e ultimamente na povoação da *America*, como ja vimos, quando fallamos dos *Jesuitas*.

F. — Eu tenho que dizer a esse respeito. Quero saber primeiramente d'onde veio, que entre todas as povoações havião baldíos, que erão terras communs a toda a povoação? Depois quero saber, porque razão tem tirado estes baldios? pois tenho que dizer contra tal politica.

L. — Vm. ignora as regras da boa politica, pois não sabe, que os aforamentos desses baldíos enriquecem os Estados, a que são feitos; e quando são divididos prosperão a sociedade desses povos.

F. — Pois eu confesso, que ainda o ignoro; e sei muito bem que taes aforamantos empobrecem os povos, e suas divisões fazem desgraçados os pobres tanto no corpo, como na alma.

D. — Quinão tem, Sr. L.! Veja como se desembaraça.

F. — Eu me ponho em campo para o mostrar.

P. — Não he necessario. Taes baldíos tiverão seu principio, alguns em convenção da povoação, ou nova colonia; mas outros, e mais ordinariamente, na nenhuma posse, ou posse em commum tomada pelo uso de enviarem ahi seus gados, ou servirem-se em geral das lenhas, e outras suas producções. Eu confesso, que ignoro os motivos da permissão, ou Lei de aforamentos, porem o Sr. L. deve confessar, que tem sido pessima tal politica; e que as divisas tem tido por principio a ambição, e avareza dos mais ricos das povoações, porque apezar de entrarem nella os pobres, elles não ignorão, que brevemente lhes cahirão nas mãos as suas sortes. Ahi ficão essas povoações desgraçadas, pois o pobre não terá onde apascente seus gados, que antes fazião a sua possessão, e sua riqueza, e de que tiravão o seu sustento; não terão d'onde tirar a lenha, nem alguma outra cousa. Ei-los ahi precisados a furtar, porque não hão de morrer de

fome, ou de frio; e por consequencia desgraçados no corpo, e na alma, como disse o *Freguez*.

L. — Mas elles porque se não oppoem? Elles tem convido.

P. — E quando vio Vm., que as opposições dos pequenos, dos pobres contra os grandes, ou ricos surtissem algum effeito? Não tem sido raras, nem pequenas as opposições, que por taes motivos se tem feito; mas ordinariamente em vão. Eu jamais deixarei de lamentar esta pessima politica do governo *Portuguez*, menos que não se expeça huma Lei, a que se dê todo o vigor, e execução, que torne a pôr os baldios no pé em que estavão, assim como os passaes das *Igrejas*, antes das Leis *Pombalinas*, e da descuberta, nunca antes imaginada, de *corpos de mão morta*. Eu sei de povoações não mui grandes, que contavão dez a doze mil cabeças de gado lanigero, cujas lãas erão as mais excellentes, e fazião a sua maior riqueza com os queijos, que dahi sahião para diversas terras. Porem depois do aforamento dos grandes baldios, não se passarão muitos annos, que apenas se contavão oito centas cabeças; e agora talvez muito menos. O producto que tira o Estado, ou os Titulares talvez não passe de dez ou doze mil reis, quando antes decemplicarião seus interesses. Eis aqui os erros, em que cahe, quem não está ao facto das cousas, e como se desgração os povos!

D. — Visto isso, com o que eu concordo, seria bem justa essa Lei. Eu a desejo; e talvez que não soffresse tantos damnos nas minhas fazendas.

P. — Assim devia ser, a quererem a prosperidade da Nação; porem infelizmenre não tenho visto advogar esta causa. Voltemos a nosso proposito. Não só foi necessaria a propriedade em particular, e ainda em commum em semelhantes casos, mas tambem supposta a condição do homem, sua avareza, e ambição, huma extensa, forte, e rigorosa Legislação, e bem sanccionada, para cohibir os males, que de outra sorte teria a soffrer a Sociedade.

Legislação Divina sobre os furtos.

Th. — Nada ha mais rigoroso de que a Legislação divina a tal respeito. He para sentir, que agora se não cumpra. Porem nossos legisladores nada querem de Leis divinas. Leis novas, dizem elles; que agradão tanto como as mulheres novas! Vis charlatães! Descaramento incrivel!

P. — Leis novas querem, porque novo he o *Atheismo*.

L. — Porém eu não sei, que na Legislação divina se imponha a ladrões pena de morte.

Th. — Pouco sabe della o Sr. L. Todos os malfeitores têm nella pena de morte: *Maleficos non patieris vivere. Exod.* 22. 18. De tal sorte o ladrão, ou prejudicador dos bens alheios he obrigado á satisfação, e resarcimento, que o furto de huma ovelha, deve ser feito com quatro ovelhas, e o de hum boi com cinco bois: *Quinque boves pro uno bove restituet, & quatuor oves pro una ove.* ℣. 1. Quando o ladrão ou prejudicador não tenha, com que satisfaça os damnos, deve elle mesmo ser vendido; até que com o preço de sua escravatura, ou producto de seu serviço tenha satisfeito: *Si non habuerit quod pro furto reddat, venundabitur.* ℣. 3.

F. — Com effeito, este não he *Jansenista*! Agrada melhor.

D. — Agora, Sr. L., mettamos a viola no sacco. Temos *Theologos*!

P. — A Legislação divina sobre furtos, e prejuizos nos bens alheios he mui miuda, e rigorosa; e assim devia ser pela grande influencia, que tem no bem, e prosperidade da Sociedade. Todas as Legislações *Catholicas* são fundadas neste *Codigo* divino, e são elle mesmo. Sabemos as razões, porque elle he regeitado pelos legisladores modernos; e por isso são as Nações tão bem governadas, como vemos, com suas leis novas.

Th. — Por isso o carro do governo não anda: DEOS lhes quebrou as rodas, como fez aos *Egypcios* no mar vermelho, para não poderem andar, até que vierão sobre elles as agoas, que a todos affogarão: *Subvertat rotas curruum, ferebanturque in profundum. Exod.* 14. 25.

F. — Ao profundo vão elles, e affogados em taes leis.

P. — Quando na Lei nova da graça não se execute á risca este *Codigo* divino, nem por isso os culpados serão menos punidos pelo verdadeiro Chefe da *Sociedade*, que he DEOS, cujo bem elle zella, como vamos vendo. Nada mais terrivel, que as penas eternas; e com ellas são terrivelmente castigados estes desgraçados: *Nolite errare*, lhes diz decisivamente S. *Paulo*; *Neque fures* . . . *neque rapaces Regnum Dei possidebunt.* 1. *Cor.* 6. 10. Não vos queiraes deixar cegar da vossa avareza; tende por certo, que os roubadores dos bens alheios não possuirão o Reino de DEOS.

A. — O mesmo se diz de qualquer outro peccador.

P. — Contudo estes incorrem em grandissimas difficuldades de salvação, e muito mais invenciveis. Não se acha o rouba-

dor, prejudicador, ou usurpador dos bens alheios de qualquer sorte que seja, nas mesmas circunstancias, que qualquer outro peccador. He por isto, se me não engano, que o *Apostolo* diz: *Nolite errare*; não queirais errar: como se dissera: Vede, e ponderai bem, o que fazeis, entendei bem as circunstancias deste peccado, e desenganai-vos, de que huma vez que lanceis mão ao alheio, ou causeis grave prejuizo ao vosso irmão de *Sociedade*, ou proximo, vossa salvação vai perdida: *Regnum Dei non possidebunt.*

Todos os peccados são injurias, e offensas feitas a Deos, e condemnão a penas eternas, se são graves, ou mortaes; porem diferem muito huns dos outros, pela maior, ou menor difficuldade do perdão. Quando nelles não ha mais que a offensa feita a Deos, então mais facil he o perdão, e muito mais do que quando nelle se involve a injuria, e offensa do proximo.

Offensas do Proximo.

Th. — He essa huma verdade, que apezar de sabida na *Moral* estimaria vê-la mais bem ponderada principalmente pelos Pregadores.

D. — Pois eu confesso, que não entendo tal Moral. Que comparação pode ter com a injuria feita a Deos a que se faz a hum homem? Tanta differença ha entre huma, e outra, quanta ha entre o finito e o infinito.

Th. — Não se trata da gravidade do peccado, mas sim da facilidade, ou difficuldade do perdão. Não faz a devida reflexão. Quando se offende a Deos, e não ao proximo, a offensa he huma só; porem quando se offende ao proximo são duas as offensas, e devem por consequencia serem dois a perdoar; pois que Deos raras vezes perdoará, sem que o proximo offendido perdôe, ou esteja satisfeito. Melhor me explico. Crucificarão os *Judeos* a J. C., e pouco depois os mesmos, que lhe puzerão as mãos, ou pelo menos muitos que approvarão a sua morte, se converterão, e ainda o podião fazer no mesmo acto. Para terem o perdão, nada mais foi necessario, que a verdadeira Fé com o pezar. Porem dê Vm. huma bofetada em hum homem, qualquer que seja, quero ver se Deos lhe perdoa, sem esse homem lhe perdoar, ou ser satisfeito dessa injuria.

F. — Eu protesto, que o Sr. Th. tem grande bestunto, e não he *Jansenista*. Estou contente com elle.

Th. — *Jansenista*! Eu nada quero com *Calvinistas.*

D. — Tenho entendido, que nada pesco de Theologias! Porem eu me admiro, de que Deos perdôe mais facilmente as gravissimas injurias feitas a si mesmo, do que as mais leves feitas ao proximo; mas conheço que he huma verdade.

Th. — Eu confesso igualmente minha admiração; mas julgo, que a razão não he pela gravidade da culpa, mas somente, porque na injuria do proximo se exige satisfação.

P. — Não entrão os Srs. no fundo da materia. He necessario para isso lembrarem-se do que temos dito da grande *Sociedade* em união com Deos. Notem que dos dez Mandamentos apenas tres dizem respeito á honra de Deos, e não menos de sete ao bem da Sociedade. Direi ainda que todos dez dizem respeito unicamente a esta grande *Sociedade* em toda a sua extensão. Ella he huma corporação, he hum corpo perfeito na unidade com sua Cabeça, que he Deos. Os laços, que a unem, e ligão, são de duas especies: huns ligão com o centro, ou cabeça, e outros ligão com o corpo, ou membros. Quando o homem pecca unicamente contra Deos, elle se desliga do centro da união da *Sociedade*, separa-se de sua Cabeça; contudo em certo modo fica unido com a *Sociedade*, ou corpo. Quando porem elle pecca contra a *Sociedade*, ou seus membros, elle se separa do centro, da cabeça, e juntamente do corpo. Eis aqui o mal duplicado.

Para o perdão, para o desgraçado reentrar na união, e corporação, necessita de duas sóldas para que assim diga: huma he a da reunião com seu centro, ou cabeça, que he Deos; e outra da reunião com o corpo, ou com aquelle, ou aquelles membros, de que se separou, por isso mesmo que os offendeo. Quando ha o rompimento somente dos laços, que unem com o centro, ou cabeça, isto he, com Deos, podem soldar-se facilmente.

D. — Entendo o modo, e o meio. Os laços que prendem com Deos são os do *amor*, segundo ja disse. Logo que haja pezar fundado no *amor* de Deos, a ligação está feita. Como he bella esta Sciencia! Ainda o mesmo amor do proximo, a quem offendeo, com as devidas satisfações he necessario para a sólda dos laços, que rompeo, porque tambem são os do *amor fraternal*. O Sr. Ab. vai desenvolvendo esta cadêa admiravel, cujos anéis prendem huns nos outros, e que formão na verdade toda a *Religião*, pois consiste nesta união da grande *Sociedade*.

P. — Visto que tem entendido, vamos progredindo no desenvolvimento; e não se esqueção, de que eu não intento deminuir o horror, que merecem as offensas feitas directa-

mente contra Deos. Ellas o tem natural. Este *Senhor* não pôde ignorar, que mais facilmente se offenderião os homens huns a outros, do que offenderião a elle directamente. He por isto, que elle nos impoz muito maior numero de Mandamentos relativos ao bem do proximo, para ter bem unida a sua corporação, pondo hum salvo conducto a qualquer dos membros, para que ninguem o offenda. Ponderemos a força, e vigor deste salvo conducto, pois que he admiravel na economia, e Providencia divina, e bem digno da attenção de hum *Theologo*.

Costumão os *Reis* da terra dar seus salvos conductos, seguros, e perdões, como Senhores absolutos, ainda que na conformidade com as Leis divinas, por que se regulão, sempre attendem á parte offendida pelo bem da *Sociedade*. O *Rei* dos reis porem, não obstante que he o Arbitro do universo, põe nas mãos do offendido este salvo conducto, e o faz arbitro do perdão. O modo como Deos procede neste respeito aclarará, o que quero dizer.

Offenderá o homem directamente a Deos. Conhecendo o mal, que fez, entra em grande pezar, que funda no seu *amor* para com seu Deos offendido. Pede perdão; e diz Deos: Perdoo-te, e te reuno comigo. (Pondo de parte o Sacramento da penitencia.) Offende o homem a *Sociedade*, a algum dos seus proximos; entra em pezar, pede perdão a Deos. Mas que! Diz Deos: Não perdôo, não te posso unir comigo, porque estás em desunião na minha corporação. Insta, pede, roga; porem debalde. Não te posso perdoar, diz Deos: une-te primeiro com quem te desuniste; nas suas mãos ponho o teu perdão: e não perdoo, sem que elle perdoe. Para te reunires a esta minha corporação não só te deves unir com a cabeça, que sou Eu: mas tambem com os mais membros do corpo. Une-te com os mais membros, e então o farás com a cabeça.

F. — E se elle não quizer perdoar?

Obrigação da Restituição.

P. — Se dadas as dividas satisfações o não fizer, obrará injustamente, e Deos nesse caso não deixará de perdoar. Eis-aqui o salvo conducto nas mãos do offendido. Supposto isto, devemos saber, que as offensas são mui differentes. Com algumas será sufficiente a só supplica do perdão. Se hum homem offendeo a outro somente de palavra occulta-

mente, do que lhe não resultou algum damno, satisfará com lhe pedir perdão com as devidas attenções. Quando porem estas offensas redundão em grave prejuizo, e damno, como são todas pela maior parte, então he necessaria a satisfação, e talvez qual a pede o offendido, e apenas a impossibilidade suspenderá esta obrigação. Queirão notar, que digo, *suspenderá*, porque tira-la, nem a mesma morte.

Th. — Isso he muito, meu P.! Com a morte tudo acaba.

P. — Menos a obrigação da restituição. Com a morte de hum dos dois conjuges ficão desligados os vinculos do Matrimonio; e quando elle resuscitasse não seria obrigado á reunião porem os vinculos, que obrigão á restituição da fazenda, são mais fortes: quando o devedor morto resuscitasse estaria ainda obrigado á satisfação.

Th. — Não ha duvida; não meditei bem no que disse.

P. — Pela maior parte, como disse, as offensas feitas ao proximo trazem comsigo a obrigação da restituição, mesmo com dinheiro, ou cousa que o valha. Eu não acabaria se intentasse mencionar as offensas, que tem annexa esta obrigação. Sómente direi em geral, que o damno, o prejuizo, que se faz ao proximo, qualquer que seja o meio, o modo, ou na sua fazenda, e propriedade, ou nos seus direitos, e faculdades, ou na sua honra, e bem estar, de qualquer sorte que se concorra seu prejuizo, prevendo-o, ou devendo prever, directa, ou indirectamente, traz comsigo esta obrigação tão forte, tão duradoura, que nem com a morte acaba. Poderá valer o perdão, quando sciente, e voluntariamente sem constrangimento algum a parte lesada o quer dar.

Supposto isto debaixo do nome de furto, porque na realidade o he, abrangerei todas estas offensas quaesquer que sejão, por isso mesmo que ha obrigação de restituição, ou satisfação dos damnos, e prejuizos causados ao proximo, aos membros da *Sociedade*.

Th. — Ignoro, se Deos quererá sempre em todos os casos satisfazer-se com o perdão da parte offendida, porque vejo no *Deutoronomio* mandar, que se não perdõe.

D. — Isso não póde ser. Ja vimos quam grande he o perdão das injurias, e offensas, quam meritorio para com Deos.

Th. — Eu lho mostrarei na Legislação divina; e bem claramente.

P. — Aqui a temos; e sua lembrança tem todo o lugar; pois ainda mostra, quanto Deos sente, e se ira contra os offensores da *Sociedade*. Nós vemos, o que diz na que se cha-

ma Lei, ou pena de *Talião*, que não he de algum homem assim chamado, mas sim he de Deos, e sua Legislação divina, e que nella forma a base de seu *codigo* criminal, mesmo na Lei Natural, como vemos em Noé ao sahir da *Arca* depois do Diluvio: *Quicunque effunderit humanum sanguinem, fundetur sanguis illius. Gen.* 9. 6. Eis aqui a pena de *Talião.*

D. — Devemos esperar, que nossos legisladores a desprezem, por isso mesmo que he de Deos; o que eu, e elles, ignorava.

P. — Manda Deos no seu Codigo satisfazer mão por mão, pé por pé, dente por dente &c. as injurias, damnos, e prejuizos. Sobre tudo se ira contra os falsos testemunhos. Annulla o depoimento de huma só testemunha: mas quando ella ponha accusação contra outro em contestação, manda que accusador, e accusado ambos tragão sua causa perante elle Deos na presença dos Sacerdotes, e juizes: *Stabunt ambo, quorum causa est, ante Dominum in conspectu Sacerdotum, & judicum. Deut.* 19. 17. Farão as maiores deligencias; *Diligentissime perscrutantes.* Logo que achem ser falso testemunho, se lhe fará o que intentava fazer a seu irmão: *Reddent ei sicut fratri suo facere cogitavit.* Será tirado d'entre a Sociedade este malvado: *Auferes malum de medio tui*, para que todos temão, e não se atrevão jamais a commetter tal maldade: *Ut audientes caeteri timorem habeant, & nequaquam talia audeant facere.* ℣. 20.

Accrescenta: *Non misereberis ejus*; não te compadeças; mas exige alma por alma, olho por olho &c. *Sed animam pro anima oculum pro oculo... exiges.* d.° 21. He na verdade admiravel! Porem vemos, que nos prova, quanto Deos procurava o bem daquella Sociedade, incutindo o maior temor de infringir as Leis, e quebrar os laços, que a ligavão.

Th. — Porem eu não admitto essa razão, porque ella milita do mesmo modo, e não perde a sua força na *Sociedade Catholica.* Mas eu vejo que J. C. dispensou nesse rigor, e mesmo em toda a extensão da chamada Lei de *Talião*, que talvez tenha a sua origem de *Talia facies, sicut tibi voluit facere.* Este *Talia*, lhe daria a origem. Seja como for, J. C. mencionando esta Lei, assim se expressa: *Audistis, quia dictum est: Oculum pro oculo, dentem pro dente. Math.* 5. 38. Vós sabeis que a lei permitte, ou manda exigir do offensor plena, e igual satisfação; porem eu vos digo, que não resistais aos maos, offerecendo a outra

face a quem vos ferir n'uma, e não contenderes em juizo. d.° 39. 40. Eu vejo aqui contrariedade nestes *Codigos*, militando as mesmas razões.

P. — Mui bem proposto argumento. Eu julgo satisfazer em breves palavras. Notemos primeiro, que ao passar Deos o *Codigo*, fallava mais com os Juizes, do que com os particulares offendidos; e J. C. fallava a estes, e não áquelles. Estas Leis, e este *Codigo* está em pé; e as Legislações *Catholicas* o tem em seu vigor. Póde porem relaxar-se com o perdão da parte offendida. He isto o que presumo não haveria no tempo, em que esteve em vigor este *Codigo* até J. C., e me parece que nem ainda quando a parte offendida desse o perdão, se deveria relaxar a pena.

Respondo agora, que a razão desta modificação, tal qual digo, em J. C. tem o motivo, em que antes delle valia-se Deos do temor do castigo para conservar em união, e boa sociedade aquella Nação por ser de dura cervis...

F. — (E como o não seria se erão Judeos?)

P. — Que apenas podia reger, dirigir, e conduzir em boa Sociedade, tendo sempre na mão o açoute, e espada. J. C. porem quiz fundar sua *Sociedade*, e liga-la em união com os laços de amor, como temos visto. Porem devemos entender, que nem por isso ficarão impunes as offensas, e damnos feitos na *Sociedade*, pois que zela a sua união, e propriedade com o maior rigor. Elle quer que a elle reservemos o mal, que nos fizerem, como que he a quem só pertence a vingança, como Chefe, e cabeça. Isto porem sómente pelo que respeita ás offensas, que não o damnificão, deixando em sua mão o perdão dos damnos, e prejuizos em seus bens, cuja satisfação mui bem póde exigir deposto todo o odio, e má vontade.

Temos pois a concluir, vistas as razões, e economia da Providencia divina relativa ao bem da *Sociedade*, que a satisfação dos prejuizos, e damnos, ou nos bens de propriedade, ou quaesquer outros, que com bens temporaes, talvez ao arbitrio do offendido, e agravado, se devem satisfazer, são de absoluta necessidade para a salvação, excepto o caso de verdadeira impossibilidade. O peccado jamais será perdoado, sem que se restitua o furtado, satisfazendo-se os damnos, e prejuizos. He este hum axioma Theologico. *Non dimittitur peccatum, nisi restituatur ablatum.* Ninguem duvidará deste principio certo. Fique pois bem entendido, que toda a injuria, e offensa, damno, ou prezuizo causado injusta-

mente na propria pessoa, ou seja na honra, na reputação, ou na fazenda, ou na propriedade de suas faculdades, e em fim qualquer que seja, exige satisfação, resarcimento, ou restituição, sob pena de condemnação, sendo grave o prejuizo.

Se porem esta satisfação, ou restituição he mui difficultosa; mui difficultosa, e á proporção desta difficuldade, são tambem as difficuldades da salvação daquelle desgraçado, que roubou, prejudicou, e damnificou seu proximo em sua pessoa, honra, bens temporaes, ou em qualquer outra sua propriedade. Eis aqui o que temos a ver, desenvolvendo as razões desta difficuldade pela difficuldade da restituição; e que não ha em outro qualquer peccado.

Grande difficuldade da restituição.

L. — Não me faça, P., a salvação muito difficultosa nesse respeito; porque eu não sei se estarei comprehendido; e quero examinar a minha consciencia.

P. — Eu não a farei mais difficultosa, do que he a restituição. Porem esta o he tanto, que parece toca as raias do impossivel.

Th. — Tanto não direi eu. Se estivessemos pelo Codigo da Lei *Moysaica*, e divina, eu conviria; porem não podemos duvidar, que, como ja affirmou o Sr. Ab., J. C. algum tanto a relaxou.

P. — Estou certo, que mo não poderá mostrar; quando eu lhe provarei, que o *Codigo* divino está sempre em seu vigor, e sempre esteve, e estará.

Th. — Quando o não prove positiva, negativamente, e com boas razões, o farei.

D. — Calemos todos. Deixemos os dois Theologos em campo.

Th. — Eu ja disse, que a restituição he sim bastante difficultosa, e mesmo mencionei a restituição em quadruplo da ovelha, e a do boi em quintuplo. Deveria ser isto pela razão, que ja deo; e he o intimidar, para que não prejudicassem a Sociedade. Bem claramente se vê isto, quando vemos o ladrão vendido. Confesso, que os damnos, e prejuizos se devem tambem satisfazer. Contudo passou o tempo de tão grande rigor.

P. — Mas que pertende provar com isso? Eu o ignoro.

Th. — Que usará Deos de misericordia; pois de outra sorte quem se poderá salvar? Quem?

P. — Quem não cahir neste laço do Demonio, que não merece outro nome, como provarei. Porem diga-me: Pode en-

trar no *Ceo*, quem não satisfaz os prejuizos, que causou, ou por furto, ou por qualquer outro motivo injusto, podendo-o fazer?

Th. — Eu confesso, P., que não poderei responder a seus argumentos; porem eu noto huma cousa bem singular, que me faz persuadir querer J. C. usar de alguma indulgencia com os ladrões, usurpadores, ou damnificadores dos bens alheios, e o Sr. Ab. concordará facilmente comigo, pois achará força no que vou a dizer.

Eu noto que J. C. não prégou contra os ladrões, nem combateo este vicio, ou maldade, sendo que a nenhum outro perdoou. Nada me mostrará no *Evangelho* entre muitos discursos, e sermões, que o *Senhor* fez, que se possa dizer, dirigido contra estes. Daqui se deve concluir, o que affirmo.

P. — Notando eu a mesma singularidade, tiro mui differente conclusão, e tal que me confirma na minha opinião, e faz conhecer a tão grande difficuldade da salvação de tal gente, que toca as raias do impossivel, como ja disse, e boas razões tenho.

Th. — Que conclusão tão estranha! Desejo saber, como a deduz? Queira dizer-me, porque não fallou J. C. contra os ladrões?

P. — Por isso mesmo que conheceo não tirar fruto algum, e suas pregações serem ociosas; o que repugna á condição de hum Deos. Porem se elle não fallou, ou prégou com palavras, o fez com obras, e mostrou bem claramente a consideração, em que os tinha. Se o Sr. Th. me dá licença, eu direi tudo; e então dirá o seu parecer, á vista do que expuzer.

Th. — Com gosto ouvirei tão singular opinião; porem tambem peço licença para a combater com as devidas razões.

D. — Combata com força, e deixe cerimonias; porem não o fará levantar pé a traz,

F. — Pé de boi não faz traz-pés; marcha com passo firme.

P. — Tem toda a licença o Sr. Th., nem he necessario pedila. Fallarei da restituição da ovelha, e do boi, depois de responder á pergunta que me faz.

Porque J. C. não fallou de Ladrões.

He com effeito notavel, que pregando J. C. muitas, e repetidas vezes contra todos os vicios, nenhuma vez o fizesse contra os *ladrões*, e usurpadores do alheio. Não deve-

mos arguir falta, pois que o divino *Codigo* criminal, dado a *Moyses*, continuava em seu vigor, como temos dito, e ainda veremos. Os *Apostolos* bem claramente fallarão a este respeito; e suas *Cartas* entrão na legislação *Catholica*. Alem disto eu ja disse, que J. C. he o Chefe, e cabeça desta sua *Sociedade*, perante quem não ficará impune o crime.

Folheando os *Evangelhos*, achamos, que o *Senhor* algumas vezes fallou de *ladrões*, mas tão somente por incidente. Expondo as qualidades do bom *Pastor*, na parabola do *Samaritano*, na do servo vigilante, e alguma outra occasião mencionou *ladrões*; porem com admiração vemos, que nunca lhes dirigio a palavra.

D. — Porem affirmão os *Evangelistas*, que nem tudo escreverão, como ja vimos em outra occasião.

P. — Nas extensas praticas, e sermões, que escreverão não he provavel, que deixassem de o fazer em huma cousa tão importante. O que vemos por este respeito he, que, entrando no Templo de *Jerusalem*, por duas vezes arrojou fóra delle, isto he, do seu atrio, os que ahi vendião, e compravão, lançando por terra as mesas dos numularios com o dinheiro, que tinhão. Da primeira vez nos diz S. *João*, que elle fizera das cordas, talvez com que prendião as rezes, açoutes, com que descarregava golpes sobre os traficantes; e em ambas clamava: *Domus mea, domus orationis est: vos autem fecistis eam speluncam latronum*; minha casa he casa de oração, e vós a tendes feito covil de ladrões.

F. — Cordas, e mais cordas he o que merecem; cordas sobre os lombos, e cordas para os pescoços; no que vem a parar a final.

P. — Que o *Senhor* assim o fizesse, não admira, porque he *Senhor* de vida e morte, do premio, e castigo; porem sim admira, que como Mestre, e Prégador nada dissesse a tal respeito para converter taes peccadores. Que poderemos inferir daqui, e a que attribuir a causa de tal procedimento?

Th. — A não ser a que disse, ignoro outra qualquer que seja.

F. — Ora essa! Cuidei, que tinha melhor bestunto! O que dalli se conclue, he que para ladrões não valem sermões; mas sim só valem cordas, e mais cordas.

D. — Eu vou com o Sr. Fr.; e me parece bem deduzida conclusão.

P. — Ao menos indica, se não o prova, que as prégações são inuteis, e que em tal gente apenas o castigo se pode empregar com algum fruto. Experiencia teve o *Senhor*, quando ella lhe fosse necessaria, pois que fallando, e dando instruc-

ções da pobreza, e desapego dos bens terrenos, diz o *Texto*, que o ouvião os avaros, que não são outros que usurpadores dos bens alheios, e que ouvindo taes lições, o zombavão, e escarnecião: *Audiebant omnia haec Pharisei, qui erant avari, & deridebant illum. Luc.* 16. 14. Como pois prégar contra peccadores, de quem nada mais ha a esperar, que zombarias, e escarneos?

F. — Vão lá prégar contra os *ladrões* dos bens da *Igreja*, dos *Frades*, e da toda a Nação! Nem o mesmo *Senhor*; só se fosse com as cordas bem grossas, e eu com o meu bordão a fazer-lhe costas, que os havia levar a breca. Ao menos serião bem convidados.

Ladrões não se convertem.

P. — O maior dia de salvação que jamais houve foi aquelle, em que J. C. morreo pela salvação do genero humano. Neste dia morrerão tres *ladrões*: dois aos lados do *Redemptor*, e outro que podemos dizer era mesmo do seu lado, da sua escolha, e da sua escóla. E qual foi o destino destes tres *ladrões*? Quem não pasmará á vista de taes fins, em tal occasião, e circunstancias? Hum delles com effeito se converteo ja posto na cruz; o que foi o maior prodigio, que se obrou neste dia; porem os dois outros morrerão impenitentes, hum blasphemando, e outro desesperando. Quem não pasmará? torno a perguntar. Em tal dia! Dia das misericordias do *Senhor*! Dia por tantos seculos suspirado! Dia em que o principe daz trevas era vencido! Dia em que o *Sangue* de hum Deos corria pela salvação de todo o mundo! Dia em que os *Ceos* se abrião, e o inferno parecia fecharse! Neste grande dia morrem tres *ladrões*, e apenas hum se salva! Morre hum ao mesmo lado do Redemptor, talvez aspergido com o seu *Sangue*, e morre impenitente! Morre outro, que era discipulo, companheiro, e commensal do mesmo Redemptor, e morre desesperado! Quem não pasmará? repetirei mil vezes. Que maldito crime! Que malvada culpa!

L. — Pinta isso de tal sorte, que faz tremer, a quem não tem examinado bem a sua consciencia a tal respeito: porem as côres são verdadeiras, eu o confesso, e ainda convenientes.

Th. — E poderemos affirmar, que se J. C. lhes fallasse, não se converterião? Não poderemos estar pela negativa.

P. — Que diz? Faltarão por ventura prégações, e sermões a

estes desgraçados? Faltarão-lhes meios de salvação? Elles os tiverão os mais faceis, os mais fortes, e efficazes; e contudo nada aproveitarão, pois nenhum fruto delles tirarão. Ao *ladrão*, que morreo no Calvario ao mesmo lado do *Salvador*, prégou a paciencia do mesmo *Senhor*; prégou o companheiro, que se converteo, e prégou com palavras, e com o exemplo; pregou-lhe o sol, que se escureceo; pregou a terra tremendo; pregarão as pedras quebrando-se; pregarão muitos ferindo os peitos; pregou o *Centurião* clamando que aquelle homem era o verdadeiro *Filho* de Deos: *Veré hic homo Filius Dei erat. Marc.* 15. 39. Tudo isto vio, ouvio, e observou, pois que sobreviveo a tudo isto, posto na cruz; e nada foi capaz de fazer impressão naquelle coração mais duro, que os mais duros rochedos. Quem não pasmará á vista de tanta dureza? torno aperguntar.

L. — Quem não tremerá? direi eu, estando incerto, duvidoso em sua consciencia de estar comprehendido.

F. — Eu tambem não estou muito contente. Mas ainda bem que a consciencia não me pica a tal respeito.

P. — Vejamos o terceiro, *Júdas Iscariotes*, que era aváro, e *ladrão*, roubador dos bens communs do Apostoladó.

F. — Os bens dó *Apostolado* erão os da *Igreja*. Eis ahi o que são os nossos roubadores dos bens da *Igreja*. São todos verdadeiros *Judas Iscariotas*! Iscariote-os, P., até os pôr na figueria, e deixe o mais por minha conta.

P. — Ouvio este desgraçado por quasi tres annos as doutrinas do Divino Mestre, suas pregações, e foi testemunha dos grandes prodigios, e companheiro dos mais Apostolos, que lhe pregavão ao menos com o seu exemplo. Em particular por varias vezes o *Senhor* lhe dirigio a palavra. Tratou na presença de todos por *Diabo*: *Unus ex vobis diabolus est. Joan.* 6. 71. Hum de vós he o Diabo; e elle não pôde ignorar, que de si fallava, pois a consciencia o deveo arguir. Quando murmorou da perdição do unguento, J. C. o reprehendeo com a maior mansidão. Na mesma noite, em que o vendeo, o *Senhòr* lho predisse. A final lhe disse, que visto estar resolvido a entrega-lo pela sua maldita avareza, o fizesse com brevidade: *Quod facis, fac citius. Jóan.* 13. 27. Na mesma entrega, dando-lhe o nome de amigo, o arguio, perguntando-lhe o que tinha feito? para o fazer reflexionar sobre o seu peccado: *Amice, ad quid venisti*? Ainda lhe recebeo o osculo! Quem poderá duvidar, que forão estas grandes pregações, e cada huma dellas bem sufficiente, pa-

ra converter qualquer outro peccador que não fosse hum avaro, hum usurpador, e *ladrão* dos bens alheios?

F. — Eu penso que foi por ser *ladrão* dos bens da *Igreja*; e por isso foi *Judas Iscariotas*, para se distinguir dos outros.

D. — Esse nome era o proprio delle.

F. — Pois tambem he o nome proprio de todos os *ladrões* da *Igreja*, que são *Judas Iscariotas*, e muito peiores.

P. — Nada omittio o *Salvador* para converter, e abrandar a dureza daquelle coração. Alem das palavras empregou as obras. Sempre o tratou com a benegnidade, e paciencia costumada: elle o trazia em sua companhia, com elle se assentava á mesa, nem lhe tirou a incumbencia de dispenseiro, ou mordomo, que lhe havia dado, não obstante que não ignorava a bolsa, que fazia para si, sizando, o que se dava ao Apostolado: *Fur erat, & loculos habens, ea, quae mittebantur, portabat. Joan.* 12. 6. Em fim com aquellas divinas Mãos, que fabricarão os *Ceos*, e terra, dobrados diante delle os joelhos, mais com lagrimas, que com agoa lhe lavou os pés. Que não faria qualquer destes actos em qualquer outro peccador? Porem em hum avaro, e *ladrão*, tudo foi perdido, e baldado.

D. — Que lhe parece, Sr. Th., de tudo aquillo? Mette horror!

Th. — Confesso que não tenho meditado sufficientemente nas divinas *Escrituras*, sendo que são minha continua lição, e me parecia; que o fazia com attenta applicação.

P. — Eu a chamo ainda a outro respeito no mesmo *Evangelho*, para lhe fazer notar huma outra cousa bem singular, que faz minha maior admiração, e sobre que não tenho observado que algum Expositor, ou Theologo faça a devida reflexão. He no *Filho Prodigo*, em cuja parabola J. C. nos descreve os desvarios do peccador com os desgraçados effeitos do peccado, e juntamente o caminho, que deve seguir, e passos, que deve dar em sua conversão.

Th. — E que tem o *Filho Prodigo*, ou que acha nelle a tal respeito? Elle não foi ladrão, nem o Texto diz cousa alguma..

P. — Isso mesmo he o que noto. Se J. C. nesta parabola nos quiz dar idea de hum grande peccador convertido, para o fazer modelo a todos os mais, parece, que o deveria descrever *ladrão*, assim como o descreveo máo filho, glotão, luxurioso, e devasso. Porem elle o pinta pelo contrario o homem o mais escrupuloso a tal respeito, e mesmo muito, e excessivamente escrupuloso. Lancemos hum golpe de vista a esta parabola, e verão quam de proposito J. C. o re-

tratou com esta excessiva delicadeza; e perguntarei depois a razão de assim o fazer.

He este *Filho* representado fallando com o pai, a que diz: *Pater, da mihi portionem substantiae, quae me contingit. Luc.* 15. 12. Pai, entrega-me a porção da herança, que me pertence. Note-se, que nada mais pedio do que aquillo, que podia chamar seu por direito de filiação, e que o pai não lhe poderia negar na sua emancipação, a cuja idade deveo de ter chegado. Não quiz prejudicar a seu irmão, pois erão dois, e não quiz exceder-se em cousa alguma. Reduzindo tudo a dinheiro sahio para longe, pôz-se em liberdade, e em breve tempo dissipou em luxurias, e devassidões, o que era seu, e não alheio: *Dissipavit substantiam suam vivendo luxuriose.* ℣. 13. Note-se esta palavra, *suam*, repetida, que escrupulosamente indica, que nada recebeo, nada tirou da casa do pai, nada dissipou, que não fosse seu proprio.

Dissipado tudo, o que era seu, de necessidade o devemos ver *ladrão*, por isso mesmo que J. C. descrevia nelle hum peccador entregue a suas paixões, e vicios; alem de que o furto segue mui de perto as luxurias, e logo que o descreveo luxurioso, e sem mais ter, com que sustentar tal vicio, naturalmente o devia pintar *ladrão*. Porem nada menos do que isso.

D. — Ainda me parece que o devia representar preso por isso mesmo, e carregado de ferros, por ficar bem representadas as miserias, e desgraças do peccador.

P. — Nada menos. Figura huma grande esterilidade naquella região, que augmenta as miserias deste desgraçado, a quem faltão todos os meios de subsistencia: *Coepit egere* ℣. 14. Que faria? Que outro meio se lhe descubriria, mais do que o furtar? Nem prenda, nem officio, nem alguma agencia tinha; e elle não devia morrer de fome. Furtar, ou pedir mendigando por portas, são os unicos meios, que se lhe descobrem; porem elle parece escrupulisar ainda do segundo, como que usurparia as esmolas da caridade devidas á invalidade. Elle toma a final o partido invariavel de ganhar o pão no suor de seu rosto, para poder sustentar-se do seu, e não do alheio; e vai assoldadar-se.

Amo, e senhor cruel encontrou, e sua escrupulosidade vai a pôr-se no ultimo apuro. He mandado a huma herdade a guardar animaes immundos: *Misit illum in villam suam, ut pasceret porcos.* ℣. 15. A tudo se sugeita. Ape-

zar de seu nascimento, de sua nobreza, sugeita-se a servir alugando sua pessoa, e não repugna a servir no maior abatimento, qual era este: *Ut pasceret porcos.* Porem isto não he tudo: mesmo assim suas miserias terião desconto, se nesse estado elle encontrasse o pão, que procurava. Quando fosse incumbido de apascentar outra qualidade de gado, teria o leite para se sustentar. Tudo lhe falta, e nem com o proprio suor de seu rosto póde ganhar o sustento. Que muito, se posto em tal aperto, tendo fechadas todas as portas, e meios de adquirir o sustento honestamente, lançasse mão do alheio de qualquer modo que fosse? Porem nem mesmo assim.

Finalmente J. C. leva a hum ponto incrivel, e inimaginavel a sua escrupulosidade neste respeito, fazendo-o desejar comer das glandes, ou bolotas, de que comião os animaes, que vigiava, e lhes dava, retendo-se pelo escrupulo de lhes lançar a mão por isso mesmo que não lhe pertencião, não erão suas, e não tinha licença de comer dellas.

Th. — O Texto não diz tal. Como o póde entender assim?

D. — Eu quero ler. *Cupiebat implere ventrem suum de siliquis, quas porci manducabant; & nemo illi dabat.* ℣. 16. Elle desejava encher o ventre das glandes, que comião....

R. — Pode verter o *siliquis* em folhelho, bagagem, grão, ou qualquer outro alimento costumado destes animaes.

D. — Glandes, ou bolotas são as menos nojosas. Dellas desejava comer, e qualquer outro alimento, de que comião os animaes immundos; porem ninguem lho dava: *Nemo illi dabat.* Esta, Sr. Th., he a verdadeira versão. Elle queria comer deste alimento, e não o fazia. E porque não comia? Porque niguem lho dava; porque não era seu, e não se julgava com direito de se appropiar delle, e o escrupulo o retinha.

Th. — Confesso que nunca fiz tal reflexão, sendo bem obvia.

F. — Temos entendido, que só o meu Ab. lê com olhos abertos.

Th. — Mas porque razão assim o representou?

R. — Para o dar convertido, o que não faria de outra sorte. Devemos notar, que taes singularidades na boca de J. C. não podião deixar de ser mui de proposito. Não intentou unicamente descrever as miserias de hum peccador, porque melhor o faria representando-o preso, encarcerado, açoutado, carregado de ferros &c. Aqui houve mais: esta mindeza de circunstancias mostra sem duvida que mui de proposito o

descreveo excessivamente escrupoloso do alheio, para o poder dar convertido. Ainda no regresso a casa do pai, elle nada queria que não ganhasse pelo suor do seu rosto: *Fac me sicut unus de mercenariis tuis.* ÿ. 19., como se dissera: Eu ja não devo ser considerado teu filho, e de nenhuma sorte quero prejudicar a meu irmão nos bens, que lhe pertencem: peço o unico favor de me admittires na qualidade de mercenario, para comer o pão com o suor de meu roste, que possa chamar meu, e não alheio: *Fac me sicut unus de mercenariis tuis.*

D. — Eu confesso, que nada me parece mais concludente em tal respeito. Que lhe parece, Sr. *Th.*? Não o julga assim?

Th. — Eu penso da mesma sorte. Contudo não acho tão difficultosa a conversão de hum *ladrão*, ou usurpador dos bens alheios de qualquer modo que o seja, pois que do mesmo modo que furtou, pode restituir, ainda que não nego as difficuldades.

Restituição difficultosa.

P. — Nessas difficuldades estamos; e eu não digo outra cousa: mas he necessario pondera-las devidamente. Do mesmo modo, que se furtou, se pode restituir, diz o Sr. Th.; porem eu não estou por isso. Não he do mesmo modo, que se cahe no laço, que delle se desenlaça. Os que se querem fazer ricos, diz S. *Paulo*, cahem na tentação, e no laço do Diabo: *Qui divites volunt fiere incidunt in tentationem, & in laqueum diaboli.* 1. *Tim.* 6. 9. os que se querem fazer ricos cahem na tentação, e no laço do Diabo. Aqui temos os avaros, de que fallaremos em outro dia. Porem se somente o desejar ser rico, faz cahir na tentação, e no laço do Diabo, quanto mais o fará o mesmo furto, para conseguir as riquezas, ou satisfação de seus appetites?

Tentação verdeira, laço do Diabo o mais forte, e seguro he na verdade o encarrego do alheio qualquer que elle seja. Na avareza, na satisfação das paixões, talvez nos odios, e vinganças o Demonio o arma, e desgraçado o que nelle cahe, porque jamais delle sahirá livre; isto tanto mais quanto elle he mais bem armado, e mais seguros são os nós, e fortes os fios, que o formão.

L. — Admiro-me de que queira elevar essa difficuldade a tão alto gráo, como vai inculcando! Não será mais forte esse laço, do que quando se rouba huma bolsa, huma casa, huma

fazenda, ou cousa que o valha; e que grandes podem ser as difficuldades da restituição, logo que se queira fazer?

P. — Grandes, e mui grandes. Mas não me dirá quando chegará o momento em que o *ladrão* se resolva com effeito a restituir? O laço mais forte que aqui temos, he o que prende a vontade, para não querer.

L. — Não se póde chamar laço forte aquelle, que o mesmo enlaçado pode desatar.

P. — Poderá elle desata-lo, quando não quer? Porem nós envolvemos a materia, e não adiantaremos se a não levarmos com methodo, ordem, e clareza.

D. — Calemos todos; deixemos desenvolver a seu modo, e depois cada hum dirá, o que lhe parecer.

F. — Não se esqueça, P.; dos *Judas Iscariotas.*

P. — Seria necessario fazer aqui huma previa desertação sobre o abominavel vicio da avareza, que impede a restituição; porem como nem sempre este laço he armado na avareza, em outra occasião a faremos, para fallarmos agora em geral. Não pensa bem o Sr. L. quando affirma, que os maiores, e mais fortes laços são o roubo de bolsas, de cazas, ou fazendas, isto he, o furto bem conhecido, e qualificado. Grande he, e mui forte na verdade; porem outros ha mui mais fortes, e seguros, e tanto mais quanto mais disfarçadamente são armados. Para que diga tudo em breves palavras, pois me seria impossivel entrar em especificações, e qualificações de furtos, por ser materia interminavel, direi somente por ora, que mais me queria tratando da salvação com hum salteador de estradas, do que com hum usurario, hum aváro, hum traficante doloso, hum vingativo nos bens do seu proximo, ou qualquer outro semelhante. Nós hiremos vendo as razões no desenvolvimento desta materia.

O furto he laço do Diabo.

Estamos na autoridade do *Apostolo*, que nos affirma cahirem no laço do Diabo os que desejão possuir bens. Muito mais os que lanção mão ao alheio: *Incidunt in laqueum diaboli.* Não largaremos este laço, pois mostrando sua formatura, voltas, nós, e enredos, teremos adiantado muito.

Diz o Sr. L., que não se pode chamar laço perigoso aquelle, cujo desenlace está na propria vontade do homem; porem não reflecte, que este laço he lançado a essa mesma propria vontade do homem, e não ás mãos, que se ficão

paralysadas, para não largarem o alheio, he porque a vontade as prende. Claramente o disse o *Apostolo*, accrescentando, que não só cahem no laço do Diabo, mas ainda em desejos inuteis, e nocivos, que os mergulhão na morte, e na eterna perdição: *Incidunt in laqueum diaboli, & in desideria multa inutilia, & nociva, quae mergunt homines in interitum, & perditionem.* ℣. 9. Estes desejos inuteis, e nocivos são, os que fortalecem, enredão, enlação, e apertão mais, e mais o laço, que se forma na vontade. Deve ainda notar, que he a mesma vontade, que o forma, e em que se firma. Eu creio bem, que mui ordinariamente se furta, e usurpa, ou damnifica o alheio com a firme, e bem deliberada resolução, de não jamais restituir, e satisfazer os damnos, e prejuizos. Nada temos com desesperados, porque enfim estes se querem condemnar por propria, e deliberada vontade, renunciando ao *Ceo*, e sua salvação.

F. — Eu creio que somente os Incredulos o farão.

P. — Não vai muito longe da incredulidade, o que lança mão ao alheio, ou prejudica seu proximo quaesquer que sejão suas intenções. Ponhamos pois de parte estes mui decididos desesperados, e renunciadores da propria salvação, que bem seguros tem o Diabo, e fallemos daquelles, que furtão com tenção de restituirem qualquer que seja o motivo. O desengano destes he, o que nos deve occupar, e de quem unicamente fallaremos.

L. — Bem pode ser, que apezar da resolução de não satisfazerem, depois se resolvão a faze-lo; o que não he impossivel.

P. — Eu não nego o poder em Deos de obrar prodigios; e não será esse dos mais ordinarios. Não o fez elle com *Judas*, que cahio nessa desesperação; furtando com a resolução de não restituir...

F. — Assim fazem os *Judas* do nosso tempo, e assim mesmo vão acabando desesperados.

P. — Mas succeda assim, elles se cahirão nos mesmos laços. Ordinariamente se appropria, e usurpa o alheio, dizendo: *Eu restituirei.* Quero que assim mesmo o deseje fazer: mas eis aqui os desejos inuteis, e nocivos, de que falla o Apostolo: *Desideria multa intilia, & nociva.* Sejão embora bons desejos, elles sempre serão inuteis, e inefficazes, que afinal os mergulharão na perdição eterna; porque chegarão até á morte, sem jamais terem effeito: *Quae mergunt homines in interitum, & perditionem.* Aqui veremos neste laço disfarçado a quasi clara, e evidente desesperação, e não

menos perigosa. O que furta, ou usurpa os bens alheios sem intenção de restituir, he sim hum desesperado; pelos bens alheios elle vende a alma ao Demonio. Pode por hum prodigio da graça entrar em pezar, e resolver-se á restituição: porem aquelle que sempre deseja, e tem suas taes quaes intenções de satisfazer, jamais o fará, porque sempre serão inuteis taes desejos, e chegaráõ á morte sem effeito. Eis-aqui todo o ponto, e que eu quero desenvolver.

O furto he anzol do Diabo.

O furto, usurpação, e appropriação dos bens alheios, quaesquer que sejão as intenções do malvado, são huma isca, que o infernal caçador põe no laço, ou para que melhor entendão, põe no anzol, que he mais alguma cousa do que laço. Elle o arma bem ás claras, e ainda com dissimulação, se os mesmos malvados não são os proprios a faze-lo. Em todo o caso a isca he devorada juntamente com o anzol, pelo qual o Diabo tem bem seguros estes desgraçados peixes. Não tem mais do que puxar da linha, que he segura, para os levar a si. Ahi terão os *ladrões* bem conhecedores de que o são, os usurpadores, os usurarios, os traficantes, comendo a isca com o anzol. Elles devorão os bens, as carnes dos pobres, e bebem o seu sangue. Desgraçados! Com elles devorão o fatal anzol; jamais o vomitaráõ: a misera alma nelle está segura. Não de outra cathagoria, se não peior, são aquelles desalmados, que por vinganças, odios, ou qualquer outro motivo, estragão, perdem, damnificão os bens, e ainda a honra, a reputação.. Malvados! Lá engolem o anzol, que os fará vomitar a alma no inferno.

Porem deixemos estes, e voltemo-nos aos desgraçados, que disfarçando o anzol, o devorão, presumindo não o fazerem. » Eu vejo-me nesta, ou naquella precisão, dirão elles, e se me offerece occasião de a remediar. Eu não ignoro, que faço mal, e como *Christão*, que sou, conheço que não poderei entrar no *Ceo* com o alheio; porem eu não intento renunciar á minha salvação. Remediarei agora a minha necessidade, e tambem remediarei a minha salvação, porque eu restituirei em melhor tempo. «

Th. — Bem, meu Ab.; eis-ahi de quem eu desejo, que se falle; pois não ignora, que tambem sou Confessor, e quero saber como devo conduzir-me com taes penitentes, que es-

tão resolvidos á restituição, e com quem tenho na verdade uzado de benegnidade, confiando em taes promessas.

P. — Tema contudo que bem longe de ser benegnidade, seja crueldade com o penitente, e com sigo mesmo! Não a poderá ter maior com aquelle, que devendo tirar do laço, o deixa nelle. Com sigo mesmo será cruel, se com elle quizer condemnar-se; o que sem duvida fará.

Th. — Porem se elles promettem restituir logo, que possão, como poderei ser cruel?

P. — Apertando-lhe mais, e mais o laço. Apenas a inexpericia, e pouca reflexão o poderá fazer cahir nesse erro fatal, em que desgraçadamente todos cahem. Hum Theologo Confessor jamais em taes casos deve perder de vista o indicado texto de S. *Paulo*, e considerar em tal penitente hum desgraçado cahido no laço do Diabo, em que mais se enlaçará, quanto mais tempo nelle se demorar, como hum desgraçado, que com o alheio devorou o anzol, por que o tem seguro o Diabo, e que mais se lhe entranha na alma, quanto mais tempo o retem. Deve ainda ter por certo que jamais quebrará o laço, nem vomitará o anzol, que devorou com o alheio, mas com elle vomitará a desgraçada alma. Não passaremos adiante sem que faça idéa deste fatal laço, ou anzol.

Não crê por ventura que come o alheio, o que lhe lança mão, e delle se appropia? Pois o que se come, e bebe se torna em carne, e sangue; e pode ter por certo, que mais depressa dará o desgraçado o proprio sangue, e ainda a carne, do que largará o alheio. Mas que digo, carne, e sangue! A propria alma dará, mais do que o alheio, e por elle trocará o *Ceo* pelo inferno. He isto tanto assim, que jamais me mostrará hum só desses, que andão sempre promettendo, que com effeito o tenhão cumprido, se o Confessor não obriga logo a faze-lo.

Queira comparar estes desgraçados com as aves de rapina, que cravando a unha jamais largarão a presa. Quando com ella acolhão, jamais lha tirarão das garras. He tal a organização physica das aves, que então abrem as garras quando estendem os pés, ou mãos; e mais apertão, quando se dobrão, e encolhem. O *ladrão* sabe encolher, mas não estender; sabe apertar, mas não largar. Quando a ave de rapina não larga, o remedio he apertar-lhe o pescoço, ou cortar-lho, porque então abre as garras, e larga a presa. Affogue o Confessor para que abra as garras, e largue

o alheio; quando não somente o fará com o corte da morte.

D. — Essa comparação he bem expressiva! Lembre-se della.

P. — Outra semelhante ja eu ouvi ao meu Abiq, e he do macaco. Para o caçarem, servem-se de huma vasilha, cujo bocal seja largo á proporção da mão deste animal; de sorte que vasia possa entrar sem difficuldade. D'entro lhe lanção milho, ou algum outro fruto. O macaco mete a mão, agarra, e quer tirar fóra; porem como traz o furto, não cabe, e quanto mais puxa mais preso fica; pois mais aperta a mão, até que vem o caçador, e o leva seguro. Eis-aqui como estão seguros até que chegue o caçador infernal os *ladrões*, e usurpadores dos bens alheios.

D. — Tenho ouvido tambem o mesmo; e admira, que sendo tão ingenhosos os macacos, não tenhão o instincto de largar, o que agarrarão para sahirem do aperto.

P. — Mais deve admirar, que o homem dotado de intendimento não queira largar, antes sim colhido pelo caçador infernal. Temos ainda a notar, que o mesmo laço o mesmo anzol, huma vez armado, ou devorado não se limita a huma só presa. Com hum só laço, com hum só anzol se fazem muitas presas; e tal póde ser a usurpação do alheio. Talvez hum só destes desgraçados arme o laço, prepare o anzol para huma dilatada, e extensa familia.

O furto he rede.

Eu me lembro a este respeito da descripção, que o Propheta *Habacuc* faz no sentido literal da destruição, que os *Chaldeos* farião na *Judea*; e no thropologico bem podemos applicar a este respeito: *Fotum in hamo sublevavit, traxit illud in sagena sua, & congregavit in rete suum. Heb.* 1. 5. Tudo pesca com este anzol, e recolhe na sua rede. Que innumeraveis almas enredadas neste laço, seguras pelo anzol, e envolvidas nesta rede? Porem de tal sorte, que huns envolvem nella a outros. Eu me explico.

Ninguem pode duvidar, que os bens temporaes passão aos segundos possuidores, e seguintes com os encarregos que tem annexos. As obrigações da restituição são sim pessoaes; porem ellas se fixão nos bens, que injustamante possue o que está obrigado á satisfação. Isto he huma cousa bem clara em Direito. O devedor tem sua pessoa obrigada á divida juntamente com os bens. O usurpador devora pois o anzol; e morrendo, o deixa na fazenda, que vai a devo-

rar do mesmo modo aquelle, que a vai possuir, pois que entra nas mesmas obrigações, que de certo não satisfará. Eis ahi innumeraveis almas enredadas nesta fatal rede; nella vão entrando os herdeiros huns apóz dos outros; e não sei até que geração.

F. — Pois ainda bem, P., que por misericordia de Deos não serão muitos os herdeiros, que apanhe a rede, porque os bens mal adquiridos não chegão a terceiro possuidor. Perguntem pelos dos *Judas Iscariotas*; que he feito delles? Os do primeiro *Judas* apenas lhe chegarão para comprar a corda, com que se enforcou. Os destes não chegarão a muito mais. Os bens da *Igreja*, estejão elles bem certos, levão com sigo a excommunhão, e o anzol, que não he menos que a corda de *Judas*.

D. — Desanda-lhes com huma formidavel catalinada!

F. — Bem acatanados merecem elles ser! Eu me ponho em campo, para lhe mostrar, que todos esses, que lhes lançarão a unha, de qualquer modo que fosse, cahirão no laço de *Judas Iscariotes*, devorarão o anzol, e são excommungados de J. C., a quem roubarão os seus bens, e de S. *Pedro*, e S. *Paulo*, que fundarão sua *Igreja*.

D. — Eu não quero sahir em contenda com Vm., e muito menos em tal materia. Ninguem póde negar, que o furto, ou individa posse de bens Ecclesiasticos são furtos sacrilegos. Não deixa de mostrar a experiencia a verdade do Adagio, que os bens mal adquiridos não chegão a terceiro possuidor.

P. — Ainda bem que assim obra Deos para quebrar brevemente estes laços, e não se condemnem longas descendencias com posse de taes bens.

Th. — Muitos podem ser possuidores de boa fé.

P. — Assim póde ser; nem eu quero abranger a esses nesta desgraça. O que porem aqui tenho mais a sentir, he a perversidade de muitos, que á custa dos bens alheios, com usuras, com dolos, com furtos, e em fim com o que não he seu, trabalhão por deixar os filhos ricos. Que intentarão fazer nisto estes malvados?

F. — Eu o digo. O que intentão he, poderem dizer com toda a verdade aos filhos, quando vão morrer: Meus filhos eu cá vou indo para o inferno; lá vos vou esperar, porque vos deixo tão enlaçados nos laços do Diabo, no seu anzol, e na sua rede, pela fazenda, e bens, que vos deixo, que não podereis escapar. Até lá; lá vos espero sem falta.

Th. — E porque? Não podem os filhos restituir?

P. — Podem sim, mas hão de faze-lo tanto como os pais o fizerão, e ainda menos. A quantos filhos o tem visto fazer? São innumeraveis os pais, que morrem encarregados nos bens alheios, e os filhos pela maior parte não o ignorão. E que? Tem visto fazer essas restituições? Não me mostrará alguma. Lá furtão os pais por mil modos; lá por usuras, por injustos letigios, ou demandas, por mil oppressões ingrossão; morrem; os filhos entrão de posse; e que de restituições?

Ainda outra tenho a sentir, e em que talvez não poucos Confessores tenhão cahido; e he, declararem á mulher, ou filhos dividas, ou furtos occultos na ultima enfermidade. Eis-ahi lhes deixa o fatal laço, que jamais cortarão.

Th. — Mas que outra cousa podem fazer?

P. — Que outra cousa? Pois não terão mais que deixar em herança á mulher ou filhos, do que este laço fatal? E ficaráõ desse modo livres delle? Nós o hiremos vendo. O Confessor deve proceder de tal sorte que a restituição fique segura, ou passando-se logo o preço, ou valor, ou por escrito que faça fé, ou qualquer outro meio, que não seja o só livre arbitrio dos herdeiros, quaesquer que sejão, porque jamais satisfarão. O melhor, e mais seguro meio he a manifestação ao credor; supplicando, e obtendo o perdão do mais que se fica a dever.

D. — A razão parece que mostra claramente, que taes restituições nunca se fazem, pois se as não satisfaz o usurpador, menos as satisfarão os herdeiros pela divisão dos bens.

Th. — Outros meios ha de restituir, como he o testamento: porem perguntarei, que se hade fazer, com quem não pode satisfazer?

P. — Respondo á primeira, que por testamento rarissimas vezes se poderáõ satisfazer taes obrigações. A' segunda respondo que ás verdadeiras, e não pretextadas impossibilidades ninguem está obrigado.

Th. — A primeira resposta parece hum paradoxo! Pois não se pode fazer a restituição por testamento?

P. — Respondo, que rarissima vez. Queira dizer-me; qual he a que se pode fazer desse modo? Declarará no testamento que furtou a porção, e quantidade, com os damnos, e lucros cessantes?

L. — Pode deixar a pobres legados, ou obras pias.

P. — Que? Elle he senhor dos bens alheios para os destribuir pelos pobres, ou obras pias? Se eu devesse a Vm. dez moe-

das seria contente, e dar-se-hia por satisfeito com que as destribuisse pelos pobres, ou quaesquer outras obras pias! Assim fazem muitos Confessores, que jamais entrarão na sciencia Theologica, que tudo applicão para Missas! Apenas pode ter essa applicação quando não só se ignora o credor, aquelle a quem se deve, ou seus herdeiros, mas ainda quando não ha meio algum de o poder saber. Somente então, e não de outra sorte. Quem paga a quem não deve, sempre deve; he regra certa. Porem vamos a ver melhor esta impossibilidade por outras faces, e acabaráõ de conhecer, quam fatal he este laço, ou anzol infernal, e a razão, porque J. C. pintou o *Filho Prodigo* demasiadamente escrupuloso neste respeito, para o representar convertido.

Impossibilidades da restituição.

Pergunta-me o Sr. Th., que se deverá fazer, quando se não pode restituir? Respondo: *Ad impossibilia nemo tenetur*; a impossiveis ninguem he obrigado. Porem serão por ventura verdadeiras essas impossibilidades allegadas por taes penitentes? Muito bem o podem ser; e eu convenho. Porem jamais concederei, que o sejão todas, as que se allegão. Deve convir neste principio quasi sempre certo, e he que taes penitentes, quando se accuzem de taes peccados, não vem resolvidos á restituição, mesmo quando a possão fazer. Por maldita tentação vem envolver-se mais no laço, e entranhar o anzol com os sacrilegios dos Sacramentos, pensando, bem para sua desgraça, que por tal meio se soltarão. Conhecer-se-ha isto muito bem, observando, que inquirindo com prudente disfarce o rendimento de sua casa, responderão, que será de vinte; porem logo que entendão, que são obrigados a restituições, descaradamente responderão, que se enganarão, pois que não lhes rende sua casa mais de dez: Se instarem, ainda dirão, que não chega a cinco.

D. — Que taes são! Parece incrivel! Porem o Sr. Ab. falla com a experiencia, que he a melhor mestra.

P. — Entre-se em perguntas com taes penitentes, e queirão elles dizer a verdade. *Quantum debes? Quid habes in domo tua?* Quanto deves? Quanto possues?

D. — Eu quero fazer de penitente. Eu devo vinte, e possuo duzentos; porem não tenho dinheiro, meus bens são em fazendas, que apenas dão para o sustento modico de minha familia.

P. — Pois bem, filho; disponha-se desde ja a vender parte della, que possa satisfazer o que deve, ou entrega-la a quem deve. Promette assim faze-lo antes que concluamos a confissão?

D. — Não posso, P., desfazer-me de meus bens, pois que...

P. — Seus bens! Eu não intento, que Vm. se desfaça de seus bens; só sim que se desfaça do alheio. Não tem Vm. mais que cento e oitenta, pondo ainda de parte o mais que direi. Huma propriedade que vale vinte, não he sua; largue-a a seu dono. Offereço-lhe outro partido: trate com seu credor, declare-lhe a divida, ajuste-se com elle, e eu darei pelo que ajustarem. Quando exija segurança, como he provavel, que faça, deve dar-lha. Quer alguma destas cousas? Na sua affirmativa continuaremos, mas esteja certo que não concluiremos, sem que assim o tenha feito.

D. — Qualquer das cousas me he mui custosa. Eu satisfarei.

P. — Mais custosos lhe serão os tormentos eternos, com que deve contar. Passe muito bem, pois temos concluido.

D. — Creia, P., que restituirei brevemente, e absolva-me.

P. — Quantos annos ha, que Vm. deve essa restituição?

D. — Ha huns dez annos, que cahi nesta desgraça.

P. — Sempre se confessou desse peccado?

D. — Pois não! Eu sou *Christão*; e Deos me livre de calar peccados, e fazer Sacrilegios nas Confissões, e *Communhões.*

P. — E que outra cousa tem sido todas essas Confissões, e *Communhões*? Talvez que se calasse... Porem tem entranhado bem no fundo d'alma o dissimulado anzol. Diga-me: Não prometia sempre restituir brevemente? E contudo dez annos ha, que anda nessas promessas, e ainda as não cumprio. Outros dez annos passaráõ, se a tanto se estender a sua vida, e de certo chegará a morte, sem o fazer, e o Diabo terá segura a presa de sua alma. Eu não sou da cathagoria desses Confessores, que passando-o assim, mais e mais lhe apertarão o laço, e entranharão o anzol. Se não tem dó de sua alma, tenho-o eu da minha. Passe muito bem.

D. — Que tal he o desengano! Mas supponha, que eu sou hum homem que tenho estado, e tratamento como pessoa de qualidade, e homem de bem...

P. — (Homem de bem, como ladrão!)

D. — Eu tenho bens sim, mas todos elles são necessarios para a decencia do meu estado. Eu devo as soldadas a meus creados, dividas de emprestimos, e alguns bens, que usurpei.

P. — Cruel, lhe direi eu, cruel, fero monstro, que come as car-

ries, e bebe o sangue dos pobres! Não entrarão taes monstros no Ceo. Passe bem, e vá vomitar o que tem comido, e bebido. Jejue, e cubra-se de sacco, e de cilicio; e quando o tenha feito voltará. Não tem que me representar cousa, que me faça mudar de parecer. Esta he a regra da moral *Christãa.* Eu entendo que o Sr. Th. quer oppor-se, porque acha, que ha oppiniões, que permittem alguma indulgencia. Porem eu estarei por ellas, quando mas mostrem bem fundamentaeas. Jamais me mostrarão, que com os suores, carnes, e sangue dos pobres se possão licitamente sustentar estados, honras, e decencias; e para melhor dizer, luxos nas mezas, nos vestidos, regalos, e prazeres.

Th. — Quer, que fique a pedir, e mendigar por portas?

P. — Não exigiria tanto; porem attentas todas as circunstâncias com toda a ponderação, poderia responder. Mas estou certo de que nenhum Confessor terá esse trabalho, porque de tantos, como ha desse, nenhum entrará em tal resolução.

D. — Supponha, que eu devo, quanto possuo.

P. — Nada seu possue Vm., pois que nada tem. Largue tudo, o que tem, porque não he seu. Sr. Th., eu estarei pelo que Vm. me quer oppôr, quando me mostre, que hum homem que nada possue, nada tem, possa formar casa com bens alheios. O caso he o mesmo, e não tem differença alguma. Ser alheio tudo, o que tem, e nada possuir, ou ter, he o mesmo. Se o que nada tem, pode licitamente lançar mão ao alheio para ter casa, poderá possui-la o que a tem alheia. Respondão a isto todos os Theologos, que fazem a *Moral* como querem? Eu não entendo outra. Poderá a pratica ser susceptivel de alguma indulgencia, e a condemnação dos credores poderia fazer muito; porem as regras são estas. As mesmas Leis civis, que como ja provei, são divinas, o premittem, mandão, e fazem excutar, pois o devedor he despojado de tudo, o que tem.

D. — Supponha ainda que nada tem.

P. — Responderei com a Léi divina: *Venundetur*, seja vendido até que satisfaça: *Si non habuerit quod pro furto reddat venundabitur.*

Th. — A'qui Del-Rei, P., que não somos *Judeos*, nem temos a sua legislação. Não temos compras, nem vendas humanas. He bem claro, que hum homem que nada tem, nada deve.

P. — Se o Sr. Th. fizesse algum pouco de reflexão, veria o absurdo, em que cahe. Se o homem, que nada tem, nada deve, pode furtar quanto quizer; e consumindo-o logo,

nada ficará a dever. Pode ainda furtar o que nada tem.

D. — Essa he huma justa consequencia na verdade.

Th. — Pois supponha, que o herdeiro de hum *ladrão* renuncia á herança. Fica por ventura obrigado á restituição?

P. — Não fica; mas o caso he muito differente. Nelle se poz o laço o antecedente possuidor, e não pode passar a outros se não com a fazenda, que sofre o encargo. Se a ella renuncia, tambem renuncia ao laço. O contrario porem he no nosso caso, porque elle a si mesmo se poz o laço. Para a lei divina nos obrigar, não he necessario, que sejamos *Judeos.* Posto que não obrigue a verdadeira venda da pessoa, obriga ao equivalente, que he a propriedade pessoal. Os filhos da viuva, a quem favoreceo *Eliseu*, forão requisitados pelos credores do defunto pai, até que pelo seu serviço satisfizessem; e contudo não se arguio de injustiça. Eu concedo, que não esteja obrigado á restituição, o que nada tem; mas não se pode dizer, que nada tem aquelle que tem seu braço, sua agencia, ou qualidades pessoaes, com que pode, e deve deligenciar a satisfação do que he obrigado.

D. — Contra isso nada ha que dizer; e he bem justo.

P. — Direi eu agora, que ordinariamente faltão á verdade, os que affirmão não poderem largar, o que devem. Veja-se o que se passa em suas casas, e se achará, que ha para comerem, e beberem á regalada, para vestidos sobre vestidos, galas, luxos; no entanto que o pobre, o creado, a creada, o jornaleiro, a quem tem chupado o sangue, anda nú, e está morrendo á fome. Se isto pode ser, eu direi, que taes monstros de crueldade podem derramar o sangue, e tirar a vida aos pobres, para sustentarem seus estados, suas honras, e decencias, porque o pão dos pobres he a sua vida: *Panis egentium, vita pauperum est.* Aquelle, que lho nega, he homem de sangue, he hum monstro, que lhe bebe o sangue: *Qui defraudat illum, homo sanguinis est.* Quem lhe tira, ou nega o pão ganhado no suor de seu rosto, e de seu sangue, he homicida, tira-lhe a vida, he seu matador: *Qui aufert in sudore panem, quasi qui occidit proximum suum.* Este adverbio *Quasi* quer dizer *como.* O que derrama o sangue, e o que nega, ou defrauda ao mercenario o seu salario, são irmãos, isto he, commettem o mesmo crime: *Qui offendit sanguinem, & qui fraudem facit mercenario, fratres sunt. Eccl.* 34. 26. 27.

F. — O' mulher, vê lá, se deves alguma cousa a creadas. Isto vai hoje máo! Não sei se nos dará pelo cabello!

D. — Vede o mesmo, irmãas, porque eu estou nada contente.

P. — Não queirão dizer assim em tal occasião. Veja-se o que se passa nas casas ainda as menos abonadas, e pelas pessoas de taes penitentes. Elles tem para comprar mobilias, fazendas, talvez para as demandas, talvez para jogo, para assembleas, para as tabernas, e em fim para sustentar seus vicios; e quando se não tenha, ha de por força apparecer; porem para pagar, o que devem, jamais apparecerá. Não posso, não posso, he o que dizem.

Refere-nos a sagrada *Escritura* hum caso, que me pareceria incrivel, a não o ver em taes Livros. Diz, que estando o Povo *Hebreo* no deserto, e tratando de formar o bezerro d'ouro, mandou *Aarão*, que lhe trouxessem as arrecadas, ou pendentes das orelhas de suas mulheres, filhas, e filhos (que tambem as usavão.) Immediatamente o fizerão, e sem repugnancia alguma: *Fecit populus, quae jusserat, deferens inaures ad Aaron. Exod.* 32. 3. Ja isto me parece bem admiravel! Mulheres despojarem-se com tanta promptidão, do que mais estimão, que são as suas joias! Porem excede os lemites de admiração o vê-las apenas feito o bezerro, comer, beber, e mesmo assim despojadas de taes adornos, dançarem com todo o prazer, alegria, e satisfação: *Sedit populus manducare, & bibere, & surrexerunt ludere.* ℣. 6.

F. — Pois eu não me adamiro, porque em tudo isso servião ao Diabo: no serviço deste maldito, tudo se dá, tudo se larga, tudo se entrega com prazer, e alegria. Assim os *ladrões*, e usurpadores tudo largão, tudo dão com satisfação, e prazer. Tem para comer, beber até á borracheira, para o jogo, para as galas, para os vicios, para as assembleas, cantão e dançåo, ainda quando tivessem a barriga vasia; porque tudo isso se faz em honra, e serviço do Diabo. Porem para tirarem as almas do seu laço, para servirem a Deos, nada ha; não tenho, não tenho, não posso, não posso. Casta da maleita, tão má como a dos *Jansenistas*!

P. — Só assim he que se pode explicar. Quando o devedor cada hum dia economisasse hum vintem no copo de vinho, ou qualquer outra privação mui facil, e suave, ja teria satisfeito ha muito tempo. Porem o laço está lançado na vontade; esta está presa; e quando a boca diz: *Não posso*, dirá a vontade: *Porque não quero.* Se os Confessores isto entendessem, não serião tantas as desgraças temporaes, e sobre tudo as eternas.

Restituição demorada se torna impossivel.

Th. — Na verdade que esta sciencia da Theologia Moral mais se aprende pelo exercicio, e experiencia, que pela theoria. Eu não posso negar, que o Sr. Ab. tem toda a razão; e he assim que as cousas se passão.

P. — Contudo não he necessaria grande experiencia, para se entender a summa necessidade da prompta restituição, porque ella demorada se torna impossivel. Dirá o devedor que se intitula penitente: Eu não posso restituir por ora, mas o farei ao diante. Desgraçado! diria eu; se tu não podes restituir por ora, quando, e como o poderás fazer? Eis aqui huma regra certa, em que devemos assentar, e he que a restituição, ou satisfação da damnificação dos bens do proximo, quaesquer que elles sejão, jamais se faz devidamente, a não ser á força pela justiça civil. Então menos se fará quando se demora; e demorada se torna impossivel.

Estas demoras infallivelmente se estendem até á morte; e não será nesse tempo que o desgraçado se soltará do laço, e vomitará o anzol, senão juntamente com a misera alma. Nós vimos as difficuldades, que então se encontrão, accrescendo ainda a ignorancia dos Confessores, quando tenhão tempo para isso, e não morrão como costumão morrer os malvados, sem terem tempo para deixarem o mesmo laço á familia, ou herdeiros. Mas quando o tenhão, valerão para diante de Deos taes declarações, ainda mesmo quando fiquem seguras, quando mesmo fosse por testamento? Quanto receio, que taes aves de rapina, que só largão das unhas a presa com o golpe da morte, achem misericordia diante de Deos! Bem mostra, que não quer sua salvação, o que só larga, porque não pode mais reter, pois se mais pudesse, não largaria, e ainda levaria para a outra vida.

Ponhamos porem isto de parte, e vejamos em geral, que nunca se faz a restituição demorada. Qualquer ladrão, ou damnificador dos bens do proximo, quando restitua, o faz como o maior *ladrão*, que ha, e pode haver. He este o mar. Que maior ladrão do que o mar? Que navios, que fazendas, que riquezas, e preciosidades não tem elle roubado, engulido, e devorado? Contudo elle algumas restituições tem feito, mas não sem grandes brados, urros, e gemidos. Assim farão todos para vomitar o alheio. Porem que restitue o grande ladrão? Apenas vomita nas praias alguns destroços, algumas enxarcias, taboas, mastros, ou poucas ou-

tras cousas. Assim fazem todos, quando com effeito fazem a restituição. Eu o mostro.

Eu não conheço mais do que huma só restituição, que faça fé. Foi a de hum famoso usurario, e *ladrão*, que tocado da mão de Deos se quiz salvar. Elle me parece posto por exemplar a todos os que imitando-o na culpa, querendo, como elle, a sua salvação, o devem imitar na restituição, e resarcimento dos damnos, que tem causado. Foi este *Zacheo*, principe dos *Publicanos*, muito rico sem duvida por usuras, ou más acquisições. Entrou o *Senhor* em sua casa, e o coração se lhe trocar: *Ecce dimidium bonorum meorum, Domine, do pauperibus*, diz elle com promptidão; *Senhor*, eu me resolvo a dar ja aos pobres metade de todos os meus bens; e compareção todos aquelles a quem eu tenho defraudado, e damnificado, porque os satisfarei restiruindo-lhes em quadruplo, isto he, quatro por hum: *Si aliquem defraudavi, reddo quadruplum. Luc.* 19. 8.

Eis aqui huma completa, e devida restituição. Com metade dos bens dados aos pobres, elle vencia, e destruia em si a avareza, desapegava o coração dos bens terrenos, utilizava a Sociedade soccorrendo os necessitados, e satisfazia pelos damnos, e prejuizos causados aos mortos, ou ignorados. Com a restituição quadruplicada satisfazia os damnos emergentes, e lucros cessantes.

Th. — Era essa a Lei *Moysaica*; porem....

P. — Era a Lei divina, que sempre foi, e ainda he.

D. — Que sempre foi! Pois tambem na *Lei Natural*?

F. — E porque não? Por ventura não he Lei Natural divina que se satisfação os damnos, de que se foi causa?

P. — E como os hão de satisfazer os ladrões incredulos?

P. — Não erão somente os *Judeos* sugeitos a esta Lei; os *Romanos Infieis*, e *Pagãos* a tinhão em sua legislação. *Ap. Calm. ibi.* Eu perguntaria d'onde a tirarão a não ser do conhecimento, que lhes veio por tradição da *Lei Natural*? Na *Escrita* a temos bem especificada, mas não deveo de ser nova; ao menos houve antes a equivalente. Diz o Sr. Th., que não tinha mais algum outro fim, que intimidar aquella Nação, e cohibi-la dos furtos: porem eu direi, que alem desse tinha, e tem outro, e he a devida satisfação dos prejuizos causados pelo furto.

Quando se ache vivo, diz a lei, na mão do *ladrão* o animal, que furtou, seja boi, seja jumento, seja ovelha, restituirá o duplo, isto he, o animal furtado, e outro seme-

lhante, ou o seu valor: *Si inventum fuerit apud eum quod furatus est, vivens, sive bos, sive asinus, sive ovis, duplum reddat. Exod. 22. 4.* A razão desta modica restituição he a supposição do breve tempo mediado entre o furto, e a sua descuberta, visto que ainda está vivo o animal furtado. Quando porem o animal furtado fôr vendido, ou morto, por isso mesmo que se suppõe haver dimidiado tempo, e o dono ficou inteiramente privado da sua propriedade, pague o *ladrão*, ou restitua por hum boi cinco bois, e por huma ovelha quatro ovelhas: *Si quis furatus fuerit bovem aut ovem, & occiderit vel vendiderit, quinque boves pro uno bove restituet, & quatuor oves pro una ove.* ỹ. 1. Vejamos a naturalidade desta lei divina, e sua conformidade com a devida justiça.

O boi por si só he mui fecundo em emolumentos para seu dono pelos grandes interesses, que delle tira; em poucos annos elle lucrará pelo serviço para seu dono o quadruplo de seu valor. Alem do serviço tem a carne, e o valor proprio. Por tanto pague o *ladrão* cinco bois por isso mesmo que privou seu dono deste quintuplo de seus justos interesses: *Quinque boves pro uno bove restituet.*

A ovelha apezar de não ser serviçal para seu dono, contudo este no seu furto he privado de quatro emolumentos, que ella lhe prestava, bem equivalentes ao valor de quatro ovelhas. O vêllo, o cordeiro, e o leite valem mui bem por tres; e a mesma ovelha forma o quadruplo. Pede pois a recta justiça, que o *ladrão* restitua quatro ovelhas por huma, que furtou: *Quatuor oves pro una ove restituet.* Se não tiver com que satisfaça estes damnos, seja vendido o mesmo damnificador, até que com o seu serviço, e lucro de seu braço satisfaça a seu irmão, e socio: *Si non habuerit, quod pro furto reddat, venundabitur.* ỹ. 3.

D. — Não póde negar o Sr. Th., que a justiça pede e manda aquillo mesmo; e nem de outra sorte se póde satisfazer rectamente o prejuizo causado.

Th. — Eu convenho nisso; porem parece-me, que J. C. relaxou algum tanto no rigor...

P. — Que diz, senhor? As Leis Divinas são eternas. Deos não se póde contradizer em si mesmo. He elle sim o *Senhor* de tirar a este, e dar áquelle conforme he sua vontade, por isso mesmo que he o creador de tudo; porem elle jamais deo tal poder ao homem para o fazer a seu arbitrio.

Th. — Porem os *Hebreos* roubarão os *Egypcios*, e os *Chananeos*.

D. — Nada diz, nem adianta com isso. Elles fizerão, o que Deos lhes mandou, e com toda justiça.

P. — Se elles á força d'armas se apossarão da terra promettida, o fizerão, porque Deos quiz castigar com elles, ou por elles essas gentes perversas. Os roubos dos *Egypcios* não o forão, antes provão a rectidão desta Lei Divina. Por muitos, e largos tempos os *Hebreos* servirão em dura escravidão aos *Egypcios*, e bem era que Deos os indemnisasse, obrigando á satisfação, aos que injustamente havião usurpado os serviços de huma Nação livre, reduzindo-a á escravidão. As Leis, que Deos impoz ao genero humano para o seu governo, e direcção em Sociedade, sempre são, e serão as mesmas, ao menos em sua essencia. Podem ellas applicar-se a este, ou áquelle caso deste ou daquelle modo, e por isso haver variação, mas somente accidental; no essencial jamais haverá mudança.

Vejamos, qual he aqui o essencial. Não he outro mais que a satisfação inteira, e completa das injurias, offensas, damnos, e prejuizos que injustamente faz o homem a seu irmão, ou irmãos. Esta he a essencia. Legislando Deos por *Moyses* fez applicação della a este ou áquelle caso, e prefixou a satisfação ou restituição de hum boi furtado em cinco bois, e em quatro o de huma ovelha, huma vez que se tivesse morto, ou vendido, qualquer que fosse o tempo, que mediasse entre o furto, e a restituição. Eis aqui o que he accidental á Lei, e que sofre variações á proporção das circunstancias. Foi então isto necessario, porque Deos queria aquella singular Nação em grande união de Sociedade; e supposto seu duro caracter, e avidêz dos bens temporaes, foi necessario carregar a mão nesta applicação da invariavel Lei em sna essencia.

Cessarão em J. C. estas razões, porque hia a formar a grande *Sociedade*, que se havia de estender por todo o mundo, abranger todas as Nações, fundada, e ligada com os laços de amor mais que de temor; derrogou esta ardua applicação, e ficou a Lei em sua essencia. Eu me explico com o facto.

D. — Entendemos, P.; não se cance mais. Furtou o *ladrão* na Lei antiga hum boi, que logo matou, ou vendeo. He obrigado á satisfação d'entro de meio anno: pague ou restitua cinco bois, para que não torne a fazer outra. Faz o mesmo na Lei nova da graça; computem-se os damnos, e prejuizos, que causou; restitua-se hum outro semelhante boi, ou

seu valor, e os prejuizos, que com esse roubo sofreo seu dono.

P. — Nem mais nem menos, e eis a variação que houve, por isso mesmo que variarão as circunstancias, como disse. Em quanto á sua essencia, isto he, a recta satisfação dos prejuizos causados, nem Deos tem variado, nem mesmo posto que Senhor de todos os bens, usa de alguma dispensa nesta sua Lei. He isto o que já disse. Rouba o homem a Deos os seus bens, que são o respeito, a reverencia, a obediencia, e o mais que se lhe deve. (Nós sabemos que os peccados são dividas contrahidas com Deos.) Injuría, ultraja, offende o homem a Deos; arrepende-se, humilha-se, pede perdão: Deos dirá: Perdoo-te, pois que o posso fazer, por isso mesmo que somente a mim roubaste, e offendeste. Rouba porem o homem, offende, damnifica, e prejudica a outro homem; arrepende-se, pede perdão a Deos; porem ouve em resposta pela sua Lei: Não perdoo; não he a mim só a quem offendeste, mas sim a teu irmão; restitue-lhe, o que lhe roubaste, satisfaze a elle, e depois tratarás comigo.

L. — Não poderia Deos dispensar, quando o pezar fosse grande, visto que he Senhor de tudo?

P. — Se pode, ou não, he cousa que nos não deve importar, mas sim que jamais o fará. Deos sempre he justo em suas Leis, e jamais as relaxará se não na verdadeira impossibilidade de as cumprir. Apenas deixa esse poder na mão do proprio offendido; o que devemos notar com admiração. Representemos este caso ao vivo.

E. — Eu o faço, P. Está o *ladrão* a morrer, e tem grande pezar, mas ainda não satisfez, o que deve ao seu irmão, e pode satisfazer. Apparece-lhe Deos, e lhe diz; Desgraçado! vou arrojar-te no inferno, porque não pagas, o que deves a teu irmão. Apparece este irmão, e diz: Eu te perdoo. Diz então Deos: Eu te perdoo tambem. He assim?

P. — Posto que o caso he quimerico, porque o offensor nunca se julga verdadeiramente contrito sem a devida satisfação, contudo explica bem, que tal perdão põe Deos unicamente na mão do offendido. Este mesmo he o procedimento, que segue, e deve seguir o lugar-tenente de Deos, que he o Confessor. Elle pode perdoar em Nome de Deos, de quem faz as vezes, todas as dividas contrahidas com elle, isto he, os peccados, offensas, e injurias para com sua *Pessoa*, menos porem as contrahidas com o proximo sem a devida satisfação. Deo o penitente em Deos hum bofetão; dirá o Confessor: Tem grande pezar, e eu te absolvo, pois que tenho

poder seu, para perdoar suas offensas. Fez o mesmo a seu proximo, offendeo, damnificou-o; deve dizer o Confessor: Não posso perdoar taes offensas; não me dá Deos tal poder. Chora o penitente com muito pezar; porem debalde. Nada posso fazer, dirá o Confessor, sem que satisfaças o que deves a teu irmão: trata com elle, satisfaze-o, ou obtem delle o perdão, e então eu perdoarei pela parte de Deos.

D. — Temos entendido a força da Lei, que bem se entende dizer respeito ao bem da *Sociedade*, que por tanto tempo nos occupa; e entendemos que nella está posta a *Religião*. Porem he certo, que nada pode neste respeito o Confessor? Nada pode perdoar?

P. — Nem hum vintem, nem qualquer offensa, ou injuria. Pode sim declarar, que este ou aquelle furto, esta ou aquella offensa não he grave, e por isso não obriga á satisfação; porem elle não tem autoridade alguma, para positivamente perdoar taes offensas, e prejuizos. Com isto temos profundado a materia, e entendido a justiça, e necessidade desta Lei Divina, pois que sem ella não poderia subsistir a Sociedade; os homens se tornarião feras huns contra os outros, e ainda peiores.

A'vista de tudo isto entendâmos a difficuidade, senão impossibilidade da restituição. Eu não trato de gravissimos furtos, damnos, e prejuizos, que se fazem, e de que a Sociedade está cheia; a cujo respeito podemos dizer, que o Diabo tem segura com taes laços, e anzoes a maior parte do genero humano. Apenas algumas poucas almas se poderáõ julgar livres. Alguns furtos, damnos, prejuizos, e offensas me parecem filhos da desesperação, e só proprios de desesperados, ou de verdadeiros Incredulos, por isso mesmo que não intentão a satisfação, sem a qual não entraráõ no *Ceo*; e outros porque não poderião, mesmo quando quizessem.

Th. — Nesse caso não são obrigados a ella.

P. — Elles o são de qualquer modo que possão, e até onde possão. Porem como passará diante de Deos essa impossibilidade, a que de vontade se expuzerão?

F. — Como poderáõ satisfazer esses *Judas Iscariotas* os furtos, os roubos, os damnos, os prejuizos..?

P. — Deixemos Incredulos, que não crèem, nem querem crer Deos, nem pensão ser, nem ter outros destinos, que os brutos. Como taes: *Tanquam muta animalia*, que em nada mais cuidão, que em se apascentar a si mesmos, suas con-

cupiscencias, e carnalidades: *Convivantes sine timore, semetipsos pascentes*, bem como as ondas do mar, que escumão suas confusões de odios, iras, vinganças, roubos, furtos, e enfim suas paixões: *Fluctus feri maris despumantes suas confusiones*; astros malignos e errantes: *Sidera errantia*; tem reservada na ira de Deos a tempestade das trevas eternas: *Quibus procella tenebrarum servata est in aeternum. Jud.* 10. 12. 13. Fallemos d'outros, que presumem ainda ter alguns visos de temor de Deos.

F. — Eu queria, que fallasse mais dos nossos grandes ladrões; dê-me licença para levar á figueira estes *Judas.*

D. — Para que quer prégar a corcovados, e peiores?

F. — Eu não lhes quero prégar; quero pendura-los na figueira.

P. — Cale-se, e ouça. Eu desejaria saber, que intenções tem de satisfazer os damnos, que causão, os vingativos, ou como o poderáõ fazer? Malvados! Por se vingarem, se dão aos Diabos pondo-se no seu laço! Que satisfação, ou restituição poderáõ fazer os calumniadores, e roubadores da boa reputação? Qual os roubadores das honras, verdadeiros dragões infernaes, e do bem estar de tantas Donzellas, que se vêem perdidas? Qual os pais de tantos filhos desgraçados, a quem devem a sustentação, alem da educação, como tambem a herança de seus bens, se são filhos naturaes, e se o não são, o seu bem estar? Qual delles satisfaz estas estreitissimas obrigações?

Ponhamos porem de parte estes, e outros mil, e inumeraveis casos: mencionemos somente aquelle, em que a restituição se pode fazer com dinheiro contado, pois he sabido o furto, e conhecido o defraudado. Será facil a restituição?

L. — Nesse caso apenas a impossibilidade, ou a vontade poderá obstar, e não tem mais, que o possa impedir.

P. — Supponhamos que pode. Quererá por ventura? E quanto deverá desembolsar, quando a isso se resolva?

L. — Se elle furtou vinte, ahi tem o que deve.

D. — Pelas regras dadas deve muito mais.

P. — Talvez deva quarenta. Eu o digo. Virá hum destes desgraçados, e dirá: Eu devo vinte por hum furto, huma usurpação, huma usura, demanda injusta, ou qualquer outra injustiça. Desgraçado! He isso que deves, e nada mais? Examine-se o tempo, ponderem-se os prejuizos, os lucros cessantes, e damnos emergentes, e resolva-se quanto deve o que há annos que fez esse furto, ou injustiça. Pelo menos não se devem computar em menos de cinco por cento,

pondo de parte as lagrimas, as miserias, as necessidades, que por elle, ou por essa injustiça sofreo o damnificado, que não sei, como possão satisfazer-se. Os cinco por cento são aqui de necessidade absoluta. Pelo que cada anno augmenta mais hum por vinte; e depois entrão os lucros-cessantes, e damnos emergentes do augmento. Sé ha cinco annos que fez a injustiça, deve vinte e cinco; se ha vinte deve quarenta; e com os cinco por cento do augmento vem a dever acima de cincoenta por vinte, que furtou. Como se fará esta restituição?

D. — Fica claro, que nunca restituirá aquelle que diz: Não posso por ora; mais ao diante o farei. Conhecemos sua cegueira.

P. — Desgraçado! diria eu a esse; tu não podes restituir dez, e poderás restituir vinte?

F. — Ainda ahi ha outra cousa, e he que o alheio em entrando n'uma casa deita tudo a perder, e he como huma excommunhão, que nella entrou, e cada vez menos poderão restituir. Ainda os *Judas* se hão de ver sem terem onde cahião mortos, como o outro que morreo suspenso no ar.

D. — Grande vontade lhes tem, Sr. *Freguez*!

F. — E como não terei, se elles são Judas Iscariotes, que roubarão os bens da Igreja de Jesus *Christo*?

P. — He ponderosa essa razão, pois que o alheio, se póde chamar o fermento, que corrompe toda a massa: *Modicum fermentum totum massam corrumpit.* 1. *Cor.* 5. 6. Bem modica porção de fermento corrompe grande massa, e em pouco tempo a perderá. Assim o alheio entrando em huma casa por grande, que seja. Não se passará muito tempo que a não vejão perdida, principalmente se nella entrou o suor e o sangue dos pobres, dos orphãos, viuvas, e mais desvalidos.

F. — A oppressão dos pobres, dos mercenarios, orphãos, e viuvas he peccado que brada ao *Ceo*, assim como a derramação de sangue humano.

P. — Sobre tudo a de orphãos, e viuvas. A Legislação divina faz delles menção particular: *Viduae & pupillo non nocebitis. Exod.* 22. 22. Respeitai a viuva, e o pupillo, ou orphão, diz Deos; não lhes fareis algum mal. Se lho fizerdes, elles clamarão a mim, e Eu ouvirei os seus clamores: *Si laeseritis eos, vociferabuntur ad me, & ego audiam clamorem eorum.* ℣. 23. Então se indignará o meu furor contra vós, sereis feridos da espada da minha ira, vossas mu-

lheres ficarão viuvas, e pupillos vossos filhos: *Et indignabitur furor meus, percutiamque vos gladio, & erunt uxores vestrae viduae, & filii vestri pupilli.* ℣. 24. Isto sem duvida para sofrerem miserias iguaes ás que a outros fizerem sofrer.

D. — A sancção he terrivel, mas justa!

P. — He misericordiosa ainda a perdição das casas mal adquiridas, ou onde entra o alheio, para quebrar este laço infernal em breves successores, e se não estenda a muitos possuidores, como ja dissemos. Vemos que em grande parte não passão dos filhos, verificando-se o adagio: Bens mal adquiridos não chegão a terceiro possuidor. Alguns ainda nem ao segundo chegão. Nós o veremos melhor quando fallar-mos da avareza. Por justo castigo do malvado, que offende, e damnifica a seu irmão, e he hum monstro na Sociedade, faz Deos, que não lhe aproveite mesmo neste mundo, o que usurpou; tudo lhe hirá a peior, ainda mesmo o que possuia licitamente. Nem elle diga, que o não experimenta assim, pois que sua casa se augmenta com suas usurpações, e injustiças. Espera, malvado, lhe diria eu; não tarda quem vem, e tu o sentirás, e verás: conhecerás, que Deos he o Autor da Sociedade, e grande zelador do seu bem, e prosperidade, que nada mais terrivel, do que cahir nas mãos de hum Deos vivo.

Este *Senhor* não se fará surdo por muito tempo aos clamores, que ao *Ceo* levantão os opprimidos, offendidos, e despojados de seus bens, e propriedades quaesquer que sejão. Se por algum tempo parece dormir, elle acordará: os peccaoos de seus filhos tem merecido o justo castigo; porem não pense o malvado, que ficará sem elle. O tempo chegará, e se conhecerá, que ha hum Deos omnipotente para castigar malvados.

Temos a concluir por força de todas as razões expostas, a grande difficuldade da salvação do injusto agressor dos bens alheios, e destruidor da prosperidade, e bem estar de seu proximo, pela difficuldade, e mesmo impossibilidade da devida recompensação. Não sei se terão, que oppôr.

D. — Nada temos; e não podemos deixar de concordar. O que julgo, que todos temos he o temor de havermos concorrido para algum damno dos nossos proximos.

F. — Eu estou com o mesmo temor. Apezar disso, queria os roubadores dos bens de Deos mais batidos, e azorragados.

P. — Mui bom he que a consciencia não brade, nem se sin-

ta aggravada. No bom uso, que fizerem de suas riquezas, se preparão o caminho para o *Ceo*, como ainda veremos.

D. — Qual será, P., a razão, porque muitos podendo restituir, não o fazem nem ainda proximos á morte, não ignorando, que vão ao inferno? Isto me parece bem admiravel, e extraordinario; e por isso não creio algumas historias que a esse respeito se referem.

Cegueira incrivel.

P. — Não as crêa embora; mas não poderá deixar de acreditar o mesmo que ellas mostrão, e provão. O que ellas dizem he, que taes malvados se resolvem hir antes ao inferno, do que restituir. E que? Não he isto hum facto, que se verifica em todos estes malvados, que se resolvem a não restituir o alheio?

L. — He provavel, que tenha parte a incredulidade.

P. — Creio que a tenha em muitos nestes nossos tempos. Creio ainda que a tenha em maior parte, quando lanção mão ao alheio, ou offendem o seu proximo; porem não o creio assim, quando se vão approximando á morte. Então se abrem os olhos d'alma, quando os do corpo se vão fechando, e desapparecem as sombras da incredulidade; e não obstante ver-se o inferno aberto, nem assim mesmo se faz a restituição. Ainda antes disso se observa a cada passo com espanto, e horror, que não se póde ouvir sem tremor do coração, o que não se encontrará em qualquer outro peccador. Diga o Confessor a hum desses: Filho, restitua o que deve, satisfaça o mal que tem feito, quando não o inferno o espera. Que resposta dará? Ou elle voltará costas em silencio, ou dirá: Se não ha outro remedio, paciencia!!! Eis-lo ahi resolvido a hir ao inferno mui resignado na sua paciencia, e com toda a paciencia!!!

F. — Jesus! Isso faz tremer o coração! Mas eu o sei.

P. — Crerá estes factos? Pois nada mais verdadeiro, e elles por desgraça são tão continuos, e ordinarios, quantos são os malvados uzurpadores, e damnificadores dos bens alheios. Deve notar, que elles não dizem: Eu não creio, que haja inferno; mas sim dizem: Se não ha outro remedio, se não o da restituição, paciencia; hirei a elle, mais do que fazer a restituição.

D. — Que diabos de malvados! Pois elles não sabem, que não hão de levar esses bens ao inferno?

P. — Nada ignorão, e tudo conhecem muito bem.

D. — Como se póde explicar tal cegueira?

X

P. — Não he cegueira, pois que o veem muito bem. A razão disto porem eu a tenho dado com o Apostolo. Elle a dá, dizendo, que taes malvados cahem no laço do Diabo: *Incidunt in laqueum Diaboli.* Agora entenderão bem claramente, que o alheio he hum verdadeiro, e não quimerico laço, ou anzol, que prende, não os braços, mãos, ou péz, mas sim a vontade; esta he a que segura o Diabo com a alma tão seguramente, que nada lha tirará.

D. — Va-se o Diabo com tal laço, e anzol, que não me pescará nelle. Vou examinar, com minhas irmãas, se devemos alguma cousa.

F. — Eu vou fazer o mesmo com minha mulher; ainda quando ficassemos a pedir.

P. — Não tem que examinar, o que não he avarento, e sente socegada a consciencia; porem he bem feliz quem jamais se deixou prender de taes laços, que a tantas almas enredão. Bemaventurados são os que temendo ao *Senhor* andão pelos caminhos da justiça sem jamais offenderem o seu proximo: *Beati omnes qui timent Dominum, qui ambulant in viis ejus. Psal.* 12. 7. 1. Embora não tenhão elles mais que a mesma pobreza e o trabalho de suas mãos para comerem o pão no suor do seu rosto; nem por isso deixaráõ de ser bemaventurados, e felizes: *Labores manuum tuarum quia manducabis, beatus es, & bene tibi erit.* ℣. 2. Por isso mesmo, que comes do trabalho de tuas mãos, e não das alheias; por isso mesmo que comes do suor de teu rosto: *Beatus es.* Embora te custe o teu sangue; comes, e te sustentas do que he teu, e não cahes nos laços do Demonio; es bemaventurado: *Beatus es.*

Não são as riquezas, que felicitão o homem, menos e muito menos quando são mal adquiridas. A confiança naquelle *Senhor*, que sustenta os mais vis bichinhos da terra, não deixará de sustentar, e providenciar o sustento daquellas creaturas feitas á sua imagem e semelhança, de modo que tudo lhes vá bem: *Bene tibi erit.* Errado caminho seguem aquelles, que pensão lhes hirá bem neste mundo com injustiças, offensas, oppressões, e vexações de seus irmãos, fazendo-se dragões destruidores da felicidade, e bem estar da *Sociedade* de J. C., que elle ama como a seu corpo. A sua incredulidade desapparecerá brevemente, e conheceráõ que não se zomba de Deos.

F. — He isso o que eu espero dentro de pouco tempo. Esses malvados Incredulos, inimigos de Deos, peiores que *Judas*,

e mais Iscariotas ainda do que elle, conheceráõ que, ...

P. — Deixe os *Judas*, em quem com a incredulidade tem entrado a desesperação, e nada ha a esperar. Só sim temos a esperar algum bem dos que não tem cahido nestes laços do Diabo; e he que á vista de taes razões procurem a pureza de suas consciencias, conservando suas mãos bem lavadas do alheio, empregadas no bem estar de seus irmãos, e felicidade da *Sociedade* de Deos.

Th. — Tenho feito idea, P., do seu discorrer, valentia, e força de suas razões, que não podem deixar de convencer ainda os mais afferrados a suas contrarias opiniões. Tenho conhecido ainda que não possuo a verdadeira sciencia Theologica; e por tudo isto mais sinto não ter tomado parte á mais tempo nestes actos literarios. Terei contudo a satisfação de ser contínuo nos que se seguirem. Penso que a *avareza* terá lugar na seguinte *Palestra*.

P. — Assim o pede a ordem que vamos seguindo, conhecendo os males, que obstão á felicidade da *Sociedade*, e a destroem. Nella he a avareza hum monstro, qual veremos na seguinte tarde, tendo esta ja passado, e talvez bem cançadas as attenções.

D. — Engana-se, P.; porque todos ouvem com gosto. Porem dè-nos a sua benção, e queira pedir ao *Senhor*, que me livre, e minhas irmãas de taes laços do Diabo.

P. — E a todos os verdadeiros Fieis; e peçamos para isto a benção de Deos, e de sua e nossa Mãi.

PALESTRA QUINTA.

Avareza.

PALESTRANTES.

Parocho, *Deista*, *Theologo*, *Liberal*, e *Freguez*.

Introducção.

Parocho — Talvez que ja tardasse! Eu os felicito com as boas tardes, e pelos ver bem dispostos.

Deista — Conrespondemos reconhecidos, e dê-nos a sua benção. Não tardava; porem nós vimos tomar lugar, logo que entendemos que se encaminhva para aqui. Hé bom que saiba antes de tudo, que os dois Srs., *Theologo*, e *Liberal* tem tido suas disputas preliminares sobre a materia, que temos hoje a tratar; e o Sr. Ab. a desenvolver. O Sr. Th. condemna com effeito a *avareza*; porem ignora até que ponto ella deve ser condemnada. O Sr. L. affirma, que não se deve condemnar a riqueza, por isso mesmo que a boa politica e governo da *Sociedade* assim o exige, e para isto provar expende varias razões. Não está contente com que no *Evangelho* se mande vender tudo para seguir a J. *Christo*.

P. — Não ha tal mandamento, pois não passa de conselho Evangelico a pobreza voluntaria. Em quanto ao mais persuado-me, que havemos ficar todos concordes. Bem longe de intentar persuadir, o que se oppõe á boa politica, e prosperidade da *Sociedade*, eu nada tanto desejo como a sua felicidade, e manutenção, pois como tem visto, na sua união consiste a *Religião* de J. C., pois forma o corpo de que elle he a cabeça.

Liberal — Eu assim o tenho entendido; porem eu provarei, que

para a sua boa politica he necessario, que huns sejão ricos, e outros pobres.

P. — Não teremos por ora necessidade dessas provas, pois eu tanto concordo, que terei necessidade de provar, que não só para a boa politica, mas ainda para a salvação de todos quiz Deos fazer ricos a huns, e pobres a outros. Porem não nos será necessario nesta materia, e ficará reservada para outra. Não intento condemnar as riquezas, nem dellas hoje fallar: quando o fizer, terei satisfação em as louvar, como dom do *Ceo* dado para o comprar. Tenho sim a combater o monstro da *avareza*, que he mui differente da riqueza. He ella monstro, e o maior, ou pelo menos hum dos maiores destruidores da *Sociedade* de J. C., e de certo o mais vil, e abominavel.

D. — Fica isso bem claro do que ontem vimos ao concluir a *Palestra.* A razão porque o injusto possuidor do alheio antes quer hir ao inferno, do que restituir, julgo, que não he outra mais que a avareza. Por tanto ella forma o verdadeiro laço do Diabo.

P. — Assim he, e nós o veremos hoje melhor desenvolvido. Nesta, assim como nas antecedentes materias, não devemos perder de vista a grande *Sociedade* de J. C. Pondo de parte as offensas, que se fazem immediatamante a Deos, os maiores males, e peccados o são por isso mesmo, que offendem, atacão, e destroem esta *Sociedade.* Mas entre todos, os que isto fazem, tem lugar mui destincto a abominavel *avareza.* Ella porem he ainda hum monstro, que não só ataca a *Sociedade*, mas tambem ao mesmo Deos, e tão malvada que não perdoa ao proprio desgraçado, sobre quem domina. Vejamos porem antes de tudo o que he.

Avareza. Sua difinição:

L. — Ainda bem que não intenta condemnar as riquezas.

Freguez — Elle não condemna as riquezas, mas sim o apego, que Vm. lhes tem, não obstante ser *Liberal.* Esse apego he o que aqui hoje hade levar a bréca.

P. — *Avareza* não he a riqueza, antes tem tanta differença quanta póde haver entre o material, e huma paixão que toma, e tem sua existencia na alma. He huma paixão; mas que paixão? Huma paixão, ou desejo ardente das riquezas; mas que desejo, e que espantosos effeitos de tal desejo? De todos os desejos, de todos os appetites desor-

denados, de todas as paixões do homem, concupiscencias, e vicios que dominão os corações de todo o genero humano, nenhum mais abominavel, mais execravel, mais injurioso a Deos, á *Sociedade*, e a si mesmo do que a *avareza*. He ella hum monstro, que não debellarião fortes *Hercules*, pois peior que a hydra, todo he boca para devorar, dentes para morder, braços para agarrar, e veneno para empestar, e matar. Ditoso aquelle, em cujo coração este dragão não vomita seu pestifero veneno.

D. — Estou espantado de tal caricatura, que vai formando! Nunca assim a fez de qualquer outra paixão.

F. — Não sabe, que a *avareza* he a que faz *Judas Iscariotes*? Basta só isto, para saber, que tal he a menina. Perguntem por ella aos outros *Judas*, a esses devoradores dos bens...

P. — Nem eu acho expressões, com que possa descrever este monstro, nem tintas para debuxar sua natural fealdade. Quando elle fosse arrojado d'entre o genero humano, cessarião, ou com elle desapparecerião todos os males, que affligem a *Sociedade* de J. C., arrancando-se d'entre ella todos os males pela raiz, porque esta o he de todos elles: *Radix omnium malorum est cupiditas*, diz S. *Paulo*. 1. *Tim.* 6. 10. A raiz de todos os males he a cubiça, que he a mesma *avareza* em toda sua extensão. Então o Rebanho de J. C. seria todo manso, pacifico, unido e bem ligado com os vinculos, e laços do amor fraternal, e do seu Deos, e a *Sociedade* seria ditosa, sendo os homens mais *Anjos* do que homens.

F. — Assim o erão aquellas sociedades, que na *America* fizerão os *Jesuitas*, porque não reinava entre elles o vicio da *avareza*.

P. — O mesmo foi em *Jerusalem* no tempo dos *Apostolos*, por isso mesmo que todos os bens temporaes erão communs nestas angelicas sociedades. Estes felizes tempos acabárão, e este maldito monstro pareceo infectar todo o genero humano sem excepção de sexo, de idade, nem de condição, ou jerarquia: *Omnes avaritiae student*, posso dizer com mais razão sem duvida dos nossos tempos, do que *Jeremias* dos seus: *Omnes avaritiae student*; todos estudão na *avareza*, todos se applicão a esta maldita sciencia: ella he huma escola aberta, onde se matricula todo o genero humano desde o menor até o maior: *A minore usque ad majorem omnes avaritiae student*. Nem se pense que não se fazem progressos nesta escola, e sciencia, porque sem

grande trabalho se fazem mestres de dolos, enganos, fraudes, e trapaças para saciarem sua sordida paixão, sem exclusão de condição de pessoa: *A Propheta usque ad sacerdotem cuncti faciunt dolum. Jerem.* 6. 13.

F. — Os grandes *Judas* não necessitão de dolos; basta-lhes a força, para fartar a sua *avareza.* Ella tambem cegou os *Sacerdotes*, que como *Judas* venderão a J. C., a sua Fé, e *Religião.* Eu os arrenego. Casta peior que a da maleita!

P. — He ja tempo de vermos, o que he *avareza.* Esta palavra tem a sua etymologia de duas latinas, que mostrão o que he, e fazem a sua definição. De *avidus auri*, se formou em abreviatura a palavra *avareza*, e quer dizer *avidez do ouro*, cobiça, desejo ardente, e paixão do ouro, do dinheiro, e bens temporaes: o que tem, e he dominado desta paixão seguindo a mesma etymologia se chama *avaro*, *ávido*, *avarento.* Daqui fica claro, que as riquezas não são, nem formão a avareza, e muito bem póde haver, e com effeito ha riqueza sem *avareza*, assim como ha *avareza* sem riqueza, porque esta maldita paixão não existe na abundancia dos bens temporaes, mas sim na alma.

Não he a só paixão, e amor desordenado do ouro, ou dinheiro, que se chama *avareza*, mas tambem o ardente desejo de tudo o que tem o nome de bens temporaes, ou sejão fazendas, casas, possessões de bens immoveis, ou moveis, qualquer que seja o fim porque se desejem. Não só he *avarento* aquelle que deseja ter para afferrolhar, ou possuir, mas tambem o que deseja o ouro para sustentar e manter seus vicios, e satisfazer suas outras paixões. Passa a equivocar-se com a soberba, de que ordinariamente anda acompanhada, quando por ella se desejão os bens temporaes: porem a soberba sempre atiça, e assopra a maldita *avareza.* Ainda se casa mui bem este vicio com a prodigalidade, quando tem por fim manter outros vicios. Ama o ouro ardentemente o golotão, o luxurioso, o vanglorioso, ao mesmo tempo que o está prodigalisando em satisfazer suas outras paixões.

D. — Visto isso todos os viciosos são avaros, ou avarentos, pois todos desejão ter, com que satisfação seus vicios.

P. — Porem eu ja disse, que todos desde o menor ao maior estão matriculados na escola da *avareza*: *A minore usque ad majorem omnes avaritae student.* Todos estudão na *avareza*, e com grandes progressos.

L. — Sendo assim não ha hum só, que não deseje os bens,

e riquezas temporaes; e se isso priva do *Ceo*, ninguem se salvará.

F. — Nego que não haja hum só. Quantos tem renunciado a tudo o que tem para serem pobres, trocando as riquezas da terra pelas do *Ceo*?

Th. — Não me agrada esse dizer, por isso mesmo que he origem de anciedades de consciencias timoratas.

F. — A Vm. não agrada, porque he *Padre*, e só o meu Ab....

P. — Cale-se. Porque motivo darei origem a anciedades? Queirão permittir-me, que continue por hum pouco...

D. — Deixemos que exponha a materia, e guardemos silencio. Elle não ignora a verdadeira doutrina. Ouçamos.

P. — Eu nem condemno as riquezas, nem o desejo de as possuir, nem mesmo o amor do dinheiro, quando este desejo, ou amor, he prudente, moderado, e justo. Ainda não condemnarei o ardente amor das riquezas, quando se amão por fins honestos, justos, e bons. O *Apostolo S. Paulo* parecia avarento, quando largando suas prégações, e instrucções, entrava logo a trabalhar em obras manuaes, e mecanicas para vender, e receber dinheiro: porem elle o fazia, para ter de que sustentar-se, e aos que com elle trabalhavão na propagação do *Evangelho*. Não falta ainda quem trabalhe de dia, e de noite para conseguir dinheiro, e talvez passar miseravelmente para sustentar a pobreza desgraçada. Que santa, e tão meritoria avareza!

F. — Eu conheci muitos Religiosos, que de dia, e de noite trabalhavão em sermões, e outras cousas para terem mais que dar em esmolas particulares.

P. — Julgo que em breves palavras tirarei toda a origem de escrupulos, e satisfarei a todos. O bom uso das riquezas as justifica, e torna meritorias: porem deixaremos esta materia para a seguinte *Palestra*. Para o bom uso he necessario não pôr nellas o coração: *Divitiae si affluant, nolite cor apponere. Psal.* 61. 11. He necessario não as amar com apêgo, e affêrro do coração. Não condemno o amor prudente, que então se conhecerá quando o que as possue, ou deseja, está prompto, e bem resolvido a renunciar a ellas antes, que perder a sua alma, ou incorrer em alguma offensa de Deos, e do seu proximo por algum dolo, fraude, injuria, injustiça, ou qualquer outra cousa, que o possa prejudicar. Accrescentarei, que o afferrolbolhamento do dinheiro ordinariamente se torna injurioso, e nocivo ao proximo, quando ainda he adquirido justamente, como ainda veremos.

D. — Agora temos entendido; e muito embora ancie-se de consciencia, quem se deve anciar. Devemos conhecer a verdade.

Th. — Porem vejo ainda condemnar o enthezouramento de dinheiro; e muito boas almas ha que tem avultados thesouros.

D. — Para que diabo querem esses thesouros? Querem leva-los para o *Ceo*, ou para o inferno?

Th. — E para que quer Vm. os seus?

D. — Quem lhe disse, que eu os tenho? Se eu soubesse que minhas irmãs os tinhão desnecessarios, e eu lhes chegasse não pararião lá hum só instante. Com seis centos! Dinheiro afferrolhado, e os pobres morrendo de fome!

F. — Eis alli o que he ter boa, e grande alma! O Sr. Brig. nunca póde trazer dinheiro, porque dá tudo; e as irmãas são as que o tem; mas veja, e ja tem visto a pobreza que elles sustentão. Por isso Deos os hade salvar.

D. — Eu não o faço por virtude; porem acho que he malvado aquelle, que vendo o pobre morrer de fome, e podendo, não o soccorre. De que diabo serve o dinheiro, se para isto não serve? Póde haver maior gosto, e satisfação do que matar a fome a seu irmão? Levassem seis centos o dinheiro, se não hade dar esta satisfação a quem o tem.

F. — O'filho de tal pai! Quam bella he a tua alma! Filhos santos de hum pai santo!

D. — Não he isso assim, mas genio que tenho.

P. — Seja grato a Deos por tão bom genio. A'vista do que tenho dito, tomado este vicio, ou paixão na sua devida extensão, entenderáõ, que não ha outra mais universal, não só porque domina universalmente em todo o genero humano, mas tambem porque ella abrange, e fomenta todos os vicios, e por isso nenhuma outra mais universal, e damnosa á *Sociedade* em seus effeitos. He universal nos homens, e universal em todos os estados.

Nem pensem que a ignorancia, a estupidèz, os nenhuns talentos izentaráõ deste vicio, inutilizando os estudos desta sciencia. Ver-se-hão *avaros*, que nem a oração do *Padre Nosso* saberáõ, nem ainda dar duas palavras em qualquer outro respeito; porem em materias de interesse, de ajuntar dinheiro, e riquezas, os ouviráõ fallar como doutores de cadeira, e ainda obrar melhor. He o peixe polvo como hum tronco, que parece não ter alguma habilidade, nem instincto; porem todo elle não he mais que braços para aprehender, agarrar, e segurar até devorar a presa. Immovel, e sem tino parece a aranha, que até carece de vista; porem

nada mais sagaz para armar suas redes. Assim os homens em suas avarezas.

Não he menos grande que universal. Lá procurarão os mais vicios a satisfação de hum só appetite, ou concupiscencia; porem este abrange a todos. A luxuria o tem na sensualidade, a ira na vingança, a gula no regalo da comida, ou bebida, e assim em todos os mais. Na *avareza*, e abundancia do dinheiro tem tudo, o que desejão para satisfação de todas as paixões viciosas, pois que com o dinheiro tudo conseguem: *Pecuniae obediunt omnia.* Ama-se o dinheiro, quanto se amão outros vicios, e por elles não se perdôa ao alheio.

Não menos he a paixão mais forte; o que se conhece bem claramente em seus effeitos. Lá trabalhará o miseravel de dia, e de noite sem descanço, passará alem dos mares, e exporá a propria vida a cada passo pelo dinheiro. Haja embora a melhor união de sociedade; mas apenas se metter de permeio o interesse, logo se perdeo, e não ha irmão por irmão, nem pai por filho, nem filho por pai.

Ama-se ainda o dinheiro com muitos corações. Com hum só coração, para que assim diga, se amão os objectos dos mais vicios, pois que para si proprio se amão: porem o dinheiro, e riquezas se amão para si, talvez para a mulher, e para os filhos, ou adherentes. Com tantos corações as ama quantas as pessoas para quem as ama.

Concluirei ainda a descripção com a sua duração, que he huma outra singularidade, que caracterisa esta maldita paixão. Ella he a mais duravel, e permanente. Principião todas as mais paixões fortes, e furiosas; porem todas ellas quebrão, enfraquecem, e acabão, ou ao menos perdem muito de sua força com o tempo. Esta porem principiando branda, qual arvore plantada, vai-se arraigando, e crescendo; e tanto mais quanto mais tempo se passa. Ella chegará até á morte, e parece ainda estender-se alem della, e com o malvado avaro eternisar-se. Verão hum malvado *avaro* na ultima idade, com os pés proximos á sepultura, chorar hum vintem, que lhe cahio por entre as unhas, e mais sofrer a fome do que tirar do cofre huma de tres. Passará ainda sem os caldos por não ter animo para comprar a galinha.

F. — Eis ahi a verdade; e eu conheço muitos desses.

D. — Arrenego de tal gente! Nada mais miseravel!

P. — Eis aqui pois huma paixão invencivel, logo que se apossou, e entrou a dominar no coração, e de que não ha ja-

mais triunfar: *Non facilé de avaritia triunfat, de quo semel avaritia triunfavit*, diz *Blosio*; não triunfará facilmente da *avareza* aquelle, de quem a *avareza* triunfou deixando dominar-se della o coração.

D. — Desgraçado pois aquelle, que pela *avareza* lançou a mão ao alheio! Ahi vejo eu, que essa maldita paixão he a que faz ladrões, e o laço do Diabo.

P. — Se ella não fosse não haverião ladrões; e quando por desgraça houvessem damnos nos bens dos proximos, não se demoraria a satisfação. He ordinariamente a *avareza*, que tudo faz, e o maior inimigo da *Sociedade* tomando-a em toda a sua extensão. Porem como temos fallado de outros vicios, que ella abrange, cingir-me-hei ao sentido mais restricto, que propriamente se chama *avareza* no rigor da palavra, que he a avidêz, os desejos ardentes, e affêrro ao dinheiro: *Avidus auri.*

Malignidade da Avareza.

De nenhum outro vicio falla o *Espirito Santo* com mais desabono, que da *avareza*: *Avaro nihil est scelestius*; nada peior, nada mais depravado, scelerado, e malvado, que o *avaro*: *Avaro nihil est scelestius.* Nada mais iniquo, nada mais abominavel, e execravel, que amar o dinheiro; *Nihil est iniquius quam amare peccuniam. Eccl.* 10. 9. 10.

D. — Que lhe parece daquelles textos, Sr. *Theologo*?

Th. — Parece-me que se não devem entender de todos os que amão o dinheiro, e o enthesourão.

D. — Entende-se naquelle sentido que ja disse.

P. — Nem em outro quero que o entendão. Nada peior pois, do que o avaro, que ama com ávidêz o dinheiro: *Nihil est iniquius quam amare peccuniam.* O *Espirito Santo* dá logo a razão: *Hic enim animam suam venalem facit*; porque este desgraçado, que ama o dinheiro faz venavel a sua alma. Melhor ponderaremos logo esta razão.

F. — Ella he bem clara. Vende, e está prompto para vender a sua alma ao Diabo, ainda que seja por hum vintem.

D. — Não ha duvida á vista disso, que o mundo está cheio de malvados, porque o demasiado amor do dinheiro a tudo abrange. Tenha paciencia Sr. Th. Não se queira fazer *avaro*, por isso mesmo que he *Ecclesiastico*; cuja jerarquia não tem a tal respeito os melhores creditos.

Th. — Eu não approvo o demasiado affêrro. Sustentarei ainda, que a verdadeira *avareza* não merece tão ignominiosos

epithetos. Por ventura he certo que nada ha peior que o *avaro*? Nenhum outro he mais malvado?.

D. — Atreve-se Vm. a contradizer o *Espirito Santo*?

Th. — Não presumo tal; porem não ignora o Sr. Ab., que he costume ordinario de dizer, quando se trata de hum vicio: *Nada peior.* Tambem na *Escritura* Santa vemos hyperboles, e expressões hyperbolicas, taes como essas.

P. — Pois eu as sustentarei no seu proprio, e natural sentido, provando que nada mais scelerado, e malvado do que o *avaro*; nada mais execravel e abominavel, que a paixão da *avareza*, mais ou menos á proporção da intensidade, ou força desta paixão.

F. — E eu quero sustentar, e para isso me ponho em campo, que a maldita *avareza* he a causa de todos os males que estamos sofrendo. Pela maldita, e infernal fome, e sêde do dinheiro, e das riquezas do throno, e da *Igreja*, por lançarem a unha, e filárem os thesouros do Estado, das Religiões, e da *Igreja* se fez, e sempre fizerão as revoluções. Vejão o que elles são, pelo que tem feito, e digão se fallo a verdade.

D. — Tem razão Sr. Fr.; ninguem o póde contradizer.

F. — Pois se a infernal *avareza* tem sido a causa de tantas desgraças, he ella a mais pessima, a mais malvadissima de todas as paixões, e os malvados *avaros* são os homens mais malvadissimos, que ha, e póde haver em todo o mundo. Deixem-me com o Sr. Th. que me parece puchar para o arrocho. Diga-me lá, se haverá no mundo mais malvadissimos males, do que elles pela *avareza* tem causado, e tem feito? Podem haver cousas mais malvadas do que estes malvados tem feito neste desgraçado Reino?

D. — O argumento he forte, e bem fundado.

Th. — Eu não louvo o vicio. O amor do dinheiro, quando não rompe nesses excessos, ou semelhantes, he o que eu não posso denominar com taes epithetos.

P. — Eu digo o mesmo; e he bem que acabemos de concordar para progredirmos. Tratamos de hum verdadeiro *avaro*, que ama com excesso o dinheiro. Quer sustentar, que não merece os epithetos de malvado, scelerado, abominavel, e execravel mais que tudo?

Th. — A' vista das provas que der sustentarei o que julgar justo. Desde ja porem digo, que sustentarei, que nada tem de máo arranjar o homem hum bom pecculio para occorrêr ás suas futuras, e possiveis necessidades.

P. — Não he essa a confiança que deve ter em Deos tão recommendada no *Evangelho*; porem...

L. — Deos não prohibe a conservação de hum bom deposito, que se adquire com justiça, e sem offensa do proximo, ou que se herda de seus pais.

D. — Para que diabo quer Vm. esse deposito? Com seis centos que não posso ver *avaros*! Perdóe-me. Ferve o coração.

P. — Queira socegar-se, Sr. Br., e lembrar-se do lugar em que estamos, que o não permitte.

D. — Tem razão. Este meu malvado genio..! Queira perdoar, Sr. L.; somos amigos; mas não seja *avaro*. O deposito nada presta, se não he prestavel a nossos irmãos. He essa a occasião que eu desejo ter de ser ladrão; pois se lhe pudesse chegar, nem huma de cinco lhe deixaria; e os pobres terião seu regalo. Continúe, meu *Abbade*.

P. — Eu não posso por ora satisfazer aos dois Srs. Se m'o permittem, eu fallarei agora da verdadeira *avareza*, e julgo poder satisfazer ao mais, quando na seguinte *Palestra* fallarmos da *Esmola*, e beneficencia.

D. — Muito bem, vamos aos avaros, e guardemos silencio. Bata, P., esta má gente, e com força. Não he homem, mas diabo, o que, podendo, não soccorre o necessitado.

F. — E não se esqueça dos Incredulos *Judas*, que são peiores.

P. — *Avaro nihĭl est scelestius*; que o avaro nada ha peior. *Nihĭl est iniquius quam amare pecuniam*; nada mais abominavel, e execravel, do que amar o dinheiro. A'proporção do maior ou menor amor crescerá esta abominação, e será mais ou menos malvado o *avaro*, quando o for mais ou menos. Tal he a verdade, que tenho a pôr patente. Para o fazer com a possivel clareza, e brevidade de palavras, ponho huma propsição, que servirá de principio, e base fundamental a tudo o mais, que disser a este respeito, e em que facilmente concordaremos todos. Perguntarei primeiro. Qual homem poderemos nós ter por mais iniquo, scelerado, malvado, abominavel, e execravel em todo o sentido, e extensão da significação destes epithetos? Sem esperar resposta; porque não tem ponderado estas materias, e por isso não estarem prevenidos para ella, eu a dou, e verão se respondo justamente.

F. — O meu bestunto diz, que o homem peior, pessimo, e malvadissimo he o maior inimigo de Deos, dos homens, e de si mesmo; e me ponho em campo para mostrar que este mesmo he o avarento malvado.

P. — Diz bem o seu bestunto; mas socegue-se. Na verdade que são esses os deveres do homem nesses tres respeitos, que o *Apostolo* nos descreveo em tres brevissimas palavras, que nunca o homem deve perder de vista. Appareceo, diz elle, neste mundo J. C. communicando-nos a graça da salvação, ensinando-nos, e mandando-nos abnegar, e renunciar a toda a impiedade, e mundanos desejos a fim de que vivamos neste mundo sobria, justa, e piamente: *Erudiens nos, ut abnegantes impietatem, & saecularia desideria, sobrie, juste, & pié vivamus in hoc saeculo. Tit. 2. 12.* Eis aqui os nossos deveres; e todas nossas obrigações se encerão, e estão prefixas nestas tres palavras: *Sobrié, justé, & pié* vivamus; devemos viver, *sobria, justa*, e *piamente*, isto he, devemos ser *sobrios, justos*, e *pios*; com o que desempenharemos nossos deveres em todos os tres respeitos, e relações para com nós mesmos, para com nossos irmãos, e para com Deos. Devemos ser sobrios comnosco, justos com os irmãos, e pios com Deos; e deste modo poderemos confiadamente esperar a nossa salvação: *Sobrié, justé, & pié vivamus in hoc saeculo expectantes beatam spem.*

Eis aqui com que está em perfeita contradição o malvado *avaro*; o que não se dá em qualquer outro vicioso, qualquer que seja sua maldade, ao menos em tão directa opposição; e he o que vamos a ver por partes.

Avaro malvado com sigo mesmo.

He o avaro malvado para com Deos, malvado com o proximo, ou sociedade, e malvado ainda com sigo mesmo. Isto provado, julgo ter satisfeito, e mostrado, que a malvada *avareza* a tudo excede na perversidade; e por consequencia o *avaro* he hum monstro de iniquidade, e execração.

D. — Eu convenho. Digão os Srs. se concordão?

Th. — Quando assim o prove, concordaremos de boa vontade.

P. — Muito bem. Principiemos pela ultima, que disse, e o *Apostolo* põe em primeiro lugar: *Sobrie*; devemos ser *sobrios.* Esta palavra no *Grego*, em que o *Apostolo* escreveo, tem a significação da temperança sim, mas honesta, honrada, e prudente. Reprova S. *Paulo* nella os vãos prazeres, as voluptuosidades, os luxos, e sensualidades da carne, mas não a prudente temperança, modesta, e honrada. Quando aconselha as mortificações da carne, e sua crucifixão, diz, que seja com *Christo*, isto he, com os devidos fins, e mo-

tivos, quaes não ignoramos. Como membros da *Sociedade*, e mesmo fóra della, temos deveres para com nosco, e nosso bem estar honesto, e prudente. Porem nada haverá mais miseravel, mais cruel, e malvado com sigo, do que hum avaro.

Nós devemos ser justos com nós mesmos, não só em quanto ao que respeita a nossas almas, mas ainda relativamente ao corpo. Devemos ser *sobrios*, honestos, honrados, e compostos em nosso comportamento, como membros da *Sociedade*. Não somos senhores de nossa propria vida, nem Deos nos quer atribulados, trabalhados, e cançados pelas cousas deste mundo. Quer finalmente, que renunciando aos vãos desejos, e inclinações, ou paixões humanas não sejamos crueis com nós mesmos por algum outro motivo, que não seja a maior felicidade na outra vida. Isto he o que não se propõe o malvado *avaro*, mas sim a crueldade com sigo nesta, e na outra vida. Não será possivel que achem outro, que o seja mais nesta vida, por qualquer parte, que o considerem. Elle he hum escravo, que a si proprio se põe em cadêas, atormentando-se malvada, e cruelmente, sem que tenha algum outro motivo, que a mesma crueldade.

D. — Sem que tenha outro motivo mais que a mesma crueldade! Muito me agrada essa lembrança! Ella he exacta. O avaro por nada mais se atormenta, se não por se atormentar. Ninguem o poderá negar.

P. — Mas que tormentos, e crueldades? O *Ecclesiastico* fallando delle diz: *Qui sibi nequam est*; malvado com sigo mesmo, lhe chama. *Qui sibi invidet.* 14. 5. 6. Tem odio, raiva a si mesmo, como seu proprio, e mais cruel inimigo. Quem outro poderá ser mais cruel com elle, do que elle o he comsigo mesmo? Os *Mouros Africanos* não o serião mais. Quando em suas mãos cahisse, lhe lançarião cadêas de ferro; porem as que elle se forja a si mesmo, e em que se põe, posto que sejão d'ouro não são menos, antes mais pesadas, e não menos tyrannas. Jesus C. nos diz, que os avaros servem, e são escravos das suas riquezas: *Servire mammonae. Math.* 6. 24. S. *Paulo* trata de escravos dos idolos, que são o dinheiro, aos avaros: *Avarus, quod est idolorum servitus. Eph.* 5. 5. E que dura escravidão! Não o será mais a dos cativos escravos na *Barbaria.*

Th. — Esses ditos são muito vagos, e necessitamos de provas mais positivas, e concludentes.

P. — Se lançasse os olhos a hum avaro, considerando-o por

todos os lados, se dispensaria de m'as pedir, achando que nada ha mais miseravél com sigo mesmo, e cruel. Ponhamos ante os olhos hum desgraçado, que propêz em seu coração enriquecer-se ou de fazendas, ou de dinheiro, o que he mais ordinario na *avareza*, posto que ignoro qual he o mais cruel comsigo, se o avaro de dinheiro, se o de fazendas. Ponhamos o exemplo em qualquer delles. Quem poderá descrever os trabalhos, as fadigas, os cuidados de dia, e de noite, as penalidades, e em fim as crueldades comsigo mesmo, que elle se toma? Elle serve a huns deoses crueis, que são as riquezas, que lhe não darão descanço nem no dia, nem na noite. Sobre elle cahe aquella maldição de *Jeremias*: *Servietis diis alienis die, ac nocte, qui non dabunt vobis requiem.* 16. 13. Servireis a deoses, que não vos darão descanço. Ainda parece incorrer naquella do *Deutoronomio*: *Erit vita tua quasi pendens ante te*; sua vida andará, como pendente de pouco, ante seus olhos; de dia, e de noite temerá, e não poderá confiar nella: *Timebis die, ac nocte, & non credes vitae tuae.* 28. 66.

F. — Quando nada mais fosse, bastaria o temor dos ladrões.

D. — Ainda mais que as riquezas compromette a vida.

P. — E por muitos modos, como hiremos vendo; mas para ser desgraçado, serão sufficientes os temores. Nada mais desconfiado do que hum *avaro*. Delle se póde dizer, que sempre traz nos ouvidos o som do terror: *Sonitus terroris semper in auribus illius*; e quando nada haja, que temer, elle sempre se julga atraiçoado: *Cum pax sit, semper insidias suspicatur. Job.* 15. 21. Não verão outro mais desconfiado em todo o sentido. Como elle ordinariamente não cuida mais que enganar a outros, e tem sempre olho no alheio, assim pensa, que todos o atraiçoão, e lhe invejão seu dinheiro.

Os cuidados, que lhe dão os meios de conseguir, e augmentar o dinheiro, e a fazenda, não tem a menor parte no seu tormento. Em nenhuma outra cousa pensão com mais encarniçada teima; de dia o occupão, e se dorme com isso sonha. Passará noites inteiras fazendo, e lançando contas; e jamais gosará da doce paz, e socego de espirito, que tem grande parte na felicidade do homem. Se os negocios não correm, como esperava, e se quebrão os fios, em que intentava enfiar as suas contas, deverão esconder-lhe as cordas para que não ceda á tentação de se enforcar.

D. — He bem expressivo do desprezo, em que ficão!

P. — Se a tudo isto ajuntarmos os trabalhos, as fadigas, e mais penalidades do corpo, e do espirito, faltão as expressões, e não ha tinta para debuxar o quadro de sua propria crueldade. Atolados no lodo, ou barro de que formavão adobes, e ladrilhos, trabalhavão os *Hebreos* debaixo da escravidão de *Pharaó* no *Egypto*, sem receberem algum salario, sentindo continuamente sobre si os flagellos, que lhes descarregavão, quando de cançados afrouxavão no trabalho. Atolados no lodo das riquezas debaixo do jugo do dinheiro, peior que a escravidão de *Pharaó*, trabalhão os *avaros* de dia, e de noite, estimulados, e azorragados pelo flagello da *avareza*, que lhes não permitte descanço.

Eu julgo poderei dar idea com as breves palavras do *Espirito Santo*. *Avaro nihil est scelestius*; nada peior do que o *avaro*. E porque? Porque he hum malvado contra si mesmo, pois que elle tem a sua alma venavel: *Hic enim & animam suam venalem habet*.

F. — Por menos de hum vintem a venderá ao Diabo.

P. — Muitas vezes se toma nas divinas *Escrituras* a palavra *alma* pela propria vida; e aqui assim se entende, sendo certo, que he verdadeiro o sentido, tomando-a pela propria alma, como veremos depois. Elle tem alma venavel, porque, continua a dizer, vivendo, elle se desentranha daquillo que lhe dá, e mantem a vida: *Quoniam in vita sua projecit intima sua*. *Eccl.* 10. 10. Eis aqui como o interpreta *Calmet* no sentido bem natural, e literal; *Docet Sapiens, avarum animam venalem habere, vitamque, libertatem, quietem discrimini objicere, ut opes comparet*; ensina a *Sabedoria*, que o *avaro* tem a alma venavel, e põe em risco a vida, a liberdade, e o descanço para comprar com a alma, e vida as riquezas. Não dirão, que não he genuino este sentido.

D. — Não pode haver duvida alguma nelle.

P. — *Projecit* (ou *projicit*) *intima sua, scilicet* diz *Calmet*, *suis se visceribus privat*; elle arroja de si seus intestinos, isto he, desentranha-se, e em si destroe o que lhe dá a vida: *Viscera quodammodo lacerat, dum sibi saevus, & immitis est*; como deshumano, e cruel comsigo mesmo. Elle tudo sofre por causa do interesse: *Omnia patitur, & agit pro lucri causa*. Quem bem os considerar, julgará, que nada mais procurão, que acabar comsigo de puro odio, que se tem.

Nem se pense, que elles resarcirão taes crueldades com alguma especie de regalos, de comida, ou bebida. Nestes principaes esteios da vida são os mais miseraveis, e crueis.

Elles temem, que tudo lhes desappareça, se de casa lhes sahir algum vintem para remediar as primeiras necessidades; e os *Hebreos*, sustentando-se dos alhos, cebolas, e pepinos no *Egypto* não passavão mais miseravelmente do que elles.

F. — Eu protesto, que elles serião os maiores santos se o que fazem pelo deos do dinheiro, o fizessem pelo Deos verdadeiro, e em penitencia de seus peccados.

P. — Destas razões se valeo J. C. para fazer acautelar contra este vicio: *Cavete ab omni avaritia*, diz; acautelai-vos de toda a *avareza*, pois não he da abundancia de bens, e de riquezas, que pende a vida do homem: *Quia non in abundantia cujusquam vita est. Luc.* 12. 15.

L. — Seja muito embora; porem a boa politica, e a mesma boa razão, e prudencia pede, que o homem cuide em adquirir, e conservar, para que possa passar em paz, socego, e descanço a sua velhice.

P. — Morrerá primeiro, que a isso chegue; nem jamais em quanto viver terá hum dia de descanço. Se algum isso presumir, infallivelmente se engana. Nunca jamais o avaro descançou, nem gosou, nem gosará para algum seu bem, do que adquire. Jesus C. nos fez patentes estas verdades na parabola do rico *avaro*, que havia adquirido muitos bens, que elle nos propõe, mandando-nos acautelar da *avareza*: *Cavete ab omni avaritia.* Certo homem rico, diz, teve grande abundancia de frutos em seus campos. Elle se atormentava na consideração do que faria: *Cogitabat intra se dicens*: *Quid faciam*? Que farei eu, pois que não tenho onde possa recolher os meus fructos? *Quid faciam, quia non habeo quó congregem fructus meos*? *Luc.* 12. 17. Eis aqui este miseravel sem descanço, e afflicto, como affogado na mesma abundancia, e eis aqui o que succede a todos os avaros. Afflictos em trabalhos, e cuidados para adquirirem as riquezas, e afflictos, e atormentados em os possuirem.

Que porem resolve este miseravel? Não menos do que outros maiores cuidados, e mais rudes trabalhos. Qualquer outro que não fosse *avaro* não se affligiria; chamaria os pobres, e necessitados; e gostoso daria, o que não podia recolher; porem isso he o que nunca pode fazer o avaro. Elle resolve outras maiores penas, cuidados, e trabalhos: *Hoc faciam*; isto farei, ja me occorre, diz elle, o que devo fazer. *Destruam horrea mea, & majora faciam*, eu destruirei os meus celleiros, e os farei maiores. Que dizes, miseravel? Pois tu estás atormentado com cuidados, e queres

ainda triplica-los com a destruição dos teus celleiros, com a sua reedificação, e com a colheita de tudo? Recolhe o que nelles couber, e deixa o mais, a quem o quizer, para te poupares a esses trabalhos, penas, e cuidados. Que interêsse te poderá dahi resultar?

Elle o diz; e nada mais proprio para descrever o caracter de hum *avaro*, e o quanto he cruel para comsigo. Eu destruirei os meus celleiros, e os farei maiores: nelles recolherei todos os frutos, que me nascerão, e todos os outros meus bens: *Illuc congregabo omnia, quae nata sunt mihi, & bona mea.* ℣. 18. Queirão perguntar-lhe, porque elle toma tal resolução; e elle responderá: Eu assim quero fazer, porque logo que o tenha concluido direi á minha alma: *Dicam animae meae*: Alma, tens muitos bens juntos, e bem guardados para muitos annos: *Anima, habes multa bona posita in annos plurimos*: agora sim, alma, descança, come, bebe, e banquetêa-te: *Requiesce, comede, bibe, epulare.* ℣. 19.

F. — Eu protestarei, que esse era incredulo, e tinha alma, de cão, que come, e bebe, como a dos brutos: alma carnal!

P. — Que miseravel! Pensas descançar, comer, beber, e regalarte! Tal nunca farás; jamais chegarás a esse tempo, porque a *avareza*, de quem és escravo não t'o permittirá. Com effeito a alma brutal lhe he arrancada do corpo nessa mesma noite, e ahi larga tudo sem saber a quem: *Stulte, hac nocte animam tuam repetunt a te; & quae parasti cujus erunt?* ℣. 20. He o que succede a todos; morrerão antes, que gosem de suas riquezas, como logo melhor veremos.

Em porva de que tendo-as não gosão dellas, temos estes mesmos ditos deste *avaro*, que merecem ser ponderados. Dirá então á sua alma depois de haver destruido, e feito maiores seus celleiros, recolhidos nelles suas riquezas: Alma, descança, come, bebe, e regala-te. Elle na verdade fazia sua alma carnal, e brutal. He isto o que ha nos *avaros*, em que parece não haver espirito, nem mais do que carne, e materia. Da terra cuidão, na terra trabalhão, pela terra, ou metaes se desentranhão, nem amão outra cousa mais do que a terra, e nunca de terra são fartos; terra, e carne pensão ter alma que coma, e beba.

Porem o caso he, que este miseravel da parabola nem tinha até então descançado, nem comido, nem bebido. Elle reservava tudo isto para quando tivesse destruidos os celleiros, feitos outros novos, e recolhidos os frutos; pois somente então he que diria á sua alma; Descança, come, be-

be, e regala-te, banqueteando-te: *Requiesce*, *comede*; *bibe*, *epulare*: prova esta de que até esse tempo, nem descançado, nem comido, nem bebido tinha, não obstante que estava affogado na abundancia. Nem chegou a esse tempo, nem as riquezas lhe servirão mais, que para se atormentar, como se fossem seu maior verdugo, e o mais cruel.

Não de outra sorte pensão, e dizem comsigo todos os avaros sem excepção de algum: Eu trabalho, eu não tenho descanço, e passo miseravelmente; porem paciencia; lá virá tempo, em que descançe, coma, beba, e me regale; mas por hora he nesecessario ajuntar mais. Assim passa o tempo, e o premiditado nunca chegará; mas chegará breve a morte.

D. — Pareceria incrivel, se a experiencia o não mostrasse. Sobre tudo quando vendo-se ja proximos á morte. Então mais avaros! Quem isto poderia crer? Que abominavel paixão!

L. — Desses não me persuado, que seja grande o numero, porque apenas nelle entrarão, os que tem perdido o juizo.

F. — Essa mereceria huma boa risada, se estivessemos em outro lugar. São criançolas, e nada entendem!

P. — Mostra na verdade que não tem reflectido, no que se passa com os avaros. Este abominavel vicio, ou paixão he insaciavel.

Avareza insaciavel.

Dá-se o nome de hydropesia a esta paixão pela sede de ouro, ou riquezas, que tem o avaro: mas esta enfermidade he tal, que então mais accommete a sede, quando mais encharcado está em agoa. Assim o malvado avaro affogado em dinheiro, encharcado em riquezas, jamais extinguirá a sede do ouro, que o devora. He a *avareza* aquella infernal sanguisuga, de que diz o *Espirito Santo*, que tem duas filhas, que dizem: *Affer*; *affer*, *Prov.* 30. 15; mais, e mais, venha mais, venha mais. Sanguisuga infernal, que nunca se fartará do sangue dos pobres; como logo veremos.

Eu não posso explicar melhor o que he avaro do que expondo o sagrado *Texto*, que achamos inteiramente conforme com a experiencia quotidiana. *Insatiabilis oculus cupidi*, diz, *in parte iniquitatis*; he insaciavel o olho do invejoso na iniquidade da riqueza. (J. C. chama as riquezas: *Mammona iniquitatis*, o que melhor veremos.) Verdadeiro

invejoso dos bens alheios he o avaro, e estes dois vicios fazem a mesma *avareza*. He insaciavel, e tanto que não se fartará até que consuma, e acabe a sua vida extinguindo os espiritos vitaes: *Non satiabitur donec consumat arefaciens animam suam. Eccl.* 14. 9. Com a grande abundancia d'agoa, que bebe, vai o hydropico extinguindo, e paralysando os espiritos vitaes, até que acaba. O *avaro* com a maior abundancia das riquezas accende hum fogo infernal no coração, que lhe produz huma devorante sede de mais, e mais, que o consumirá: *Donec consumat arefaciens animam suam.*

Nem a grande abundancia extinguirá esta sêde infernal. De *Alexandre Magno* se diz chorára, ouvindo dizer, que havia mais mundos, sendo que ainda se não havia apossado de todo este, que habitamos. Quando elle o conseguisse, choraria ainda por não conquistar os mais, que houvessem. Quando o avaro chegasse a possuir todas as riquezas da terra, elle choraria por não se fazer senhor da lua, por lhe parecer de prata, e do sol porque se lhe figuraria de ouro.

Th. — Deixemos descripções poeticas em tál materia.

D. — Eu sustentarei, que apezar de forte, he verdadeira. Se a paixão he insaciavel, assim deve de ser: e temos a experiencia.

F. — Eu protesto que he huma verdade. Eu os tenho conhecido com grandes burras cheias de ouro, chorando-se de que estão pobres, e receando ainda andarem por portas. Estou certo, que nem todo o ouro, e prata de todo o mundo os poderia fartar.

P. — Tome o Sr. Th. a expressão como lhe parecer; mas se entendesse melhor, o que he *avareza*, deveria persuadir-se, que seria verdadeira, quando tivesse lugar.

He interminavel.

Não só he insaciavel a *avareza* em quanto á quantidade do ouro, ou riquezas, mas tambem he interminavel em quanto ao tempo. Nada mais admiravel, e incrivel! O que vemos se passa por este respeito em hum avaro, seria reputado por huma quimera, hum sonho, inteiramente destituido de veresimilhança, e totalmente incrivel. Enche-se o malvado *avaro* de dinheiro, e não cessa de ser cruel comsigo mesmo, não se servindo delle jamais, nem deixando

de ser seu escravo. Que ? He possivel que hum homem, por menos juizo que tenha, se queira condemnar a passar huma vida miseravel, ser escravo do dinheiro, e cruel comsigo mesmo até a morte ? Como póde isto ser ? De outra sorte succede; e nós temos na parabola do *Evangelho* a solução deste enigma.

Eu destruirei os meus celleiros, disse elle, eu os farei maiores, para nelles recolher meus bens. Bem sei que isto, me dará fadiga, e trabalho insano; passarei más noites, e peiores dias: porem logo que o consiga, direi: Alma, descança, come, bebe, e regala-te. Eis aqui como discorrem todos os *avaros*, e como se pode decifrar este enigma. Elles não dizem: Eu me condemno a passar toda a minha vida em trabalhos, para adquirir bens; mas sim dizem: Eu o farei por algum tempo até que tenha o sufficiente para poder passar regaladamente. Nunca mudão de lingoagem: tendo cem, achão, que he pouco; passão a querer quinhentos, e depois a milhões.

L. — A idade os pode desenganar, e fazer mudar.

P. — Isso se veria pela primeira vez, pois eu não sei, que haja exemplo. Mesmo na ultima enfermidade elles não largaráõ as chaves dos cofres, com ellas debaixo do travesseiro morreráõ, querendo leva-las para o outro mundo: passaráõ sem o caldo de galinha, se para a comprar, for necessario bolir na burra, pois isso seria arrancar-lhe mais breve a malvada alma do corpo.

F. — Ah, quem me dera aqui todos os *avarentos* !

P. — Para que fim ? Para zombarem, e escarnecerem de mim ? Elles o fizerão de J. C. quando fallou da *avareza*: *Pharisaei, qui erant avari, deridebant illum. Luc.* 16. 14.; como o não farião de mim ? He irremediavel esta fatal hydropesia. Quanto mais proximo á morte o hydropico, mais sêde tem, e não ha remedio. Mas continuando, eis aqui como se expressa a divina *Sabedoria*: *Est qui locupletatur parcé agendo*; enriquece-se o *avaro* passando miseravelmente; e eis o que tira de suas riquezas: *Haec est pars mercedis illius. Eccl.* 11. 18. Elle tem huma só consolação, que he a sua herança, mas tal qual costuma ter em sonhos hum homem dormindo: *In eo quod dicit, inveni requiem mihi.* Elle diz: Virá tempo, em que eu tenha descanço, e então comerei eu só dos bens, que tiver junto: *Inveni requiem mihi, & nunc manducabo de bonis meis solus.* ℣. 19. Que dizes malvado ? Nunca te chegará esse tempo; tu morrerás sem ja-

mais fazeres o que premeditas: *Nescit quód tempus praeteriet, & mors appropinquet, & relinquat omnia aliis, & morietur.* ℣. 20. Passa o tempo, e a morte chega. De que pois servem ao avaro os seus bens, senão he para o atormentarem? Mas que digo, *seus bens*? Elles não são seus, apenas o serão em sonhos.

Riquezas no avaro são sonhadas.

Viro cupido sine ratione est substantia. d.° 14. 3., Sem razão o avaro chama seus aos bens, que possue; pensando ser rico, elle he pobrissimo, pois que não tira mais de suas riquezas, que miserias, penas, e trabalhos: *Homini livido ad quid aurum?* De que lhe serve o dinheiro afferrolhado nos cofres? Se elles são ricos, tambem o são os que sonhão possuir muitas riquezas nada tendo: *Dormierunt somnum suum, & nihil invenerunt omnes viri divitiarum in manibus suis. Psal.* 75. 6. Elles dormem, e dormindo sonhão; e como assim acordando, nada achão em suas mãos, do que dormindo sonharão ter. Lá sonhará o pobre, que tem grandes thesouros, grandes fazendas, e soberbos palacios: mas tudo he sonho. Não de outra sorte he o *avaro*, que tem as riquezas como sonhadas, pois tanto lhe valem, como ao pobre valem os sonhos. Suas mãos andão sempre vasias, e se ha dinheiro, fechado está, e de nada lhe serve. *Dormierunt somnum suum.*

De *Tantalo* fabularão os Poetas Gentios, que fôra condemnado pelos deoses a sofrer insuportavel fome, e sêde, ao mesmo tempo que estava affogado em frutos, e agoa até a boca, que então se retiravão quando lh'applicava. A fabula he verdadeira, e se verifica nos *avaros*. São verdadeiros *Tantalos*, que affogados em riquezas, se abrasão em sêde, e sofrem mil necessidades, e penalidades, que ja mais remediaráõ.

Digão elles embora, que são senhores de suas riquezas: porem não dirão a verdade. Elles são guardas, e não senhores. Lá estarão os soldados armados guardando o cofre real, ou erario, ao mesmo tempo, que estarão sofrendo a fome, e outras necessidades. Elles guardão grandes riquezas, e parecem senhores dellas por isso mesmo, que as guardão, e vigião; porem não são suas, nem de alguma cousa lhes valem, nem dellas se podem servir. Ellas a outro pertencem, e não são suas, assim o *avaro*. Porem em outra cousa differe,

O soldado guarda o que nada lhe custou; porem o *avaro* guarda, o que lhe tem custado suas entranhas, e tem defecado sua vida; e guarda para outro com ellas se regalar, e talvez ignore quem: *Aliis congregat*, & *in bonis illius alius luxuriabitur*. d.° 14. 4. Elle ajunta com grandes penalidades, enthesoura, e guarda para outros: trabalhos, e penas em ajuntar, e penas e trabalhos em guardar Malvado! Para quem o ajuntas, e para quem o guardas? Está certo, lhe diria eu, que outro virá, que luxuriará, se regalará com profusão nesses bens, em que te tens desentranhado: *In bonis illius alius luxuriabitur*. Tu morrerás miseravelmente; mas se cá tornasses, passados breves annos, tu verias teus cofres vasios, e teus bens prodigalisados em luxos, e em regalos.

F. — Em sensualidades, em jogos, em assembleas, praguejando á sua alma, porque lhe não deixou mais, e mais.

D. — Eu tambem me tenho regalado de ouvir tão bellas, e expressivas comparações e razões, a que não ha que responder. Noto nessa ultima, que deverá de haver alguma cousa de particular providencia; pois que he regra certa, segundo mostra a experiencia, que nos bens de hum *avaro* succede hum prodigo, e que tudo desapparece, como o fumo, d'entro de pouco tempo.

P. — Assim devia ser perante hum Deos Providente. Os bens que deixa o avaro, não pódem carecer do laço, e anzol do Diabo, que, como ja vimos, vão armados, e passão annexos aos successores nos bens mal adquiridos, quaes são sempre os adquiridos pela *avareza*, como vamos a ver. He necessario que se quebrem quanto antes estes laços, e não passem a muitos successores. Eis ahi porque Deos os faz desapparecer brevemente. Tambem a economia do governo do mundo pede, que não estejão por muito tempo encerrados os bens que devem circular para allivio dos necessitados. Se a hum avaro succedessem outros *avaros*, elles de tudo se apossarião, e o genero humano morreria á necessidade.

D. — Assim he. Que respondem a tudo isto, Srs. avaros. Abrão esses cofres, e não sejão miseraveis até tal ponto.

P. — Eu vou a concluir a minha primeira proposição com a descripção, que nos faz *Salomão* a este respeito, pintando com vivas cores a miseravel, e execravel loucura dos avaros. O avaro, diz, jamais se saciará de dinheiro, *Avarus non implebitur pecunia. Ecclesiastes*. 5. 9. O que ama as riquezas, não receberá o frutos dellas, nem interesse al-

gam: *Qui amat divitias, fructum non capiet ex eis*; e eis aqui huma grande vaidade, e cegueira: *Hoc ergo vanitas.* Que outro fruto tira elle do seu dinheiro, ou riquezas, mais do que vê-las com os olhos? *Quid prodest possessori, nisi quod cernit divitias oculis suis?* ℣. 10. Dôce he o sono ao que trabalha, ou elle coma muito, ou pouco: *Dulcis est somnus operanti, sive parum, sive multum comedat*; embora o pobre tenha pouco para comer, elle contudo gosa do dôce prazer do sono descançado; porem a mesma abundancia de bens, e riquezas não deixa dormir o avaro; e se dorme, mesmo então não tem descanço: *Saturitas autem divitis non sinit eum dormire.* O *avaro* ajunta, e guarda riquezas bem para seu mal: *Divitiae conservatae in malum domini sui.* ℣. 12.

He bem notavel a razão que disto dá. Para seu mal ajunta, e conserva as riquezas o avaro. E porque? Porque estes desgraçados vivem, e morrem em pessima afflicção: *Pereunt in afflictione pessima.* Veja-se a vida, e a morte de hum destes desgraçados. Nós temos visto a vida, mas deixo ás suas considerações, o que he, e se passa na morte de hum *avaro*, segundo mostra a experiencia.

F. — Eu o digo em breves palavras. Nenhum teme mais a morte que hum *avaro*. He como o animal immundo, que tem engordado com os bens, talvez alheios, cujos grunhidos não se podem aturar; e com isso, com o pensamento no dinheiro não se lembra nem de Deos, nem Santa MARIA. No entanto que elle grunhe, os de casa estão espreitando se ja poderão lançar a unha ás chaves da burra, ou lhas poderão arrancar da mão. Talvez elle ainda veja tornar-se tudo o que ha na casa em roupa de *francezes*. Se rezarem algum *Padre Nosso* será porque morra mais depressa enfastiados de tanto esperar.

P. — Ainda o desgraçado *avaro* se engana, pensando, que deixa seus filhos ricos. Estes estão ameaçados de sofrerem a miseria, e mesmo summa pobreza; o que não raras vezes acontece: *Generavit filium, qui in summa egestate erit.* ℣. 13. Queira o *Senhor* abrir os olhos a estes cegos, e fazê-los conhecer, que nús sahirão da terra, e nús a ella tornarão, sem que levem comsigo alguma cousa de seus trabalhos: *Sicut egressus est nudus de ventre matris suae, sic revertetur, & nihil auferet secum de labore suo.* ℣. 14. Do modo que veio, assim voltará: *Quo modo venit, sic revertetur.* Seus trabalhos pois nada valerão, e trabalhou para

o vento; *Quid ergo prodest ei, quod laboravit in ventum?* ℣. 15.

D. — Tem visto as provas, Sr. Th.; vejamos o que responde.

Th. — O Sr. Ab. falla com a *Sabedoria* Divina, com a experiencia; e eu não tenho que responder.

F. — Pois va-se fazendo avarento, e o Sr. L. afferrolhe bem os seus cofres, e verá o que hade hir: ja o sabe.

Avareza grande mal na Sociedade.

P. — Se o *avaro* he tão malvado comsigo mesmo, como poderá ser bom para com outros! *Qui sibi nequam est, cui alii bonus?* pergunta o *Eccl.* 14. 6. O que para si he máo, a quem outro será bom? Como poderá cumprir com as obrigações, e deveres com os seus proximos, e Irmãos, com quem está unido em sociedade? Como poderá ser justo, benigno, compassivo, bem fazejo, e benefico, como tem por dever, e obrigação, para com os membros da *Sociedade* de J. C., o que para si mesmo he cruel, e malvado? Jamais o poderia ser, e jamais cumprirá com o dever mais importante, qual he o que inspira o amor fraternal: Nenhum preceito temos na Lei, que professamos, mais expresso, mais intimado, e mais repetido, do que o amor para com nossos proximos; não amor esteril, mas sim effectivo, que appareça nas obras, fazendo a seu irmão aquillo mesmo, que desejaria lhe fizessem: posto em semelhantes circunstancias.

D. — Bem lembrados estamos do que nos tem dito da grande *Sociedade*, que fórma o *Corpo* de J. C., de que elle he a cabeça, que unio a si com os laços do amor; e que com o mesmo amor fraternal em laços transversaes reune os membros entre si; bem como hum corpo humano. Fóra com o *avaro*, que não tem nella lugar, nem com ella se pode unir.

F. — Seja della excommungado, bem como todos os Incredulos, que são mais *avaros* do que Judas. Não esqueção, *Padre.*

P. — He por isto, alem das mais razões, que temos visto, e ainda veremos, que os avaros aos olhos de Deos, e dos homens são objecto de execração, assim como todos os malfeitores.

D. — Sim, nós o entendemos. O que fórma toda a *Religião*, o que a constitue, e onde ella assenta, he nesta associação, nesta corporação, neste *Corpo* de J. C., que elle fórma em união comsigo mesmo com os laços da mesma Fé, dos mesmos Sacramentos, com a mesma *Communhão* de seu Corpo, Sangue, Alma, e Divindade, para nos fazer comsigo mesmo huma, e a mesma cousa, como fica provado. Por con-

sequencia deve ser objecto de execração aos olhos de Deos aquelle, que se não une com os laços de amor a esta *Sociedade*, e corporação, e ainda mais o que a vexa, e opprime, e talvez trabalha por desunir. O avaro ao menos a vexa, attribula, e oprime.

F. — Quem faz tudo isso, são os *Judas* avaros, mais que o malvado *Judas*, que vendeo a J. *Christo*.

Th. — O Sr. Br. tem adiantado muito nesta sciencia!

D. — Ao Sr. Ab. o devo, pois andava cego. Agora, graças aos *Ceos*, vou conhecendo a *Religião*, que professei, e professarei até dar a vida por ella, se necessario for.

F. — Conte comigo. — *Todos dizem* — *Comigo, comigo.*

D. — Bendito Deos! Todos, e até as crianças dizem: *Comigo*! He isto o que faz o conhecimento da *Religião*! Ah, Incredulos! Vós sois huns ignorantes, que nada sabeis da *Religião*! Não a pode negar, ou desprezar, se não o que a ignora.

F. — Exceptue os Jansenistas.

D. — Nenhum exceptuo; todos são huns pedantes, huns animaes estolidos, e asquerosas sevandijas das sciencias. Vamos lá, meu Ab. O *Ceo* lhe conseda tantas graças, quantos conhecimentos me tem dado, e a meus collegas, que vejo enternecidos, e fazendo a mesma confissão. Vamos aos avaros; e se algum o for nesta Villa daqui por diante, hade hir com seis centos o cofre. Pela minha espada...

P. — Oh, não jure, nem faça taes protestos.

D. — Eu queria prometter por ella; mas ja me calo.

P. — Têm pois entendido, quam necessario he o amor de beneficencia, e caridade na grande *Sociedade*. Talvez ainda adiantem nestes conhecimentos, quando na seguinte *Palestra* tratarmos a proposito desta materia. Sendo pois taes as obrigações, e deveres de cada hum de seus membros, como os desempenharão os *avaros*? Cada hum dos homens (fallo dos Catholicos) he não hum individuo isolado, mas sim huma parte deste todo, hum membro deste *Corpo*, de que J. C. he a cabeça; por isso elle não pode viver para si só, mas do modo possivel, e quanto está de sua parte deve concorrer para o bem de seus irmãos, membros do mesmo corpo, á proporção do seu estado, e as circunstancias o permittem.

L. — Porem com isso reprova a vida Religiosa, e retirada, porque tomando-a, se fazem inuteis á *Sociedade*.

P. — Que diz, Sr.? Esquece-se das verdades, que a Fé lhe

ensina. Serão inuteis as orações, e sacrificios, que continuamente offerecem a Deos pelo bem da *Sociedade*? Quando nada mais fizessem, isto seria muito; porem elles...

L. — Tem razão; eu não ponderei, o que disse. Continue.

P. — Nós ja vimos, que S. *Paulo* trabalhava com suas mãos n'hum officio mecanico para poder sustentar-se, e aos que com elle trabalhavão no *Evangelho*, para não ser pesado á *Sociedade*. A corporação de J. C. então estava perfeita, quando no tempo dos *Apostolos* os *Fieis*, apezar de serem em grande multidão, estavão de tal sorte unidos em hum corpo, que não parecia haver entre elles mais, do que hum coração, e huma só alma: *Multitudinis credentium erat cor unum, & anima una.* Nem algum delles dizia daquillo, que possuia: Isto, ou aquillo he *meu*; mas todos os bens de cada hum erão communs: *Nec quisquam eorum, quae possidebat, aliquid suum esse dicebat, sed erant illis omnia communia. Act. Ap.* 4. 32.

F. — Assim se faz entre os *Religiosos*, ou fazia.

P. — *Ananias*, e sua mulher *Saphira* forão castigados de morte por S. *Pedro*, por huma especie de *avareza*; o que ainda mostra a ira de Deos contra este vicio. Costumavão vender seus campos, e fazendas os *Fiéis*, e depositar o preço delles aos pés do Principe dos Apostolos. Estes dois miseraveis retiverão com sigo parte do preço, mentindo, quando disserão não ser mais o producto da venda, que aquelle que depositavão. Vós não mentis a mim, mas sim a Deos: *Non es mentitus hominibus, sed Deo.* d.° 5. 4. Forão raios estas palavras, que lhes tirarão immediatamente as vidas.

Nada he mais proprio para conservar a perfeita sociedade, do que a communidade de bens, por isso mesmo que a propriedade em particular he causa interminavel, e fecunda de desuniões. A santa *Igreja*, a *Sociedade* de J. C. sempre a procurou com grandes desejos. Os *Apostolos*, como temos visto, o fizerão juntamente com os primeiros *Fiéis*, e o segundo *Apostolado* ainda o pode fazer nas *Americas*. Como não era factivel em toda a extensão da Sociedade, nem por isso se deixou sim de se fazer do modo possivel. Os *Bispos* com o seu *Clero*, os *Ascetas*, as Viuvas, orphãas, e Donzellas, todos os que em retiro sustentavão as *Igrejas*, logo depois os *Monges*, *Cenobitas*, e enfim todos os *Religiosos*, e *Regulares* se puserão, e sempre se conservarão nesta communidade de bens, e algumas Instituições por voto renunciarão a toda a propriedade mesmo em commum:

professando a pobreza, para melhor extirparem d'entre si toda a origem de desunião, que com sigo traz a propriedade pela malvada *avareza*.

Supposta a economia, que Deos se dignou guardar no governo, e direcção do genero humano, não tinha lugar em toda a extensão da sua *Igreja* esta communidade de bens. Como assim procurou obstar por todos os modos á malvada *avareza*, sopeando esta maldita paixão para que não perdesse destruindo a sua *Sociedade*. Daqui conhecerão o grande merecimento, e premio, que o mesmo *Senhor* pôz na beneficencia, e bom uso dos bens temporaes, em cujo desenvolvimento entraremos na seguinte *Palestra*.

D. — Estou pensando, P., que tudo, o que se chama virtude, por isso o he, porque tem por fim a união, e o bem estar da grande Sociedade. Enganar-me-hei?

P. — Não só se não engana, mas ainda póde accrescentar, que não ha virtude, que mereça este nome, que não tenha esse fim. A união com a cabeça deste corpo, que he Deos, e a união com os membros, que são todos os *Ficis* he a essencia de toda a virtude; nem fóra della ha virtude, que mereça este nome. De que se conclue, que tudo o que se oppõe a esta união, he vicio, he maldade, he offensa de Deos, cabeça deste corpo, e delle mesmo. Entre estes temos a malvada *avareza*, que frente a frente lhe faz guerra, e procura destrui-la. Faz guerra aos membros, e á sua Cabeça; o que vamos a ver.

L. — Dá-me occasião, P., para censurar a economia de Deos por esse respeito. Por isso mesmo que previo ser a *ava*... e a destruidora da sua *Sociedade*, devia dispôr de tal sorte, que se pudesse governar toda ella em communidade de bens.

F. — E vm. ser o despenseiro para fazer bolsa, como outro *Judas Iscariotes*! Não havia de sizar mal, ao modo liberal.

D. — Que tál aquella! Tenha paciencia, pois veio a-proposito. Eu não discorro assim. Deos prevendo, que a maldita *avareza* dominaria no genero humano, não devia mandar a communidade de bens, porque o exporia a maiores culpas, como vemos em *Judas*, que na communidade delles achou occasião, ou a tomou para ser ladrão. Deveo sim deixa-la voluntaria; como vemos, que com effeito fez. Digo bem?

P. — Somente accrescentarei, que tanto mais o deveo fazer, quanto deixou voluntaria a nossa salvação por isso mesmo, que nos dotou da liberdade. Suppostas estas verda-

des, que tristes annuncios temos a dar aos desgraçados *avaros*? Que figura mais iniqua, malvada, e abominavel faz hum avaro, hum avido de riquezas na santa *Sociedade*? *Nihil nequius. Nihil scelestius*; nada peior, nada tão pessimo, malvado, e execravel. Elle deve ser bom para seus irmãos; mas como o poderá ser, quando para comsigo mesmo he hum malvado? *Qui sibi nequam est, cui alii bonus*? Elle não se pode chamar *Christão*, porque nada tem, do que constitue em sua essencia a *Religião Christãa*, que he o amor de Deos, e o fraternal, que he a verdadeira caridade, de que pende toda a Lei. se não queirão dizer-me, em que, e de que modo he util, e bemfazejo?

F. — Poderá fazer algum bem; mas eu protestarei, que o fará sem o saber, intentar, e querer.

P. — He isso mesmo o que affirma o *Espirito Santo*: *Si bene fecerit, ignoranter, & non volens facit*; Se bem fizer a seu proximo, ignorantemente o fará, e sem o querer fazer; o que por fim se conhecerá, porque elle mesmo manifestará a sua malicia, deixando ver os motivos, porque o fez: *In novissimo manisfestat malitiam suam. Eccl.* 14. 7. Poderá sim fazer algum beneficio, porem elle não será util a quem o recebe: *Est datum, quod non est utile.* Ainda ha dado, beneficio, ou favor, cuja retribuição deverá ser duples: *Est datum, cujus retributio duplex.* d. 20. 10. Taes são os beneficios do avaro. Porem ainda passão alem: *Datum insipientis (id est avari) non erit utilis tibi*; o favor do avaro não te será util. E porque? Porque seus olhos são septemplices, isto he: tem-nos fixos em receber o septuplo, do que dão; por hum que dão, esperão sete, e não ficarão contentes: *Oculi enim illius septemplices sunt.* ℣. 14. Elle te dará mui pouco, mas se tu não retribuires, elle te improperará, como se muito te desse: *Exigua dabit, & multa improperabit.* Elle o fará á boca cheia para te vexar, e opprimir: *Apertis oris illius inflamatio est*, ℣. 15.; ou como diz a versão *Grega*: *Aperuit os suum velut praeco*; abrirá a sua boca como hum pregoeiro, para te tratar de de ingrato, e mal correspondido....

F. — Querem cousa mais verdadeira?

P. — Elle emprestará com usura hoje, e amanhã, ou brevemente ja pedirá esta, e o capital: *Hodie foeneratur quis, & cras expetit.* Odioso, e execravel he pois o avaro, conclue o *Ecclesiastico*: *Odibilis est homo hujusmodi.* ℣. 16. Suas dadivas são bem como as do pescador; este as dá aos

peixes, mas as põe no anzol: *Munera mittit, sed mittit in humo* São iscas as dadivas, ou favores do avaro, que põe em anzol, para com ellas pescar muito mais.

F. — Eu me porei em campo, contra quem negar essa verdade. Dê-me licença, P.; e descance por hum pouco. He isso o mesmo que eu tenho observado em toda a qualidade de *avaros*, ou sejão trocadores de dinheiro, emprestadores, e usararios, que são os maiores ladrões, que ha, ou sejão traficantes, que andão pela mesma, e nada inferiores de qualquer sorte que sejão. Não ha nenhum, que podendo, deixe de metter gato por lebre, ainda que seja o mais morrinhento. Pareça embora ao pobre (que não tem remedio, se não hir á sua loge) que compra bem, e barato; pobre miseravel! Hade levar espiga pelo menos de tres palmos. Protestará, e jurará o traficante, que perde as orelhas, mas elle ficará com ellas, e com as arrecadas. Se por desgraça o pobre não tem a capa para se agasalhar do inverno, e a compra fiada até o seguinte maio, em que espera recolher algum grão, isso então são outros contos, e peiores contas; nellas se hirá o grão, e não ficará a camisa. Metta-se algum em contratos, ou pactos, quaesquer que sejão, com tal gente, mas fique certo que hade pagar o pato, ainda que não coma delle nem huma aza.

Que direi do uzurario espiolhador das bolças vazias, para as limpar, e filar cheias, deitando a conta até ao valor da pobre choupana? Pobre, desgraçado, o que lhe cahio nas unhas! Elle ficará sem a esteira, em que se encostava, e não terá onde cahia morto, e por esmola o enterrão. Deos me livre de taes vizinhos d'ó pé da porta, ou da fazenda: eu ficaria sem casa, e sem fazenda. Ja tive hum, que tirava da minha fazenda a terra a cèstos, e os marcos nunca estavão no mesmo lugar. Eu a larguei, e largaria tudo, para viver antes n'um deserto, do que avizinhar com tal gente. Não ha...

P. — Agora basta; ja disse bastante para que entendão.

D. — Elle diz a verdade; e o mesmo me tem succedido. Não ha muito que pelo mesmo motivo passei huma fazenda, que tinha tal vizinhança, a outro *avaro*, por me livrar de más occaziões, e vê-los labutar hum com o outro. Ja se lá filarão por vezes como cães danados.

P. — Não fez bem, pelos pôr nessa occasião. Nós não acabariamos, se intentassemos descrever, o que fazem os malvados avaros, por se apossarem das bolsas, e fazenda alheia, e sobre tudo os males, que causão na sociedade. *Dormin-*

do sonhão nos meios de o conseguirem, fazendo as contas sobre as bolsas, e ainda mais sobre o suor, e sangue dos pobres; em nada mais cogitão doque nos dolos, enganos, enredos, laços, fraudes, e trapaças, tanto mais prejudiciaes, quanto o homem probo, e honrado nada menos pensa, que de suas ladroeiras, e velhacadas.

Nos *Proverbios* de *Salomão* vemos a descripção pasmosa da geração *avara*, com taes cores, e caricaturas, que causa horror, e nella veremos tudo o bastante ao nosso proposito. *Generatio, quae pro dentibus gladios habet*; ha, diz, huma geração, ou condição de homens, que quaes bestas ferocissimas, por dentes tem espadas, com os molares rumina, come, e devora os necessitados, e pobres homens: *Generatio, quae pro dentibus gladios habet, & commandit molaribus suis, ut comedat inopes terrae & pauperes ex hominibus. Prov.* 30. 14. Que monstros! Homens com espadas por dentes! Mastigando com os molares, comendo, e devorando outros homens! Os pobres, e necessitados! Estes não podem ser homens; são monstros de especie nunca vista, contra quem tudo se devia armar. Contudo elles são homens, e por desgraça dos mais homens, elles vivem na *Sociedade* para sua infelicidade. Eis aqui os *avaros*: *Avari*, diz aqui Menochio, *qui pauperes quasi ferae dentibus lacerant, quibus dentes sunt quasi gladii.* Elles tem dentes de feras, espadas em lugar de dentes, com que matão, ruminão, comem, e devorão os pobres necessitados.

D. — Cada vez me encho de maior ira contra taes monstros! Não haverá, quem acabe com elles?

Th. — Não póde o Sr. Ab. deixar de ver ahi a hyperbole.

P. — Eu não vejo aqui mais que a verdade mui positiva. Que outra cousa são os *avaros*, os usurarios, os traficantes, e em fim todos, os que desejão, e procurão com avidêz as riquezas; se não monstros, que matão, comem as carnes dos pobres, e bebem o seu sangue? Lá forão por entre o exercito inimigo tres fortissimos homens buscar agoa á cisterna de *Belem*, e a trouxerão a *David*, que a desejava. Porem este ponderando os riscos em que puzerão sua vida aquelles homens, os trabalhos, fadigas, e perigos, rompe nestas palavras: *Nunquid sanguinem hominum istorum... & animarum periculum bibam?* 2. *Reg.* 23. 5. Por ventura beberei eu o sangue destes homens, e o perigo de suas vidas? Elle a entorna, offerecendo-a a Deos em sacrificio,

sacrificando tambem a sua vontade, não a querendo beber. Note que elle chamou á agoa, não agoa, mas sangue: *Nunquid sanguinem istorum hominum... bibam?* E porque beberia sangue, e não agoa pura? Por isso mesmo, que era o preço do sangue daquelles homens pelo risco, a que expuserão suas vidas.

Mas que outro nome daremos áquelle suor dos pobres, vertido para alimentar as cobiças dos *avaros*, áquelles productos dos seus trabalhos, que lhes usurpão os usurarios? Nós ja vimos, que o pão dos pobres, o seu salario, e em fim o que tem, he o preço do seu suor, he o seu sangue; e homem de sangue, homem sanguinario he o que delles o defrauda: elle lhes bebe o sangue, e devora suas carnes. *In alis, tuis, id est, in manibus tuis inventus est sanguis animarum pauperum*, disse dos *avaros* *Jeremias*. 2. 34. Nas tuas mãos, ó malvado *avaro*, eu vejo o sangue da vida dos pobres; esse salario, que lhes negaste, esses dolos, essas fraudes, essas trapaças, com que armaste ao suor de seu rosto, são as espadas, que tens por dentes, com que lhes tiraste a vida; com essas usurpações, com ladroeiras, com injustiças, com usuras, tu lhes tens comido as carnes, e nas tuas mãos apparace ainda o seu sangue: *In manibus tuis inventus est sanguis animarum pauperum*.

Do P. Fr. *Matheos de Bassi*, *Venesiano* se refere, que indo jantar a casa de hum rico *avaro*, se mostrou sentido, porque o servião na mesa com toalhas tintas com sangue. Protestarão-lhe que nada mais bem lavado havia, que as toalhas. Porem elle torcendo-as sobre hum vaso fez correr tanto sangue, que o encheo. Oh, que se acaso se fizesse o mesmo aos luxos das mesas, das galas, e a tudo o que possuem muitos ricos, talvez que se visse correr em abundancia o sangue dos pobres.

D. — Ferve o meu no coração contra esses malvados, esses mais monstros do que homens.

F. — Pois a mim tambem me ferve o sangue contra esses malvados Judas incredulos, que tem comido as carnes, e bebido o sangue por mil modos não só dos pobres, mas de huma Nação inteira. Estes não são homens, são os verdadeiros monstros, que por dentes tem espadas, com que tem comido, e devorado as carnes, e os ossos, bebido...

D. — Nós o sabemos, Sr. Fr.; e não magoemos mais os corações. Vamos a diante, se lhe parece, Sr. *Abbade*.

F. — Pois então antes que se passe a diante, quero eu dar hu-

ma pennada contra o meu Ab., visto que estes Srs. não tem bestunto para tanto. Diz, e quer concluir, que o *avaro* nada faz bom, sempre he máo, e sempre perniciosissimo para a *Sociedade*! Pois eu quero mostrar, e estou prompto para provar, que alguma cousa faz bem feita, e occasião tem, em que dá hum rega-bofes aos pobres, e alegrão á *Sociedade*.

P. — Não ha duvida, que assim he, e tem isso lugar na sua morte, verificando-se o adagio antigo, que diz: *Avarus nisi cùm moritur, nihil recte facit*; o *avaro* nada faz bem feito senão quando morre; he então somente que elle faz bem á *sociedade*. Então como aves de rapina largão, o que tem pilhado, e a *Sociedade* fica livre de taes monstros.

F. — Tem ainda outra cousa, que he fazerem mui bem os seus testamentos, fazendo-se caridosos dspois da morte; que he o mesmo que dar pelo amor de Deos o que não podem levar, nem reter.

D. — Eu desejo saber, se taes legados, e esmolas testamentarias dos *avaros* terão algum merecimento para diante de Deos?

P. — E quem poderá saber como isso lá passará? Eu ignoro o merecimento que ha, dando o que se não possue. Porem direi mais alguma cousa a tal respeito.

Testamentos dos Avaros.

Confesso que ordinariamente nada ha mais bem feito neste respeito do que o testamento de hum *avaro*. Parece, que toda sua miseravel, e desgraçada vida se definharão por ajuntarem para o seu testamento. Então são as esmolas aos pobres, e os legados pios; e nada mais caridoso do que hum *avaro* morto. Eu não deixo de entrever a Mão da Providencia, para refrigerar a pobreza opprimida pelo malvado; mas tambem me parece ver a maior das tentações para sua desgraça. A Providencia em tudo he admiravel, e na morte do *avaro* parece dar huma satisfação aos pobres até então opprimidos.

D. — He bello esse pansamento! He como se dissesse: Ate'gora consenti, ó pobres, por meus altos juizos, que este desgraçado vos opprimisse; porem agora que o chamo a juizo, vos quero consolar, e enxugar as vossas lagrimas.

P. — Eu assim mesmo o entendo. Vejamos a tentação.

Entre as muitas vaidades, que ha no mundo, menciona o *Sabio* huma bem admiravel, e ao parecer inacreditavel.

He o *avaro*, que sendo unico, não tendo talvez nem irmão, nem filho, não cessa de trabalhar, e augmentar riquezas, considera, e diz comsigo: *Cui laboro*? Para quem trabalho eu, e definho a minha vida? *Cui laboro*, *& defraudo animam meam bonis*! *Ecclesiast.* 4. 8. He bem admiravel esta cegueira? Porem ponderando eu tal loucura, e o que se passa ordinariamente, lembro-me de que cobrem sua *avareza* com o pretexto das esmolas testamentarias. Não sei se nesta tentação do Diabo entrará tambem a ignorancia de indignos Confessores.

Th. — Essa he boa! Sem razão infamma os Confessores! Quer por ventura, que não os aconselhem a fazer taes testamentos, legados, e esmolas? Quer que morrão sem...

P. — Não quero tal; mas sim quero, que os desenganem, como devem, declarando-lhes que as esmolas, e legados daquillo, que ja não tem, nem possuem; não os livrará do inferno, que por sua *avareza* tem merecido. Que merecimento pode ter o que dá o que não tem?

Th. — Elle o dá em quanto vivo, pois testa vivendo.

P. — Que testação he essa? Que merecimento ha no escrever no papel, no prometter, se não larga da mão, se não quando o affogão? *Heu miser*, diz S. *Basilio* fallando com estes, *heu miser! Tunc liberalis cum hominibus, cum amplius cum hominibus non ages*! Miseravel! grande he a tua cegueira, quando pensas ter merecimento em tuas liberdades com os homens, quando com os homens ja não vives! a boa razão nada mostra mais claro, que esta inutilidade de merecimento. Posto que disponha em vida, a repartição, que he a que tem annexo o merecimento somente então se faz, quando ja não he seu, nem dominio algum tem, no que se reparte. Se a disposição vale cá no mundo, assim o pede, e exige a boa politica, mas não sei que possa valer para diante de Deos, que manda fazer bem em quanto vivo, e não depois de morto. O *avaro* quando sempre vivesse, jamais entregaria alguma cousa, do que por morte larga, por não poder mais reter.

D. — Temos visto, e conhecido a fundo a materia. Resta, P., que nos diga alguma cousa da terceira, e ultima proposição. Eu creio, que fica bem clara dizendo, que o *avaro* ama as riquezas, ama o dinheiro em lugar de Deos, e por isso a

Avareza he Idolatria.

F. — Pois olhe, que não ha gente mais devota, do que os usurarios, que são os peiores *avarentos* de todos. Nunca faltão nas Igrejas com as suas camandulas nas mãos; rezão muito a Deos, e aos Santos, aquem desejarião vender como *Judas*, que são.

P. — Sem duvida he verdadeira idolatria, e não sei qual mais culpavel, e abominavel aos olhos de Deos, se a dos Infieis, que por falta de luzes adorão os idolos, que julgão deoses, se os *Christãos*, que adorão o dinheiro, mais ainda do que se com effeito fosse seu Deos. He esta huma das muitas, e todas mui fortes razões, porque a *avareza* se faz execravel a Deos, e porque nada peior do que o *avaro*: *Avaro nihil scelestius.* Nada peior do que amar o dinheiro: *Nihil iniquius quam amare pecuniam.* Ponhamos de parte os effeitos da *avareza* relativamente ao proximo, e *Sociedade*, e vejamos este vicio abominavel, considerando-o somente por este respeito, isto he, o afferro, e amor ao dinheiro.

Não se pode duvidar que a *avareza* traz comsigo annexa a injustiça, a fraude, o dolo, a usura, e em fim a usurpação, e o furto; varios desejos, inuteis, e nocivos, que como affirma o *Apostolo*, perdem eternamente o *avaro* pondo-o nos laços do Diabo: *Qui volunt divites fieri, incidunt in tentationem, & in laqueum diaboli, & in desideria multa inutilia, & nociva, quae mergunt homines in interitum, & in perditionem.* 1. *Tim.* 6. 9. 10. Estas expressões são exactas em todo o sentido; e nós o temos visto em parte, se não em todo o respeito, Ponhamos tudo isso de parte, e nada mais ponderemos, que o maldito afferro, e amor do dinheiro.

Th. — O amor do dinheiro, ou das riquezas não he louvavel; porem elle he condemnavel, não porque em si seja merecedor de tormentos eternos, mas porque he causa de outros males, e peccados, que os merecem. Prova isto o não vermos tal preceito nos mandamentos de Deos; nem nos constar de hum modo incontestavel, e fidedigno que algum tenha sido condemnado por ser rico, e amar suas riquezas.

L. — O Sr. Th. me prevenio, pois he isso mesmo o que me propunha dizer; accrescentando somente, que apezar de dizer o *Evangelho*, que o rico da parabola morrera na mesma noite, em que cogitava destruir os seus celleiros para os reedificar maiores, não diz que fora condemnado.

F. — Deixe-me com elles, P., Digão-me lá, quaes forão os

peccados, que condemnarão ao inferno aquelle rico, que nelle foi sepultado? Eu não tenho lido em meus livros, que elle furtasse alguma cousa. Somente vejo *Lazaro* morrendo de fome...

P. — Não deixa de provar o que affirmo; porem terá melhor lugar em outra occasião. Eu concordo, em que as riquezas não condemnão, quando dellas se faz o devido uso, e não de outra sorte. Eu terei de pôr patente esta verdade na seguinte *Palestra*, pois que estas materias, jogando, e encadeando-se humas com outras, não podem ser bem desenvolvidas, se não correndo todos os anneis, que as prendem, e ligão: nem eu ainda quando o tenha feito me poderei lisongear de o haver conseguido pela sua enorme extensão, e vastidão.

Não são más as riquezas, quando ellas não cativão o coração, como ja disse: *Divitiae si affluant, nolite cor apponere.* Ellas são muito boas, quando dellas se faz o devido uso, como veremos. Ellas são pessimas no caso contrario. Não diz bem o Sr. Th. quando affirma, que não impoz Deos preceito a tal respeito, pois se melhor pondera-se, acharia, que são prohibidas com todo o rigor no primeiro Mandamento. Mandando nelle Deos, que o amem sobre tudo, o malvado *avaro* o inverte, não só não o amando sobre tudo, mas amando sobre tudo o dinheiro, e mais, e muito mais do que a Deos. Necessito provar este verdade para concluirmos, que o *avaro* he hum verdadeiro idolotra do dinheiro, e muito mais execravel do que os *Infieis.*

F. — Lavre ahi fundo, P.; ponha na figueira todos os *Judas*, principalmente os Iscariotas, que venderão a J. C., a sua Fé, a sua *Religião*, pela sua maldita *avareza*; pelos bens das suas Igrejas tem vendido a alma ao Diabo, e o adorão. Até a elle se encommendão; nem querem que os encommendem a Deos, com quem nada querem, mas tudo com o Diabo, como cá com estes ouvidos lhes ouvi ja dizer. Eu protesto que se o Diabo lhes prometesse dar-lhes dinheiro, e segura-los na posse de suas ladroeiras, no terreiro do paço lhe levantarião hum templo maior do que a Sé velha, e todos os dias o hirião beijar debaixo...

P. — Basta; tenha prudencia, e guarde a decencia devida.

F. — Eu digo a pura verdade, e ninguem me poderá...

P. — Pois bem; ja está dito. Eu não sei, se o *avaro* adora o dinheiro, se o Diabo; mas seus cultos a elle se dirigem, e de tal sorte que bem facilmente renuncia a Deos, a sua

Religião, a seus mandamentos, ao Céo, e em fim vende, e está prompto a vender ao Diabo sua alma pelo vil, e sordido interesse. Se isto não he adórar o Diabo, não sei, que outra cousa possa ser. Tão execravel he esta malvada paixão!

Tanto a execrava o *Apostólo*, que nem mesmo queria que entre os *Fieis* se tomasse na boca este nome, ou palavra: *Avaritia nec nominetur in vobis. Eph.* 5. 3. Elle exclue do ceo positiva, e decidamente aos *avaros*, por isso mesmo, que o são: *Avarus... non habet haereditatem in Regno Christi.* ℣. 5. Os *avaros*, diz em outra parte, não possuirão o Reino de Deos: *Neque fures, neque avari... Regnum Dei possidebunt.* 1. *Cor.* 6. 10. Notem, que falla desjuntivamente de ladrões, e *avaros*, pois que estes o poderão ser sem serem aquelles; e nem huns nem outros o possuirão. Vejamos as razões, que para isto dá. Entendei bem, diz aos *Ephesios*; que o *avaro* não terá herança no Reino de *Christo*, porque he servidor dos idolos, he escravo do idolo do dinheiro, he idolatra: *Avarus, quod est idolorum servitus, non habet haereditatem in Regno Christi.* O mesmo diz aos *Colossences*. Mortificai vossos corpos, e sobre tudo vossas paixões, a luxuria, a immundicia, a má concupiscencia, e a *avareza*, que he a servidão dos idolos, isto he idolatria: *Mortificate... avaritiam, quae est simulacrorum servitus. Col.* 3. 5.

Nem pensem que ha sentido figurado, hyperbolico ou allegorico na intelligencia destas palavras, se não mui positivo, e natural. O Propheta *Oseas* faz dizer aos ricos *avaros*: *Dives effectus sum, inveni idolum mihi*; eu consegui riquezas; com ellas estou contente; nem quero outro Deos, porque ja o tenho, que he a riqueza; estas são a quem sirvo, o dinheiro he o meu idolo, o deos a quem adoro; e outro não quero: *Inveni idolum mihi. Oseas.* 12. 8.

Bem claramente o disse J. C. no seu *Evangelho*. Ninguem pode servir a dois Senhores, diz: *Nemo potest duobus dominis servire.* Não parece exacto o sentido destas palavras, porque escravos haverão, que ao mesmo tempo sirvão a dois senhores. Porem elle tira toda a duvida, accrescentando: *Non potestis Deo servire, & mammonae. Math.* 6. 24. Vós não podereis servir a Deos verdadeiro, e ao idolo, ou deos *mammona*, que he o deos do dinheiro, e riquezas. Digamos embora, que *mammona*, palavra *Syriaca*, significa o dinheiro, ou riquezas, porque estamos na mes-

ma. Diz o *Senhor*, que ou se hade servir a elle, ou ás riquezas, não se podendo servir a hum, e outro juntamente. E porque razão? Nós a devemos inquerir, pois he ella a que nos porá tudo bem patente. O que faz a essencia do serviço de Deos, de sua lei, e da sua *Religião*, como temos visto com bastante extenção, he o amor de Deos.

D. — Lembrados estamos; e entendemos, que no coração, onde entra o amor do dinheiro, não pode entrar o amor de Deos, que forma o laço directo, ou primario da união da corporação de J. C. Não tem tambem o amor fraternal, que forma o laço transversal. Logo não póde ser membro desta *Sociedade*, e a deve hir fazer com os *Infieis*.

P. — Porem vamos levando estas cousas com methodo. Como não haja amor de Deos, não se podem prestar a elle os devidos serviços, porque devem ter por baze, e fundamento o amor. Por consequencia o *avaro* não adora a Deos; não lhe presta o devido culto. He isto huma verdade bem clara, e que nós ja vimos, quando fallámos do *Culto Divino*. Este não he outra cousa, que a reverencia, o respeito, a veneração, a obediencia, e em fim serviço que com a alma, e corpo prestamos a Deos. Isto mesmo se chama adoração, e com esta palavra, sendo que antigamente somente significava beijar a mão, agora explicamos todo o *Culto* religioso; e dizemos, que adora a Deos, quem amando-o com todo o coração, o respeita, o venera, reverencia, obedece, e serve. Tudo isto he bem claro. Mas bem claro fica, que os amantes do dinheiro, e riquezas, ás servem e adorão, prestando-lhe o que a Deos só devem, e fazendo das riquezas o seu deos, são execraveis idolatras.

Que elles prestão ao dinheiro, ou deos *mammona*, verdadeiros serviços, e adorações, que a só Deos se devem, não o negará quem ponderar com alguma reflexão, o que passa por hum *avaro*. Poucos serão os adoradores de Deos, e seus servidores que lhe prestem tantos serviços e adorações como os *avaros* ao seu *mammona*, ou idolo do dinheiro.

Th. — Porem elles não o reconhecem por Deos no seu entendimento, nem creem, que he deos, como os Infieis. Não deve ignorar que a Fé faz parte da verdadeira adoração,

P. — Não o ignoro; e sei ainda, que se para o devido *Culto Divino* he necessaria a Fé, contudo esta só nada presta. Não adorão a Deos os que tem a Fé, mas sim os que o servem. Nada vale a Fé, que não se acompanha de obras correspondentes.

Th. — Contudo bom lhes he conhecer a Deos, e ter Fé.

P. — Para seu mal. Fé tem os Demonios; e ainda fazem mais alguma cousa, pois creem, e tremem: *Daemones credunt, & contremiscunt. Jacob.* 2. 19, e contudo não deixão de ser Demonios. Se o avaro crè em Deos, do que duvido, elle não treme dos juizos de Deos. Estamos no ponto de verdadeira adoração, que ja defini; e quero saber, se por ventura o *avaro* adora a Deos verdadeiro, ou ao idolo ou deos *mammona*? Se póde servir a Deos, o que serve as riquezas?

D. — Queira responder o Sr. Th., e não deixe de advertir, o que mencionou o Sr. Ab., e ja mostrou nas *Disputas.*

Th. — O Sr. Ab. está mui bem versado nestas materias, e eu só devo tomar suas lições, e nada mais tenho a fazer.

D. — Pois temos concluido, que *avareza*, e idolatria são a mesma cousa, e não tem differença alguma.

P. — Muitas circunstancias fazem ainda muito mais aggravante a primeira; o que eu omitto. Tudo prova, que o malvado *avaro* não tem em seu coração outro Deos mais que o idolo do dinheiro, ou riquezas. Primeiramente elle o ama, bem como Deos manda, que somente a elle amem. Manda que o amem de todo o coração, com toda a alma, e suas potencias: exige o amor summo; e com razão, pois só elle o merece. Fará isto o *avaro*? Assim o faz, mas inverte o objecto. Elle na verdade ama, mas não o Deos verdadeiro: elle ama o seu idolo *mammona*, e o ama com o maior afférro do coração, e tanto que quem arrancasse ao *avaro* o dinheiro, lhe arrancaria o coração, que delle he dominado.

F. — Essa he a pura verdade; nem tem descanço, se não quando estão ao pé delle. Eu julgo que o dinheiro he o mesmo coração delles.

P. — A brutal alma de hum *avaro* he toda empregada, e com todas suas potencias no dinheiro, nas riquezas, e nos meios de as conservar, e augmentar de tal sorte, que Deos não poderia nella ter parte. Elles, se bem os observarem, em nada mais pensão. Se o quizerem conhecer, oução suas fallas, e conversas, e acharáõ, que em nenhuma outra cousa versa, nem sabem fallar, em mais, nem mesmo dizer duas palavras, a não ser sobre interesses, negocios, especulações, e meios de ganhar dinheiro, ainda que seja roubando, e bebendo o sangue ao pobre. Qual outro pensará mais de Deos, e de sua salvação, ou ainda tanto, do que o *avaro* pensa do dinheiro?

F. — Nem o maior santo que tem havido, ou haverá.

P. — Grande será, e mesmo do milagres, o que amar tanto a Deos como elle ama o dinheiro. Nem he vão, e esteril este amor, mas sim excessivamente effectivo; e por taes effeitos he, que se pode fazer idea da intensidade do amor, que lhes devora o coração. Eu não julgo necessario mencionar os trabalhos, e fadigas, que pelo dinheiro sofre o avaro. O que temos dito he bastante para concluirmos, que o *avaro* serve ao seu deos, como rarissimos servos do verdadeiro Deos o servem. Eis aqui que elles adorão o seu Deos, como poucos adorão o Deos dos *Ceos*, e terra. Não he comparavel o amor de Deos em seus effeitos, com o amor do dinheiro nos mesmos effeitos. Eu lhe acho huma differença que me parece infinita.

Queirão os Srs. fazer comigo esta reflexão. O amor de Deos leva a expôr, e dar a vida por Deos. Ninguem poderá duvidar, que se attendermos ao que pelo dinheiro faz o *avaro*; elle he verdadeiro martyr, até mesmo da propria vida. Neste sentido temos em balança estes amores. Porem faz toda a differença o fim deste martyrio. Que muito he dar a vida por Deos quando por ella tem certa o Martyr a vida eterna? Que porem direi do malvado *avaro*, sabendo, que o espera a morte, e tormentos eternos?

D. — Causa horror! Eu não posso sofrer taes monstros.

P. — Custa a decifrar este, que parece enigma; e não acho outro meio de o fazer, se não pelo embrutecimento, em que cahem, nada mais entendo que do dinherio, porque de nenhuma outra cousa pensão, e por isso nada mais lhes entra nos corações. Daqui vem o incrivel desprezo, que fazem de Deos, do *Ceo*, de suas almas, e de tudo o mais, que não he ganhar dinheiro.

Eu desejaria levar á vante, e estender-me nesta consideração; e verião, que hum *avaro* tudo despreza, ainda o que outros muitos desejão, como são honras, ambições, que não sejão rendosas, dignidades, prazeres: nem ainda mesmo costumão ter outros vicios. Qual será disto a razão? Não he outra, se não a nenhuma parte que tudo isso toma em seus corações, por isso mesmo que occupados sempre, possuidos, e dominados os corações pelo fogo da *avareza*, em nada pensão a taes respeitos; e he bem certo, que nada toma posse do coração, nem nelle faz impressão, nem acha entrada, se primeiro não occupa o intendimento: *Nihil volitum, quin praecognitum*: he hum axioma.

O mesmo diremos pelo que respeita a Deos, e sua salva-

ção. Nada lhes he mais indifferente, por isso mesmo que não lhes occupão taes sentimentos o coração; e dahi vem o desprezo, que fazem. Elles em nada tem as divinas Leis; os dias de guarda jamais serão respeitados pelo *avaro*, e em fim elles em tudo se portão, como bem dispostos a offender a Deos; a perder o *Ceo*, e a vender a alma, mais que perderem o menor interesse; elles por tirarem hum vintem de lucro, vinte vezes se darão em corpo, e alma aos Diabos.

F. — Oxalá que não fosse verdade. Esses desalmados me tem feito tremer o sangue, quando ouço taes blasphemias.

Th. — Contudo não deixão de se portar como bons Christãos, e devotos nas Igrejas, e em todos os actos de *Religião*.

F. — Sim Snr., com as contas nas mãos as estão fazendo ás bolsas alheias, contando, e descontando.

P. — Devotos são mas do dinheiro alheio, e não do serviço de Deos, que nada lhes interessa. A'vista de tudo o exposto julgo, que fica claro, que nada peior, que o *avaro*, e o amor do dinheiro. Inimigo de si mesmo, o mais cruel, e malvado contra seu corpo, sua vida, e sobre tudo sua alma. O maior inimigo da *Sociedade* he, e hum verdadeiro monstro entre ella. Se ha grandes inimigos de Deos, sobre todos excedem os *avaros*, e tanto mais, quanto a mesma *avareza*, o venceo.

F. — E com isso se diz tudo. A malvada *avareza* tem feito infinitos *Judas*, e o são todos os Incredulos.

P. — Se bem notar, a maldita, a infernal avareza tem sido a origem, e fonte fecunda d'onde tem brotado os immensos males, que ultimamente, passa de tres seculos, tem alagado o mundo; e não sabemos, quando se estancará. Não nego, que outras causas tem concorrido; porem he inegavel, que a não ser a maldita *avareza*, e avidèz das riquezas dos Reinos, dos bens das Igrejas, das casas Religiosas, e tudo o mais que élla possue, nunca progredirião revoluções algumas, nem contra os Reis, nem Estados, e muito menos contra a *Igreja*.

F. — Ah, P.! Agora regala esta alma! Vejão quem são esses Iscariotas, muito peiores que Judas....

P. — Examinem-se a fundo as guerras do Norte, na *Alemanha*, e em toda a sua extensão, na *Prussia*, na *Seccia*, na *Pollonia* nos seculos *Lutheranos*, a guerra do *Hugonottismo*, ou *Calvinismo* na *França*, e *Protestantismo* com toda a chusma de sectarios; vejão-se seus principios, e progressos, e se tocará com as mãos esta verdade incontestavel, que foi a infernal *avareza*, a que accendeo, e soprou

CC*

o fogo destas guerras, que devastarão a melhor parte do mundo; foi este dragão, que tirou a vida a tantos homens, que apenas se poderáõ calcular por milhões; foi esta féra, que tendo por dentes espadas, fez correr rios de sangue humano; e ainda sedenta, e sempre insaciavel faz correr, e fará, até que Deos com sua Mão Omnipotente encerre, arrojando no abismo, este monstro.

F. — Quando será isso, P.? Não nos devemos admirar, que a maldita *avareza* faça correr rios de sangue humano, pois que até fez correr o de J. C. Tal monstro não nos deixará, em quanto houver que roubar. Taes *Judas* não se enforcaráõ...

P. — Como á vista disto não deverá ser execravel aos olhos de Deos, e da *Sociedade* a malvada *avareza*? Podemos estar certos, de que a não ser este monstro nós presentemente estariamos no Paraiso, se não no primeiro, em outro mui semelhante.

F. — Estariamos naquelle, que os *Jesuitas* fizerão naquellas sociedades dos Salvagens da *America*.

P. — Assim mesmo o entendo. Erão estes Salvagens dominados dos vicios os mais affrontosos á natureza; menos porem da *avareza*; o que concorreo muito para a formação daquellas sociedades, e facilitou a sua união mais estreita, e mais bem ligada com os laços do amor fraternal, pois não existia ahi este monstro infernal.

F. — Mas foi de cá, aventando lá thesouros occultos.

D. — Estamos bem lembrados da união dessas *sociedades*, que era tal qual poderia ser a do primeiro Paraiso. Conhecemos que os *Jesuitas* com todo o seu saber, e prudencia jamais o conseguirião, se entre elles não houvesse tanto desapego dos bens temporaes, que apenas a autoridade, e prudencia, dos que respeitavão por seus pais, era sufficiente para conservarem o que lhes pertencia, e não se despojarem de tudo a favor de qualquer outro, ou deixarem-no perder. Admiro a prudencia dos *Jesuitas* em não admittirem entre elles dinheiro em moeda! Não ignoramos, quanto esta prudencia era justa, e interessante.

Julgo termos concluida a materia; e tenho esperado debalde, que fizesse menção daquelle famoso texto do *Evangelho*, em que J. C. affirma, que será mais facil entrar, e passar pelo fundo de huma agulha hum camelo, do que hum rico pelas portas do *Ceo*. Sei que minhas irmãas estão á espera de que diga alguma cousa a este respeito, pois não ignora, que temos abundantes bens, e que possuimos boa casa.

P. — E tambem não ignoro o bom uso que delles fazem.

D. — Pois sim; algum bem fazemos; porem não ignora, que todos somos solteiros, e não temos por ora tenção . . .

P. — Não ignoro que sendo todos solteiros tem muitos filhos, e huma numerosa familia.

F. — Assim he, que todos os pobres desta Villa, e por onde tem as suas quintas, e casas, são seus filhos, que amão como os olhos de suas caras.

D. — Isso não he virtude nossa, mas sim genio, e recommendação de nossos pais, com maldição de sofrermos a perda dos bens, que nos deixarão, e miserias, se não as remediassemos aos que as sofrem.

P. — Ainda bem, que teve taes pais! A difficuldade de entrar no *Ceo* hum rico, fica bem provada pelo que temos dito; e á vista disso fica patente, não só a mui grande difficuldade, mas a quasi impossibilidade da entrada no *Ceo* de tal gente, que J. C. claramente affirmou nessas palavras, que mencionou.

D. — Porem nós desejamos saber, se ellas se entendem unicamente dos *avaros*, que amão com excesso as riquezas, se tambem dos ricos em geral.

P. — A'manhãa querendo Deos os satisfarei á sua vontade. Concluamos esta materia fazendo huma necessaria advertencia. A maldita *avareza* nem sempre anda annexa ás riquezas, ella se dá ainda na pobreza; e eu não sei, quando ella he mais perigosa. Na definição desta palavra *avareza* temos que ella não he a riqueza, mas sim a avidêz, e desejo da riqueza. O que não possue esta, mui bem pode ser dominado daquella. Ricos ha, que possuindo abundantes bens, se podem chamar verdadeiros pobres de espirito, por isso mesmo que não amão essas riquezas, que mais se podem chamar dos pobres do que suas. Bemaventurados são estes ricos! *Beatus dives*, diz o Espirito Santo, *qui post aurum non abiit, nec speravit in pecunia, & thesauris.* 31. 8. Mas quam raro he! *Quis est hic, & laudabimus eum?* Quem será este rico, que se não levar do amor do dinheiro, e não abusa delle? Elle he digno de todo o louvor; porque elle he prodigioso, pois que o he esse mesmo desapego de seus bens: *Laudabimus eum; fecit enim mirabilia in vita sua.* ℣. 9.

Na maior pobreza mui facilmente se pode dar, e com effeito dá a maior *avareza*, aquella facil, e naturalmente instiga, e accende nos desejos de possuir o que não tem. Os effeitos desta temos visto na invasão dos bens alheios, ou

furtos, que de qualquer modo que se commettão, se tornão perniciosissimos á Sociedade de J. *Christo.*

He a esta a que sempre deve attender o Theologo, que pertender entrar no fundo de taes materias sob pena de se cançar em vão. O mesmo deverão os Srs. fazer na que fará objecto da seguinte *Palestra*; e será a *Esmola.* Na sua perfeita contraposição ás que nos tem occupado, acabarão de formar a perfeita idea da malignidade da infernal *avareza*, pois que então melhor se conhecem as cousas quando se contrastão com o seu opposto, e humas com outras se contestão.

D. — Temos entendido, que os odios fraternaes, os escandalos, as soberbas, e as *avarezas* atacão a *Sociedade* na cabeça, e no corpo. Na cabeça, isto he a Deos; no corpo, que he a mesma sociedade dos *Fieis.* Atacão-nos na alma, no corpo, na reputação, nos seus bens temporaes, na propriedade, e finalmente em seu bem estar. Eis aqui porque estes vicios, e maldades são gravissimos, e abominaveis aos olhos de Deos, por isso mesmo que se oppoem, combatem, e destroem sua *Sociedade*, e seu mesmo corpo, é tanto mais quanto são fortes estas paixões abominaveis. Como a *esmola* he em todo o sentido opposta a estes vicios deverá ser grande seu merecimento.

P. — He o que nos deverá occupar na seguinte *Palestra.* Bem he que ponhamos nesta ponto, pois que o dia ja o fez. Peçamos a Deos o verdadeiro desapego de coração das cousas deste mundo, e a benção de suas graças para o podermos fazer.

PALESTRA SEXTA.

Esmola.

PALESTRANTES.

Parocho, Deista, Theologo, Liberal, e Freguez.

Introducção.

Deista — Deite-nos a sua benção, Sr. Ab. Passasse bem desde ontem. Temos hoje grande auditorio, mas a maior parte he de pobres, que vem a receber aqui a sua esmola, que não a terão pequena na advogação de sua causa.

Freguez — Ja hoje tiverão outra no bom jantar, que lhes deo, não se envergonhando o Sr. D. nem suas Manas, de os servirem á meza.

D. — Não me queira vexar aqui em publico. Eu se o fiz, e minhas Manas, foi porque nossos pais assim o mandarão; e Vm. mais sua Mulher, e filhos a cada passo o fazem por virtude e não me puxe pela lingoa, quando não sabe aqui, o que tem feito pelos hospitaes, e carceres.

F. — Pois eu me calo; mas saiba, que lhe poderia descozer mui bem o fiado a tal respeito. Hum prazer tive hoje, e foi ver correr as lagrimas a estes dois Srs., ainda que a seu pezar, quando virão ao Sr. *Brigadeiro*, e suas Manas cingidos de toalhas entre os pobrezinhos...

D. — Deixemo-nos de taes contos; vamos a materia.

Liberal — Levem os diabos a *avareza*, visto que he vicio tão abominavel.

D. — E os *Anjos* lhe tragão a verdadeira liberalidade, não sendo somente liberal nas ideas, mas sim nas obras.

L. — Creia que estou resolvido a imita-lo.

F. — Bom vai! Que diz Sr. *Theologo*? Faz, ou não o mesmo?

Theologo — Eu não sou avaro, nem tenho com que o possa ser. Veremos o que hoje diz o Sr. Ab. da *Esmola*; de que nenhum preceito temos.

F. — Pois eu lhe protesto, que com preceito, ou sem preceito hade ficar no grande dia á esquerda entre...

Parocho — Não vá logo ás do cabo. Eu cumprimento aos Srs. e os felicito pelas suas boas obras de caridade, que são bem publicas nesta terra, e vizinhas. Eu me dou ainda os parabens de contar entre os meus principaes Freguezes tão bellas, e nobres almas, pelo grande prazer que nisso sinto; e rogo ao *Senhor*, queira recompensar com mais de cento por hum na abundancia de suas graças.

Antes que entremos na materia destinada, com que melhor devemos combater, e prostrar o monstro da *avareza*, que ontem debellámos, direi alguma cousa da pobreza, por onde principiou J. C. o extenso sermão do monte.

Razões da Pobreza, e Riqueza.

L. — Eu tenho, que oppôr fortissimos argumentos neste respeito a economia, que Deos quiz guardar no governo politico do mundo. O Sr. Ab. dirá quando possão ter lugar as minhas objecções.

Th. — Eu tambem tenho de mostrar, que a *Esmola* não he obrigatoria, pois não temos della formal preceito, e somente se exige para perfeição.

D. — Nego que assim seja, pois pelo mesmo, que se tem dito da *avareza*, fica clara a obrigação da *Esmola*.

Th. — Provo o contrario, pois J. C. disse...

P. — Se mo permittem, eu porei a materia em ordem, e methodo; sem o que nada adiantaremos; e não deixaremos de ter lugar proprio para as suas objecções.

D. — Assim deve ser. Deixemos fallar, e ouçamos o Mestre.

P. — O que deixámos dito do amor fraternal, e tudo o mais, que respeita á união da grande *Sociedade*, não só he applicavel, ao que temos a dizer, mas ainda hoje poremos a coroa a tudo, o que temos dito, com a beneficencia, a que damos o nome de *Esmola*. Em seu desenvolvimento poremos o remate á união da *Sociedade*, dando o ultimo nó, para que assim diga, nos laços, que ligão a sua união. Até agora em nossas *Palestras* antecedentes temos mostrado sim os laços do amor, impedindo ou procurando impe-

dir todo o odio, vingança, má vontade, e todo o mal, que se possa fazer a nossos irmãos, membros do mesmo corpo, ou seja em sua propria pessoa, ou em sua honra, ou em seus bens. Hoje porem passaremos adiante, isto he, á perfeição deste amor de Sociedade, que nos deve obrigar não só a não fazer mal, mas ainda a fazer bem, quando a necessidade de nossos socios, irmãos, e membros do mesmo corpo assim o exige.

Eis aqui porque eu digo, que hoje poremos a coroa ao amor fraternal, o remate a estas materias relativas á grande *Sociedade*, e daremos os ultimos nós aos laços desta união; com o que tambem acabarão de fazer idea, e adquirir maior conhecimento da santa *Religião*. Somente deste modo se póde entender a razão, porque J. C. nosso *Salvador*, poz a salvação de cada hum na beneficencia para com seus irmãos necessitados, isto he, a *Esmola*.

D. — Entendemos a ordem admiravel da Providencia na formação, e manutenção da sua grande *Sociedade*, e tambem a que o Sr Ab. vai seguindo; porem não nos queira fallar em ultimidades, porque temos ainda necessidade de muitas outras instrucções em varias materias.

P. — Eu não faltarei a dá-las. As ultimidades, de que fallo, são relativas á união da *Sociedade*, que forma a *Igreja* de J. C., e a mesma sua *Religião*. O que for bom socio, bom membro desta corporação, he o bom, e verdadeiro *Christão*. He o que temos visto nas onze antecedentes *Palestras*. A *Esmola*, a beneficencia, o soccorro dos necessitados porá o remate a tudo, e por isso não se deverão admirar dos grandes premios promettidos, ao que possuir esta virtude, e obrar este bem, desempenhando este dever.

Não ignoro, que ainda temos outro laço, que Deos nos lançou para nos unirmos com elle em *Sociedade*, e que tem na *Religião* hum lugar mui distincto, principal, e em certo modo, essencial; porem não sei se poderei fallar de tal materia, por ser bastante extensa. Deverão preceder outras, de que...

D. — Que nos diz, P.? Quando assim o não faça, não nos poderemos lisongear de possuirmos o devido conhecimento da *Religião*, que professamos. Queira dizer-nos que cousa he essa?

P. — A *oração*, palavra breve; porem que grandes cousas encerra! Ella forma hum outro grande laço, que liga Deos com o homem, os Ceos com a terra; e seu desenvolvimen-

DD

to faria conhecer cabalmente a economia da Providencia divina para com o homem em toda sua extensão, sem o que não se pode formar idea clara em tão interessantes respeitos.

D. — Rogolhe com todos estes senhores, que não nos desconsole.

P. — Sim, Senhor; eu o farei, se Deos assim o permittir. Tornemos ao ponto; e se me não engano, terá lugar brevemente a objecção do Sr. L. contra a divina Politica no governo do genero humano.

L. — Eu a exponho em breves palavras, declarando, que não he outro o meu fim mais que a instrucção em hum respeito, que me tem atormentado o entendimento ha muitos tempos. He este a riqueza, e abundancia de bens temporaes em huns, e a miseria em outros pela sua falta.

D. — Vm. ignora o que aqui se disse da Providencia de Deos. Eu julgo, que poderei satisfazer.

P. — Não poderá, porque então não pude dizer mais que o sufficiente para fazer emmudecer o *Jansenismo*, e *Calvinismo*; nem então me entenderião se dissesse mais, e não satisfiz de certo á objecção que o Sr. L. quer propôr.

L. — Eis aqui em que ella consiste. He certo, e mesmo artigo de Fé, que Deos dá a riqueza, e a pobreza a este, e áquelle, como he sua vontade?

P. — Assim o cremos: *Paupertas, & honestas a Deo sunt. Eccl.* 11. 14. A pobreza, e a riqueza de Deos vem, e elle as dá, a quem quer. He huma verdade que vemos bem clara em todas as sagradas paginas.

D. — Porem fica ja mostrado que as miserias, e trabalhos da vida são em castigo de peccados.

L. — Nem sempre o podem ser, porque vemos nascer a huns ricos, e outros pobres. Que peccados commetterão estes antes de nascer? Que merecimentos tiverão aquelles?

P. — Seu argumento tem muita força, mas á resposta satisfará sua duvida.

L. — Eu ainda a tenho pela boa razão da politica.

P. — Não a deve ter; antes essa exigia, que huns fossem ricos, e outros pobres, e he o que tenho a dar-lhe em resposta. Hum pouco de reflexão faria conhecer esta verdade. Contudo não me admiro de que o Sr. L. a não conheça, porque ninguem, que não conheça a *Religião*, poderá conhecer, e entender a boa, e verdadeira politica.

D. — Bem claro o temos nos nossos Legisladores *Atheos*, que ja não sabem, para onde se voltem.

P. — E contudo tem a Legislação divina, de que affectando o desprezo, seguem as luzes. Nós temos visto que toda a Legislação he divina, e não ha mais Legislação que a *Religiosa*, porque essa, que chamamos legislação civil, somente differe nos objectos, sobre que versa, e não no fim que se propõe; que não he outro mais que a boa, e mais estreita união da grande *Sociedade* religiosa, corporação de J. C., e sua *Igreja*; sua felicidade, e prosperidade. Nossos falsos politicos querem dividir a Sociedade civil da Sociedade *Religiosa*! Cegos! Somente a incredulidade os pode escusar de seu pedantismo. Isto seria fazer huma sociedade não de homens, mas sim de suas sombras, figurinos, ou pinturas, porque elles tem por sua natureza a *Religião* plantada na *Sociedade*, e em toda a *Sociedade* he fundada. Os que isto ignorão não passão de huns vis sevandijas em politica.

D. — Praze aos Ceos, que os Reis jamais admittão ao seu governo, quem não possuir a fundo a sciencia da *Religião*!

P. — Nem ainda á legislatura das cadeiras, em que se ensinão as Leis. Supposto isto, perguntarei, como poderia Deos legislar sobre o governo do genero humano, pô-lo em união, formar esta grande *Sociedade*, organizar esta sua Corporação em união com elle mesmo, pois que he a Cabeça, se todos os individuos, seus membros, fossem de igual, e semelhante condição isto he todos ricos? Eu esperarei resposta depois de a considerarem muito bem, pois de certo não a poderão achar.

D. — Isso seria impossivel. Se os homens não necessitassem huns dos outros, como poderião unir-se em sociedade?

P. — Eis aqui porque vemos tanta diversidade de condições no genero humano, ja pessoaes, e ja nos bens de propriedade; para que necessitando huns dos outros, bem como os membros no corpo humano, se formasse a união da *Sociedade*. Porem Deos mais a quiz formar com os laços do amor, do que com as cordas ou cadeas da pura, e dura necessidade corporal. Queirão fazer aqui a possivel reflexão.

Nós ja vimos, que Deos obrigou por gravissimas necessidades á *Sociedade* o genero humano. Porem he meritorio perante seus olhos, o que se faz por dura necessidade. Por esta razão vem J. C. a formar a sua *Sociedade*, Corporação, e Igreja, lançando-lhe outros laços, que são os do amor para comsigo, e o fraternal para com os Socios. Ora, a riqueza de huns com a necessidade de outros forma sim a *Sociedade*, porem ligada com as duras, e asperas cordas da ne-

cessidade, o que J. C. não quer na sua corporação. E que faz? Admiremos a divina economia! Deixa existir sim estas duras cadêas, porem lança juntamente os suaves, e dôces laços do amor para a ligar, fazendo nelles tanta força, como se não houvessem alguns outros. Elle põe na pobreza grande merecimento para consolar estes membros enfermos do seu *Corpo*, e promette o seu Reino, quem por seu amor os soccorrer, e alliviar seus males; do que sem duvida se deveria seguir a mais estreita união ligada com o amor. Os ricos beneficiando os pobres, e os pobres soccorridos, e favorecidos pelos ricos se formaráõ huma união com os laços de amor, que nada poderá desunir.

F. — He isso huma verdade tão certa, que eu affirmarei, que toda a pobreza desta villa, e redondeza daria a vida gostosa em defensa do Sr. *Birg.* e sua familia; pois não tem cousa que mais ame.

D. — O mesmo faria por Vm.; e não me envergonhe:

P. — Supposto isto, sem cujo conhecimento não poderiamos entender perfeitamente o valor da *Esmola*, vejamos primeiro o merecimento da pobreza.

Pobreza.

Como foi necessaria a pobreza nesta união de *Sociedade*, porque ella tinha a sofrer os rigores da necessidade, e miserias annexas, as oppressões, as vexações, e enfim tudo o que vemos ella sofre, e como Deos he, o que a dispensa, foi necessario, que de tal sorte a condecorasse, que indemnisando-a dos males, que lhe são annexos, a equilibrasse com a mesma riqueza, a fim de que se não pudesse queixar da sorte que o mesmo *Senhor* lhe dispensava. Com effeito de tal sorte o fez J. C. nesta sua *Sociedade*, que com hum pouco das luzes da Fé, e alguma justa reflexão, ficamos em duvida de qual merece a preferencia. Vejamos como este *Senhor* se expressa a tal respeito; advertindo, que tomo a pobreza em toda a sua extensão, isto he, todas as necessidades, oppressões, vexações, e tudo o mais, que a ella anda annexo. Eu não farei mais que repetir as formaes palavras do *Evangelho*, que são as de *J. Christo.*

Beati pauperes spiritu, são as primeiras palavras do sermão do monte; bemaventurados são os pobres de espirito, isto he, aquelles, que ou voluntariamente se fazem pobres, como são todos os *Religiosos*, ou os que sofrem a sua po-

breza com paciencia, e resignação, ou tem o coração desapegado das riquezas deste mundo. De todos estes se entende; mas faço somente menção da verdadeira pobreza, e necessidade corporal, sofrida com a devida paciencia. Bemaventurados são pois estes pobres, diz o *Senhor*, porque delles he o Reino dos *Ceos*: *Beati pauperes spiritu, quoniam ipsorum est Regnum Coelorum. Math.* 5. 3. Porque delles he o Reino dos *Ceos*, por isso elles são bemaventurados. Aqui temos a pobreza condecorada, e premiada e não menos, que com o Reino dos *Ceos*, o que jamais he promettido á riqueza, só sim quando della se fizer o devido uso.

Bemaventurados os que chorão, porque elles serão consolados: *Beati, qui lugent, quoniam ipsi consolabuntur*? Aqui temos os effeitos da *pobreza*, figurados nas lagrimas, sancionadas com a divina promessa da consolação, que quando se não verifique neste mundo, no futuro terá seu devido complemento. *Beati, qui esuriunt, & sitiunt justitiam, quoniam ipsi saturabuntur.* d.° 5. 6. Bemaventurados os que padecem fome, e sêde de justiça, isto he, porque sofrem injustas oppressões, e pela justiça, e virtude, porque elles serão saciados, e recompensados: *Beati, qui persecutionem patiuntur propter justitiam, quoniam ipsorum est Regnum Coelorum.* ℣. 10. Bemaventurados os que sofrem perseguições por boa causa, qual he o seu amor, a *Religião*, e em fim sofrem injustiças por justiça, porque de taes he o Reino dos *Ceos*.

F. — Diga-me, P.; não são esses mesmos aquelles, a quem os malvados Incredulos tem perseguido de morte?

P. — Sem duvida; e quando o sofrão com a devida paciencia, seus inimigos lhes abrem as portas do *Ceo*.

F. — E a elles se abrem as do inferno, em que não crêem, mas hão de crer, ainda que não queirão.

P. — Estas promessas na boca de J. C. equivalem sem duvida, se não excedem muito, aos bens, que as riquezas trazem comsigo. Não só isto, mas este *Senhor* ainda tomou debaixo de sua particular protecção a pobreza, sancionando a sua defeza com terriveis penas contra seus oppressores. Não parou aqui; mas passou tanto ávante na sua protecção, que vemos no *Evangelho*, o que a todos, que não profundão estas razões, pareceria incrivel.

D. — Julgo, que he o figurar-se J. C. na mesma pobreza, e tomar como feito a si proprio, o que a ella se faz.

P. — Assim he; e nós temos a desenvolver mais ao diante essa

verdade. Mas quem não admirará esta palavra na boca de J. C.: *O que fizerdes a hum pobre, a mim mesmo o fazeis!*

D. — He na verdade bem admiravel! e para se entender he necessario entender as doutrinas que nos vai expendendo. Ahi conhecemos bem a fundo a força dos laços, com que J. C. quiz ligar a sua Corporação.

P. — Para favorecer esta classe do genero humano, para indemnisar os pobres dos seus males, para os defender de toda a oppressão, e em fim os equilibrar com os ricos, elle lhes promette o seu Reino annexando-o na pobreza; elle nasce homem pobre, na pobreza vive; e finalmente toma tanto debaixo de sua protecção a pobreza, que faz proprias de sua Pessoa as offensas, e as beneficencias, o desprezo, e a estimação feitas á pobreza. Que mais poderia fazer? Nós desenvolveremos estas verdades; mas fiquem ja assentados estes principios dos quaes temos a deduzir grandes cousas.

D. — Confesso, que essa doutrina me abre os olhos a muitas cousas, que ainda ignorava, e agora entendo perfeitamente. Ainda recompensa Deos de outros modos alguns outros males physicos, que são como sombras neste quadro do genero humano, dando, por exemplo, habilidade, que supre a falta de algum membro do corpo, talento de entendimento aos cegos, avivando-lhes o tacto, e ouvido &c. Que lhe parece S. L.?

L. — Admiro a Providencia! Pelo respeito em que fallamos entendo, que obra Deos de tal sorte, como se dissera a esta porção do genero humano, isto he, os pobres: Eu devo fazer parte do genero humano pobre porque assim he necessario, para formar, e conservar a *Sociedade*; sobre vós cahirá esta sorte; porem não tendes de que me possais accuzar, porque Eu vos indemniso dos males, que a pobreza vos causará, de tal sorte que não possais ter inveja aos ricos. Alem de vos pôr no caminho mais facil do *Ceo*, com que coroarei a vossa pobreza, eu vos tomo tanto debaixo da minha protecção, que castigarei terrivelmente, a quem vos offender, e olharei como feito á minha propria *Pessoa* todo o mal, e todo o bem, que vos fizerem.

P. — Entende perfeitamente: mas queira ainda accrescentar, que Deos lhe diz: Felizes vós se sofrerdes com paciencia; felizes aquelles que vos soccorrerem nas vossas necessidades; desgraçados daquelles, que a ellas se indurecerem. Com isto teremos feito emmudecer os Incredulos, que mur-

murando contra a providencia, pensão, que tudo vai dirigido ao acaso, e temos adiantado no desenvolvimento da nossa materia. Temos porem de voltar a vista a outra face, ou respeito para tocarmos o fundo da divina economia na direcção e governo da sua *Sociedade*.

Ao mesmo tempo, que Deos por este meio providencía ao bem da *Sociedade* neste mundo, elle abre facil caminho ao *Ceo* ás duas cathagorias de pessoas, pobres, e ricos por meio da *pobreza*, e da riqueza, para que a todos facilite igualmente a salvação, e nem huns nem outros tenhão motivo algum de quoixa. He verdade que ponderadas bem as razões, crises, e circunstancias, a pobreza tem muito a seu favor sobre a riqueza, porem ella assim o merece pelos contrapesos, descontos do sofrimento. Contudo na mão do rico está ganhar o Ceo sem trabalho.

Porque pensas tu, ó rico, pergunta S. *Basilio*, que abundas em riquezas, em bens temporaes, e aquell'outro teu irmão pobrezinho anda mendigando por portas, cuberto de miserias, o bocado de pão, para prolongar os tristes dias de sua amargurada vida? *Cur tu abundas, ille vero mendicat?*

D. — A razão deve ser a que já se deo.

P. — Não he ainda sufficiente. Deos he fecundissimo não só nos recursos da sua Providencia, mas ainda nos meios, e nos fins a que a dirige. Se a pobreza, e a riqueza são distribuidas pela mão de Deos, e conforme a sua vontade, deveo ter ainda outro fim, que não fosse o só bem da *Sociedade* temporal. Nós vimos na primeira *Disputa* que Deos sempre obra por fins eternos. Elle os deve ter sem duvida em huma tão grande differença qual ha entre o pobre, e o rico. Compare-se hum pobrezinho, a quem até faltarão os trapos, para cubrir sua desnudêz, com aquelle a quem Deos deo meios de fazer tremer a terra com o estrondo de suas grandezas, e riquezas. Que differença? não são huns, e outros filhos do mesmo pai?

D. — Mas acaba de dizer, que Deos indemnisa grandemente os males da *pobreza*.

P. — E que me diz dos ricos? Por ventura quer Deos faze-los desgraçados, fazendo-os nascer ricos?

D. — Agora entendo. Com as riquezas lhes dá meios de salvação, pelo bom uso, que dellas deve fazer. Que admiravel he Deos em sua Providencia!

P. — Nem mais nem menos he essa a mesma razão, que dá o Sr. Doutor: *Cur abundas, ille vero mendicat, nisi ut bo-*

nae dispensationis merita consequaris, ille vero patientiae braviis decoretur? Lá anda o pobrezinho feito a mesma miseria sofrendo tudo, o que ella traz comsigo! Que desgraçado! Em que, ó infeliz, desmereceste tu a Deos, que assim te fez nascer? Oh, não; tu não es infeliz; tu sofrerás sim, mas por dois dias, quaes são os curtos espaços desta vida, e mesmo hum nada, hum ponto, que desaparece, se os comparares com a eterna felicidade, que te espera. Pela paciencia tu a conseguirás; a pobreza te abre o caminho, e a paciencia te tece a coroa da gloria; á tua paciencia breve, e passageira corresponderá a gloria eterna: *Ut patientiae braviis decoretur.*

Pelo contrario poderiamos perguntar ao rico: Porque razão te liberalisou Deos tanta abundancia de bens, ou te fez nascer no meio da abundancia? Se he bem mui mais superior á pobreza, em que o mereceste tu a Deos? Se he mal, em que desmereceste a hum Deos infinitamente bom, e justo? Sabe pois que he hum bem, que Deos te fez, pondote na mão a chave, com que mui facilmente abras as portas do *Ceo*, pelo bom uso dessas riquezas, de que Deos te fez como hum mordomo, bom administrador, e dispenseiro dos pobres: *Ut bonae dispensationis merita consequaris.*

Queira o Sr. Th. ter mais hum pouco de paciencia, e então satisfarei a seus desejos, dando-lhe lugar a expor os sentimentos, que o agitão, pois quero carregar mais a mão neste quadro da Providencia, que vou traçando. São estes os fins, que Deos se propõe na liberalisação de bens, e nenhuns outros. Intenta Deos facilitar-lhes por este meio a salvação pelo merecimento da boa dispensação. Perguntarei eu agora, que deveremos daqui concluir?

D. — Se me dá licença, eu concluirei huma cousa, que de certo não lhe agradará. Concluo, que Deos não guardou a devida equidade com as duas condições de pobres, e ricos, pois que se estes alcanção o *Ceo* pela só dispensação das riquezas, que Deos lhes dá, fica-lhes o *Ceo* de graça, visto que com tão pouco custo o ganha.

L. — Não custa tão pouco dar, o que se tem adquirido com trabalho, e diligencias.

D. — C'os diabos vão os seus thesouros, mais a sua avareza, e apêgo que tem ao dinheiro! Não me dirá para que diabo o quer, se não he para ter o prazer de fazer bem? Que pode custar fazer bem, com o que tem?

P. — Agradeça a Deos, Sr. Br., a rarissima graça, que lhe

faz, em lhe desprender o coração dos bens temporaes, e inspirar-lhe o amor de seus pobres; e creia que o Sr. L. tem razão. Nada mais custoso, do que largar o que muito se ama. Quando entra o amor do dinheiro, não se larga com tanta facilidade. Nós ja vimos a força que tem a maldita avareza em toda a sua extensão, com razão pôz em seu vencimento Deos a salvação do rico, como veremos.

Outra cousa temos a concluir da proposição, que puz, e que não agrada de certo ao Sr. Th., e he que os ricos, verdadeiramente fallando, não o são, porque os bens que possuem são mais dos pobres, do que delles possuidores. Sendo assim temos ainda outra conclusão a tirar por huma forçosa, e legitima consequencia.

D. — Essa sei eu deduzir, e he que os ricos não fazendo a devida destribuição, são verdadeiros ladrões dos pobres.

Th. — Quer sustentar, Sr. Ab., aquella proposição.

P. — Quero sustenta-la, mostrando, que estas mesmas são as intenções de Deos, de tal sorte, que a não ser por maior justificação de sua causa contra os ricos, ou em premio de algumas poucas boas obras, como ja provei, quando disputamos sobre a *Providencia*, não tem Deos outros fins na distribuição dos bens temporaes em abundancia, se não prover ás necessidades dos pobres, pondo nas casas dos ricos seus celleiros, a fim de que por este meio consigão ainda a sua salvação. Queira o Sr. Th. negar estes meus principios; porque elles estabelecidos, a conclusão he certa; e queira ainda dizer, qual outro fim se propõe Deos nesta distribuição; pois sendo elle o que assim o faz, não o pode fazer sem grandes fins; de outra sorte seria arguido de ociosidade.

Th. — O Sr. Ab. deve esquecer-se, de que nenhum preceito nos impôz J. C. da *esmola.*

L. — Eis ahi huma razão, que me parece não ter resposta.

P. — Não he muito que assim pareça ao S. L., attendendo á pouca lição, que tem dos sagrados Livros; porem o Sr. Th. affirmar que não temos preceito da *Esmola*..!

Obrigação da Esmola.

Th. — Eu admiro que assim falle! Queira mostrar-me esse preceito nos *Evangelhos*, que eu lhe mostrarei que não he mais do que conselho, para conseguir a perfeição, tudo o que nelles vemos a este respeito.

P. — Em quantas partes quer, que lho mostre? Em vinte, trinta, ou cem paginas de todos os santos Livros?

F. — Se me dixasse responder-lhe, eu o levaria á parede.

D. — Ou eu não sei onde estou, ou o Sr. Th. não entende de Theologia. Pois nós não temos preceito da caridade, e amor do proximo, como a nós mesmos?

F. — Eu apostarei, que este Theologo he de mão furada.

Th. — Creia sim, que não sabe onde está em materias de Theologia. Venha a sagrada *Biblia*, e nella lho farei certo.

P. — Aqui tem o Sr. Th. registado, o que deseja.

Th. — Pois veja aqui a J. C. dizendo ao moço rico, que se queria ser perfeito desse de esmola o que tinha: *Si vis perfectus esse, vade, vende, quae habes, & da pauperibus. Math.* 19. 21. Aqui o tem bem claro.

F. — Olhe, Sr. Br. que ahi vai *busillis.* J. C. não manda vender tudo, o que temos para dar aos pobres.

D. — Lembra-se bem; elle diz: Se queres ser perfeito, vende tudo o que tens, e dá aos pobres; vem e segue-me. Isto he, o que elle não manda; mas manda o amor do proximo, em que temos visto fundada a *Religião*; manda fazer a outros, o que queremos nos fação; manda...

Th. — Se o manda, não manda a *Esmola*, e aqui se vê bem claramente, e se o Sr. D. o não vê, he, porque ignora a Theologia. Devem confrontar-se, combinar-se os textos antecedentes, e subsequentes...

D. — Qual confrontação, nem combinação! O que eu aqui vejo, he isto: Se queres ser perfeito, vende tudo, o que tens, e dá aos pobres. Não he mandamento vender tudo para...

Th. — Nem o he a *Esmola*; porque este moço tinha cumprido os mandamentos necessarios, para entrar no *Ceo* como diz o texto; e não dava *Esmolas*.

D. — D'onde lhe consta, que as não dava?

P. — Eu rogo aos Senhores, que deponhão esses calores, pois não he com elles, que se indaga a verdade. Quando mo permittão; eu desenvolverei a materia de tal sorte, que dê occasião aos Senhores de pôrem as suas objecções com methodo, e ordem, para dar a conveniente resposta.

D. — Sim, P.; falle o nosso Mestre, e haja silencio.

P. — O ponto da questão primaria he, se os ricos são obrigados á *Esmola*, por isso mesmo que as intenções, e fins, que Deos se propôz nestas distribuições, não forão outros. Isto he, o que nos affirma S. *Basilio*, e queira dizer-me o Sr. Th. se nisto concorda?

Th. — Eu não devo concordar, porque não acho perceito; que sem duvida deveria impôr, quando assim fosse.

P. — Muito bem. Pode hum Deos obrar no governo dos homens sem fins grandes, e eternos? Se disser que sim, dirá, que obra ociosamente. Se disser que não, tambem deverá dizer, quaes são os que nisto se propõe.

Th. — Eu não digo isso, mas sim que os ignoro. Quando mos faça ver nos sagrados livros, os confessarei.

P. — Muito bem. Eu o farei; mas permitta-me, que continue no desenvolvimento da materia, sem que adiante cousa, que não possa provar; e descubriremos estes fins.

Tornemos a lançar as vistas sobre tão bello quadro, que por esta face nos apresenta a *Sociedade* formada por hum Deos; pois que he tal a sua bellera, que hum Philosopho *Christão* não se saciará de a olhar. Quem dos homens, ou d'entre quaesquer outras creaturas poderia idear tão bello quadro? Deos, e só Deos o pôde idear, e executar. Os membros de hum grande corpo pendem da união a mais estreita, que se liga pela necessidade, que tem huns dos outros, como vemos nos corpos humanos; o que ao mesmo respeito nos lembra S. *Paulo*, como ja vimos, mas nunca excessivamente admiraremos. Permittão-me ainda mencionar simplesmente o texto deste Apostolo.

Ha neste corpo de J. C., diz elle, divisões de graças, mas sempre o mesmo espirito: *Divisionis gratiarum sunt, idem autem Spiritus.* 1. *Cor.* 12. 4. Falla dos diversos dons espirituaes, que Deos divide na sua *Igreja*, conforme lhe a sua vontande, dando a huns espirito de sciencia, a outros de profecia, virtudes &c. a fim de que, necessitando huns dos outros, se unão em hum só corpo. Hum corpo, diz, tem muitos membros; e os membros, sendo muitos, não formão mais que hum só corpo: *Corpus unum est, & membra habet multa; omnia autem membra corporis cum sint multa, unum tamen sunt corpus.* Assim he *Christo* nesta sua corporação, ou corpo: *Ita & Christus.* ℣. 12. O corpo não he hum só membro, mas são muitos: *Corpus non est unum membrum, sed multa.* ℣. 14. Dirá por ventura o pé: Porque eu não sou mão, não pertenço a este corpo? Por isso mesmo que és pé, pertences ao corpo: *Si dixerit pes: Quoniam non sum manus, non sum de corpore: num ideo non est de corpore?* Dirá por ventura o ouvido, que por não ser olho, não he do corpo? *Quoniam non sum oculus, non sum de corpore.* ℣. 16.

Se todo o corpo fosse olhos, continua, onde estaria o ouvido? Se todo fosse ouvido, onde estarião os outros sen-

tidos? São pois muitos os membros com diversos officios, e prestimos para comporem hum só corpo, de tal sorte, que não podem dizer huns aos outros: *Opera tua non indigeo.* d.° 21. Ainda mesmo os membros, que parecem mais ignobeis, são os mais necessarios: *Multo magis quae videntur membra corporis infirmiora esse, necessariora sunt* &c. ÿ. 22. Daqui se segue, que não ha scisma, divisão entre os membros do corpo; mas se hum padece, todos sofrem, e se hum se regosija, todos se alegrão: *Siquid patitur unum membrum, compatiuntur omnia membra; si gloriatur unum membrum, congaudent omnia membra.* ÿ. 25. Vós sois pois, conclue, o corpo de *Christo*, e membros desta cabeça: *Vos autem estis corpus Christi, & membra de membro.* d.° 27.

Eis aqui como J. C. quiz, e formou este seu corpo em toda a extensão do sentido, isto he, tanto espiritual, como corporalmente. Nós o temos visto em todas nossas *Disputas*, e *Palestras*, pois este tem sido o objecto, que não temos perdido de vista, porque este mesmo corpo he a *Religião*, he a *Igreja* de J. C. Porem temos agora a notar, relativamente ao que temos entre mãos, que a nossa Cabeça, J. C. não cessou de lançar laços sobre laços a este seu corpo, para o ter bem unido. Sempre Deos assim o fez, porem J. C. tornou estes laços mais fortes, e por isso me refiro especialmente á sua corporação, que nós fazemos, e formamos.

D. — Isto encanta, Sr. L! Destas politicas não entendem os seus e nossos politicos. Elles deverião ter isto em vistas: porem elles não querem, nem entendem. Metto isto de permeio, P., para que tome respiração.

P. — Eis aqui novos laços pela pobreza, e riqueza de bens temporaes, por isso mesmo que necessitando os pobres dos ricos, e os ricos dos pobres, concorrão huns e outros para a união apertada deste corpo. Porem o que induz necessidade corporal, he duro. Os laços que forma a necessidade, que o pobre tem do rico, e este daquelle, são as puras, e duras cadeas; o que J. C. não quiz admittir nesta sua corporação, ou corpo. Amor, e mais amor deve formar seus laços. He isto o que temos provado. Eis aqui a *Esmola*, a beneficencia formando por meio da pobreza, e da riqueza estes dulcissimos laços de amor, que ligão o pobre ao rico, e o rico ao pobre.

D. — Eu affirmarei, P., que ainda não nos disse cousa mais

bella. Que encantadora he esta sciencia! Que lhes parece senhores? Que admiravel he Deos!

L. — Na verdade que nossos sabios são buns cegos.

P. — Eu julgo desnecessario discorrer sobre a força, que tem para ligar em união a *Esmola*, e a sua suavidade. Que a *Esmola*, a beneficencia, o soccorro em suas necessidades cativa com força de amor irresistivel o pobre ao rico, não podemos duvidar. O pobre fará gostoso guarda á vida, e bens de seu bemfeitor, e aborrecerá a propria vida, se este lhe falta. O rico ama fortemente o pobre, quando em seu favor liberalisa os seus bens.

A'vista disto, perguntarei eu ao Sr. Th., se com effeito lhe parecem estes os fins, que Deos se propôz na distribuição dos bens temporaes?

D. — Não poderá responder negativamente.

Th. — Digo, que na verdade me parecem mui proprios de Deos; porem quizera ver o mandamento.

P. — Eu passo a mostra-lo. Rogo-lhes, queirão não perder de vista, o que acabo de dizer, para conhecerem melhor, quando nellas entrarmos, as sancções, os premios, e os castigos, com que J. C. sanccionou estas suas Leis, e mandamentos da caridade; cujo desenvolvimento levará algum tempo, para satisfazer ao Sr. *Theologo*.

Eu julgo, que facilmente concordaremos todos, que a Caridade obriga no *Christianismo* mais, que no *Judaismo*. Se o Sr. Th. o duvída, eu passo a prova-lo.

Th. — Não o posso duvidar, pois o vejo bem claro no C. 5. de S. *Math.*, e em outras mais partes da *Escritura*.

P. — Por consequencia satisfarei, mostrando, que a *Esmola* era de preceito no *Judaismo*.

Preceito da Esmola no Judaismo.

Aqui tem o *Deutoronomio*, em que falla Deos por *Moyses* áquelle povo. Queira ler.

Th. — *Non deerunt pauperes in terra habitationis tuae; idcirco ego praecipio tibi, ut aperias manum fratri tuo egeno, & pauperi, qui tecum versatur in terra. Deut.* 15. 11.

D. — Que tal he essa, Sr. Th.? Eu lh'o digo, Sr. Fr. Não faltaráõ, diz o *Senhor* aos *Judeos*, pobres na terra, que hides habitar; por isso Eu vos mando que abrais a vossa mão ao necessitado, e pobre, que habitar comvosco nessa terra.

P. — Julgo, que nada mais seria necessario: porem queira ainda ler estes poucos ℣℣. do c. 4. do *Ecclesiastico*.

D. — Eu leio; porque o homem não vê as letras. *Fili, eleemosinam pauperis ne defraudes, & oculos tuos ne transvertas a paupere* ℣. 1. Filho, não defraudes a Esmola do pobre, e não apartes delle os olhos, como enojado.

P. — Queira notar essa palavra: *Ne defraudes*, não defraudes o pobre da *esmola*. Dizemos defraudar, quando se nega, ou tira o que se deve; e então ha furto. Eis aqui como o interpreta *Calmet* no sentido literal: *Ne subtrahas eleemosinam pauperi, ne deneges quod illi debes*, não subtrahas, não roubes o pobre da *Esmola*, negando-lhe o que lhe deves. Deve-se, diz, a *Esmola* ao pobre, e peccado semelhante ao furto he negar-lhe, o que necessita, e a ti não he necessario: *Debetur pauperi eleemosina, & simile furto peccatum est, ea non largiri, quibus pauper eget, tibique superflua sunt. ibi.*

D. — O *Texto* continúa a mandar, ou recommendar a *Esmola*; porem nisso fica dito tudo.

Th. — Porem *Calmet* falla do *superfluo*, de que só ha obrigação de dar *Esmola*, e não do necessario.

P. — Eu satisfarei. Vemos ja antes de J. C. mandada a *esmola*, e com formal preceito. Vemos, que o negar a *Esmola* ao pobre, que a necessita, he huma defraudação, he hum furto. E por ventura não coincide isto perfeitamente com o que affirmei, isto he, que os bens possuidos pelos ricos, são mais dos pobres, do que de taes possuidores?

Th. — Porem somente dos superfluos se pode dizer.

P. — Por ora não façamos essa distinção; mas logo terá lugar. Sendo isto assim; ja antes de J. C., quando menos obrigava a Caridade; os ricos devião ser os dispenseiros dos pobres; e eis aqui o plano divino, que ja então Deos se havia proposto. Mesmo desde a creação do genero humano, como he facil de provar; e o vou a fazer.

Obrigação da Esmola na Lei Natural e Christianismo.

Jesus C. fundou as suas maximas, e mandamentos da Caridade em hum, que não pode negar ser da *Lei Natural*, e sempre esteve em vigor desde a creação do genero humano: *Omnia quaecunque vultis, ut faciant vobis homines, & vos facite illis.* Eis aqui toda a *Lei*, e *Prophetas*, conclue: *Haec est enim Lex & Prophetae. Math.* 7. 12. Fazei aos outros homens, o que desejais, que elles vos fação; e tereis

ultimado toda a *Lei*, e o que os *Prophetas* vos mandárão. Não abrangerá por ventura esta base da *Lei Natural* a *Esmola*?

D. — Quem o poderá duvidar? Dahi vemos, que o mandamento da *Esmola* he tão antigo como o homem.

P. — Eu pederia, que me dissessem, e explicassem o modo, e meios de formar huma *Sociedade* sem este mandamento, e por consequencia a obrigação dos reciprocos socorros nas necessidades? Não seria isso menos que pertender levantar hum edificio sem alicerces. O Divino Mestre J. C. bem o mostrou, quando não obstante a intimação deste preceito a todo o genero humano, de tal sorte o intimou, o renovou, e o estendeo, que o fez como baze, e fundamento dos laços, que devião unir esta sua *Sociedade*, que são o amor fraternal.

Eu convidarei ao Sr. Th., a que me diga, se por ventura acha nos sagrados *Evangelhos*, e *Cartas* dos *Apostolos*, alguma cousa mais recomendada, intimada, e mandada, do que o amor fraternal effectivo? Queira notar, que fallo do effectivo, e não do só esteril, que he o que no interior do coração devemos ter a nossos irmãos.

Th. — Assim he que nada tão intimado; porem he o amor fraternal, ainda mesmo o effectivo, mas não a *Esmola*, pois apezar de se fallar della, não se manda.

D. — O Sr. Th. não sabe parte de si! Pois que outra cousa he o amor fraternal effectivo, se não a beneficencia, e o soccorro nas necessidades! E isto que he se não a *Esmola*? Desassombre-se, Sr. Th., da perturbação, em que está, e não se confunda em se fazer discipulo. Eu presumia saber alguma cousa; contudo se o Sr. Ab. me chamar á palmatoria, eu corro a dàr a mão.

P. — Tem extraordinaria humildade, que excessivamente o honra. O Sr. Th. deve ainda notar, que o amor fraternal esteril, que nas necessidades dos irmãos não apparece nas obras, não he verdadeiro amor, não he o que J. C. recommenda, e que exige na sua Sociedade. *Non diligamus verbo, ne lingua*, diz S. João, *sed opre & veritate*. 1. *Joan.* 3. 18. Não nos amemos somente nas palavras, e na lingoa, mas com amor verdadeiro, que appareça nas obras. Mas este mesmo amor effectivo he a *Esmola*; e eis aqui a *Esmola* tão mandada, e intimada, que parece fazer todo o fundamento das maximas de J. *Christo*.

Th. — Tomada a caridade, ou *Esmola* na esténsão do sentido, confesso que assim he.

P. — Muito bem; mas diga-me, em que faz consistir, quando não serve para remediar as necessidades daquelle a quem ama? Se assim o não faz, eu direi, que seu amor he vão; se não he o odio; amor não he.

D. — Eu peço, Sr. Ab., que passemos a diante; pois temos por certo, que a *Religião* de J. C. he fundada no amor fraternal, que não pode existir, onde se não remedião as necessidades dos irmãos.

Th. — Porem o Sr. Ab. ainda não satisfez ás minhas objecções, que fazem toda a força.

P. — Agora o farei. Queira propô-las com toda a força que puder, e defende-las bem.

Th. — Não ignora, que vindo hum moço *Judeo* consultar a J. C. sobre o que devia fazer para entrar no *Ceo*? Respondeo-lhe que guardasse os mandamentos: *Si vis ad vitam ingredi, serva mandata. Math.* 19. 17. Disse que os havia guardado desde toda a sua mocidade: *Omnia haec custodivi a juventute mea; quid adhuc mihi deest*? Que he o que me resta? J. C. então lhe respondeo: Se queres ser perfeito, vai, vende o que tens, e dá aos pobres: *Si vis perfectus esse, vade, vende quae habes, & da pauperibus &c.* ℣. 21. Que cousa pois mais clara? A *Esmola* he necessaria para a perfeição, e não para entrar no Ceo: *Si vis perfectus esse.* Sem a perfeição se pode nelle entrar.

D. — Para a perfeição he o vender tudo, e segui-lo; e he isto o que lhe disse J. C.: *Vende quae habes... & sequere me.*

Th. — Muito embora; elle disse que havia cumprido os mandamentos. Era isto, o que bastava; e o dar *Esmolas*, vendendo os bens, ou não vendendo, o exigio J. C. para a perfeição. Isto he innegavel.

P. — Mas queira dizer-me, se por ventura tambem he innegavel, que esse moço entrou no *Ceo* com esses mandamentos que cumprio? Em me fazendo innegavel a sua salvação, eu darei maior attenção ao seu argumento.

Th. — Se elle cumprio os mandamentos...

P. — E por ventura cumpri-os? Fallou verdade? Não he assim, que se ponderão devidamente as verdades divinas, como o fazem nossos *Theologos*. Devem notar, que este rico, não obstante dizer, que havia cumprido os mandamentos, e observado a Lei, não nos assegura de sua salvação; antes pelo contrario mostrou bem claramente J. C. a sua condemnação, quando voltando elle triste com tal resposta, affirmou que era mais facil entrar pelo fundo de

huma agulha hum camelo, do que hum rico pelas portas do *Ceo.* Que outra cousa são taes palavras do que claros annuncios da condemnação deste rico? Se a observancia, que elle disse, dos mandamentos fosse sufficiente para a salvação, e o fazer *Esmolas* não fosse mais que para conseguir a perfeição, *J. C.* não fallaria assim da sua salvação.

Th. — Como pois entende, e explica este facto?

P. — Dizendo, que elle mentio, quando affirmou haver cumprido os mandamentos. Quaes são os mandamentos? J. C. especificando alguns, mencionou, como em compilação, o que abrange a todos: *Diliges proximum tuum sicut te ipsum.* ℣. 19. Como poderia elle dizer com verdade, que havia observado este mandamento, se não dava *Esmolas*? Porem nós temos aqui mais, que notar.

Vemos este facto referido pelos tres primeiros *Evangelistas*, mas em todos mui succintamente; e mesmo em S. *Matheos*, que o refere com mais alguma extensão, vemos o sentido cortado. Tendo J. C. dito que para entrar no *Ceo* guardasse os mandamentos, a que elle respondendo affirmativamente, se fallasse verdade, não deveria exigir a desappropriação de todos os bens, porque essa não he mandada, mas sim aconselhada; e nem porque o não fizesse deveria ser excluido do *Ceo.* O caso he, que houve mais alguma cousa, e em todo o caso, elle não fallou verdade, affirmando que havia cumprido todos os mandamentos.

Com effeito *Origenes* affirma, que vira hum *Evangelho* deste St.° Apostolo, que conservavão os *Judeos*, e na propria, e original lingoa, em que foi escrito, que diz mais. Eis aqui como refere este passo. Guardas os mandamentos, disse o *Senhor* a este rico, concluindo, e mencionando o amor do proximo, como a si mesmo. Tudo isso tenho feito, responde. J. C. para mostrar sem duvida, e pôr patente o afferro, que elle tinha ás riquezas, e dar documentos sobre a maldita avareza, lhe diz: *Si vis perfectus esse, vade, & vende quae habes, & da pauperibus*; como se dissera: Para entrar no Ceo basta cumprir os mandamentos; para a perfeição he necessaria a inteira renuncia de todos os bens.

Quando ouvio tal resposta, que de certo não esperava, diz o citado *Evangelho*, que começara a coçar-se, como se costuma ordinariamente fazer, quando se ouve, ou succede, o que não agrada: *Coepit se scalpere, & non placuit ei.* Tomou então daqui occasião o *Senhor* para lhe di-

zer, ou perguntar: *Quomodo tu dicis Legem feci, & Prophetas, quoniam scriptum est; Diliges proximum tuum sicut te ipsum?* Como dizes tu que tens cumprido com a *Lei* e *Prophetas*, estando escrito, e mandado, que ames a teu proximo, como a ti mesmo? Tens por ventura isto feito? Porem eu vejo que muitos teus irmãos filhos de *Abrahão*, estão cubertos de esterco, e miserias, morrendo de fome: e estando tua casa cheia de riquezas, não vejo sahir della cousa alguma para remediar estas necessidades: *Ecce multi fratres tui, filii Abrahae amicti sunt stercore, morientes prae fame, & domus tua plena est multis bonis, & non egreditur omnino aliquid ad eos. ap. Alap. ibi.*

D. — Isso he o que parece mais natural.

P. — Com tal resposta, ou pergunta nada mais teve a dizer este avaro, que para nenhuma outra cousa estava menos disposto, que para o desapego de coração dos bens, como verdadeiro avaro. Elle se retira triste, e em silencio; porque tinha muitas riquezas, e não menos avareza: *Abiit tristis; erat enim habens multas possessiones.* ℣. 22. Foi então, que J. C. fallou da quasi impossibilidade da salvação de hum rico.

D. — Eis ahi o que eu quero bem explicado.

P. — Eu o farei; e tanto mais quanto temos aqui claras provas, do que vou affirmando. Ausentando-se este rico, voltando-se o *Senhor* aos discipulos, diz: *Amen dico vobis, quia dives difficilé intrabit in regnum Coelòrum.* ℣. 23. Eu na verdade vos digo, que hum rico difficultosamente entrará no Reino dos *Ceos.* Em S. *Marcos*, lemos: *Quám difficilé qui pecunias habent, in regnum Dei introibunt!* *Marc.* 10. 23. Quam difficultosamente entrarão no *Ceo*, os que tem dinheiros! He mais energica esta expressão, por ser de admiração. Os discipulos pasmarão com tal dito, perguntando-se, quem se poderia salvar? Para mais os confirmar nesta verdade, segunda vez lhes diz: *Iterum dico vobis: Facilius est camelum per furamen acus transire, quam divitem intrare in regnum Coelorum. Math.* d.° 24.

D. — Eu quero saber, que ricos são esses, porque eu o sou, e tremo de que falle comigo; porque então vai tudo passado aos pobres.

Th. — Não são outros que os avaros, de quem ja fallamos.

P. — Eu assim o creio, e fico bem certo, de que quem não dá *Esmolas*, o faz pela *avareza*: porem J. C. falla aqui em geral dos ricos, que tem, e possuem dinheiros; e não se po-

de negar, que elles se podem ter sem avareza: *Qui pecunias habent.* He verdade, que em S. *Marcos* especifica, os que confião nos dinheiros: *Confidentes in pecuniis.* ẏ. 24., mas a mim parece, que ainda se poderia dar esta confiança sem grande *avareza.* Sem ella poderá dizer o que o possue: Tenho muito dinheiro; posso jogar parte, gastar á grande, e confio que chegará para a minha vida. Este he rico, confia no dinheiro, e por isso he incluso nos de que falla J. C.; e contudo não tem a verdadeira avareza. Quaes são pois estes ricos?

Th. — Eu não gosto de alambicar estas materias, pois que são origem de escrupulos.

D. — Pois eu quero antes os escrupulos, do que relaxações.

P. — Os escrupulosos, e que desejão saber o caminho do *Ceo*, são, os que se salvão. Eu não posso mostrar estes ricos incursos na terrivel sentença da quasi impossibilidade da salvação, senão pelo que deixo dito, segundo o plano divino. Os ricos, que com suas riquezas não fazem bem á pobreza, faltão ao plano divino, que em suas mãos quiz depositar, remedio dos pobres, e necessitados; quebrão estes laços, com que intentou Deos ligar a *Sociedade* por meio da *Esmola*; elles não querem abrir o *Ceo* com as chaves d'ouro, que Deos pôz nas suas mãos; elles são verdadeiros ladrões dos pobres, porque lhes negão, o que lhes he devido. Finalmente elles não cumprem a Lei, nem tem visos de *Christãos*; porque sendo a *Religião* de J. C. fundada sobre o amor do proximo, elles não tem este amor, pois tendo meio de remediar as necessidades de seus irmãos, não o fazem. Eis aqui os ricos, de quem eu direi com a verdade divina, que mais facilmente passará hum camelo pelo fundo de huma agulha, do que taes entrarem pela porta do Ceo: *Facilius est. &c.*

D. — Pois bem; mas vejamos se he necessario dar tudo, ou que parte deve ser? Parece que ha opiniões.

Th. — Quando ainda seja de obrigação a esmola...

D. — Quando seja de obrigação! Vm. deve ser *Jansenista.* Pois ainda duvída que he de obrigação?,

Th. — Eu o creio pela força que me fazem os argmentos, e razões do Sr. Ab.; porem não obriga a mais, que a fazer-se a *Esmola* do *superfluo.*

Questão sobre o superfluo.

D. — Esmola do *superfluo*! Que, e qual he o superfluo?

Th. — Sim, Snr.; a esmola somente he obrigatoria em dois casos, e eis-aqui o que dizem todos os *Theologos* de melhor nota, e contra quem o Sr. Ab. não pode, nem deve hir sob pena de enredar e atormentar as consciencias.

D. — Bom enredador me parece Vm.! Vamos lá. Vejamos...

F. — Eu protesto que he *Jansenista* rabudo, e avarento.

Th. — Que somente do superfluo se deve a *Esmola*, ja fica provado por D. *Agostinho Calmet* no texto citado do *Ecclesiastico*, e mencionado pelo Sr. Ab. Eu lhe rogo, que o repita.

P. — *Debetur pauperi eleemosina*, & *simile furto peccatum est*, *ea non largiri*, *quibus pauper eget*, *tibique sunt superflua.*

Th. — Alli tem. *Calmet* he bom *Theologo*. Convenho com elle, que seja furto não dar ao pobre, o que necessita, mas daquillo, que he superfluo.

D. — Muito bem; eu ja lhe respondo: Diga-me qual he o outro caso, que diz; e responderei a ambos.

Th. — He a occasião, em que obriga; e então he na gravissima, se não extrema, necessidade.

D. — Com seis centos demos! Pois eu hei de esperar que meu irmão esteja ja a dar os ultimos bocêjos de vida, ou que passe tres dias sem comer, para lhe accudir com o pão? Esta he a caridade, e ainda a honra de hum coração bem formado? Hei de ainda esperar, que tenha superfluo? Se algum monstro, ha desta qualidade, sou capaz de lhe traspassar o barbaro coração com esta espada.

P. — Socegue-se Sr. Br., e não tome tanto calor.

D. — Não posso sofrer barbaros crueis com os pobres. Diga-me, que entende por superfluo? Quando terá algum o superfluo?

Th. — O superfluo he o que se não necessita, attendidas, e e ponderadas todas as circunstancias, e se faz desnecessario.

D. — Então bem: entendi que queria dizer outra cousa. Já me calo, menos com a necessidade gravissima, que não posso sofrer. He isso pois, o que quero ponderar. Eu tenho muita cousa, que julgo superfluo, e em que quero fazer huma verdadeira reforma, e ja tenho nisso concordado com minhas Manas. Ellas se me tem queixado de que quanto mais dão, mais tem; mas havemos de dar hum grande corte por muita causa, e havemos de ficar pobres, como os outros pobres.

F. — Não consinta. P.; olhe que os pobres ja estão a chorar.

P. — Então que quer fazer com isso? Quer roubar os pobres, privando-os do seu patrimonio, e celleiro? Em quanto Vm. for rico, tem os pobres seu celleiro, e suas riquezas em sua casa. Nem Vm. nem suas Manas são ricos, antes mais pobres do que os outros pobres, pois estes são os senhores de suas riquezas, e delles são mais proprias do que suas. Não são mais do que huns meros dispenseiros dos bens dos pobres. Seja pois bom dispenseiro, conservando os bens dos pobres.

D. — Então não sei qual he o superfluo. Hirá fora a parelha, e mais algumas cousas, sem as quaes posso passar.

F. — Não consinta. P.; porque a sege serve para as Manas hirem recatadas, onde lhe he necessario; e ja tem servido para levar enfermos ao hospital.

D. — Pois então cortarei pela mesa; pois com muito menos...

F. — Não consinta, P.; porque ainda que he muito farta; fora os cestos, que vão para as casas particulares, vai tudo para a pobreza, e muitas vezes por isso mesmo deixa os melhores pratos.

D. — Não me envergonhe. Se isso faço, não lhe ganho; e o faço não por virtude, mas porque se me tapa a garganta, lembrando-me que alguem está morrendo de fome.

P. — Nós fallamos dos ricos, Sr. Br.; e quem assim usa dos bens, que Deos depositou em suas mãos não o he, mas sim verdadeiro pobre. Se Deos lhe dá muito, e lhe liberalisa os bens á proporção, ou ainda mais do que dá, o faz por isso mesmo, que he bom dispenseiro, desempenhando Deos a sua promessa de dar, a quem dá, alem do cento por hum na outra vida, e ainda nesta, que são as suas graças. Esteja pois socegado. Vejamos, Sr. Th., o que entende por superfluo? Eu concordarei com a turba Theologica moderna, ou qualquer que seja, que apenas sugeita á obrigação da *Esmola* o *superfluo*, huma vez que concordemos na verdadeira intelligencia, do que he o *superfluo*. Queira pois dizerme se concorda comigo.

Eu entendo por *superfluo* á vida aquillo, que presentemente a ella he desnecessario. Entendo que quando hum homem tem dois pedaços de pão, podendo sustentar com só hum hoje a vida, o outro lhe he *superfluo*.

Th. — Não se pode entender assim, pois se he superfluo para o dia de hoje, não o he para o dia de amanhã.

P. — Porem se tiver tres pedaços de pão, não lhe será o terceiro superfluo?

Th. — Não será, porque o necessita para outro dia.

P. — Queira pois dizer-me para quantos dias deverá ter para julgar da superfluidade de hum bocado de pão?

D. — Isso de *superfluo* he huma quimera, e falso pretexto, para encubrir avarezas, ou crueldades. Se formos a ponderar as necessidades, que haverão para o futuro, nunca haverá *superfluo*, pois em huma hora cahe a casa. O mais rico pode impobrecer. O avarento, o ambicioso, o vanglorioso, e em fim essas gentes do seculo, que vivem mais como gentios, que *Christãos*, jamais terão *superfluo.*

F. — Diz bem, Sr. Br.; quando terão *superfluo* esses Incredulos peiores que gentios, que desfrutando grandes rendimentos, talvez amassados com o sangue dos pobres, andão por essas partidas, essas sociedades, essas... Vão-lhes dizer, que repartão com os pobres! Só se forem pontapés. Carros de dinheiro que lhe cheguem, nem huma de cinco lhes he *superflua*, pois tudo he pouco para o estado, para a moda, para a modista, para o jogo, para o theatro, para a maleita que os leve. E não faltão calotes.

P. — Não poderá fixar de tal modo Sr. Th. o *superfluo*; e sendo assim, a obrigação da *Esmola* se torna illusoria; se não queira dizer-me quando, e em que occasiões prefixão o *superfluo*, porque eu lhe mostrarei que o não ha, segundo as regras que quer seguir.

Th. — Pois queira o Sr. Ab. prefixar a obrigação de a fazer, e combater os Theologos, que sigo.

P. — Enforque taes Theologos, que fechão os olhos á verdadeira Theologia, talvez porque a ignorão, levando o *superfluo*, aonde querem. Aqui tem hum verdadeiro Theologo, a quem todos devião seguir, S. *João* o Apostolo. Eis aqui diz elle na sua primeira *Carta*, em que conhecemos a caridade, e amor, com que Deos nos ama: *In hoc cognovimus charitatem Dei, quoniam ille animam suam pro nobis posuit.* Elle deo por nós a sua vida; e nós devemos imita-lo pondo tambem nossas vidas pelos nossos irmãos: *Et nos debemus pro fratribus animas ponere.* 1. *Joan.* 3. 16.

He aqui onde o Santo Apostolo vai buscar a raiz da verdadeira caridade, beneficencia, e *Esmola*; como se dissera: Se quereis saber até onde se deve estender o amor fraternal, ponde os olhos em J. C., lembrando-vos de que por nosso amor elle deo a propria vida. Do mesmo modo nós devemos pôr nossas vidas pelos nossos irmãos: *Nos debemus pro fratribus animas ponere.* Este mesmo amor de

J. C. deve arder nos nossos corações amando nossos irmãos até á morte.

Pondo este principio passa logo a deduzir a obrigação da *Esmola*, occasião, e circunstancias: *Qui habuerit substantiam hujus mundi, & viderit fratrem suum necessitatem habere, & clauserit viscera sua ab eo, quomodo charitas Dei manet in eo?* d.° 17. Vamos a ponderar devidamente estas palavras, que em tal respeito devem fazer a base de toda a Theologia, de que nossos Theologos, para merecerem este nome, se não devião apartar.

Não diz o Apostolo: O que tiver bens, *superfluos*, o que tiver muitas riquezas; mas só, e simplesmente: O que tiver substancia deste mundo: *Qui habuerit substantiam hujus mundi*, isto he, o que tiver bens ou meios com que possa remediar as necessidades. Não declara, se muitos, se poucos, se pequenos, se grandes. O que pois tiver bens com que possa remediar as necessidades, e vir que seu irmão as sofre: *Viderit fratrem suum necessitatem habere*, vir que seu irmão tem necessidade, e fechar, endurecer suas entranhas, não lhas remediando: *Clauserit viscera sua ab eo*, como pode ser, que este homem tenha a caridade e amor de Deos? *Quomodo charitas Dei manet in eo?* Queira mostrar-me aqui essas gravissimas necessidades? Eu não vejo, se não a simples necessidade: *Viderit fratrem suum necessitatem habere*; não declara nem a condição, nem qualidade, nem gráo; nem gravidade, nem extremidade; mas somente falla em necessidade, qualquer que ella seja, que pese sobre seu irmão, e elle conheça: *Viderit fratrem suum necessitatem habere.*

Eis aqui pois o seu sentimento a tal respeito. Aquelle que vendo a seu irmão em necessidade, e podendo remedia-la, o não faz, nem tem caridade de Deos, nem tem espirito de *Religião*, nem he christão, nem he membro da Sociedade de J. C., porque não acode a hum outro membro do mesmo corpo. Ninguem dirá que este não he o sentido genuino, e natural do Apostolo em taes palavras.

Perguntarei eu agora, porque motivo, porque razão, e com que direito os Theologos inventarão as doutrinas de superfluos, e de gravidades, gravissimidades, e extremidades de necessidades? Onde acharão essas distincções, para andarem medindo as obrigações da *Esmola*, dando occasião a malvados avaros de maior, e mais cruel avareza? Onde o acharão? Aqui temos a fonte pura; e não sei d'onde

tirarão essas agoas turvas, e lodosas, para corromperem a pureza das verdades santas.

Th. — Mas o Sr. Ab. não pode negar, que conforme os gráos da necessidade, assim he a obrigação do soccorro, que se deve prestar.

P. — Eu não ignoro, que quem vê a seu irmão sofrendo huma necessidade gravissima, em que periga a sua vida, e o não soccorre, não he christão, nem sombras tem de *Religião*, nem homem he, mas sim huma fera, hum monstro, que podendo livrar seu irmão da morte, o mata, por isso mesmo que podendo, e devendo livra-lo da morte, o não faz. Os senhores Theologos dispensem-se de nos virem com as obrigações da *esmola* em taes occasiões. Tambem os dispenso do trabalho de nos fallarem dos differentes gráos da necessidade do nosso irmão, para nos dizerem: Aqui obriga, alli não obriga; porque eu não vejo, que assim o fizessse este divino *Theologo*, S. *João*, ou o *Espirito Santo* por elle. Somente falla simplesmente em necessidade, affirmando; que não tem Caridade, amor de Deos, o que podendo, a não remedêa; por consequencia não he christão, não tem *Religião*.

Tambem não nos falla em superfluos, nem nos muitos haveres, nem ainda em riquezas; mas simplesmente em substancia deste mundo: *Qui habuerit substantiam hujus mundi*; isto he, bens, possibilidades de soccorrer a seu irmão. Convenho de boa vontade, que se dê a esmola do *superfluo*, porem entendão, como devem entender este superfluo. Eu tenho hum pão, que me he sufficiente para remediar a minha presente necessidade; outro que tenha me he superfluo; com elle devo soccorrer a meu irmão. Entendão-no assim, e ficaremos concordes; e não andem prestando occasiões de illudirem este divino preceito.

Eu lhe apresento outro grande *Theologo* de igual autoridade a que devião abrir os olhos todos os Theologos. He o grande *Tobias* pai, documentando a seu filho; e note que precedeo muitos seculos a J. C.: *Fili, ex substantia tua fac eleemosynam*; filho faze a *Esmola* da tua substancia, dos teus haveres, e não apartes o teu rosto de algum pobre: *Et noli avertere faciem tuam ab ullo paupere.* Assim o faze, para que o *Senhor* tambem não aparte de ti a sua face: *Ita enim fiet, ut nec a te avertatur facies Domini. Tob.* 4. 7. Queira agora notar. *Quomodo potueris, ita esto misericors.* ℣. 8. Conforme as tuas possibilidades, assim serás misericordioso com os pobres. Se muito

tiveres, dá, e dá com abundancia: *Si multum tibi fuerit, abundanter tribue.* Se pouco tiveres, dá com boa vontade o pouco desse pouco: *Si exiguum tibi fuerit etiam exiguum libenter impertiri stude.* ℣. 9. Eis aqui, Sr. Th., a Theologia que eu entendo; e de boa vontade renuncio a qualquer outra.

Deve o Theologo marchar debaixo destes principios, se não quizer errar; e o *Christão* os deve praticar, e desempenhar, se por ventura se quer salvar. O primeiro he que deve amar a seu irmão, como a si mesmo. O segundo, que os bens que possue, se são em abundancia, são mais dos pobres, do que seus proprios. No primeiro, o *Chistão* não amará a seu irmão como a si mesmo, se do modo que lhe for possivel, não remediar suas maiores necessidades. No segundo, elle tanto mais deve soccorrer os pobres, quanto será hum ladrão, negando-lhes o que de obrigação, e por todo o direito lhes deve.

Th. — Com tal doutrina alarma o Sr. Ab. ás consciencias!

P. — He isso mesmo, o que intento, para que olhem pela sua salvação, conhecendo as obrigações, que lhes impõe a *Religião*, se acaso a querem ter.

Th. — Não pode duvidar, de que ha muitas pessoas ricas, que não sendo esmoleres são mui devotas, e boas...

P. — Duvido com toda a minha alma, e mesmo nego, que tal devoção o seja, ou mereça alguns agrados perante Deos, porque faltão ao mesmo fundamento dá *Religião*, que professarão, e mesmo parecem renuncia-la.

Falsa devoção sem caridade.

F. — Eu lhe digo, P., a quem o Sr. Th. chama almas devotas. São humas santinhas almas, que não vão ás *Igrejas* sem o seu livrinho; sim rezão muito, tem muitas devoçoes, e se confessão com frequencia. São as mais bellas almas, mais caritativas, mais condoidas, que pode haver, mas he com a macaquinha, com o doguezinho, com a cadelinha, ou cadelinhas, e gatinhos. Com tanta caridade são tratadas, que terão por grande crueldade, se não repartirem com elles do melhor pratinho; pélo menos os melhores bolos, o miolo do pão com a melhor manteiga. Popre e desgraçada creada, que com a vassoura lhes chegou, porque lhe sujarão a casa, que tem de lavar. Bem pagas porem são aquellas, que em boa, limpa, e ensaboada agoa muito bem os lavão,

enxugão, e penteão muito bem, para que as senhoras sem escrupulo os possão beijar não sei se no fucinho, se em outra parte.

Que direi se o gatinho, o doguezinho, a macaquinha não quer comer por indigestão que teve? Tudo anda envolto, e quem vir de fora, suspeitará, que está a morrer o filho morgado da casa. Venha sirurgião, venha medico para tomar o pulso á mimi. Se morre, que choros, que lamentos, que funeraes! São necessarios novos lançóes, novos travesseiros, e bem engomados para descançar em páz; não deve ser enterrado, mas sim posto em hum mausuleo de fina pedra, e versos elegantes feitos pelo melhor poeta, para que gravados na pedra, e polido marmore se eternize sua memoria...

D. — Bravo! Que bella discripção, que por desgraça he verdadeira!

F. — Espere, que ainda não fallei do rigoroso, e pesado luto, que deve durar por hum anno, e por hum mez se devem esperar os pezames. Isto fazem estas boas, piedosas, e santinhas almas! E que fazem os pobres de J. C., seus irmãos? Respondão-me: Que fazem? Os pobrezinhos nem a porta lhe conhecem; passão de largo. Eu quero saber, P., e o conjuro, para que me diga, o que se passará com estas santinhas almas diante de Deos?

P. — E como o direi eu? Apenas o farei com o grande Doutor S. *João Chrisostomo*, que pareceo não achar palavras, nem expressões dignas do horror, que sentia no coração por tal barbaridade. *Quot ignei fluvii ad hujusmodi animam depascendam satis esse possunt*? Que rios de fogo, exclama, poderão ser bastantes para atormentar taes almas? *Tu netam solicitam curam alendi canis gerere*? Tu malvada alma com tanto cuidado de pensares o cão, sem te condoeres das miserias de teu irmão, que morre de fome? Com razão clamaráõ a Deos contra ti estes seus pobres, e de hum modo, que não poderáõ deixar de pór em furor sua ira. Elles dirão: *Senhor*, porque me não fizeste macaco, cão, ou gato daquella dama, ou bruto animal daquelloutro? Eis alli elles são bem tratados, pensados, e regalados; e eu morro á fome. Malvada alma, que rios de fogo te esperão? *Quot ignei fluvii ad depascendam animam hujusmodi satis esse possunt*?

Assim se expressava este grande homem, não achando palavras dignas de tanta crueldade. Taes almas são mais da cathagoria brutal, do que humana; brutos são, e brutos amão; jamais taes almas entraráõ no espirito da *Religião*. O mes-

mo com pouca differença digo de todos, os que consomem seus bens em luxos, em jogos, em theatros, em modas, e no mais, que o inferno tem inventado, para se encher destes monstros, e não homens. Estejão certos, que todas chamadas devoções são vãas; não haverá jamais verdadeira devoção, e virtude, se não tiver por fundamento, ou for acompanhada da caridade: nem taes devoções os livrarão do inferno, que os espera. Eu vou a mostrar.

F. — Que não veremos no grande dia!

Th. — Eu não approvo, que se anteponha ao bem dos pobres o cuidado dos animaes; porem muitas almas devotas ha, a que se não pode negar a virtude...

D. — Não a terão se não forem caridosas. As provas em que se firma o Sr. Ab. vão sendo bem claras. Acho muita razão ao que diz o Sr. Fr. Almas ha, que parece fazerem o forte de sua Caridade unicamente com os animaes, de que ainda se acompanhão nos Templos não sei se para os profanarem, se para insultarem a Deos, se para escandalisarem o povo christão, que ahi vai. Como chamará Vm. aos gastos que se fazem com taes animaes? Com as despezas, que com elles se fazem se sustentarião muitas devoções; mas fartas e regaladas, modas, e luxos, e o mais, que desejão, jamais se lembrão das necessidades do pobre, que está morrendo de fome. De que lhes servirão taes devoções?

P. — Não nos enganemos com falsas devoções, nem algum presuma salvar-se, se não o procurar pelo amor de Deos, e de seu proximo, como vou mostrando. Quem de outra sorte o pertender não conhece a Religião.

Resposta a hum argumento forte.

L. — Eu tenho que propor, e he huma consequencia, que infiro das doutrinas expendidas, mais propria para a destruição da boa politica, do que para sua manutenção. Eis aqui como eu argumento: Se os bens, que possuem os ricos são mais dos pobres do que seus, visto que são seus dispenseiros, tem aquelles direito de lhes lançarem a mão por isso mesmo, que são seus. Porem isto he hum absurdo, exceptuando o caso de extrema necessidade, porque então: *Omnia sunt communia.* Deverá provar, que o não he, e eu provarei affirmativamente; ou que he falso dizer que são dos pobres; ou que Deos não legislou bem fazendo aos pobres senhores de propriedades, de que lhes nega o uso.

P. — Nem huma nem outra cousa. Os bens dos ricos são dos pobres; e eu assim os chamo, não porque estes tenhão dominio, ou direito de propriedade em taes bens, mas sim porque esta foi, e he a intenção divina na sua distribuição.

L. — Porem mesmo assim devia dar-lhes direito á sua posse no caso, que se não cumprão os fins que Deos se propôz. Porque o não fez?

P. — Por isso que fazendo-o, destruiria a boa ordem da *Sociedade.* O Sr. L. não entra no fundo da materia, talvez porque eu não me tenho exprimido assás bem.

D. — Muito bem o tem feito. O Sr. L. está atarantado com o temor de abrir os cofres. Eu digo como entendo: A communidade de bens, sem duvida muito boa na grande *Sociedade*, não podia ter lugar em toda a sua extensão. Foi necessaria, mesmo para a ligação da união, e para abrir caminho franco para o *Ceo*, a riqueza, e a pobreza. Foi ainda necessaria a verdadeira posse, direito, e dominio de propriedade, pois de outra sorte a riqueza se tornaria illusoria, e não se conseguirião os bens da *Sociedade*, que della intentou Deos tirar. Dando porem as riquezas, lhes annexa a obrigação do soccorro dos pobres, e não lhes concede o dominio, por isso mesmo, que não convinha nem ao bom regimen da *Sociedade*, nem aos fins intentados. Neste sentido he que se dizem ser dos pobres os bens dos ricos, porque tem direito á sua distribuição, e não á propriedade; o que merece toda a ponderação.

P. — Assim he, e eu não o diria melhor.

L. — Tenho entendido nesse respeito; mas resta-me saber, se hum pai de familias tambem incorre nas mesmas obrigações?

Esmola de hum pai de familias.

P. — E porque não? Tanto mais he obrigado, quanto mais obrigações, e contas tem a outros respeitos para dar a Deos, e com esmolas o deve pôr de sua parte; como vou a dizer.

Th. — He o que não posso approvar. Hum pai tem deveres, que guardar para com seus filhos: seus bens lhes são devidos em herança; de que os não pode defraudar.

P. — A herança, que lhes deve deixar, he a da virtude, e as riquezas das benções do *Ceo*, se he pai *christão*, e não *gentio*, ou Incredulo. De que modo os poderá deixar mais bem dotados?

Th. — Pode por ventura em boa consciencia defrauda-los de tudo, quanto tem, em favor dos pobres?

P. — E quem he que tanto manda?

D. — A *Palestra* vai-se tornando em *Disputa* renhida, e o Sr. Th. salta fóra da ordem. Queira dizer-nos o Sr. Ab. o que entende de taes obrigações em hum pai de familias.

P. — Eu entendó sua grande, se não maior, obrigação.

F. — Permitta-me, P., que aqui diga as doutrinas que a tal respeito Vm. me tem dado; e o que me ensinarão meus pais, eu fiz, e obrigo a fazer meus filhos.

P. — O que se diz em confissão não he para aqui. Eu darei huma regra bem suave, que he de St.° *Agostinho*. Quantos filhos tens? pergunta elle. Tens hum só filho? Pois numera dois, julga-te com dois filhos, e seja o segundo J. C. em seus pobres: *Unum filium habes? secundum computa.* Tens dois, ou tres? *Tertium, vel quartum computa*; faze de conta, que tens mais outro a sustentar. Este he J. C. em seus pobres: *Accedat familiae tuae Dominus tuus.* Quando te nascesse mais outro filho, tu não o arrojarias á rua; pois conta sempre com mais hum filho, que são os pobres de *Christo*. Que difficil pode isto ser?

He verdade, que S. *Cypriano* não se contenta com tão pouco. Elle affirma, que quanto mais numerosa for a familia, mais avultadas devem ser as esmolas, dando a razão das maiores, e mais pesadas obrigações, e maior necessidade de attrahir sobre si, e seus filhos as bençãos do *Ceo*.

Eu direi, que elle deve documentar por palavras, e sobre tudo por exemplos de obras a seus filhos na caridade, e amor para com os pobres. Nenhuma melhor herança poderão deixar a seus filhos. Nada mais bello, nada mais louvavel do que a conducta daquelles pais, que mandão dar a *esmola* por seus filhos fazendo a intregar de joelhos ao pobre de *Christo*, beijando-lhe a mão, e pedindo-lhe a benção.

F. — Que tem Sr. Br.? Alguma lhe succedeo...

D. — Rio-me, porque me lembrei de hum bofetão, que apanhei de meu pai, por fingir que beijava, não beijando a mão de hum mendigo, por nojo que tive; mas nunca mais o tive. Foi lição mestra!

F. — Ah, que se todos os pais fossem como os seus!

D. — Se todos os filhos tivessem pais como os seus tem! Não he isto o mesmo, que eu tenho visto fazer a seus filhos e filhas? Que mais fez meu pai do que Vm. faz?

F. — Se o faço, he porque o meu Ab. assim o manda.

D. — Pois eu o fazia por medo dos bofetões de meu pai.

F. — E quando agora o faz, de quem tem medo?

P. — Deixemos essas questões, que confundem a modestia, e

humildade do Sr. Br. Temos concluido tambem as nossas questões sobre obrigações de caridade, e vamos a entrar em objecto mais agradavel, com que poremos ainda bem patentes as razões, do que deixamos dito, e bem comprovadas as verdades expendidas. Nós o faremos mostrando o alto, e excelso

Merecimento da Esmola.

Para melhor entrarmos no merecimento da *Esmola*, e beneficencia, e por consequencia na dita, e felicidade dos beneficos, e misericordiosos, será bem contrasta-la primeiro com a desgraça dos duros, e crueis de coração, que não se compadecem das necessidades dos miseraveis. *Beati misericordes, quoniam ipsi misericordiam consequentur. Math.* 5. 7. Bemaventurados os misericordiosos, porque elles alcançaráõ misericordia. He esta huma das maximas de J. C. muitas vezes repetida por mais estas ou aquellas palavras, e que adopta como base da conducta, que seguirá com nosco. Porem desgraçados os crueis, os barbaros, os ferinos contra seus irmãos. Jamais alcançará de Deos misericordia, o que a não teve para com seus irmãos, e terá hum juizo sem misericordia, o que não fez misericordia: *Judicium sine misericordia illi, qui non fecit misericordiam. Jacob.* 2. 13.

Jesus C. abrange ambas as cousas ainda em huma outra maxima, que inteiramente faz a regra, e a medida de sua conducta em ambos os casos. Por aquella medida, diz elle, porque medirdes os outros, por essa mesma sereis medidos: e Eu não me servirei d'outra. Elle o diz mesmo a este proposito: *Date, & dabitur vobis*: Dai; e Eu vos darei ainda por melhor medida, cheia, coagulada, e sovalcada: *Date, & dabitur vobis; mensuram bonam, & confertam, & coagitatam, & superfluentem.* Deveis saber que tereis a paga pela mesma medida; *Eádem quippe mensura, qua mensi fueritis, remetietur vobis. Luc.* 6. 38. Estas retribuições são os premios no *Ceo*, as suas graças, e benção nesta vida, e ainda bens temporaes, quando he servido, como succede ao Sr. Br. Eis-aqui pois por onde elle regula a sua providencia, principalmente no que respeita á salvação, ou condemnação.

Que terão pois a esperar os malvados ricos avaros, ou crueis com os miseraveis? Ponhamo-los porem de parte com

a catalinadá que lhes dá o Apostolo S. *Thiago*. Ouvi, ricos avaros, e crucis, lhes diria eu; ouvi da boca deste Apostolo vossos destinos. *Agite nunc divites*, embora vos regaleis, ó ricos, presentemente; porem as lagrimas vos serião mais proprias. Vós chorareis com clamores nas miserias, nos males, que brevemente cahiráõ sobre vós: *Plorate ululantes in miseriis vestris, quae advenient vobis. Jac.* 5. 1. Vossas riquezas, e soberbas acabaráõ, e serão reduzidas ao pó da terra; vossas galas, vossas pompas, vossos luxos, seráõ devorados pela traça, apodreceráõ, e desappareceráõ: *Divitiae vestrae putrecfatae sunt, & vestimenta vestra a tineis comesta sunt.* ℣. 12.

A ferrugem consumio o vosso ouro, a vossa prata nos vossos cofres, pois que não servio para o remedio dos necessitados, para cujo fim vos foi dado; porem essa ferrugem dará testemunho contra vós, arguindo vossa malvada crueldade, e se tornará em fogo, que vos consuma: *Aurum, & argentum vestrum aeruginavit; & aerugo eorum in testimonium vobis erit, & manducabit carnes vestras sicut ignis.* Vós pensais que enthesouraes ouro, e prata! Ah, Cégos! Bem pelo contrario vós enthesourais a ira de Deos contra vós. Olha bem malvado cruel, olha o que mettes nesse cofre. He ouro, he prata, dizes tu! Cego, não he isso, não he ouro, não he prata, abre os olhos; he ira de Deos, he o furor de sua justiça, que ahi vais enthezourando, e ahi tens guardada, enthesourada, e afferrolhada, que então fará explosão no dia da conta: *Thesaurizastis vobis iram in novissimis diebus.* ℣. 3.

Applica o ouvido, continua o St.° Apostolo, escuta os clamores, que estão levantando ao Ceo contra ti, ó malvado, aquelles infelizes, que tu tens opprimido, aquelles mercenarios, com cujos suores tu tens regado as tuas fazendas, e cujos salarios ainda se não satisfizerão; aquelles gemidos da desvalida, e indigente pobreza, exalados na fome, e na miseria; aquella desnudêz, aquellas oppressões, aquellas injustiças, aquellas.... Oh! Tudo clama contra ti, malvado: *Ecce merces operariorum, qui messuerunt regiones vestras, quae fraudata est a vobis, clamat.* Estes clamores sobem tão alto, que retumbando nos *Ceos*, entrão nos ouvidos do Excelso: *Clamor eorum in aures Domini Sabaoth introivit.* ℣. 4.

Vós passais vossos dias em regalos, banqueteais-vos, comeis, bebeis, luxuriais nas vossas mezas, satisfazeis vos-

sos appetites brutaes, e vossas sensualidades, ao mesmo tempo, que vossos irmãos estão morrendo de fome, cubertos de miserias: *Epulati estis super terram & in luxuriis enutristis corda vestra, in die occisionis.* ℣. 5. Nesse mesmo tempo, nesse mesmo dia em que o teu irmão está morrendo de fome, ó malvado, tu te regalas! *In die occisionis.* Tu, cruel, o matas, negando-lhe, o que lhe deves, que he a *esmola*, sem a qual elle está dando os ultimos bocejos de vida, suspirando por hum bocado de pão; he então que tu te regalas, e luxurías em tuas sensualidades! *In die occisionis.* Tu matas o justo, que te não resiste, o pobresinho, que não abre a boca diante de ti; tu o matas negando-lhe a *esmola*, que lhe deves; tu o matas negando-lhe o sustento: *Addixistis, & occiditis justum, & non restitit vobis.* ℣. 6.

F. — E que será dos malvados, causa de tantos males, de tantas mortes, por fomes, a ferro, e fogo? O que se verá no grande dia!

P. — E que, malvados! Dorme Deos? Não ha Deos, como vós pensais? Não vos lisongieis, crueis monstros! E vós, irmãos, com a possivel paciencia esperai a vinda da justiça do Senhor: *Patientes estote, fratres... Quoniam adventus Domini appropinquavit... Ecce Judex ante januam assistit.* ℣. 8. O Juiz que dará o premio, e o castigo, fará brevemente justiça: elle está perto, e mesmo á porta: *Judex ante januam assistit.* Elle vai chamar a juizo, e que sentença dará? He o que nós temos a ver, pelo que agora veremos se passará com os misericordiosos, e caridosos.

D. — Com effeito a catalinada he espantosa!

P. — Não a deve omittir, porque ella ao mesmo tempo, que deve atterrar os crueis inimigos da pobreza, dá luz para conhecermos o merecimento da *Esmola.* Huns e outros hão de ser medidos, e tratados por Deos, bem como elles medem, e tratão a seus irmãos necessitados. Vejamos porem primeiro o merecimento, que Deos dá á *Esmola.* Elle he tal, que não se poderia entender, nem crer, a não entrar primeiro no conhecimento da necessidade da *Esmola*, para formar, e manter os laços da união da grande *Sociedade*, como temos visto. Somente deste modo he que entendemos as razões, porque Deos elevou a hum ponto tão alto o merecimento da *Esmola.* Tanta he a necessidade, quanto he o merecimento. Que seria de hum corpo, em que os membros sãos não accudissem ás enfermidades dos doentes, os fortes

aos fracos, e os poderosos aos necessitados de socorros? Desde o momento, em que isto se fizesse, o corpo entraria na sua dissolução. Não de outra sorte neste corpo de *Sociedade*.

Para que outro fim dêo Deos a força nos braços do corpo humano, agilidade, habilidade, e poder? Por ventura não o fez por mais, que para se servirem a si mesmos, e não aos outros membros? Elles deverião ser cortados, se não empregassem seu serviço no soccorro dos membros invalidos, enfermos, e necessitados. Tal he o rico, que para si só quer, o que tem, e Deos lhe dêo para estes fins.

D. — Entendemos mui bem, o que nos quer dizer. A necessidade da *Esmola*, e de toda a beneficencia he de absoluta necessidade. A'sua proporção pôz nella Deos o merecimento.

P. — Tanto e tão grande, que parece na *Esmola* pôz Deos tudo, o que ha de bom; assim como na crueldade tudo o que ha de máo. Abrão todos a isto os olhos, e não vão cegos. Qualquer bondade, e virtude, que tenha o homem, se elle não tiver o amor de seu proximo, e seja misericordioso para com elle, será hum impio malvado. Embora elle seja muito casto, sobrio, prudente, tenha tudo o mais que mereça o nome de bom; jejue, ore, reze, e se morteñque até o sangue; se elle não he misericordioso, benefico, e conforme suas possibilidades não soccorrer os necessitados, endurecendo suas entranhas á vista das necessidades de seus irmãos, elle será hum cruel, hum impio, hum malvado; e como tal será castigado. Tem algum dos senhores que oppor a esta verdade?

D. — Diga lá Sr. Th.; não emmudeça de todo.

Th. — Eu não tenho que dizer contra. A Caridade, e amor do proximo faz o fundo da *Religião*, de tal sorte, que sem elle não pode haver alguma virtude, eu o confesso.

P. — Invertendo a ordem, direi, que o amor do proximo effectivo, a *Esmola*, a beneficencia, e soccorro nas necessidades, em fim o que chamamos amor dos pobres, e *esmola* em toda a extensão da palavra, faz toda a bondade do homem, qualquer que elle seja em outros respeitos.

D. — A isso tenho eu que oppor, P., e com toda a força.

P. — Eu rebaterei tudo, o que possa contrariar esta verdade. Esta só virtude faz tudo, e he a que salva o christão, se a tem no devido gráo, e pelo amor de Deos.

D. — Muito bem; estou como quero! Carregado de peccados, e carregando-me mais, posso dormir descançado, porque dou *esmolas* aos pobres pelo amor de Deos! Isto não he assim; e queira perdoar-me pelo contradizer.

P. — Queira tambem agradecer a Deos os favores, que lhe faz, e ouvir-me na demonstração desta verdade.

A Esmola perdóa peccados.

Quando o homem esteja carregado de peccados, na esmola acha remedio; pois com ella os pode remir conseguindo o perdão. Foi este o conselho, que a *Nabucodonosor* deo *Daniel: Peccata tua eleemosynis redime, & iniquitates tuas misericordiis pauperum. Dan.* 4. 24. Rime com *esmolas*, ó Rei, teus peccados, e tuas maldades com as misericordias prestadas aos pobres. He isto mesmo o que eu diria a qualquer peccador, por grande, que fosse. Na *Esmola* terá elle remedio para seus males, conseguindo o perdão de suas maldades. Eis aqui a vantagem, que Deos conferio, e concedeo aos ricos sobre os pobres. A estes concede Deos a paciencia, que lhes deve servir como de chave para se abrir as portas do *Ceo*; áquelles o ouro, a prata, e mais riquezas para com o seu preço adquirirem com segurança o Reino de Deos.

D. — Assim será, se elle não tiver peccados.

P. — Que os tenha, e taes que o possão condemnar ao fogo eterno, a *Esmola*, bem como a agoa, o apagará: *Ignem ardentem extinguit aqua, & eleemosyna resistit peccatis. Eccl.* 3. 33. Ella quebrará a força á malignidade do peccado, resistindo-lhe com o bem, e prevalecerá contra elle.

D. — Como poderá ella resistir, e apagar o fogo do inferno, que por gravissimos peccados mercêra?

P. — Porque a *Esmola* tem a virtude, que Deos lhe annexou, de livrar do peccado, e da morte eterna: *Eeleemosyna ab omni peccato & a morte liberat.*

D. — Como ha de livrar do que tem justamente merecido?

P. — Porque ella não sofrerá, que alma que a faz, desça ás trevas eternas: *Non patietur animam ire in tenebras. Tob.* 4. 11.

D. — Onde vem esses textos, pois os quero ver?

P. — Aqui os tem; queira certeficar-se da verdade.

D. — Não ha duvida! Ca vejo outro verso; *Fiducia magna erit coram Summo Deo eleemosyna omnibus facientibus eam.* ℣. 12. Como se entende isto?

P. — Como as palavras sôão. A *Esmola* tem perante Deos grande merecimento; e confiança pode ter na misericordia de Deos, o que a faz. Logo melhor entenderá a razão desta confiança. Por estas verdades he chamada a *Esmola* Bap-

tismo. *Eleemosyna*, diz S. Ambrosio, *animarum aliud est lavacrum*; a *esmola* he das almas hum Lavacro, hum outro Baptismo. Assim como o primeiro perdoa o peccado Original, assim este perdoa os actuaes; e tem ainda o bem, de que o primeiro apenas huma só vez se recebe; porem este tantas vezes, quantas se deseja, e sempre com bom effeito: *Lavarum semel datur; eleemosyna autem quoties feceris, toties promereris veniam.*

D. — Isso não he o que nos ensina a Fé. Os peccados actuaes só se perdoão pelos verdadeiros Sacramentos.

P. — O que vou dizendo he tambem o que nos ensina a Fé. Tenha paciencia, e tudo entenderá. A *Esmola* tem tudo a seu favor; e se tudo clama contra os malvados avaros, oppressores dos pobres, e crueis, como ja vimos, a *Esmola* pelo contrario faz, que tudo clame a seu favor, e Deos excelso não deixará de ouvir taes clamores. He bem notavel aquella recommendação, ou mandamento de J. C. no *Evangelho*: *Facite vobis amicos de mammona iniquitatis*; fazei amigos das riquezas, que são origem da iniquidade, para que vos recebão nas moradas eternas ao sahir desta vida: *Ut cúm defeceritis recipiant vos in aeterna tabernacula*. *Luc.* 16. 9. Quem diremos serem estes amigos, que manda fazer das riquezas, e que poderão receber no *Ceo*?

A Pobreza respeitavel.

D. — Se o entender dos pobres, nem elles talvez morrão primeiro que o bemfeitor, nem elles todos se salvaráõ.

P. — Nada disso importa, para se verificar a promessa. A mesma *Esmola* he hum bom amigo, que como fiel mensageiro, sobe ao *Ceo* a preparar a morada. Porem eu sustentarei, que J. C. fallou aqui dos mesmos pobres necessitados, a quem he necessario fazer amigos, a quem o mesmo *Senhor* faz como Clavicularios, e porteiros do Ceo para abrirem, ou fecharem a seus bem, ou malfeitores.

Th. — Essa parece-me bem singular, e inventada de proposito. Creio, que não achará apoio algum.

P. — Na primeira occasião, que tenhamos, lhe farei ver em *Calmet*, expondo o texto, estas palavras: *Pauperes hic exhibet Christus janitores Coeli, quodammodo arbitros, quorum ex voluntate Coelorum aditus pateat, aut claudar*; isto he, J. C. mostra nestas palavras aos pobres como porteiros do *Ceo*, para abrirem e fecharem segundo a sua vontade, na conformidade do tratamento que lhes fizerem. Isto

na verdade faz admirar, e parece incrivel; porem he huma verdade, que entenderáõ, pelo que deixamos dito da grandissima necessidade de tornar respeitaveis, e amaveis os pobres pela necessaria uniãó da *Sociedade*. Queirão notar esta razão, para entrarem no fundo de grandes cousas, que não deixaráõ de admirar.

Vemos nos *Livros* santos quanto se devem temer as pragas, ou clamores dos pobres opprimidos contra seus oppressores. Não offendas a viuva, e o pupillo; diz Deos por *Moyses*: *Viduae & pupillo non nocebitis. Exod.* 22. 22. Se os offenderes, elles clamaráõ a mim, e Eu ouvirei os seus clamores: *Si laeseritis eos, vociferabuntur ad me & ego exaudiam clamorem eorum.* ℣. 23. Meu furor se indignará contra vós: *Indignabitur furor meus*; Eu vos ferirei com a espada; ficaráõ vossas mulheres viuvas, porque offendestes o pupillo: *Percutiam vos gladio, & erunt uxores vestrae viduae, & filii vestri pupilli.* ℣. 24.

F. — Eu me lembro de alguns desses casos.

P. — Não tem que se lembrar. O castigo sempre vem ou mais cedo, ou mais tarde, deste ou daquelle modo sobre o malvado oppressor dos desvalidos. Não desprezes a alma afflicta com a necessidade: *Animam exorientem ne despexeris*; não exasperes o pobre na sua necessidade: *Et non exasperes pauperem in inopia sua. Eccl.* 4. 2. Não affiijas, continua o *Espirito Santo*, o coração do pobre na sua angustia, nem lhe demores a *Esmola*: *Cor inopis ne afflixeris, & ne protrahas datum angustianti.* ℣. 3. Não deixes queixosos aos afflictos, dando-lhes occasião, a que te amaldiçoem: *Non relinquas quaerentibus tibi retro maledicere.* Mas porque? Que podem fazer as maldições dos queixosos opprimidos? *Maledicentis enim tibi in amaritudine animae suae exaudietur deprecatio illius.* ℣. 6., porque serão ouvidas suas queixas, e suas imprecações cahirão sobre ti.

Th. — E parece-lhe bem que assim praguejem?

P. — Bem mal me parece, porque o devem levar com paciencia; porem o que vejo, he Deos ceder a essa maldade, dando effeito a essas maldições. E porque razão? Não acho outra, se não o querer os pobres respeitados, soccorridos, e amados. Eu direi de huma vez, que Deos nas riquezas dá o poder, a grandeza, e o mais que elles querem; porem na pobreza deixou ainda maior poder, e tal que chega aos *Ceos*; e que se estende ainda a fechar, e abrir as suas portas. Assim o pedia a providencia divina.

D. — Eu admiro os desenvolvimentos, que Sr. Ab. faz nestas materias, e seu modo de philosophar.

P. — Não admire isso, mas sim este amenissimo campo, que a *Religião* offerece a hum philosopho *Christão*. Eu disse, que sendo Deos o distribuidor das riquezas, conveio-lhe equilibrar a pobreza com a riqueza. Eis-los aqui equilibrados no poder. O rico, o soberbo se julga grande, e poderoso, e muito mais amará o seu cão, que o pobrezinho, que despreza como o esterco da rua. Desgraçado! Malvado! Tu conhecerás brevemente, quanto te excede na grandeza, e no poder.

Porem apartemos outra vez os olhos de taes malvados, cuja desgraça verão os Srs., no que vamos a ver do poder dos pobres para com seus bemfeitores. Se a crueldade clama, a beneficencia tem iguaes, se não maiores, clamores. Se as imprecações, e clamores dos pobres, são poderosos para fechar as portas do *Ceo*, suas orações, suas benções são mais poderosas para as abrirem; são amigos, que recebem nas eternas moradas.

Havia fallecido em *Joppe* a caridosa viuva *Tabitha*, quando o *Principe* dos Apostolos passava perto, que foi chamado a *Joppe* com instancia, ignorando elle o fim. Chegou, e foi conduzido á casa, onde se achava o corpo ha dias morto. Todas as viuvas pobres o cercavão debulhadas em lagrimas, mostrando ao St.° Apostolo as camizas, e vestidos, que aquella santa defunta lhes fazia, e dava: *Circumsteterunt eum omnes viduae flentes, & ostendentes ei tunicas & vestes, quas faciebat illis Dorcas, id est, Tabitha. Act. Apost.* 9. 39. Não se póde conter o *Santo* á vista de hum espectaculo tão enternecedor. *Tabitha, surge,* clama elle, levanta-te, *Tabitha.* Ella abre os olhos, *Pedro* lhe dá a mão, e a levanta. Ahi tendes viva vossa bemfeitora, diz ás pobres viuvas: *Assignavit eam vivam.* ℣. 41. Nada pedirão aquellas desconsoladas viuvas, mas os vestidos, que da defunta tinhão recebido por *Esmola*, clamarão, e forão tão poderosas suas vozes que tornarão á vida, para consolação daquellas pobres, sua consoladora.

As mesmas *Esmolas* clamão, e de tal sorte que resuscitão mortos: e como não resuscitarão do peccado á graça? Mais clamão ainda estes bons amigos favorecidos em suas necessidades; a quem J. C. deo o poder de lhes abrirem o *Ceo. Facite vobis amicos.* Passeava pelo campo com a Rainha sua esposa S. *Luiz* Rei de *França*, quando encon-

trárão com hum cestinho huma pequena menina. » Que levas, menina? lhe pergunta o Rei. » O jantar a meu pai, que alem anda lavrando. » Que tal he o jantar? » Pão, e hervas. » Como só pão e hervas? pergunta admirado o Rei; não lhe levas carne? » Mr., responde a menina, somos pobrezinhos, não temos carne; louvamos ao *Senhor*, por termos pão e hervas. » Toma, menina, estes luizes, lhe diz, dando-lhe a bolsa, e leva a teu pai, para comprar carne para comer. » Recebe, e parte correndo ao pai, a quem refere o caso. Larga este o arado, e no campo se põe de joelhos, levantando as mãos ao *Ceo*. » Vedes, Senhora? diz á Rainha o Rei, que de longe estavão observando. Aquelle homem está clamando, e invocando o *Ceo* em nosso favor; e taes orações não podem deixar de ser ouvidas.'

D. — Eu não acho, que essa acção em S. *Luiz* tivesse grande mereeimento. A paga, e recompensa logo ahĩ a teve.

Th. — Em que a teve? Isso he negar o merecimento...

D. — Eu não nego o merecimento, mas digo que não devia de ser muito grande, nem o pode ter no Ceo qualquer outra beneficencia, ou *Esmola*, porque logo ahi tem a paga, e a plena recompensa.

Th. — Em que a pode ter, fazendo o sacrificio..?

D. — Qual sacrificio? Eu não sei, que qualidade, ou casta de almas Vocês tem! Que melhor paga, que melhor recompensa quer, o que faz bem, do que o mesmo gosto, e prazer de o fazer? Pode haver maior satisfação, do que ver satisfeito o necessitado? Somente pelo gosto de ver comer hum faminto, eu me privaria do meu jantar.

Th. — Nunca deve jantar, porque os famintos nunca faltão, e em qualquer parte os terá.

F. — Tè-los-ha Vm., porque he avaro, mas não elle, porque ninguem ao pé delle tem fome; e Deos lhe dá para tudo. As almas, que Vocês tem são bem mesquinhas.

P. — O Sr. Br. tem mui bella alma; o que deve agradecer a Deos, e por seu amor fazer todo o bem, que faz.

Th. — Se não tem amor ao dinheiro, he por lhe não custar a ganhar, como aos mais tem custado.

F. — Mentira; elle o ama, faz pelo ter, e não o desperdiça, se não com os pobres; e para elles he que o quer ter.

D. — Isso não he virtude minha; porque foi essa a doutrina de meus pais, e assim me acostumarão, isto he, a ser poupado e economico comigo, para ter mais que dar; e não

posso fazer de outra sorte. Deixemos isto, e vamos ao mais Sr. Ab. Confesso, que me custa a crer, que a *esmola* tenha tanto merecimento pela satisfação, que ha em a fazer. Em quanto a mim o gosto que sinto em dar ao pobre vale mais do que aquillo que dou.

P. — Queira lembrar-se, do que dissemos da *avareza*, que he vicio dominante. Não tem todos, nem ainda huma pequena parte o desapego das riquezas, que Vm. tem. Pela melhor parte com mais gosto se liberalisa o sangue do que o dinheiro...

D. — Affogadas fossem no dinheiro almas tão vis!

P. — O Sr. Br. e a sua conducta he hum monumento o mais concludente, do que pode a boa educação.

D. — Minhas Manas o são melhor do que eu, pois são mais amigas dos pobres, e tomárão melhor as suas doutrinas.

P. — Não molestemos mais a sua modestia: *Facite amicos de mammona iniquitatis*, he o nosso ponto; com a *esmola* se fazem estes poderosos amigos, que dão mais do que se lhes dá. Parece o pobrezinho nada ter, que dar, porem não he assim, pois nada tendo dá muito. Se bem ponderarmos estas cousas, acharêmos que destribuindo Deos os seus bens, deo aos ricos deste mundo os metaes, e a terra para as dispensar aos pobres; e a estes deo os bens, e riquezas espirituaes, para as dispensarem em troca. Dispenseiros huns dos bens, e riquezas terrenas; dispenseiros outros dos bens, e riquezas celestes; e eis-aqui Deos fez a todos ricos, pondo em equilibrio todos os membros da *Sociedade*, ligando-os com estes fortissimos, e dulcissimos laços destas necessidades de retribuições, e dispensações.

D. — He grande essa lembrança! Que propria de Deos!

P. — Eis-aqui como o diz S. *Jeronimo*: *Nos damus carnalia, ille dat spiritualia*; nós damos ao pobre cousas temporaes, e carnaes, porem elle nos dá bens espirituaes, e eternos. Mais dá elle, do que recebe: *Plus dat pauper, quam accipit.* Nós dámos o pão, que no mesmo dia se consome, mas elle pelo pão nos dá os Reinos dos Ceos: *Nos damus panem, qui in ipsa die consumitur; ille pro pane reddit nobis Regna Coelorum.* Não pense pois o bemfazejo, e esmoler, que perde o que dá; antes ganha muito enthezourando melhores riquezas e mais seguramente; que estes bons amigos lhes guardaráõ.

Não queiraes enthesourar riquezas na terra, nos diz J. C.: *Nolite thesaurizare vobis thesauros in terra*; pois que nella

os consumirá a ferrugem, e roerá a traça, os ladrões os rou-
barão, e perderão: *Ubi aerugo, & tinea demolitur, & ubi fures effodiunt, & furantur. Math.* 6. 19. Enthesourai antes thesouros no *Ceo*, onde não chegarão os ladrões, nem a ferrugem, nem a traça consumirá: *Thesaurizate autem vobis thesauros in Coelo, ubi neque aerugo, neque tinea demolitur, & ubi fures non effodiunt, neque furantur.* ℣. 20.

D. — Calão estes Srs., quando não devião emmudecer: porem eu me opporei. Advirta, P., que eu nada gosto de doutrinas mal fundadas, e menos quando me poderião lisongear na minha salvação. Eu não nego que sou amigo dos pobres, mas nada confio nisso pelas razões, que ja disse: não me parece, que enthesouro no *Ceo* esses bens, que diz. Creio sim, que os pobres são meus amigos, como eu o sou delles, e que me encomendarão a Deos. Porem de que me valerão suas orações, e as *esmolas*, se eu não tiver boas obras? De que me valerão...?

F. — Pare lá; e responda-me: Porque razão tendo Vm. cahido por más companhias na incredulidade, nunca deixou de ser homem honrado, e com obras de *Christão*? Porque razão Deos lhe abrio logo os olhos, e lhe tocou o coração na primeira *Disputa* que tivemos? Responda; e deverá dizer, que nas *esmolas*, e nos pobres teve origem.

D. — Porem se eu me tiver feito reo de gravissimos crimes, de que me poderão valer essas *esmolas*, e amigos? Como poderei ter do Supremo *Juiz* boa sentença?

P. — Se o sobornar, como mui bem pode fazer.

D. — Qual soborno! Não se soborna o rectissimo *Juiz* senão pelas boas obras. Eu creio muito bem, que he verdade tudo, o que deixa dito; porem só pode ter lugar, quando não ha peccados, que mereção penas eternas. Como poderá dar J. C. rectissimo *Juiz* boa sentença, a quem a não merece por suas culpas?

P. — Sobornando-o, como bem pode, e vai fazendo.

D. — Como sobornar? Que soborno he esse? De Deos não se zomba, nem se pode zombar.

P. — Mas o sobornar não he zombar. Não dirá hum juiz perante quem Vm. tenha pendente huma causa, que zomba delle, se o presentear com mimos, para obter sentença favoravel.

D. — Nem os juizes se devem deixar sobornar, nem receber mimos; e menos se poderá fazer isso com Deos.

P. — Pode sim, e facilmente se deixa sobornar; e bem está o

reo com o juiz, que por mimos, e presentes se deixa sobornar.

D. — Que diz, P.? Sobornar o rectissimo Juiz! Isso cheira a blasphemia! Quem negará que Deos he *Juiz* rectissimo?

P. — Pois então dirá, que Deos nos engana; e decidirá qual destas será maior blasphemia? Porem se m'o permitte, eu direi o mesmo que o *Senhor* nos diz a tal respeito.

D. — Queira perdoar minhas impertinencias. Emmudeço.

P. — Não lhe deveria parecer tão arduo o que vou dizendo á vista dos effeitos, e merecimentos admiraveis que acabamos de ver; porem queira ouvir cousas ainda mui mais admiraveis. He verdade que o estado de peccado mortal he tal, que tira todo o merecimento ás boas obras: porem sendo esta a regra geral, e verdadeira, deixa de o ser em quanto á *esmola.* Nós o vamos a ver, singularidade tão admiravel, e prodigiosa, alem de consoladora, para os caridosos, e beneficos com os pobres de J. Christo.

A Esmola he soborno de Deos.

Mandou Deos repetidas vezes a *Moyses*, que nem elle, nem algum daquelles, que constituisse juizes sobre o povo, recebessem dadivas, mimos, ou presentes: *Judices, & magistros constitues... ut judicent populum justo judicio*, que não declinem para huma, ou outra parte: *Nec in unam, nec in alteran partem declinent. Deut.* 16. 18. Para isto, diz, não respeites pessoa, nem recebas, tu, e elles, dadivas: *Non accipies personam, nec munera.* E qual a razão? Elle a dá: *Quia munera excoecant oculos sapientum, mutant verba justorum.* ℣. 19. Porque as dadivas, e presentes tem tal força, que cegão os olhos dos sabios, e mudão os pareceres, e juizos ainda dos justos: *Mutant verba justorum.* He huma verdade; e de certo vai absolvido o reo, quando por dadivas se corrompe o juiz.

Permitta-nos o *Juiz* Supremo dizer, que elle discrepa nesta imparcialidade; pois não obstante, que campêa de não ser acceptador de pessoa, e de rectidão de seus juizos, contudo elle recebe dadivas, mimos, e presentes, com que se cega, e torce a vara de sua justiça.

D. — Que blasphemia, P.! Não queira escandalisar de tal modo este auditorio, que deverá tapar os ouvidos.

P. — Não creio escandalisa-lo, antes edifica-lo. Por isso direi mais. Tanto se deixa este Supremo *Juiz* sobornar, e tanto quer ser sobornado, que manda assim o fação, ameaçando,

com penas eternas, aos que o não sobornarem. Tão amigo he de sobornações; que por bem pequenos mimos, e de nenhum valor, muda de juizo, e dá sentença favoravel por isso mesmo, que foi sobornado.

F. — Não entende aquillo Sr. Br.? Vai bem claro.

D. — Agora vou entendendo. O Sr. Ab. expoem as cousas com tal emphase, que chocão o entendimento: porem não me satisfaz.

P. — Creia que sim ha de ser satisfeito. Eu não posso deixar de dar á *esmola* o nome de soborno do *Juiz* rectissimo, quando o vejo affirmar, que he elle mesmo a recebe-la, e promettendo boa sentença, a quem lha der. He isto, o que temos mais admiravel na *Religião* de J. C., e o mais digno objecto da attenção do philosopho Christão.

Venhão os Sabios, não os Incredulos, cuja sciencia he o mais grosseiro pedantismo, mas sim os verdadeiros sabios, os verdadeiros Theologos, venhão aqui philosophar comigo; venhão conhecer o que he a *Religião* de J. C., a sua *Igreja*, a sua *Sociadade*, sua Corporação, e mesmo seu Corpo, de que elle he cabeça. Venhão embora esses sevandijas das letras, murmuradores da santa *Religião*. Venhão ainda esses politicophrastos aprender os elementos da Divina e admiravel politica de J. C. na fundação, união, direcção, e governo da sua *Sociedade*. Não deixem os Reis de pôr aqui os olhos, se querem bem governar as suas Sociedades que formão a de J. C., tomando como feitas a suas mesmas Pessoas offensas, injurias, ou beneficencias feitas a seus invalidos, e pobres vassalos. Jesus *Christo* se faz representar nas pessoas dos pobres!!! Quem não pasmará!! Venhão os ricos, e aprendão a tremer do desprezo, que fazem dos pobres, porque o fazem de J. C., seu Supremo *Juiz*. Venhão todos, e aprendão o caminho da salvação, se he que a desejão.

Com effeito que cousa mais admiravel, que ouvir a J. C. clamar: *Quod fecistis uni ex his fratribus meis minimis, mihi fecistis*, o que fizerdes a hum de meus irmãos pequeninos, ou pobres, a mim mesmo o fizeste! Quem tal poderia pensar? Nós veremos a energia, com que o diz, e como aqui põe a salvação, e condemnação, para satisfazer plenamente ao Sr. D.; e agora por hum pouco, visto que estamos a concluir as materias relativas á formação, organisação, união, e prosperiedade da grande *Sociedade*, demoremonos hum brevissimo espaço, para lançarmos hum golpe de

vista sobre a providente divina economia, cuja marcha temos seguido na união deste seu Corpo de *Sociedade*. Eu o apresento em duas palavras.

Fundada, organisada, e ligada com muitos diversos, e multiplicados laços esta *Sociedade*, como vimos nas primeiras seis *Palestras*, ainda restava que temer pela sua devida união de membros componentes de hum só corpo. O amor fraternal, que deve fomentar, vigorar, e animar as fibras, e nervos da reunião, e ligação dos differentes membros, tinha muito a temer da soberba, da avareza, e males dellas procedentes, que a cada passo quebrarião os desta união. Bem quizera Deos fazer a todos ricos; porem não podia essa idea entrar no plano da boa ordem, e boa união da corporação, como vimos. Era indispensavel, que houvesse riqueza, e pobreza. Porem a riqueza facilmente gera a soberba, e a malvada avareza, inimigas fataes do amor fraternal, e da boa *Sociedade*. Que faria pois Deos?

F. — Olhe P., que o meu bestunto diz-me, que elle fez huma cousa, que ainda não lembrou. He esta fazer variar as riquezas, e passa-las de huns a outros, quando não fazem dellas o bom uso.

P. — Lembra-se muito bem; e he essa a razão, porque ellas ordinariamente parão, e se conservão por largos tempos nas casas de boas e caridosas familias. Fique entendido isto, e vejamos o mais, que faz. Queirão trazer á memoria, o que temos dito a este respeito, e concluamos, que por isso mesmo, que era de summa necessidade equilibrar a pobreza com a riqueza, para que não fosse desta desprezada, abatida, e opprimida, nem olhados os pobres como membros inuteis neste corpo; tanto elevou acima da riqueza a pobreza, que nas mãos desta poz o bem daquella, nas mãos dos pobres a felicidade dos ricos, e em fim na *esmola* todo o bem dos que a fazem, e na beneficencia e caridade toda a virtude, e *Religião*.

Ainda J. C. achou pouco tudo isto. Para que de huma vez os pobres, os necessitados, os membros enfermos, invalidos, e indigentes da sua corporação jamais fossem opprimidos, perseguidos, vexados, injuriados, e offendidos, elle mesmo J. C. toma suas pessoas, em quanto toma sobre si mesmo todo o mal, toda a injuria, que se lhes faça, quaesquer que elles sejão, exceptuando somente o caso, em que a culpa peça o castigo. A fim de que os pobres, os enfermos, os indigentes, por qualquer modo que o sejão,

e necessitem de soccorros, sejão respeitados, amados, estimados, soccorridos, e alliviados, apresenta-se J. C. em suas mesmas pessoas, tomando sobre sua mesma Pessoa todo o bem, que se lhes faz, como se elle mesmo em sua propria mão, em seu proprio corpo recebesse estes beneficios, e esmolas. Eis aqui o verdadeiro suborno, de que fallei, para melhor me explicar. Elle promette o seu Reino unicamente áquelle, que assim o sobornar, ameaçando com penas eternas, a quem o não fizer. Elle finalmente salvará a huns, porque assim o fizerão; condemnará a outros, porque assim o não fizerão.

Vejamos finalmente tudo isto bem provado no *cap.* 2. 5. do *Evangelho* de S. *Matheus*, que apezar de haver sido ja mencionado, estimaria que todo este auditorio o ouvisse, e gravasse na memoria.

D. — Eu o leio em latim, e verterei em portuguez, entretanto descança: porem eu depois delle tenho que oppor.

P. — E creia, que o satisfarei plenamente.

D. — Permitta o *Ceo*, que assim seja. Oução todos com attenção, o que diz Jesus *Christo*, e temos escrito por hum santo *Apostolo*, que o ouvio da boca do mesmo Senhor. *Cúm venerit Filius hominis in magestate sua, & omnes Angeli cum eo, tunc sedebit super sedem magestatis suae. Math.* 2. 5. 31. Saibão todos, que isto he o que se passará no ultimo dia. Então virá diz J. C., o *Filho* do homem (que he elle mesmo) com todos os Anjos, e mais Bemaventurados, que então resuscitarão, e se assentará na cadeira de sua magestade.

Congregabuntur ante eum omnes gentes; diante delle se ajuntarão todas as gentes. *Separabit eos ab invicem, sicut pastor segregat oves ab hoedis.* ℣. 32. Dividirá entre elles, separando os bons dos máos, bem assim como o pastor separa as ovelhas dos cabritos. Porá estes á sua esquerda, e aquellas á sua Direita: *Statuet oves quidem a dextris suis, hoedos autem a sinistris.* ℣. 33. Feito o juizo dirá o Supremo Juiz, e Rei dos reis, e de todo o genero humano, aos bons, que estarão á sua Direita: *Venite benedicti Patris mei, possidete paratum vobis regnum a constitutione mundi.* ℣. 34. Vinde Benditos, ou abençoados de meu Pai, e possui o Reino, que vos tenho preparado desde a mesma constituição, ou creação do mundo.

P. — Segue-se agora a razão, e o motivo porque os chama ao seu Reino, que todos devem advertir, e ponderar.

D. — *Esurivi enim, & dedistis mihi manducare; sitivi, & dedistis mihi bibere; hospes eram, & collegistis me; nudus, & cooperuistis me; infirmus, & visitastis me; in carcere eram, & venistis ad me.* ℣. 3. 5. 36. A razão porque Eu vos chamo ao meu Reino, ó abençoados de meu Pai, he, porque eu tive fome, e vós me destes a comida; Eu tive sede; e vós me destes a bebida; Eu fui peregrino, e vós me hospedastes; Eu andei nú, e vós me cubristes; estive enfermo, e vós me visitastes; estive no carcere, e vós ahi me fostes consolar.

P. — Notem todos, que não dá alguma outra razão, ou motivo de salvação dos bons, e justos, se não unicamente o haverem dado a elle mesmo Senhor a comida, a bebida, o vestido &c. Oução o mais.

D. — *Tunc respondebunt ei justi, dicentes: Domine, quando te vidimus esurientem, & pavimus tibi, sitientem, &c.?* ℣. 37. 38. 39. Então diráõ os Justos: *Senhor*, quando te vimos faminto, e te démos a comida, sequioso, e te demos a bebida? Quando foi, *Senhor*, que te vimos peregrino, e te recolhemos, ou quando enfermo, e te visitamos no carcere, e te consolamos? *Et respodens Rex, dicet illis*; respondendo a tal pergunta, dirá o Rei, que sou Eu: *Amen dico vobis, quandiu fecistis uni ex his fratribus meis minimis, mihi fecistis.* ℣. 40. Na verdade Eu vos digo, que quando isto fizestes a hum dos meus irmãos pobres, a mim *mesmo o fizestes.* Mas, P., eu tenho aqui que oppôr.

P. — Queira ter paciencia por mais hum pouco; e permitta-me este *Senhor* amantissimo da pobreza, que eu diga mais alguma cousa em seu Nome, sem contudo sahir fóra das raias do verdadeiro sentido. Eu o represento a fallar desta sorte, e me dirão se erro. » Vinde, abençoados de meu Pai, possuir o meu Reino: todos, ou muitos de vós não o merecerião; e se eu entrasse em exame de vossas vidas, e vossas obras, acharia muito, por onde vos condenasse a tormentos eternos, mandando-os apartar de mim para sempre. Porem vós obrastes com juizo, e me soubestes vencer: vós, sendo Eu inexoravel, e rectissimo *Juiz* me cegastes os olhos, quebrastes a fortissima vara da minha justiça, ligastes-me o braço, pondo na minha mão os presentes nas esmolas, que me destes; sobornastes-me, porque me destes pão, bebida, o vestido &c. Não posso agora dar-vos má sentença. Vinde pois ao meu Reino. » Errarei, ou será este o verdadeiro sentido?

D. — As palavras sem duvida o contem. Porem supponha, que eu assim o fazia, dando aos pobres por amor de Deos, e fazendo essas cousas, e mesmo carregado de outros peccados. Que seria de mim? De que me valerião as esmolas?

P. — Valer-lhe-hião de tudo, pois não o deixarião hir ao inferno: *Eleemosyna... non patietur animam ire in tenebras*; como ja disse.

D. — Pois carregado de peccados poderia fazer-me entrar no *Ceo*? Poderia..?

P. — E que outra cousa poderia fazer? Pois não vê, que o havia cegado com os presentes: *Munera excoecant oculos sapientum*? Não vê que lhe quebrou nas mãos a vara de sua justiça? *Et mutant verba justorum.* Por justissimo que seja, logo que o subornou, venceo.

D. — Não póde ser, infallivelmente me condemnaria.

P. — Porem Vm. poderia embargar a sentença por appellação, e aggravo perante seu mesmo Tribunal?

D. — Isso faz riso! Perante quem appellaria?

P. — Perante elle mesmo. Com razão o arguiria de faltar á sua palavra, que tem empenhada em dar o seu Reino, a quem lhe der a comida, a bebida, o vestido &c. fazendo isto a seus pobres. Eu vejo que o Sr. Br. não entra no fundo da materia: porem logo o fará; e queira agora continuar com a sentença dos máos.

D. — *Tunc dicet & his, qui a sinistris erunt: Discedite a me maledicti in ignem aeternum, qui paratus est diabolo & angelis ejus* ℣. 41. Dada, e pronunciada a boa sentença aos justos, dirá aos máos, que estaráõ á sua esquerda: Apartai-vos de mim, amaldiçoados, e ide ao fogo eterno, que foi preparado para o Diabo, e seus sequazes...

P. — Attendão á razão da sentença, e corpo de delicto, em que se funda, pois he o que faz ao nosso caso.

D. — *Esurivi enim, & non dedistis mihi manducare, sitivi* &c. ℣. 42. 43. A razão porque vos mando ao fogo eterno, he porque tive fome, e não me destes, que comer, tive sede, e não me destes de beber, fui peregrino, e não me recolhestes, andei nú, e não me cubristes, enfermo, e no carcere, e não me visitastes, nem me consolastes. *Tunc respondebunt ei & ipsi, dicentes: Domine quando te vidimus esurientem, aut sitientem, aut hospitem, aut nudum, aut infirmum, aut in carcere, & non ministravimus tibi?* ℣. 44. Então responderão tambem estes, e diráõ: *Senhor*, quando te vimos faminto, ou sequioso, ou peregrino, ou

nú, ou enfermo, ou no carcere, e não te fizemos os devidos serviços? Então lhes responderei: *Tunc respondebit illis, dicens: Amen dico vobis: Quandiú non fecistis uni de minoribus his, nec mihi fecistis.* ℣. 45. Na verdade vos digo, que não o fazendo aos pobres, a mim o não fizestes. Por estas causas hirão huns ao supplicio eterno, mas os Justos á vida eterna: *Et ibunt hi in supplicium aeternum, justi autem in vitam aeternam.* ℣. 46.

P. — Múito bem; queira fechar o *Livro* santo, e ouvir-me por hum pouco, e satisfarei a tudo, o que se possa oppor, expendendo esta doutrina, que he tão interessante, quanto forma em certo modo toda a *Religião*, pois faz a salvação de huns, e a condemnação de outros.

Desejo que notem, como em tres jerarquias, e condições de pessoas, se quiz Deos representar, como que são os nervos mais fortes da organisação, e união da corporação, ou *Sociedade* em hum corpo. He a primeira nos pais naturaes, que como ja vimos, representão a mesma *Pessoa* de Deos; nelles depositou a sua autoridade; e a sua paternidade he a mesma Paternidade de Deos. Fica provado na segunda *Palestra.* Esta autoridade tambem passou aos *Reis*, em quem do mesmo modo se representa o mesmo *Senhor*, não sendo elles menos que seus Lugar-tenentes. Fica provado nas nossas Disputas. Assim devia ser, pois que esta jerarquia forma os nervos fortissimos da união.

Temos outros representantes da mesma *Pessoa* de Deos naquelles, em quem este *Senhor* deposita suas autoridades espirituaes, quaes são os Vigarios de J. C. chefes desta *Sociedade* em toda a extensão do sentido, como vimos com a possivel extensão nas nossas *Disputas*, e em todos os que partecipão por estes sós Chefes de taes autoridades. Esta jerarquia tanto maior, e mais alto lugar tem na *Sociedade*, quanto ella he formada mais por laços espirituaes, poderes, e autoridades divinas, que corporaes, e terrenos. Aqui se prende, e liga a união espiritual, de que pende a corporal. Sem isto a *Sociedade* dos homens não passaria de hum rancho de bestas debaixo da vara...

F. — De huma grande manada de touros bravos...

P. — Isto fez Deos de tal sorte, que os homens exercendo authoridades, o fazem tanto como o mesmo Deos, de quem são proprias.

Temos a terceira jerarquia de pessoas, em que J. C. se quiz representar, e são os pobres, em cuja palavra incluo

os desvalidos, e necessitados de soccorros. Nós temos visto as razões, porque tão teimosamente, para que assim diga, quiz fazer respeitada, amada, e favorecida esta cathagoria de membros da *Sociedade* indigentes, cujas razões fazem o objecto desta *Palestra*. Eu disse *teimosamente* porque ponderando com a devida attenção as doutrinas, e moral Evangelica, nada acho, mais repetidas vezes intimado, recomendado, mandado, nem com mais força, e energia de expressões, comparações, parabolas, e similes, do que o amor dos pobres, e beneficencia aos necessitados. Bem parece nella somente fazer basear toda a sua *Religião* pela parte moral.

Com effeito toda a duvida desaparece, quando vemos este *Senhor* passar a representar-se na pessoa do pobre, affirmando, que a elle mesmo se faz todo o bem, e todo o mal, que ao pobre se faz! Que pasmo! Que assombro! Mas que consolação para o pobre, e indigente, vendo-se cuberto de trapos sim, mas protegido de tal sorte por J. C.!

F. — Ah, Sr. Br.! Bem fazião nossos pais, quando com bofetões nos obrigavão a dar a esmola ao pobresinho de joelhos, pedir-lhe a benção, e beijar-lhe a mão! Erão Portugaes velhos, e não franxinotes do tempo, e da moda!

D. — Forão pais de algum dia; e agora apenas V. mercé...

P. — Ainda pareceo pouco a J. C. pôr sua mesma *Pessoa* na pessoa do pobre, qualquer que seja, tomando por proprias as offensas, e os desprezos, e os beneficios, que se lhes fazem. Elle passa a diante; e o philosopho *Christão* pasma, e se enche de admiração, e assombro, quando nas sobreditas palavras ouve ao mesmo *Senhor* affirmar, que salvará a huns, porque forão amigos dos pobres, e condemnará a outros, porque o não forão. Que ninguem entrará no *Ceo*, se não abrindo caminho pelas esmolas, e ninguem hirá ao inferno se não porque foi inimigo dos pobres, não os tratando como devia.

Eu satisfaço á sua inquietacão, Sr. Br: tenha paciencia. Certificados destas verdades nos mostra a historia sempre os verdadeiros *Christãos*. Os primitivos logo que recebião taes instrucções, corrião a vender seus bens, e depositar o producto aos pés dos *Apostolos* para soccorro dos necessitados, pondo-se em vida cummum. Houverão inconvenientes, porem o mesmo espirito continuou de tal sorte, que os bens dos ricos mais erão dos pobres, do que seus proprios, e parecião não os possuir se não para os pobres. De suas

mãos passavão grossas sommas ás dos Bispos, como mais regulares dispenseiros. Viuvas, Orphãos, pupillos, Donzellas, Virgens, velhos, invalidos, toda qualidade de enfermos, e indigentes nas Igrejas tinhão o seu sustento, quando não era nas casas de alguns outros, que se incumbião do sustento de certo numero de pobres proporcionado ás suas possibilidades; o que era muito ordinario, e commum principalmente nas terras onde não resedião os Bispos.

Nós vimos que este sempre tem sido o genio do *Christianismo*: porque seu Divino Fundador assim lho inspirou. Nosso antigo *Portugal*, e as ruinas, que ainda apparecem, e que impios procurão fazer desapparecer a nossos olhos, por não arrancarem delles grossas torrentes de lagrimas, testefição a *Religião* de nossos pais, e o espirito, que os dominou: a milhares se contavão por toda a parte os albergues da pobreza, as suas hospedagens, os monumentos da caridade, e emfim as suas casas, propriamente suas, onde os pobres de J. C. achavão prompto o seu sustento, o vestido, e o inteiro remedio de suas necessidades. *Proh dolor!* Tudo desappareceo, porque desappareceo, e se affogou o espirito do *Christianismo*, e da *Religião* de J. *Christo*. Destruirão-lhe o seu Plano, declarando-lhe a guerra. Porem corramos o veo sobre scena tão melancolica.

Resposta a objecções.

Vamos ás suas duvidas, Sr. Br., e satisfarei primeiro a huma, que apezar de não lembrar ainda, não deixa de saltar aos olhos. Affirmando J. C. que salvará a huns, porque favorecerão os pobres, e condenará a outros pela crueldade com elles, negando-lhes a *esmola*, he certo, que muitos não se acharão nessas possibilidades. Que fará destes? Que fará dos mesmos pobres que apenas esperavão, e a não podião dar?

Respondendo alguns, que J. C. falla tão somente dos que estiverão em circunstancias de a fazer, resta ainda a mesma difficuldade, e desejamos saber a sentença, que dará áquelles, que não estiverão nessas circunstancias? Eu julgo, que satisfarei plenamente, respondendo, que não ha alguin tão pobre que não possa fazer *Esmolas* mesmo bem appreciaveis. O pão, o vestido, e outros soccorros corporaes não são os unicos, que merecem este nome. O conselho, o aviso, o ensino, a boa palavra, o bom exemplo, e ou-

tros muitos beneficios, que pode fazer o mais pobre, são soccorros, e benificencias espirituaes, que tanto mais merecem o nome de *Esmolas*, quanto seu objecto he mais alto e de maiores consequencias. Tem ainda sobre tudo a oração, que deve ser continua por seus bemfeitores, e por toda a Igreja, ou Sociedade Christãa; e eis aqui grande esmola, e benificencia.

D. — Eu me lembrava dessa objecção, e fico satisfeito; porem a outra me merece toda a attenção.

P. — Sim, Snr.; mas o seu caso he imaginario, e quimerico. Representa-se apparecendo no Tribunal divino diante do Supremo *Juiz*, carregado de peccados, ao mesmo tempo que havia dado de comer a J. C., remediado suas necessidades nos seus pobres; porem esse he caso imaginario, e que nunca terá lugar. J. C. subornado dessa sorte não o deixaria morrer em tal estado; elle lhe communicaria suas graças, para antes da morte o tirar do peccado; e eis-aqui porque á *esmola* he attribuida a salvação dos justos. Porque razão se salvarão todos os que tiverão, e terão esta felicidade? Não será, porque fizerão penitencias, mortificarão seus corpos &c.? Sim; porem a causa causal dessas virtudes sem duvida teve origem no amor dos pobres, e na *esmola*. S. *Martinho* era tão pouco santo, que nem ainda era baptizado, quando, partindo a meio o capote militar, deo metade a hum pobre, que lhe appareceo tiritando de frio. Na seguinte noite vio a J. C., que cuberto com aquella metade do capote, que havia dado, dizia: *Martinus hac me veste contexit*, *Martinho* me cubrio com esta veste. Eis-lo logo tornado santo com abundantes graças, que dahi lhe vierão. Não de outra sorte succedeo ao grande Patriarcha dos Religiosos Menores, S. *Francisco de Assis.* Era elle hum moço nutrido em vaidades, mas de tal sorte amigo dos pobres, que passeando em hum campo n'um soberbo cavallo, e sahindo-lhe ao encontro hum leproso mendigo, immediatamente se apeou, abraçou-o, beijou-o, e lhe entregou a bolsa. Nada mais foi necessario. Foi tal a abundancia de graças, que choverão immediatamente sobre elle, que o fizerão huma perfeita imagem de *J. Christo.*

Para que de huma vez me entendão, eu me expressarei deste modo. Dêem-me o maior peccador, o homem o mais sensual, impio, sacrilego, seja embora Incredulo... Direi ainda alguma cousa mais forte. Dêem-me o mesmo Demonio sinceramente amigo dos pobres, que eu empenho

minha palavra, promettendo tira-lo do inferno; faze-lo santo, e pô-lo no *Ceo.* Não sei que de outro melhor modo o possa dizer; nem temo errar, porque não me aparto da palavra divina.

L. — Bem energica he essa expressão, porem...

P. — Porem he verdadeira, e não he minha, mas sim he huma clara conclusão das expressões, e palavras de J. C., que temos ouvido. Queira dizer-me: Não serão julgados no dia ultimo os Demonios? S. *Pedro* affirma, que elles estão reservados para o juizo: *Rudentibus inferni tradidit cruciandos, in judicium reservari.* 2. *Petr.* 2. 4. Sendo assim, se elles pudessem dizer, que fizerão bem aos pobres &c. que lhes poderia dizer J. C.? Porem sendo isto imaginario, he bem verdade, que o amor dos pobres fará santo o maior peccador. Todos pois os que se salvarem, tendo em vida chegado ao devido tempo, e circunstancias de o poderem fazer, a este amor dos pobres o deverão.

O mesmo ao inverso devemos dizer, dos que se condemnarem. Elles terão outros gravissimos peccados; mas nelles cahirão, ou não fizerão a devida penitencia por isso mesmo que não tiverão o devido amor aos pobres, e não fizerão a esmola, pois se a fizessem, e tivessem a devida precaução de subornar a J. C. deste modo, ou elles não cahirião nesses peccados, ou este *Senhor* lhes daria as necessarias graças, para fazerem a devida penitencia. Eis aqui porque com toda a verdade J. C. affirma, que salvará a huns, porque forão caridosos com elle em seus pobres; condemnará a outros porque o não forão.

D. — Basta, P. Tem-me dissipado meus receios, e consolado a minha alma. Sendo assim como creio, o *Ceo* me será dado de graça, como espero.

F. — Façamo-nos, Sr. Br., os maiores forretas para termos mais que dar a Jesus *Christo* em seus pobrezinhos.

D. — Leve o demo os cofres, Sr. L.! Abrão-se para os pobres de J. C. Abrão-se para o mesmo J. C., nosso *Juiz* Supremo. Para que o quer aferrolhado?

L. — A minha resolução está tomada, os exemplos de meu Amigo, e Sr. Br. me servirão de guia para praticar as doutrinas, que aqui tenho ouvido, e que me tem aberto os olhos. Como vejo esta materia esgotada, e acabadas...

D. — Acabadas! Não ha tal. O Sr. Ab. nos hade continuar o favor, pois nos restão ainda muitas materias. Alem de huma, que ja nos mencionou, e porque o hei de executar,

ainda nos não fallou das sancções da Legislação divina, que são sem duvida a gloria, e tormentos eternos. Não he isto assim meu *Abbade*?

P. — Lembra-se muito bem; e a primeira dará materia á seguinte *Palestra*, em que veremos a *Sociedade* de J. C. na ultima perfeição da união de unidade com a Divindade, em conformidade com a oração de Jesus C. tantas vezes mencionada, e que nos tem servido de guia em todas nossas Palestras; e nesta o estamos vendo. A razão porque a *esmola* obra tão prodigiosos effeitos, e Deos foi servido pôr nella a virtude, e merecimento que temos dito, não he outra se não porque une, ao que a faz, com o corpo de que J. C. he a cabeça. A *esmola* he o amor effectivo, e por isso o mais forte laço de união com este corpo. Como pois se une com elle deve infallivelmente salvar-se. Direi ainda alguma cousa mais forte para que acabem de entender. Quando, por impossivel, J. C. não quizesse salvar algum, este o poderia fazer á força, mettendo-se nos laços que formão, e ligão a união do seu corpo. Estes são o amor de Deos, e do proximo: mas nelles se põe o que faz a *esmola*, porque a faz pelos dois amores de Deos, e do proximo. Qualquer pois que elle seja infallivelmente se hade salvar por isso mesmo, que entra na união do corpo de J. C., que tem certa a salvação.

L. — Tenho entendido; e peço para amanhã ao Sr. Ab. huma conversação particular, e interpollação de alguns dias, em que hirei á minha casa pôr em arranjo certos negocios.

P. — Assim o faremos como deseja, e até amanhã.

Th. — Eu tambem tenho de me retirar.

F. — Saibamos em que fica o Sr. Theologo.

Th. — Os Theologos sempre são gente pobre.

F. — Sim, sim; bem te conheço!

D. — Fique para o seguinte Domingo a nossa *Palestra* seguinte, e assim o entendão todos.